

MARIA DE FÁTIMA OUTEIRINHO

LAMARTINE EM PORTUGAL:
Alguns aspectos da sua recepção (1840-1890)

PORTO
1 9 8 8

MARIA DE FÁTIMA OUTEIRINHO

LAMARTINE EM PORTUGAL:

Alguns aspectos da sua recepção (1840-1890)

PORTO
1988

Dissertação de Mestrado em Literaturas
Românicas Modernas e Contemporâneas
apresentada na Faculdade de Letras da
Universidade do Porto.

Se este trabalho chegou ao fim, devo-o ao auxílio constante de todos aqueles que me acompanharam ao longo da sua realização.

Ao Prof. Doutor Ferreira de Brito, orientador desta dissertação, que me ajudou a dar corpo a este projecto, apontando valiosas pistas de pesquisa, quero manifestar o meu enorme reconhecimento. Muito particularmente, quero agradecer a sua total disponibilidade, o seu apoio amigo e a confiança que a todo o momento me soube transmitir.

Agradeço também ao Prof. Doutor Jorge Osório, ao Prof. Doutor José Adriano de Carvalho e ao Prof. Doutor Salvato Trigo pelo enriquecimento que os seus seminários me proporcionaram.

Um obrigado muito especial à minha família e amigos, pois sempre tiveram uma palavra de encorajamento.

E, sobretudo, ao Rafael...

INTRODUÇÃO

A participação, em 1985, no colóquio **Victor Hugo e Portugal**, cujo objectivo fundamental se apoiava na reflexão e na divulgação da presença de Hugo no universo cultural português do século XIX e o estudo que então empreendemos com vista a esse trabalho, sobre as relações que Portugal manteve a nível cultural e literário com a França, levou-nos a tomar consciência da pertinência e fecundidade desta linha de investigação que se move em larga medida, num domínio comparativista e numa perspectiva metodológica duma estética da recepção.

Na verdade, a difusão civilizacional de matriz francesa que caracteriza o século XIX português, congregando toda uma plêiade de escritores co-responsáveis pela afirmação duma hegemonia francesa, no âmbito de um fenómeno mais vasto que singulariza a realidade portuguesa, a abertura à sedução do Estrangeiro enquanto produtor de ideias e modelos capazes de inovarem uma estética clássica e neo-clássica, por muitos considerada saturada, é uma realidade confessada e reconhecida. Tomemos, a título de exemplo, o grande número de obras de origem inglesa e germânica, lidas em francês. Este código linguístico constitui-se como veículo privilegiado na resposta e na satisfação do atractivo experimentado por tudo o que se passa além-Pirinéus. De facto, a França é para Portugal, a fonte por excelência de importação de modelos, conferindo-se-lhe uma exemplaridade mítica, passado

que foi o ressentimento advindo das Invasões Francesas. A ela se têm ciclicamente oposto algumas tendências nacionalizantes e autonomistas, provocadas pela consciência de uma unilateralidade de consumo, por uma consciência de que se está perante uma comunicação assimétrica, fazendo nossas as palavras de Eduardo Lourenço (1). Contudo, o estudo dessa comunicação cultural e literária é muitas vezes perspectivado de um modo compreensivo e globalizador, em detrimento dum conhecimento mais específico sobre o papel desempenhado por cada um dos seus intervenientes, fazendo-se sentir claramente a acuidade e necessidade de proceder a estudos de carácter monográfico, como forma de complementarização de trabalhos de natureza alargada.

O fascínio exercido pela França na mentalidade portuguesa do século XIX, que o estudo de Alphonse de Lamartine igualmente manifesta, e o facto deste escritor nascido em finais do século XVIII se destacar enquanto presença actuante e geradora de criação literária, motivou a escolha que dele fizemos para objecto da nossa pesquisa. Com efeito, Lamartine apresenta-se no universo português como co-responsável pelo direccionamento registado numa sincronia precisa da nossa história da literatura, reflectida pela geração que sói dizer-se ultra-romântica, com poetas como Soares de Passos, além de poetas apelidados de menores, co-responsável ainda pelo alimentar de esperanças e ideais de cunho demo-liberal; mas passada a fase de maior difusão, ele continuará a ser um marco a referir, embora já sujeito à inevitável cristalização histórica.

Sendo, pois, nosso projecto conhecer e problematizar a extensão e as características da recepção de Lamartine em Portugal, a nossa investigação logo constatou a inexistência de trabalhos unicamente consagrados a este autor (2) e a abundância de referências, algumas vezes lacunares, dispersas por estudos críticos de carácter multifacetado como **Relações Francesas do**

Romantismo Português de Vitorino Nemésio (3), **O Romantismo em Portugal** de José-Augusto França (4) ou **Temas de Literatura Portuguesa** de Pierre Hourcade (5). Da pesquisa efectuada, verificámos que a influência exercida em termos de criatividade literária, nos poetas portugueses, era já bastante conhecida, mas a mesma situação não se applicava ao espaço ocupado pelo escritor francês no discurso crítico do século XIX, do mesmo modo que a difusão da sua obra em Portugal, através da tradução, era quase só indicada como factor a ter em conta e mencionadas as traduções existentes, sem que houvesse um tratamento mais profundo desta questão e destas matérias.

Partilhando com Franco Meregalli (6) a opinião da grande importância a atribuir à mediação que permite o acesso do leitor à obra, pois se o fenómeno literário enquanto fenómeno relacional que é, não se esgotando no ser mas no ser lido (sendo toda a obra escrita para um leitor), o caminho que o livro percorre entre o seu criador e o seu destinatário último, nem sempre é um caminho directo. O estudo do papel da mediação deverá então ser algo a valorizar e a empreender. Na verdade, frequentemente críticos e tradutores são elementos intermediários que podem condicionar o processo de leitura e até a leitura final que se faz de um texto literário, porque, como lhes chama Meregalli, eles se constituem como "métalecteurs" (7); fazendo com que o texto se torne portador de uma carga pessoal que cumulativamente se une às suas condições primeiras e que o singularizam.

O crítico e o tradutor, funcionando como catalisadores, podem deste modo constituir-se como agentes de difusão e mesmo conselheiros, sendo esta última condição particularmente verdadeira para o crítico. Efectivamente, os que acolhem a obra enquanto objecto estético podem reflectir uma variação mais ou menos acentuada na recepção do texto literário, de acordo com a existência ou não de intermediários. Todavia, não são apenas eles os condicionadores do processo de leitura já que o leitor, elemento fundamental

neste processo de comunicação, está também sujeito às normas estéticas próprias da época em que se integra, podendo assim, aceitar, recusar ou ignorar o texto que lhe é dado (usu)fruir. Sendo a obra artística um acontecimento e por isso mesmo, possuidora duma historicidade que caracteriza igualmente o seu receptor, o resultado último da sua recepção depende grandemente do horizonte de expectativas que pode ser ou não defraudado. Assim, o texto literário realiza-se de modos diversos, quer num plano sincrónico quer num plano diacrónico, dando lugar a diferentes concretizações que procuraremos verificar na tarefa a encetar.

Cabe então grandemente à imprensa e ao crítico em especial, enquanto difusor de ideias, de modas e de autores, enquanto criador dum discurso que funciona como metalinguagem e como prática cultural, a responsabilidade da fortuna e do sucesso da obra de um autor, ajudando-nos a avaliar a reacção do destinatário perante a obra que lhe é dada a conhecer.

Por este motivo, uma primeira delimitação do corpus a tratar se impunha. Optámos, como matéria de análise, por textos da imprensa do século XIX, recolhidos nos periódicos de maior expansão ou com uma vocação literária mais precisa, a fim de recolhermos uma visão mais aproximada do problema, recorrendo sempre que possível à imprensa de província, à primeira vista afastada dos maiores focos receptores, os grandes centros urbanos, como meio de confirmação, ou não, dos resultados obtidos. Não foi porém arbitrária a escolha desse conjunto de textos publicados na imprensa da época. É nesse espaço que durante grande parte do século XIX o discurso crítico tem lugar, embora progressivamente essa realidade vá sofrendo alterações. Daí a razão de incluirmos no nosso estudo algumas obras de cunho crítico, editadas autonomamente.

O tradutor, igualmente, tem uma palavra determinante a dizer em todo o processo de recepção dum autor num dado país. Como afirmam Pierre Brunel,

Claude Pichois e A.M. Rousseau, "L'étude d'une traduction appartient en premier chef à l'histoire de la littérature réceptrice" (8). Na verdade, o tradutor ligado às necessidades do seu tempo, à forma mentis da sua época e condicionado por um passado e tradição literários, movido por solicitações exteriores, selecciona a obra a traduzir funcionando, também ele, como um vulgarizador de um autor, acumulando em si duas condições, a de receptor e produtor e legando, por isso, à obra a sua marca de escrita. Deste modo, as obras traduzidas vieram completar o corpus a trabalhar.

Se, como refere Jauss, "la valeur et le rang d'une oeuvre littéraire ne se déduisent ni des circonstances biographiques ou historiques de sa naissance, mais de critères bien plus difficiles à manier: effet produit, "réception", influence exercée, valeur reconnue par la postérité." (9) e comungando da crença de que a recepção da obra depende de uma vivência histórica específica, dum contexto vivido da percepção estética e que por isso abarca factos sociais, culturais, políticos e outros, o estudo a empreender cruza-se desde logo com domínios aos quais, por razões de natureza metodológica e por constrangimento de espaço gráfico, não nos referiremos.

Outra delimitação se impunha para a análise do corpus escolhido: a determinação de barreiras cronológicas, embora não as consideremos nunca como limites rígidos a respeitar. Assim, tomámos como ponto de partida, o momento em que o discurso crítico acolhe Lamartine numa forma mais acentuada (1840), sendo também a década de 40 o período em que começam a surgir traduções da obra do autor, e como terminus do nosso percurso considerámos 1890, momento do centenário do seu nascimento, marcos que abrangem múltiplas transformações sócio-culturais, histórico-políticas e literárias, factor que por razões óbvias nos interessa particularmente.

Deste modo e com o objectivo de dilucidar a verdadeira dimensão da

recepção lamartiniana em Portugal, propomo-nos, numa primeira etapa, estudar e avaliar o modo como Alphonse de Lamartine ocupa o espaço crítico português e, numa segunda etapa, levar a cabo a recensão das traduções da sua produção para ajuizarmos ulteriormente da fortuna e do sucesso daquele que ficou para sempre conhecido como "o cantor de Elvira".

NOTAS

(1) Eduardo Lourenço de Faria - "Portugal - França ou a comunicação assimétrica", in **Les Rapports Culturels et Littéraires entre le Portugal et la France, Actes du Colloque (Paris, 11-16 oct., 1982)**, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1983, pp. 13-27.

(2) Cf. Maria Luísa de Matos Figueira - **A Influência de Lamartine na Poesia Portuguesa** (dissertação de licenciatura), Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1964.

(3) Vitorino Nemésio - **Relações Francesas do Romantismo Português**, Coimbra, Coimbra Editora, 1936.

(4) José-Augusto França - **O Romantismo em Portugal**, VI vols., Lisboa, Livros Horizonte, 1974.

(5) Pierre Hourcade - **Temas de Literatura Portuguesa**, Lisboa, Moraes Editores, 1978.

(6) Cf. Franco Meregalli - "Sur la réception littéraire", in **Revue de Littérature Comparée**, 54^e année, n^o 2, avril-juin, 1980.

(7) Id., p. 144.

(8) Pierre Brunel et alii - "Les échanges littéraires internationaux", in **Qu'est-ce que la Littérature Comparée?**, Paris, Armand Colin, col. U, 1983, p. 44.

(9) Hans Robert Jauss - "L'histoire de la littérature un défi à la théorie littéraire", in **Pour une esthétique de la réception**, Paris, Gallimard, Bibliothèque des Idées, p. 24.

Este mesmo texto encontra-se vertido em português por Ferreira de Brito em Hans Robert Jauss - **História Literária como Desafio à Ciência Literária. Literatura Medieval e Teoria dos Gêneros**, trad. de Ferreira de Brito, Porto, Livros Zero, 1974.

I PARTE

A CRÍTICA PORTUGUESA
E LAMARTINE

"Não pertencemos ao bando dos depreciadores das nossas cousas - mas não podemos deixar de concordar que o jornalismo litterario, é, de todas as fôrmas escriptas, a que menos medrou no nosso paiz" (1).

1846

"A critica litteraria, entre nós, considerada á sua verdadeira luz, balbucia ainda os seus primeiros ensaios" (2).

1852

Distando entre si de alguns anos, os dois testemunhos citados a partir da rubrica "Folhetim", de **A Revolução de Setembro**, manifestam de um modo eloquente, a necessidade premente que se experimenta, nessa época, de implantar em Portugal, uma actividade crítica paralela à literatura; actividade crítica que, existindo apenas sob uma forma caricatural (cf. "Tem-se dado o nome de crítica a alguns panegyricos de encomenda, especie de necrologio em vida (...)" (3), deverá ser repensada tendo em vista uma função eminentemente didáctica. Inelutavelmente, as limitações confessadas da realidade portuguesa sobressaem pelo confronto que se estabelece, nestes artigos, com a crítica francesa que se crê ser a verdadeira crítica e que acompanha o despontar de uma escola literária moderna, na qual Lamartine se integra (4).

A tentativa da descoberta do caminho a seguir, rumo a uma crítica séria, adaptada às novas realidades literárias (5), explica a existência de

todo um conjunto de textos, de características heterogêneas e registados em publicações diversas, bem como na imprensa portuguesa do século XIX, domínio onde se perspectiva o estudo de Alphonse de Lamartine. Esta situação de heterogeneidade levou-nos, desde logo, a colocar a questão da legitimidade da designação de "crítica" para englobar todas estas manifestações.

Com efeito, se, por um lado, este conjunto de escritos se singulariza pela diversidade de áreas temáticas abordadas, em espaços que vão da simples notícia ao folheto, passando pelo artigo de fundo, por outro, essa mesma diversidade manifesta-se no posicionamento variável face ao exercício da crítica, revelado não tanto de um ponto de vista teórico, mas por uma prática crítica que se encontra ligada ao fenómeno de gestação desta actividade - então em curso -, hesitante entre os ditames do gosto e o sentimento da necessidade de instaurar um raciocínio de espírito objectivo, intimamente relacionado com o poder crescente da História e com o prestígio cada vez mais alargado da Ciência.

Para além da dificuldade na escolha da designação mais adequada ao corpus a tratar, outra surge ainda, pelo facto de não existir uma crítica específica sobre Lamartine e a sua produção literária. Na verdade, o que se verifica, frequentemente, é a convocação deste autor em artigos dedicados a outros autores e a outros temas. São pois, em número muito restrito os textos consagrados, dum modo exclusivo, a Alphonse de Lamartine: quatro situam-se ainda em vida do poeta, os restantes encontramos-os, ou imediatamente após a sua morte (1869), ou por ocasião do centenário do seu nascimento, em 1890.

Estas circunstâncias, acrescidas da disseminação destes textos por um largo leque de publicações, que não estão necessariamente vocacionadas para o exercício da crítica literária, confronta-nos a todo o momento com o obstáculo criado pela falta de especialização, circunstância que

particulariza, em termos de imprensa, grande parte do século XIX.

Não obstante, procurámos registar todo o tipo de manifestações publicadas nessa época, para, posteriormente, ajuizarmos do seu valor crítico e das particularidades que reveste o discurso sobre Lamartine. Por um imperativo de ordem operatória, intentámos fazê-lo em três etapas precisas, através do estudo da actividade que se situa, cronologicamente, em vida do autor, da que se regista após a sua morte e, por fim, dos textos saídos aquando do centenário do nascimento do poeta.

Como corpus de análise, circunscrevemo-nos, quase sempre, a revistas e jornais de maior expansão, e, particularmente no que diz respeito às duas últimas etapas, a jornais diários do Porto e de Lisboa, de grande audiência, tais como **O Primeiro de Janeiro**, **O Commercio do Porto**, **O Diario de Noticias**, **Novidades** ou **A Revolução de Setembro**.

NOTAS

(1) **A Revolução de Setembro**, Lisboa, 11^o ano, n^o 1532, 13 de Agosto, 1846, p.1.

(2) J.C. Harcourt - Folhetim. Critica litteraria - A Prophecia, drama em 5 actos, pelo Sr. J. D'A. Lencastre, in **A Revolução de Setembro**, Lisboa, 13^o ano, n^os 3143 e ss., 1852.

(3) Id., n^o 3143, p.1.

(4) Cf. em particular J.C. Harcourt - art. cit.

(5) Cf. J.M. de Andrade Ferreira que, em 1868, manifesta ainda a necessidade de transformação desta actividade, no seu texto "A Critica", in **Litteratura, Musica e Bellas-Artes**, t. II, Lisboa, Tip. J.G.de Sousa Neves, 1872, pp. 5-14.

Capítulo I

EM VIDA

1. É na revista *O Panorama*, fundada por Alexandre Herculano, que encontramos dois dos quatro textos inteiramente votados a Lamartine, um deles de autor desconhecido (1) e outro da responsabilidade de Bulhão Pato (2).

Nenhum dos dois autores pretende fazer uma "apreciação litteraria", nem "intentar (...) avaliar as obras e assinalar o merecimento relativo de cada uma" (3), mas tão somente fornecer uma notícia biográfica. Apesar da presença de uma indicação precisa do objecto a tratar, os autores não são capazes de evitar juízos de valor próprios ou já fixados pela opinião crítica, quer em Portugal quer em França, sobre algumas obras deste escritor.

Se no texto publicado em 1840 é a coordenada política que enforma a escrita, no texto de 1856 é a produção literária que lhe serve de suporte. Na verdade, o artigo intitulado "Mr. A. de Lamartine" (1840), significativamente aparece no mês de nascimento do escritor francês - Outubro - e coincide com o momento em que Alphonse de Lamartine se destaca, progressivamente, na cena política francesa ou, para sermos mais exactos, na actividade parlamentar. Não é pois, por mero acaso, que a linha orientadora escolhida para traçar a biografia do autor seja "a regeneração política e

religiosa" (4) e que se encontra posta em relevo no início do texto. Não é só o poeta "quasi o fundador de uma nova escola poetica, assim como Mr. de Chateaubriand que creou um estylo novo, deu uma nova ordem e fôrma às ideas, entre os prosadores francezes" (5) que vai ser tomado em consideração, mas também o homem político, o homem do seu século, que pugna pelo "melhoramento social", que experimenta o "amor da humanidade" e o "desejo de espalhar a instrução geral" e de que os seus escritos se constituem como prova, já que "os seus primeiros cantos logo respiraram religião, amor e liberdade" (6).

Nesta biografia que se pretende "succinta", expressa-se desde logo a preocupação do autor em não se limitar a uma escrita meramente encomiástica, a um "panegyrico adulator" (7); e note-se a preocupação de objectividade, característica de um século que se quer cada vez mais rigoroso. Será no entanto, a falta de rigor, a ausência de exactidão que particularizarão este texto, factor que se verificará em textos posteriores, no que respeita a um conhecimento deficiente da vida do escritor. Assim, toma-se como local de nascimento Milly, para onde Lamartine só foi viver em 1797, já com sete anos, tendo realmente nascido em Mâcon. Esta imprecisão poder-se-á explicar pelo facto do próprio poeta ter publicado em *Harmonies Poétiques et Religieuses* (1830), obra bastante difundida, uma composição intitulada "Milly ou la terre natale", em que o "je", sujeito de enunciação, dá conta de todo um sentimento de nostalgia por se encontrar exilado, longe da sua pátria, da sua terra natal (8). E estamos numa época em que, de um ponto de vista crítico, a poesia é perspectivada como um espaço no qual o "eu" do poeta se revela na sua interioridade, uma poesia que se apresenta com um cunho intimista e sentimental. É porque esse "eu" se confunde com o poeta que a criação literária (a poesia lírica em particular) é tida, frequentemente, como um testemunho válido da vida real do seu autor.

A mesma fuga ao rigor vemo-la no exagero manifestado quando se refere

que "toda essa familia a familia de Lamartine jazeu em calabouços nos odiosos tempos do terror" (9), embora tenha sido de facto o pai e tios do poeta quem passou por essa experiência de encarceramento (10). Afirma-se também que Lamartine "estava destinado para o cargo de ministro plenipotenciario da Grecia" (11) quando se deu a revolta de 1830 em França, o que não é confirmado por estudos biográficos recentes (12). Finalmente, regista-se a afirmação, segundo a qual, Alphonse de Lamartine teria pertencido ao partido moderado também chamado partido social. Em boa verdade não se pode dizer que o poeta tenha pertencido a um partido, na medida em que a sua actuação parlamentar se caracterizou pela independência - lembremo-nos da célebre frase pronunciada por alturas da sua entrada na assembleia e a propósito do lugar que ocuparia, em que Lamartine sublinha que será "Au plafond", assinalando deste modo a sua intenção de apartidarismo (13); e, por outro lado, Lamartine apenas coloca a hipótese da criação de um partido social (14).

A educação recebida na infância, as viagens empreendidas, a sua actividade diplomática e a sua posição parlamentar são os factos mais destacados, nesta notícia biográfica.

É curioso notar que do autor apenas três obras são referidas: **Méditations** (a sua primeira obra, publicada em 1820), **Sur la Politique Rationnelle** que data de 1831 e **Voyage en Orient** (1835), embora não se indique, explicitamente, o título desta última; para além destas presenças, damo-nos conta, de um modo indirecto, do conhecimento que o autor possui da recolha das **Harmonies Poétiques et Religieuses**. Ora, uma obra publicada em 1836, **Jocelyn**, que tanto sucesso obteve em França, é aqui omitida. Será tal facto sinal de uma difusão tardia em Portugal (15)? O mesmo se passará relativamente a **La Chute d'un Ange** (1838) cuja publicação registou críticas severas (16), facto que poderia justificar a sua referência enquanto sinal

de declínio do seu autor. Seria voluntariamente esquecida por esse mesmo motivo? Ela deslustraria o escritor por quem se manifesta apreço.

É certo que o autor de "Mr. A. de Lamartine" não pretendeu avaliar obras, fazer crítica literária e, talvez por essa razão, é que também as duas composições relevadas não são as que mais traduzidas foram ou que maior sucesso obtiveram, como "Le Lac", para darmos apenas um exemplo. São "La Gloire" e "Gethsémani ou la mort de Julia" as obras escolhidas, possivelmente porque a primeira dá conta das relações de amizade que Filinto Elísio (Francisco Manuel do Nascimento) travou com Lamartine, aquando do seu exílio, em França, provocado por uma denúncia à Inquisição; e a segunda, porque vem no seguimento de um apontamento biográfico, a morte de Julia, filha do poeta, funcionando, de algum modo, como caução para o que se está a afirmar.

Além dos aspectos já indicados, poucos e pouco reveladores são os juízos de valor sobre a produção literária de Alphonse de Lamartine. Efectivamente, apenas se constata que em todas as obras de Lamartine "achariamos muitas bellezas que apontar", vinca-se que "ninguém lhe contesta a corôa litteraria", afirma-se que as **Meditações** são "sublimes", que a "Gloria" é uma "bella composição" ou que o poema sobre a morte de sua filha Julia é uma "poesia sentimental" (17), qualificações que poderíamos ver aplicadas a outros poetas ou a outras composições.

A informação prevalece pois sobre o acento crítico que se encontra de um modo difuso, pondo sempre em relevo o valor moral de Lamartine que envereda por um desenvolvimento do progresso "(...) sem outro systema mais do que o da moral e da caridade evangelicas applicadas ao regimen dos homens" (18).

O texto de Bulhão Pato "A. de Lamartine", acentua - como aliás já referimos - a vertente literária e fá-lo desde logo pela adopção de uma

fonte documental de base que lhe permitirá elaborar "uma noticia rapida da vida" (19) de Alphonse de Lamartine: a sua obra **Les Confidences**. Não é de todo inocente a escolha que se faz desta obra, na medida em que ela constituirá o melhor testemunho da etapa mais recente da sua vida (20), ao dar conta das dificuldades financeiras sentidas pelo poeta e a que o prefácio alude. É curioso verificar a existência de uma estampa (21) relativa à casa do escritor - e que ilustra o texto - já que se o poeta não tivesse acedido às instâncias do editor, fornecendo-lhe a obra **Les Confidences**, teria sido obrigado a vender a casa de Milly para satisfazer os seus credores (22).

Assim, o escrito de Bulhão Pato irá constituir-se, simultaneamente, como notícia biográfica e síntese dos conteúdos desta obra, esquecendo-se o carácter ficcional que, pelo menos parcialmente, a caracteriza. Ela é perspectivada enquanto elemento possuidor de veracidade autobiográfica, sem que haja qualquer salvaguarda, qualquer reserva, relativamente à sua validade como documento de crédito. Vejamos a distância que separa a atitude de Bulhão Pato do posicionamento assumido por Sainte-Beuve face a **Les Confidences**, e que este manifesta numa das suas "Causeries du Lundi" quando constata que esta obra, que se apresenta, aparentemente como um livro de memórias, acaba por não o ser, pois "On ne sait où est le vrai où est le faux" (23) e por esse facto só se pode classificá-lo dizendo que "**Les Confidences** sont en effet un roman" (24). Ora, Bulhão Pato afirma, por exemplo, a propósito do episódio de Graziella, em que se retratariam os amores do poeta com uma jovem italiana por ocasião de uma estadia em Itália: "Mil vezes que tenhamos lido as **Confidencias**, em chegando a este episódio da vida do illustre escriptor não podemos deixar de sentir uma impressão sincera e profunda." (25); ou "Estamos no segundo volume das **Confidencias**. Eis aqui as palavras do poeta" (26), sendo a citação que dá continuidade à

notícia biográfica. Este distanciamento de atitudes é ainda acentuado pela demarcação do autor deste artigo perante o acolhimento registado pela crítica, provavelmente, o de Sainte-Beuve: "Todavia a crítica implacável não lhe perdoa a publicação deste livro íntimo, nas suas expansões mais ingenuas, pretende ver borbulhar a vaidade, e a sátira mordaz accusa a obra até pela singelleza e sinceridade com que é escripta" (27). E insiste neste aspecto, ulteriormente, ao dizer que "A segunda parte das **Confidencias**, que a mordacidade invejosa de alguns criticos feriu sem consciência, é o reflexo vivo, o **espelho fiel** da alma do poeta. Alma sincera, e pura, grande, e apaixonada como os cantos immortaes!" (28). É a admiração que transparece sem qualquer disfarce.

Outros aspectos há a registar em todo este artigo que se estende por dois números da revista **O Panorama**. Em primeiro lugar, ele data de 1856, situando-se na fase considerada de declínio, na curva descendente da produção literária do poeta das **Méditations Poétiques**, época em que Lamartine luta, desesperadamente, para conseguir amortizar as dívidas contraídas, condenando-se à multiplicação incessante de obras que se espalham pelos domínios mais diversos. Fase em que a tendência quase generalizada era de censura, de desprezo face ao homem considerado o causador pela chegada ao poder de Luís Napoleão, ao defender o sufrágio universal e, conseqüentemente, pela instauração, em 1851, de um governo de cunho ditatorial (atendendo ao papel por ele desempenhado na condução da Revolução de 1848).

Significativa é então a posição aqui revelada por Bulhão Pato e que denota a admiração elogiosa, a indulgência, a compreensão e, até mesmo, a reabilitação de A. de Lamartine. Na verdade, ele é tido, pelo futuro autor de **Paqueta**, como um homem "tão notavel pela sua vasta intelligencia como pelos dotes eminentes do seu character moral" (29), "O grande espirito, o

homem que poucos mezes antes (30) affrontara sem empallidecer a morte no meio dos tumultos civis, subjugando com o poder magnetico da sua palavra o povo em revolta (...)" (31). É a coragem de Lamartine, a sua vasta eloquência, o facto de ser "o primeiro nome da Republica" (32) que é importante para Bulhão Pato; muito embora reconheça que erros houve, a gravidade daí decorrente é totalmente anulada, pois, "Durante o tempo que Lamartine geriu os negocios da republica, errou porque era homem; mas errou sobretudo pela nobre, e generosa sensibilidade da sua alma" (33). Mas outros motivos justificam este posicionamento peculiar: o contributo literário do criador das **Méditations**, visto que ele é o responsável pela viragem efectuada na poesia, na década de 20 (34): "Depois do triste e desanimador scepticismo do seculo XVIII, foi o seu genio que arrancou a poesia da duvida onde vacillava tibia, e descorada. Foi á sua voz que se deveram os primeiros cantos d'essa grande epopêa, que temos visto crescer na nossa epoca, e á qual nomes como os de Hugo, Manzoni, Schiller, Heine, e tantos outros teem juntado os primores do seu engenho" (35), e foi também aquele que afinou as harpas nas crenças do cristianismo. Além do mais, é autor de um legado literário através de obras como **Jocelyn**, **Histoire des Girondins** e das **Confidences** - note-se o uso dum processo comparativo característico duma metodologia crítica própria desta época e a que Bulhão Pato não escapa, ao estabelecer confrontos entre o poeta, objecto do seu artigo, e escritores, intervenientes no processo da formação do Romantismo, de nacionalidades diversas (36).

Efectivamente, não se trata apenas, contrariamente ao que se pretendia, duma mera notícia biográfica mas também, involuntariamente ou não, de crítica que se caracteriza pela presença do juízo pessoal, muitas vezes fundado na impressão causada pela leitura da obra. Finalmente, e de acordo com o tom encomiástico adoptado, trata-se ainda de prestar uma

homenagem, "devida tanto às altas faculdades da sua intelligencia, como aos puros e severos sentimentos da sua alma" (37), não se esquecendo Bulhão Pato de deixar transparecer a expectativa pela próxima difusão em Portugal, do **Cours Familier de Littérature**, aproveitando-se deste modo, a ocasião para informar o leitor do aparecimento desta nova publicação.

Lamartine, Illustre poeta francez, que data de 1860 (38) e de autor desconhecido, dá-se como um estudo biográfico completo, o que é indiciado logo desde o início: "Lamartine (Maria Luiz Affonso Pratt de) illustre poeta francez, nasceu em Macon a 21 de Outubro de 1790 (39)".

Este estudo particulariza-se por um conhecimento errôneo de inúmeros dados de natureza biográfica, relativos ao escritor multifacetado que foi Lamartine, revelando a inexistência de um trabalho de pesquisa, cientificamente fundado, como diríamos em termos actuais. A comprová-lo, as diversas falhas de ordem cronológica que se verificam por fenómenos de antecipação ou de inversão relativamente às datas de publicação de **Harmonies Poétiques et Religieuses** (40), **Jocelyn** (41) e **Le Civilisateur** (42) ou ainda quando se afirma que Lamartine entrou na diplomacia como "addido à legação de Florença" (43); de facto Alphonse de Lamartine inicia a sua actividade diplomática em Nápoles, transitando posteriormente para aquela cidade.

A falta de exactidão acentua-se a outros níveis, como por exemplo, quando se refere uma estadia em Paris, anterior à sua primeira viagem a Itália ou um retorno à Itália em 1813, factos não ocorridos (44). Torna-se incompreensível, porém, a atribuição que lhe é feita da autoria da obra **Le Génie du Christianisme**, sendo Chateaubriand tão conhecido em Portugal: "(...) M. de Lamartine publicou um volume de poesias intitulado, **Meditações Poeticas**, no anno de 1820 criando um novo genero, a poesia lyrica franceza do seculo. Este volume foi a admiração universal, pouco depois publicou o **Genio do Christianismo** do qual em menos de quatro anos se venderam 45.000

exemplares" (45).

Outros dados de natureza duvidosa apresentam-se de difícil comprovação, como o acolhimento favorável de Talma ao jovem Lamartine e que se teria registado por volta de 1812; neste capítulo, a única informação de que dispomos é a de que em 1818 Talma se recusa a representar a tragédia **Saül** na "Comédie Française" (46), sabendo nós também que a produção dramática de Lamartine foi diminuta e apenas **Toussaint Louverture** foi representada, recebendo duras críticas de Gustave Planche, por exemplo (47). Nada nos permite confirmar a afirmação de que "Quando rebentou a revolução de 1830 [tenha sido] nomeado ministro plenipotenciario da Grecia" (48). Verificamos a existência de uma oscilação entre o primeiro texto por nós tratado e este de 1860; se no primeiro a revolução de 1830 era a responsável pela interrupção deste processo, aqui ela é apontada como a causadora dessa nomeação (49). Também neste texto se diz que Lamartine "formou um partido, que ainda que pouco numeroso, era bem visto, chamado o partido social" (50). Como já anteriormente indicamos tal asserção é errônea. Por fim, refere-se que Alphonse de Lamartine "Em 1844 foi chamado á corte onde o rei Luiz Filipe, de quem era mui bem acolhido, lhe quiz fazer entrega d'uma das pastas ministeriaes que ele não aceitou (51)". De acordo com Henri Guillemin, tal facto ter-se-ia verificado em 1840 (52) e, por outro lado, Lamartine era - isso sim - olhado com desconfiança pela sua situação de independente, até porque oriundo da aristocracia.

Tal como Bulhão Pato, o autor deste texto chama a atenção para a tarefa inovadora do poeta: "(...) M. de Lamartine publicou um volume de poesias intituladas, **Meditações poeticas**, no anno de 1820 creando um novo genero, a poesia lyrica franceza do seculo (53)". E insiste-se neste facto, sete páginas mais à frente, ao dizer-se "Nas obras de poesia lyrica, genero novo até então, de que M. de Lamartine dotou a França (...)" (54).

Hiperboliza-se, deste modo, o fenómeno que teve lugar com a publicação da obra: a novidade consistiu menos nos meios de fazer poesia do que naquilo a que a poesia de Alphonse de Lamartine deu voz. Na verdade, ela correspondeu ao horizonte de expectativas do leitor da época (55), pois como afirma Henri Guillemin "Lamartine semblait n'avoir modifié rien et tout était changé. Un homme parlait, là où l'on avait coutume de n'entendre depuis bien longtemps, que des virtuoses trop habiles, des spécialistes sans âme, d'industriels techniciens. (...) On l'écoutait en frémissant, parce qu'il avait, celui-là, tout de bon, quelque chose à dire, un cri à jeter, une douleur en lui et une espérance que des milliers d'êtres reconnaissaient en eux" (56). Não se trata de criar um género novo mas de dar um tratamento novo ao género pré-existente, tentando uma nova abordagem (57).

A propósito da obra **Nouvelles Méditations Poétiques** refere-se o menor impacto por ela causado enquanto comparado com o acolhimento feito a **Méditations Poétiques**. Será que o autor do texto inclui a recepção portuguesa da obra, pretende englobar o acolhimento registado em Portugal e França ou constituir-se-á apenas como mero eco dos conteúdos veiculados pelos críticos franceses?

As composições destacadas nesta obra são "Ode à Bonaparte", "Sapho" e "Le Poète Mourant" não referindo, curiosamente, poemas que obtiveram grandes elogios e largo sucesso como "Le Crucifix" ou "Chant d'amour". Porém, outras composições mais extensas são relevadas. **La Mort de Socrate** e **Le Dernier Chant de Child Harold**. Este segundo texto, que logo a partir do título convoca intertextualmente a obra de Byron, **Childe Harold's Pilgrimage**, não aparece indicada com o seu título original **Le Dernier Chant du Pèlerinage d'Harold**, mas apresenta-se como o resultado duma miscegenação da obra de Byron com o nome escolhido por Alphonse de Lamartine, fenómeno compreensível à luz de um largo conhecimento em Portugal do autor inglês e da sua obra,

que o texto lamartiniano evoca. Este facto ocorrerá, como veremos, sistematicamente em textos críticos portugueses, sendo **Le Dernier Chant de Child(e) Harold**, a denominação adoptada e que circulará entre nós. Em França o processo de adulteração do título também se verifica, embora de uma forma menos acentuada. Contrariamente ao fenómeno português que suprime "pèlerinage" introduzindo "child", em França, a tendência vai para a acumulação: **Le Dernier Chant du Pèlerinage de Child Harold** (58).

Harmonies Poétiques et Religieuses são vistas como "mais íntimas e sentimentaes" (59) e o espaço "onde o altar e a religião achavam n'elle o mais brilhante e dedicado defensor" (60), não se apercebendo o autor deste estudo, dos sinais reveladores dum posicionamento religioso que já não é estritamente ortodoxo (lembramo-nos da acusação frequente da presença do panteísmo na sua poesia), da existência de gritos de revolta, incompreensão e dúvida perante um Deus, entidade transcendente que não se deixa configurar, que foge a qualquer possibilidade de percepção sensível, para a qual a escrita, a palavra, é um meio limitado e impotente (61). Também em relação a **Voyage en Orient**, essa viragem, aqui mais acentuada, não é captada.

É interessante verificar, a propósito desta última obra a diferença de posições assumidas pelo autor português, e por exemplo, pelo crítico francês Gustave Planche, um dos responsáveis, juntamente com Sainte-Beuve, pela actividade crítica na **Revue des Deux Mondes**. Diferença que reside numa perspectivação oposta do mesmo elemento: a diversidade de assuntos tratados e de meios utilizados, que no texto português são encarados positivamente (62): "(...) **Viagem ao Oriente, recordações, impressões, pensamentos e paisagens** (...) obra esplendida, contendo ahi de tudo, religião, historia, philosophia, politica, poesia e sobretudo bosquejos novos e cheios de grandezas." (63) - reparemos no título alargado, indício dessa mesma

dispersão de conteúdos. Ora, anteriormente, Gustave Planche critica de um modo severo a falta de poder de selecção de Alphonse de Lamartine que não permite encontrar qualquer designação para a sua obra, nem dá lugar a qualquer obra e revela também uma ausência de rigor por parte do escritor (64).

Na sua enumeração de outras obras do poeta fala-nos de **Jocelyn** que possibilita a revelação do "poeta, do philosopho e do christão" (65), fala de **La Chute d'un Ange** registando-se apenas que foi "mal acolhido" (66), de **Recueils Poétiques**, "ultimo ensaio de poesia" (67), pondo em relevo o prefácio no qual se defende "a poesia vassalla da politica" (68). Esta afirmação de Lamartine causou, na época, grande polémica pelo desprezo aqui patenteado no que diz respeito à seriedade da função e actividade do Poeta (69), todavia o autor do texto omite tal facto. Poder-se-á então constatar que os juízos de valor só existem quando se trata de dar conta de facetas positivas, relativamente a Lamartine; quando tal não é possível é a informação pura que se regista, sem a presença adjuvante de explicações ou comentários.

No âmbito de obras de cunho aparentemente não literário salienta-se a referência a **Historia dos Gerundinos** - estranhamente grafada deste modo (70) - que é implicitamente considerada um factor interveniente na Revolução de 1848, na medida em que "respirava todos os sentimentos republicanos proprios a electrizar o povo dos mesmos sentimentos que o animavam" (71).

Todas as obras cronologicamente posteriores de acento tão díspar não recebem o mesmo tipo de tratamento das anteriores, sendo objecto de uma simples enumeração (é o que se leva a cabo nas pp. 11-12 deste estudo). O **Cours Familier de Littérature** sobressai pela referência ao bom acolhimento que obtém quer em França, quer em toda a Europa. Lembremo-nos da expectativa que rodeava já, para Bulhão Pato, a sua difusão em Portugal.

A acção política de Lamartine ocupa um lugar importante neste escrito biográfico. Quando se refere a sua primeira eleição como deputado por Bergues, e a sua entrada na Câmara, salienta-se o seu apartidarismo e realçam-se as coordenadas que singularizam Lamartine - orador: ele "(...) não fallava senão em cousas superiores ou estranhas á politica taes como de justiça, moral e caridade." (72) (em 1844), aspectos igualmente assinalados em "M. A. de Lamartine". A vasta eloquência do homem político é, repetidamente, posta em relevo, quando se chama a atenção para determinadas questões que estiveram na origem de "discursos elevados e sublimes que encantava a que todos o ouvissem" (73), como as relações exteriores com o Oriente, a abolição da pena de morte, a assistência social ou ainda a fortificação de Paris, e a lei da regência que fizeram com que "nunca a sua eloquência [tivesse perdido] em nada do seu brilho e prestígio" (74). Ele tinha até o poder de "com a sua palavra [acalmar] os furores das multidões" (75). Compreensivelmente, o papel desempenhado por Lamartine em 1848 é posto em foco, ressaltando o homem pacificador, o homem da conciliação pois "M. de Lamartine n'estas lutas tomou o papel de moderador, e bem depressa o seu nome foi um symbolo de ordem e de conservação." (76), granjeando enorme popularidade.

Curiosamente, se até este momento se registam, embora de um modo sintético, as sucessivas etapas pelas quais Alphonse de Lamartine passou no percurso iniciado em Fevereiro de 1848, após a informação de que foi eleito para a assembleia constituinte por vários departamentos (1848), verifica-se um salto na cadeia temporal de cerca de dois anos, na medida em que se refere imediatamente o fim da vida política de Lamartine que se situa em 1851. Ora, a eleição por sufrágio universal para a presidência da república em que foi derrotado por Luís Napoleão, acontecimento revelador da queda de popularidade do escritor-político, não aparece como elemento a referir; não

se formulando assim, nenhum juízo de valor acerca do porquê dessa queda. O epílogo reduz-se à constatação de que "O golpe de estado de 2 de dezembro o fez largar a vida pública e dedicou-se de todo à vida privada e literária" (77). Porém, não é esquecido o vector definidor desta fase da vida do poeta que é toda ela condicionada pela ruína e que vai levá-lo "aos trabalhos forçados literários" (78) - expressão adoptada pelo próprio Lamartine - a que o poeta se entrega, desencadeando em 1858 (79) uma atitude de solidariedade, partindo de França, estendendo-se posteriormente a outros países sob a forma de uma subscrição pública, omitida neste texto. Não temos notícia de que em Portugal se tenha aderido a esta forma de humanitarismo que pode também ser entendida como testemunho de apreço.

Anteriormente, no entanto, para além do interesse em termos de imprensa que a situação precária de Lamartine suscita, regista-se, por exemplo, uma manifestação de apoio, de reconhecimento e homenagem para com o poeta francês que apenas recebia do seu país ingratidão (80). Na opinião de Henrique Augusto, autor da composição "A Monsieur Alphonse de Lamartine" (81),

"É vergonha p'ra a França, é triste, indecoroso...
Não lhe estender a mão, deixar que o nome honroso
De Lamartine vá despertar compaixões
Em territorio estranho, em remotas nações!..."(82)

O poema, publicado na revista portuense **A Grinalda** para cujos poetas o cantor de **Jocelin** (83) se constitui como um modelo (84), apresenta-nos um Lamartine irmanado a Camões pela similitude de destinos: ambos sofreram a ingratidão pátria; um Lamartine que se tornou objecto de admiração pelo facto de se constituir como "lyra d'amor" (85) (não é o Lamartine

historiador ou prosador que é aqui invocado), porque criador de **Jocelyn** e "monarcha" (86) da harmonia:

"É que o despota exerce o poder oppressor,
Ao passo que a poesia obriga pelo amor;
É que sômente o povo ao rei da terra eleva,
Em quanto o da harmonia é Deus que aos ceus eleva" (87).

Mas é também o orador, o defensor da liberdade com risco da própria vida, o "Guia d'um povo inteiro" (88) (e alude-se neste momento ao papel de Lamartine na Revolução de Fevereiro), aquele que perdeu o lugar da sua infância (Milly) (89) que é objecto de compaixão e de homenagem.

É curioso, todavia, verificar a necessidade de pressionar Alphonse de Lamartine a fazer poesia - seria como que a garantia de que ainda vale a pena defendê-lo, lutar por ele; é de facto preciso não esquecer que remonta a 1839 a última recolha de poemas publicados, **Recueillements Poétiques**, só conhecendo a sua produção poética posteriores compilações aquando da publicação das obras completas:

"Tu |mimoso sexo| inspira-o tambem: dá-lhe a ingenua
poesia que o seio virginal d'amor seus sonhos cria" (90).

Podemos pois concluir, de acordo com os dados de que dispomos, que relativamente às dificuldades financeiras vividas por Alphonse de Lamartine e às acções concretas que nesse âmbito foram empreendidas, a resposta portuguesa se limitou a uma tomada de atitude verbal de repúdio perante a ingratidão da nação francesa, não se chegando a consubstanciar em termos de ajuda real.

Ainda no que diz respeito ao texto **Lamartine, Illustre poeta francez**,

a objectividade que já se tinha revelado, por diversas vezes, não existir, continua ausente quando se diz que qualquer uma das últimas obras de Lamartine faz "o seu autor immortal pela sua vasta intelligencia" (91). De facto, e não apenas a propósito da produção mais tardia do poeta, não se encontra ao longo de todo o texto uma única alusão ao carácter pouco elaborado, pouco rigoroso, de alguns dos seus escritos, factores postos em evidência por toda a crítica francesa, mesmo aquela que apresenta um carácter mais marcadamente encomiástico (92). Como explicar a atitude do autor deste estudo que, embora exprima admiração pelo escritor, não se coloca de modo algum na posição de admirador fervente? Resultará ela de um conhecimento "em segunda mão" das obras do escritor francês?

Os múltiplos domínios pelos quais se estendeu Alphonse de Lamartine são objecto de apreço para o responsável por este texto e encontram-se sintetizados na sua parte final quando se conclui que "M. de Lamartine pode vangloriar-se de ser o escriptor que durante o nosso seculo tem adquirido a estima e respeito universal; não só como principe dos poetas, mas também como historiador philosopho, naturalista, e grande politico" (93). São vários os elementos significativos aqui presentes: em primeiro lugar, o facto de Lamartine ser considerado um "historiador philosopho"; não se põe em causa o carácter de escrito histórico dos textos que, aparentemente, se apresentam como tais; lembremo-nos da *Histoire des Girondins* ou da *Histoire de la Révolution de 1848*, obras unanimemente consideradas mais devedoras ao Romance do que à História. Não há qualquer reflexão sobre o modo de tratamento dos dados históricos aí contidos sobre o seu carácter, eminentemente ficcional. Nada sabemos pois do (des)conhecimento acerca dos ataques à pseudo-história veiculada nessas obras (94). Em segundo lugar, a singular designação do poeta como "naturalista", não se tratando, evidentemente, de o apontar como representante de uma tendência estética que

se configurará, em termos cronológicos, em fase posterior à sua produção poética, mas tão somente pretendendo referir o vasto espaço reservado à natureza de que a poesia lamartiniana é o suporte e a expressão. Finalmente, o juízo de valor e que tem por base a acção política de Lamartine: ele foi "grande politico"; efectivamente, não se vislumbram sinais, no que respeita à tendência para censurar a actuação de Alphonse de Lamartine na Revolução de 1848. Consequentemente, também não se trata de o reabilitar (o que se verificou após a sua morte, em França). É, outrossim, o elogio comedido que prevalece em detrimento da exactidão, da verdade total!

Sem indicação de nome do autor, foi publicado pela primeira vez, no periódico coimbrão **O Phosphoro**, o último dos quatro artigos, exclusivamente dedicados a Lamartine e que se situa ainda em vida do poeta. Trata-se de um texto de 1860 (95), da responsabilidade de Antero de Quental e, posteriormente, publicado no primeiro volume das **Prosas** (96). De todos os textos já analisados este é o único que se propõe ter como objecto uma obra literária de Alphonse de Lamartine, **Méditations Poétiques**, a sua primeira obra. Todo o texto assenta em dois vectores, as condições que rodearam a recepção desta obra e a novidade de que era portadora.

Deste modo, começa-se por assinalar o sucesso obtido por **Méditations Poétiques** (97) que provocou "o grito d'assombro e transporte" (98) inimagináveis, "um estremecimento de prazer e de pasmo" (99), "o brado unanime de admiração" (100), para depois se explorar o porquê de um acolhimento tão favorável e que residiu no preenchimento de um vazio até aí em aberto: havia finalmente um porta-voz dos sentimentos e experiências vividas por muitos (101). A obra **Méditations Poétiques** foi "a exposição exacta das perturbações que dominaram os espiritos, a imagem dos sentimentos da epocha (...) a reprodução das ideias do tempo 'n-uma linguagem divina" (102), pois "Lamartine, manifestando o estado do seu espirito |da

humanidade], pintou em traços vigorosos, e com um vivo brilho de côr, a incerteza penosa, o desapontamento afflictivo de uma geração inteira. Nas **Meditações** não se escuta só uma voz plangente mas uma nação inteira a lamentar-se (...)" (103). Tal como na crítica francesa, adopta-se uma perspectiva sociológica, uma visão histórica do fenómeno, fazendo-nos lembrar a visão de Villemain da literatura enquanto expressão da sociedade, através de informações do tipo, "A afinidade misteriosa entre o homem e a epocha é de todo o ponto completa" (104). Assim, a poesia de Lamartine torna-se o bálsamo actuante sobre a inquietação dolorosa do homem francês. Também Antero não foge a um processo frequente na crítica da época; na verdade, para explicitar melhor a relação de interdependência dos "primeiros versos de Lamartine" com a situação epocal, o autor deste texto recorre à sua comparação com Homero e Camões, também eles intérpretes do seu tempo e das suas pátrias.

Mais uma vez o que parece ser tomado em linha de conta é a recepção da obra pelo público francês. É evidente que o próprio facto de se fazer um artigo sobre a obra e o seu autor, e as referências múltiplas à existência de "tantas bellezas" (105) da autoria de um "grande poeta", é revelador da sua fortuna em Portugal, no entanto, não se encontram indicações directas e precisas sobre a reacção do leitor português que se encontra, eventualmente, abrangido pela "humanidade" da qual Lamartine é considerado o porta-voz.

Se um dos vectores do texto "As Meditações Poeticas de Lamartine" era a recepção dessa obra, o outro vector consiste - como já atrás ficou dito - na exploração da novidade por ela veiculada. E essa novidade consiste na revolução operada pela sua poesia, levando deste modo a cabo o processo iniciado por Chateaubriand na prosa (106), opinião generalizada pela crítica. Revolução porque bane da poesia a religiosidade pagã, com toda a sua galeria de figuras mitológicas, "Em nome da religião de Christo" (107)

(na esteira de Bossuet, na opinião de Antero). Assim também, assinala o autor, o tratamento do amor apresenta características específicas porquanto "o amor que vivifica os versos de Lamartine, é o amor christão, purificado de toda a mácula carnal nas chamas do espiritualismo, é o laço mysterioso que prende pela *sympathia* e pelo pensamento duas almas congenias. É a oração que eleva o olhar para Deus: é a união que começada na terra terá o seu complemento no ceu" (108), e a justificar as suas afirmações, transcreve um excerto de uma das composições contidas em **Méditations Poétiques** que mais fama obtiveram: "L'Immortalité" (109). Sublinha ainda o responsável por este artigo a reabilitação da mulher, um sinal de espiritualismo cristão, visto que não é tida como instrumento de prazer. Porém, não é somente a invasão da poesia pelo "espiritualismo christão" (110) e consequentemente pela invasão da esperança que a torna inovadora, mas também o facto de ela dar voz a um universo emocional individual e mostrar a natureza como revelação de Deus. Por estes motivos, afirma o autor do artigo, "a linguagem fictícia foi substituída pela realidade" (111).

Antero encontra, nesta obra, vários motivos de elogio; sendo a fé essencial à vida humana - "A fé é uma necessidade" (112) -, Lamartine mostra estar consciente dessa realidade ao exaltá-la "como dando, e só ella a explicação das aspirações mais vastas que o destino natural, dessas duvidas dilacerantes, dessa sede de infelicidade (113) que é impossível mitigar (...)" (114). A poesia de Lamartine, para além de dar conta desta necessidade básica do homem, constitui-se também, e por isso é admirável, "quadro perfeito da vida humana" (115), pois testemunha a luta que se opera, incessantemente, entre o bem e o mal.

Mas se o tom predominante do texto se caracteriza pelo elogio, pela admiração (116), se ao longo de todo ele, o que ressalta é a indicação de inúmeros aspectos positivos da poesia lamartiniana de **Méditations**, as falhas

são igualmente assinaladas, embora linsonjeiramente porque "resgatadas por mil dotes de uma superioridade incontestável" (117). São elas a presença do panteísmo como no poema "Dieu", de que se apresenta um pequeno excerto, panteísmo que o autor deste artigo considera uma ilusão causada pela "excessiva contemplação da natureza" (118); a existência de negligência na versificação (119), o sentimentalismo exagerado (o que indicia a posição futura de Antero de Quental ao entrar em ruptura com a geração ultra-romântica que tinha Lamartine como um dos seus modelos, limitando-se, na generalidade dos casos, a imitar essa vertente sentimentalista); e, por fim, "um errar de imaginação a que por vezes falta a solidez do pensamento" (120). É esta uma opinião convicta de Antero já que se constitui como reforço do que tinha sido afirmado no início da segunda parte deste artigo a propósito da revolução operada na poesia por Alphonse de Lamartine: "Isto fez o poeta, não sobrepensado, mas por instinto" (121). De um modo geral, toda a crítica sobre Lamartine evidencia a ausência de uma reflexão, de um sistema ou doutrina estética que preceda a prática de escrita do poeta francês, sendo este motivo apontado como responsável pelo facto da sua poesia não ter dado origem a uma escola literária. Contudo, Antero apressa-se em afirmar, no fim do seu artigo, que "as **Meditações** serão sempre a admiração do indiferente, o enlêvo do crente, e um conforto para os que se debatem no equuleo da dúvida" (122).

Como apoio documental para as ilações aqui veiculadas, recorre-se a uma pequena obra de cunho ensaístico de Alphonse de Lamartine, publicada fragmentariamente na **Revue des Deux Mondes: Des Destinées de la Poésie** (123); porém, aproveita-se desta obra o que ela possui de indicações biográficas que podem explicar e fazer compreender melhor **Méditations Poétiques**. Este uso da biografia enquanto meio para iluminar a obra está por exemplo presente quando se afirma: "(...) eram christãs suas palavras e

imagens, porque assim o era o seu pensamento, porque eram bebidos na Bíblia, que sua mãe lhe tinha ensinado a ler, no coração que havia sido educado pelos piedosos mestres de Belley (...)" (124). O processo crítico aqui manifestado consiste então numa leitura da obra através do conhecimento que se tem do homem que a produziu, da educação e influência por ele recebidas (125).

1.1. Outros textos há que não se debruçam especificamente sobre Lamartine, referindo-se-lhe, apenas, a propósito de temas e autores diversos, quer como termo de comparação (apontando-se para relações de semelhança ou de contraste), quer como exemplo vivido que justifica asserções anteriormente emitidas. Podemos encontrá-los em jornais e revistas diversas como **Cosmorama Litterario**, **O Panorama**, **O Instituto** ou em obras de carácter crítico como **Ensaio de Critica e Litteratura** (126) e **Memorias de Litteratura Contemporanea** (127) de António Pedro Lopes de Mendonça ou **Litteratura, Musica e Bellas-Artes** (128).

Em "Estado presente das lettras", subdivisão do artigo "Origem da Civilização Moderna e Renascimento das Letras" (129), reflecte-se sobre as circunstâncias que rodeiam a Poesia, a Eloquência, a Filosofia e a História da época e Lamartine surge como um dos responsáveis pelo advento da nova poesia, a poesia romântica, ao lado de Chateaubriand, Mme de Staël, Hugo ou Manzoni (130). Já sob a rubrica "Estudos Criticos" integrada na revista **O Panorama** (131), Luiz Augusto Palmeirim, poeta ultra-romântico, apresenta um matiz diferente relativamente à acção de Alphonse de Lamartine na evolução da poesia do seu tempo, como estando na senda, do mesmo modo que Victor Hugo ou Alfred de Musset, aberta por Chateaubriand e Mme de Staël; ele é então aquele que se insere numa linha de continuidade em relação aos seus

precursores (132). Nesta rubrica que se estende por vários números desta publicação, Palmeirim traça uma panorâmica da literatura portuguesa do século XIX partindo da convicção de que a crítica consiste na distinção entre o belo e o feio, entre a presença e a ausência de qualidade (133), dando lugar ao elogio e à censura e tendo, por fim, como função trazer ao conhecimento do leitor, os talentos já reconhecidos. Nesta panorâmica da literatura portuguesa em que a renovação se instaura, estabelecem-se relações múltiplas entre inúmeros elementos da realidade portuguesa e elementos correspondentes pertencentes à realidade francesa que funciona como padrão válido e valorizado, presidindo ao processo comparativo adoptado. Assim, por exemplo, a obra heterónima de Garrett, *A lírica de João Mínimo* é confrontada com *Atala* de Chateaubriand, *Méditations Poétiques* e *Harmonies Poétiques et Religieuses*, mostrando-se quanto a obra portuguesa está longe de se fundar na revelação religiosa que caracteriza as obras de Alphonse de Lamartine, referindo-se ainda *Jocelyn* como a "manifestação acabada da epopêa christã" (134). Lamartine funciona não só como modelo, mas também enquanto fenómeno verificado numa realidade que se respeita, que se admira, porque legisladora e responsável por toda a evolução civilizacional em curso, pois a França é para Luiz Augusto Palmeirim "a mais poetica nação do mundo" (135).

Ao falar-se do defeito, segundo o autor, que consiste na tentativa de elaborar uma produção literária que atinja todos os géneros existentes, é de novo Lamartine o escritor adoptado como exemplo dessa tentativa, referindo-se, concretamente, a *Toussaint Louverture*, obra dramática que não correspondeu, o que é censurável, ao código do género em causa: "Lamartine o sentidissimo poeta lyrico, o elevado poeta epico, o historiador pictoresco, o romancista sensível e orador acabado, produziu na tragédia o *Toussaint Louverture*, ensaio quando muito de uma atilada musa pedestre (136) (...)."

Censura que se baseia na validade que os modelos da tragédia clássica francesa ainda detêm para Luiz A. Palmeirim. Ser então escritor multifacetado, versátil não é sinónimo de génio, concepção romântica que suporta o estatuto de escritor, sendo essa concepção do criador literário a que é aqui manifestada.

A propósito de António de Serpa e das pretensões de atingir a unidade no conjunto de uma produção literária, o crítico toma como exemplo desse objectivo Victor Hugo (137) e Lamartine; o primeiro baseando-se na ideia e o segundo pretendendo cantar sempre em nome do céu (138). Ainda acerca deste poeta português e do uso acentuado que faz dos epítetos dados a objectos e sentimentos, aparece de novo Lamartine - o poeta consagrado - como ele próprio caindo no mesmo erro e sendo, tal como António de Serpa, criticado por esse motivo (139). Trata-se, simultaneamente, de validar a opinião que se expressa e encorajar o poeta visado.

O reconhecimento da importância que Lamartine detém no mundo literário (140) manifesta-se, igualmente, num artigo sobre a "Imprensa Periodica Franceza", saído n' **O Panorama** (141), na medida em que **Le Conseiller du Peuple**, periódico da responsabilidade de Lamartine que se publicou entre 1845 e 1851, não é omitido na enumeração que se faz de todos os jornais franceses aparecidos até à data do artigo.

O Instituto apresenta também dois artigos sobre outros autores, um datado de 1860 (142) e outro de 1866 (143) e que apresentam como particularidade o facto de grande parte do corpo do texto estar ocupado não com referências ou reflexões sobre os autores em causa, mas com Alphonse de Lamartine. Assim, no primeiro texto indicado falar de Frédéric Mistral é falar de Alphonse de Lamartine, pois é a opinião emitida por ele sobre o poeta provençal que é dada a conhecer, servindo ao mesmo tempo de caução para os juízos encomiásticos que o autor do artigo veicula. Para além disso,

Lamartine preenche ainda a função de mediador entre o leitor e Mistral, ao indicar-se o **Cours Familier de Littérature** como instrumento, meio de chegada ao autor de **Mireïò**, exortando-se o público à leitura daquela publicação lamartiniana (144). Falar de Mistral é ensejo para falar do "inspirado cantor de Jocelyn", do "melodioso poeta das Meditações" (145) que sofre a incompreensão do seu país (146). Não é apenas Frédéric Mistral que é elogiado, mas é em larga medida Lamartine o objecto de homenagem (147).

O texto datado de 1866 e da autoria de Germano Vieira de Meireles apresenta características únicas relativamente a todos os textos já tratados. Se até aqui é uma uniformidade generalizada de opiniões a que habitualmente se regista, "A Poesia Moderna e o poemeto do Sr. Mendes Leal, Napoleão no Kremlin" (148) revela uma posição pessoal face à produção lamartiniana e ao modo como foi recebida em Portugal.

Germano Vieira de Meireles contestando a morte próxima da poesia, por muitos preconizada, radica esta errada profecia no carácter estereotipado que a poesia manifesta, pela paráfrase e imitação, sem qualquer reflexão prévia da parte do seguidor perante o modelo escolhido. E o carácter não usual deste artigo é-lhe desde logo conferido pelo facto de a relação estabelecida, em termos de prática poética, não se fazer entre Portugal e a França ou Portugal e o Estrangeiro, mas, meramente, entre modelos e seus seguidores. Deste modo, quando, por exemplo, se refere o papel desempenhado por Lamartine nas letras, ele não é perspectivado na sua relação com Portugal: "(...) Lamartine em França desenrolou-se em thema insaciavel ao exame infrene de glosadores (149), que se espalharam de lá aos quatro ventos da civilização" (150). É pois uma verdadeira reflexão e análise da poesia moderna e não um estudo parcelar de horizonte restrito, o que se pretende levar a cabo.

O autor procura estabelecer o porquê da origem desses modelos e da

poesia por eles elaborada e fá-lo através de uma análise histórica e sociológica da época, de que as obras serão o resultado directo. Será então a via do comparativismo literário (um comparativismo avant la lettre) que delimitará e integrará todos os passos percorridos ao longo do texto que toma como origem da poesia lírica moderna a França e a Alemanha, referindo-se, necessariamente, à eclosão do Romantismo (151).

Partindo da premissa de que em cada ciclo da História existe um homem que encarna em si o espírito do século, Germano Meireles constata que Alphonse de Lamartine não foi esse homem na Restauração, "o cantor do Jocelyn" não foi "homem do pensamento, heroi da ideia" (152), facto para o qual Napoleão contribuiu enormemente na medida em que reuniu em si o poder das armas e das ideias. Ele personifica a alma da França na sua procura da liberdade e igualdade, num determinado momento. Ora, segundo o autor do texto, Lamartine limitou-se a cantar "Deos, a natureza e o amor a uma geração pallida e nervosa!" (153); as **Méditations** apenas veiculam núcleos temáticos universais que, tendo evidentemente uma realização individual, não dão lugar a um sistema de pensamento específico, empenhado na resolução concreta da inquietação experimentada na época. A importância do papel do poeta francês no período da Restauração é ainda relativa, visto que ele não se constitui como o iniciador duma era nova, em termos literários, ele torna-se apenas um apóstolo e mesmo assim involuntário (154) da revolução anunciada por Mme de Staël e trazida por Chateaubriand (e que apontava para uma "renascença catholica" (155)): "Lamartine foi o S. Paulo inconsciente d'essa estranha situação, que teve por Messias o visconde de Chateaubriand, e por João Baptista Mme de Staël" (156). Também para Germano Meireles o poeta situa-se numa linha de continuidade relativamente a uma poesia sentimental, a um misticismo contemplativo que se encontra, frequentemente, nas suas obras. Contrariamente à tendência generalizada de estender este

filão a toda a poesia de Alphonse de Lamartine, Meireles constata que isso só se verifica "a espaços (...) nas Méditations e Harmonies" (157). Trata-se efectivamente de uma visão mais profunda e exacta da obra poética do autor francês.

O perfil que se traça do poeta resulta também de um processo contrastivo. Assim, um contraponto é lançado entre Lamartine e outro escritor seu contemporâneo, Victor Hugo, que surge - ele sim - como a encarnação do século "no momento que passa" (158). E está-se em 1866. O texto de Germano Meireles torna-se um exemplo paradigmático da fortuna respectiva destes dois poetas franceses em Portugal: Lamartine é aquele que se admira, Hugo é aquele a quem se adora (159). Lamartine nunca conseguirá conquistar o primeiro lugar na hierarquia e é, por isso mesmo, que muitas vezes se perspectiva esta situação em termos de rivalidade.

Outro aspecto relevante deste artigo consiste no facto do seu autor não se limitar a veicular opiniões de outrém, consensuais; na verdade, o que este texto revela é a existência de uma reflexão, de uma elaboração mental própria, pessoal no que diz respeito à apreensão da obra de Alphonse de Lamartine. Esta situação permite-lhe recusar (como será o caso de Eugène Pelletan) juízos críticos que considera errados; simultaneamente, manifesta-se uma preocupação de rigor, de reposição da verdade relativamente a uma abordagem justa, exacta da produção literária lamartiniana. Assim, quando Pelletan defende que a única poesia que surge, após longos anos, com o desaparecimento do Império é a de Alphonse de Lamartine e que esta se caracteriza pela procura do Deus da paz, mergulhando a alma no infinito, Meireles considera tratar-se duma "flagrante exaggeração" (160). Ele discorda então deste juízo, apoiando-se nos próprios textos do poeta que revelam a incerteza, a perturbação, a luta interior do homem quanto à possibilidade de existência duma vida post-mortem, ou, de um modo mais

alargado, na sua relação com o Transcendente (161). Para além disso, e a acentuar a distância de opiniões que vai entre Pelletan e Germano Meireles, este refere o carácter factivo, assente num fingimento que se crê verdadeiro mas que não é crível, de misticismo contemplativo pouco profundo. Reparemos no que é dito tendo como base obras como **Méditations, Jocelyn e Harmonies** (162), para além das composições escolhidas: "Ha alli a contemplação do asceta que está sempre a morrer sem pezar nem saudades da terra, e que não morre com tudo; um S. Jeronymo infantil que se rola nos espinhos do seu deserto porque... lhe desfolharam no golfo de Nápoles, ao sopro molle do Sirocco, a sua primeira grinalda de amor" (163). A ironia que perpassa nestas afirmações de Germano Meireles, é acompanhada por uma manifestação de preferência pela arte grega. E contestando ainda Eugène Pelletan, o autor restringe o sentimento do infinito presente na poesia de Alphonse de Lamartine a uma reacção unicamente individual, insistindo no juízo já formulado, inicialmente, de que o poeta francês não reuniu em si o espírito do seu tempo.

Apesar de tudo isto e embora Lamartine não tenha elaborado um sistema poético, não tenha dado lugar a uma escola, nem tenha contribuído para uma renovação em termos temáticos - e salienta-se uma vez mais a linha de continuidade, de prolongamento em que Lamartine se insere, pois é visto como aquele que completou a tarefa iniciada por André Chénier -, Lamartine encontrou numerosos seguidores que não lograram atingir o lugar cimeiro ocupado pelo "mestre": "Organização excepcional, não cabia aos gansos da terra seguir-lhe o vôo altaneiro pelo espaço" (164).

O crítico chega mesmo a falar mordazmente da vaga que conheceu a poesia sentimentalista, lacrimajante e piegas que tomou como mais uma moda parisiense a seguir, a poesia lamartiniana: "Que de cerebros eivados pelo sentimentalismo de ultima hora! (...) / Deos, o amor e a natureza, o thema

perenne de todas as estheticas, tiveram de aguentar com a epidemia lacrymante, que ameaçando de congestões e phtysicas fataes os pallidos lamartines, desfazia ao cabo a avalanche de implacaveis ameaças em poças de agua chilra. (...) Productos de fabrica, meros artefactos, os pobres sectarios de Lamartine" (165) não são mais do que produtos em série, cópias de má qualidade em relação ao original, que provocaram um excedente no mercado de leitura. Paradoxalmente, se por um lado se afirma que Lamartine não deu lugar a uma escola, fala-se, por outro, em "mestre" e "discípulos", o que revela bem a fortuna que o escritor conheceu.

Todavia, para Germano Vieira de Meireles está já passado o tempo em que a poesia lamartiniana vingou, tempo em que Alphonse de Lamartine se constituiu como modelo. Efectivamente, está-se em 1866, no rescaldo da "Questão Coimbrã", e sente-se a necessidade de uma mudança radical, de uma poesia empenhada, factores que não estão de modo algum presentes na obra poética de Lamartine: "O lyrismo fallece de impotencia para o bem, e quebra o pulso aos válidos que sentiam força ainda para muita coisa séria e proficua; a musa lamartiniana pende ao occaso, e os seus vistosos, mas estereis arabescos de luz, vão |a| caminho do crepusculo (166).

É pois Victor Hugo o modelo privilegiado e ideal, na perspectiva de Germano (167); Hugo alia na sua poesia o que esta considera ser condição fundamental: um empenhamento total na medida em que é nacional, social e humanitário (168). O poeta da actualidade só pode ser o poeta de acção, um Tirteu, como o próprio autor afirma, aquele que sabe acompanhar o progresso e o desenvolvimento da ciência. Victor Hugo é o poeta que corresponde a todas estas características, ele é então "o coronnal da poesia no século que passa" (169). Germano Meireles não pode deixar por isso de reafirmar que "É já tempo de acabar, ou, ao menos, adiar para melhor conjunctura o monotono ranz da elegia choramingas. A hora é solenne e grave demais para bonitos de

rethorica e sentimentalismo" (170).

Lamartine é admirável mas já pertence ao passado, o tempo é agora dos Hugos e Mendes Leal compreendeu-o, na opinião do crítico (171). Lamartine não é mais um "modelo produtor" mas um "modelo de referência" (172).

Para além dum maior investimento de actividade crítica de cunho pessoal e que se imprime ao texto, o seu autor procura ainda fundamentar os seus juízos não se apoiando apenas nos textos literários dos escritores que refere, mas recorrendo também a autoridades reconhecidas, admiradas: Michelet, Renan, Heine e Byron encontram-se citados frequentemente. Embora as referências dentro do domínio anglo-germanístico abundem, elas são suplantadas pelas referências à realidade francesa que aparece, de novo, como bitola fundamental. Também para Meireles "o genio francez, (...) é entre todos o mais harmonico e melhor equilibrado (...)" (173).

Lopes de Mendonça em **Ensaio de critica e litteratura** e **Memorias de Litteratura Contemporanea**, que se apresenta enquanto refundição da primeira obra, não mostra Lamartine como simples marco ou mera referência de alguém pertencente a uma sincronia da história literária, mas, outrossim, como modelo para muitos poetas seus contemporâneos, embora um pouco mais novos, particularmente, no que diz respeito aos poetas portugueses ligados a revistas como **O Trovador**, ou imediatamente anteriores, aqueles que normalmente se incluem na geração ultra-romântica.

Precedendo cronologicamente o texto de Germano Meireles, estas obras, cujo autor é considerado "a única real vocação crítica do nosso Romantismo" (174), falam-nos de um modelo eminentemente válido, actual e activo. Assim, a poética lamartiniana constitui-se como padrão de referência na medida em que é um dos responsáveis pela moderna poesia (175), o que possibilita o confronto, relativamente aos que também optam por uma prática de cunho sentimental e intimista. Daí que encontremos afirmações, como a propósito de

José Freire de Serpa, do tipo de: "O lyrismo nasceu-lhe espontaneo; um lyrismo terno, candido, lamartiniano na índole íntima da concepção." (176), e, mais adiante, diz-se que "a sua lyra é monotona, monotona como certas vezes a de Lamartine, com quem tem mais de uma afinidade" (177). Não se trata, como podemos verificar, da demonstração de admiração sem quaisquer reservas.

O mesmo ocorre com um poeta de **O Trovador**, João de Lemos; na verdade, não é qualquer outro poeta francês que se indica como sendo o modelo desta geração de poetas, mas tão somente Alphonse de Lamartine: "Lyra (...) crente às vezes como a de Lamartine (...)" (178).

Apesar do estatuto modelar conferido ao poeta francês, Lopes de Mendonça não deixa de atribuir a supremacia a **Eurico, o Presbítero** de Alexandre Herculano quando confronta esta obra com **Jocelyn** (179). Vitorino Nemésio salienta aliás esta relação de proximidade entre Lamartine e Herculano como uma das que mais fortuna tiveram em Portugal e de tal modo que "A identidade de direcção (...) logo se fêz lugar comum (...)" (180). Contudo - regista Nemésio - estas referências são "boatos, porque poucas vezes tal aproximação resultou do confronto directo das duas obras." (181), confronto a que o crítico procede constatando a presença de um tema e "certo condicionamento comun|s| a personagens da mesma família de espíritos habitando um clima romântico" (182).

Mas se Lamartine ocupa lugar de destaque numa obra que lhe não é consagrada, pois o que está em causa é a poesia portuguesa da época, ele distingue-se de todos os outros poetas evocados pelas numerosas ocorrências e reflexões a que dá lugar, por outro lado, reúne em si a possibilidade de conjugar a actividade poética e a acção política e social. Também a este nível ele assume um carácter modelar enquanto homem do seu tempo, que luta pelo progresso, pela liberdade e também pela igualdade. As convicções

políticas, de António Pedro Lopes de Mendonça, de um socialismo liberal, permitem compreender a posição privilegiada de Alphonse de Lamartine nos seus textos.

A valorização dum empenhamento social do homem do século XIX aproxima Lopes de Mendonça e Germano Meireles; no entanto, a escolha de personalidades que representam este espírito, não é coincidente. Na verdade, Lopes de Mendonça prefere Lamartine (183) a Hugo (não nos podemos contudo esquecer do momento em que estes textos aparecem, época em que Lamartine ocupa um lugar de destaque pela função que teve na Revolução de 1848) e, como já vimos anteriormente, Meireles coloca Hugo numa posição cimeira. Assim, afirma o autor de **Ensaio de Critica e Litteratura**: "Nós preferimos a singeleza popular de Béranger, a veia abundante e espontanea de Lamartine, a preguiçosa originalidade de Musset a todos os calculados relevos e arabescos de Victor Hugo, que transudam o sangue e agua de que fallava Racine" (184). Não se contribui, deste modo, para a tendência generalizada que particularizará a recepção de Victor Hugo em Portugal, do autor que vai ser idolatrado (185).

Um dos aspectos importantes contidos em **Ensaio de Critica e Litteratura** e relativos ao nosso autor é a presença dum texto sobre a revolução operada em França em 1848 (aliás ainda em curso na época em que o texto é escrito (186)); texto extenso e no qual necessariamente se fala de um dos principais intervenientes, Alphonse de Lamartine. Esta importância advém do facto deste escrito ser revelador das convicções políticas do seu autor e lembremo-nos de que se vive sob o cabralismo, o que faz com que Lopes de Mendonça apoie e realce esta revolução que aponta para um mudança radical na sociedade francesa, constituindo-se como projecto ideal a imitar. Ela será vista como sinal de uma renovação alargada a toda a Europa: "O anno de 1848 marca uma nova era na civilização europea" (187). Renovação que

pressupõe a procura da fraternidade humana que consiste, segundo o autor, na "organização do trabalho pela lei do amor" (188) ou associação; consiste ainda na implantação de um regime democrático e na instauração da liberdade. E Lamartine será o homem que pelos seus dotes de inteligência, pelas suas faculdades de génio se entregará, em França, a esta tarefa através da sua acção pacificadora, do seu poder de conciliação; através de uma transformação progressiva, longe de qualquer luta infrutífera (189).

Ora, este artigo foi escrito no momento em que este processo histórico estava em curso e isso permite-nos compreender o facto de Lopes de Mendonça depositar confiança nas directrizes lamartinianas, não sem questionar a exequibilidade das mesmas: "Será possível que os melhoramentos sociaes se realizem sem as explosões das necessidades comprimidas? Lamartine crê-o, e a sua convicção pelo menos tem a sanção do seu genio, e das suas eminentes faculdades" (190). Insistindo no carácter moderador de Alphonse de Lamartine, Lopes de Mendonça não o considera como um impedimento relativamente à conquista da liberdade e progresso humanos, que crê serem os objectivos de Lamartine, radicando essa crença na própria condição de poeta que particulariza esta personalidade da vida política francesa: "Podia e queria despir-se do seu ideal? Podia o poeta arremessar os seus cantos à vaga caprichosa, que tumultua à superficie d'uma sociedade corrompida, que não vê burbulhar os elementos de vida que se lhe agitam no seio?" (191). É a corroboração do que já afirmava anteriormente (192): a poesia é (e a poesia lírica em particular) um sintoma de renovação social que Lamartine manifestará. Crê-se e espera-se que Alphonse de Lamartine seja capaz de finalmente alcançar e realizar a divisa meio século antes lançada: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Outros motivos existem, porém, que conferem um carácter fundamental a este artigo de que temos vindo a falar. Na verdade, a sua inserção numa obra

intitulada **Ensaíos de Critica e Litteratura** permite-nos conhecer melhor a perspectiva crítica de Antônio Pedro Lopes de Mendonça. Com efeito, em Lopes de Mendonça, a actividade crítica parte da crença na íntima relação entre a literatura e a época em que surge, parte da crença na interacção que exercem uma sobre a outra (193). Constata-se, assim, a dificuldade em tratar, independentemente, estas questões, dificuldade que será superada, posteriormente em **Memorias de Litteratura Contemporanea**; momento em que já se consegue delimitar o que se crê que uma obra deste tipo deverá apresentar: apenas uma ideia literária; procura-se delimitar com maior rigor o corpus crítico a tratar.

Contudo, não será esta a única razão que levará Mendonça a suprimir o texto "A França em 1848", nesta obra de 1855; com efeito, o gorar de expectativas que a Revolução de Fevereiro causou e o desaire político sofrido por Lamartine, terão também condicionado essa decisão. É curioso registar uma única referência a esta fase da vida do poeta francês que não se constitui como censura, nem como reabilitação, o que denota uma visão mais ajustada do papel desempenhado por Lamartine no século XIX (194): "Eu escolherei d'entre todos estes nomes|Lamartine, Béranger, Hugo, Musset e Vigny|, um nome, por quem professo a mais sincera e cordeal admiração: nome illustre, que apesar dos seus erros politicos, eu saudo como um das glorias do nosso seculo: Alphonse de Lamartine" (195). Não se trata de complacência, nem de culto, mas é, tão somente, a consciência de que num período desse século o poeta teve um papel de relevo.

Em **Memorias de Litteratura Contemporanea**, na introdução sugestivamente intitulada "A poesia e o século", título largamente justificado pela reflexão sobre as relações existentes entre literatura, sociedade e época, pois "Para apreciar a poesia, e os poetas, é força considerar o tempo em que elles vivem" (196), Antônio Pedro Lopes de

Mendonça insiste já no carácter válido da poesia do seu tempo e nega a sua decadência, do mesmo modo que Germano Meireles o fará em 1866; contudo, o homem pelo qual opta por ser verdadeiramente um homem do seu tempo (197), não coincide com a opção de Germano Meireles que de entre todos os poetas referidos por Mendonça escolheria o terceiro.

Para apoiar a escolha de Alphonse de Lamartine, Mendonça debruça-se sobre a obra lamartiniana explicando a sua fortuna através dum contexto histórico que condicionou a sua recepção: o desencanto político, o cansaço resultante de todo um processo desencadeado pela Revolução de 1789 a que a obra do poeta teria trazido a esperança, completando assim a tarefa iniciada por Chateaubriand com **Le Génie du Christianisme** em que se indica a via da imortalidade, a esperança do céu. As obras em que estes vectores se configuram são, na opinião de Lopes de Mendonça, **Méditations**, **Harmonies** e **Jocelyn**. Em "Apêndice" refere-se outra obra do escritor que, para o crítico, se constitui como testemunho e contributo para uma renovação social, a **Histoire des Girondins** que será como que um anúncio do que posteriormente aconteceu em 1848; e de novo, o que está em causa é a crença na relação íntima entre literatura e sociedade.

É curioso verificar que tal como acontecia no texto de Bulhão Pato, saído n' **O Panorama**, também nesta obra são usadas obras do poeta, particularmente **Raphaël** e **Confidences**, como testemunhos válidos e fontes biográficas fidedignas, relativamente ao seu autor.

Um aspecto singular de **Memórias de Litteratura Contemporanea** consiste no facto de se imputar a considerável fortuna do "successor de René" (198) a um público específico e que representa a franja considerável dos seus leitores: o público feminino.

Todavia **Memórias** e contrariamente a **Ensaíos de Critica e Litteratura** apresenta-nos agora o Lamartine da "hora do crepusculo" (199), o homem que

apenas se dedica "a escrever a chronica pittoresca e imaginosa da restauração" (200). Tem-se pois consciência de que - e isso já se manifestava incipientemente nos juízos relativos a *Histoire des Girondins* - vai uma distância enorme entre esta produção de Lamartine e o fazer realmente História.

É contudo a voz do poeta que se situa num tempo crepuscular, que afiança a imortalidade da poesia e que se encontra, aparentemente, estagnada ou condenada à morte, através da citação dum excerto de "Le Vallon", composição inserida na obra que marcou o nascimento poético de Alphonse de Lamartine: **Méditations Poétiques** (201).

Em **Litteratura, Musica e Bellas-Artes** de José Maria de Andrade Ferreira, Lamartine surge como um dos representantes da escola moderna, ao lado de Mme de Staël, Chateaubriand e Victor Hugo, constituindo-se como exemplo duma nova vertente estética que tem origem num "vago de paixão, |nesse| esvoaçar de esperanças sem norte que as bafeje e enfloure" (202); este novo direccionamento da poesia e que reflecte esse "mal du siècle" é explicado à luz de convulsões sociais e políticas. Porém, embora integrado num grupo de escritores, Lamartine não se confunde com eles pela prática poética que lhe é peculiar. Para Andrade Ferreira, ela singulariza-se por uma cristianização da poesia, por um lirismo amoroso e pelo cunho elegíaco que manifesta. Com efeito, o crítico afirma a dado passo que "o auctor das **Meditações (...)**, é o glorioso successor" da família de poetas elegíacos de que se destaca o rei David (203). Se neste artigo consagrado a António Feliciano de Castilho são estes os vectores que importa assinalar, enquanto distância que separa esta nova poesia de uma de cariz classicizante e na qual se insere o poeta português, em "Luiz Augusto Rebello da Silva" Lamartine funciona como exemplo e padrão do orador, tal como Garrett, dois modelos de quem Rebello da Silva se aproxima, na sua actividade parlamentar

1.2. Finalmente, não podemos esquecer todo um conjunto de textos que antecedem de alguns anos a morte de Alphonse de Lamartine e que manifestam já a necessidade profunda de inovação que começa a fazer-se sentir, na realidade portuguesa e que encontrávamos no artigo de Germano Vieira de Meireles; estamos a referir aos textos ligados à querela literária "Bom senso e bom gosto", também chamada de "Questão Coimbrã". Querela que tendo as suas raízes na publicação de uma obra literária **Poema da Mocidade** de Manuel Pinheiro Chagas, com uma carta - posfácio de António Feliciano de Castilho e que fará eclodir o mal-estar latente que reinava na república das letras portuguesas, revela não apenas uma recusa de padrões literários pertencentes ao passado que o autor de **Ciúme de Bardo** congrega em torno de si, mas também uma revolta contra o atraso intelectual português, as limitações do regime constitucionalista, em suma, manifesta a vontade de acertar o passo pela Europa. Castilho foi o alvo que se ofereceu pois encarnava uma ordem vigente ultrapassada.

Não constitui, deste modo, motivo de admiração que o modelo escolhido pelos jovens coimbrões seja Victor Hugo. Na verdade, o escritor francês surge frequentemente referido como autoridade e padrão a partir do qual tudo o resto se perspectiva. Efectivamente, de entre os poetas seus contemporâneos, Hugo é aquele que experimenta a condição de revolta, de oposição (nesta altura, aliás, ele encontrava-se exilado por motivos políticos), é ainda aquele que através da poesia defende uma acção social e humanitária. Tal como afirma Alberto Ferreira ele apresenta-se à geração coimbrã como o "paradigma da poesia moderna revolucionária" (205).

No entanto, a adopção de Victor Hugo enquanto autoridade

incontestável não é monopólio dos que se colocam ao lado de Antero de Quental (206) nesta polémica, como Teófilo Braga (207). Com efeito, também Pinheiro Chagas (208), o próprio António Feliciano de Castilho (209) ou Júlio de Castilho (210) o invocam como suporte válido para as suas afirmações e como personalidade literária ocupando um lugar cimeiro. Vejamos, por exemplo, o que diz Júlio de Castilho a dado passo: "(...) mas o que é a verdade é que outro Lutheró, muito maior que o nosso Lutherozinho de Coimbra, e que se chama Victor Hugo, o verdadeiro 89 litterario da França e do mundo, não desprou nem Virgilio, nem Horácio, nem Homero, nem Pindaro, e os sabe de côr, e os imita (...)" (211).

Esta universalidade consensual que Hugo regista no que diz respeito ao seu reconhecimento e a aceitação cada vez mais alargada que vai conquistando contrasta com a perda de popularidade e até mesmo recusa dum poeta seu contemporâneo, Alphonse de Lamartine. Este, contrariamente a Hugo, encontra-se nesta altura numa etapa de declínio em termos de produtividade literária largamente aceite.

Para além do mais, o que Lamartine representa é, de algum modo, a incapacidade de se constituir como presença actuante, ele é o resultado frustrado duma acção social profícua. Por todos estes motivos, Alphonse de Lamartine já não surge como modelo que foi duma geração ultra-romântica portuguesa, neste momento esclerosada porque inadapta a uma sociedade em transformação ou a transformar.

São pois poucas as referências a Lamartine nestes artigos, se comparadas com as inúmeras ocorrências registadas por Hugo. Elas ora funcionam como ilustração para o que se está a afirmar, ora manifestam a admiração e o reconhecimento relativamente a alguém que foi um marco, num passado próximo. Encontramos igualmente estes tipos de convocação quer nos textos de uma facção quer nos escritos de outra. Tomemos, a título de

exemplo, o texto de Júlio de Castilho quando refere, "guerra é (...) a de Pelletan, com Lamartine (...) a de Hugo com os obscurantes (212): É o caso também de Camilo Castelo Branco em **Vaidades irritadas e irritantes** onde, para ilustrar a necessidade de moderação e também de humildade, fala ainda de Pelletan e Lamartine (213). Segundo Pierre Hourcade, Eugène Pelletan conhece grande divulgação e suscita enorme interesse, sensivelmente nesta época e, conseqüentemente, as referências à polémica entre Pelletan e Lamartine inserem-se neste quadro (214). Antero de Quental menciona o autor de **Méditations Poétiques** em "Apendice a **A dignidade das Letras e as Litteraturas officiaes** como tendo contribuído para uma renovação do estilo e da poesia, com obras como **Méditations** e **Harmonies** (215). Em **Litteratura d'Hoje** Ramalho Ortigão criticando o apelo à revolução do povo e à violência que diz estarem presentes nas **Odes Modernas**, indica Lamartine como o que sensata e valorosamente impediu que tal acontecesse em 1848, obtendo como recompensa a ingratidão do povo francês (216).

Em todos os casos o que está em causa nunca é um objectivo de crítica, mas tão somente não tomar Lamartine como modelo útil, eficaz num âmbito de uma vontade de reforma que se pretende implantar (217). Em 1866 Alphonse de Lamartine, poeta das **Méditations**, fundador da República em França, é alguém que consubstancia um passado perfeitamente circunscrito no tempo, alguém que fez escola, pelos seguidores que involuntariamente suscitou; Victor Hugo é o homem do presente, o espírito do século e que por isso mesmo prefigura o futuro a construir.

NOTAS

(1) "Mr. A. de Lamartine", in **O Panorama**, Lisboa, vol. IV, nº 180, 10 de Outubro, 1840, pp. 325-326.

(2) Bulhão Pato - "A. de Lamartine", in **O Panorama**, Lisboa, vol. V, 3ª série, nº 27, 5 de Julho, 1856, pp. 209-210 e nº 29, 19 de Julho, 1856, p. 229.

(3) "Mr. A. de Lamartine", in **O Panorama**, Lisboa, vol. IV, nº 180, 10 de Outubro, 1840, p. 325.

(4) Id., ibid.

(5) Id., ibid.

(6) Id., ibid.

(7) Id., ibid.

(8) Cf. Alphonse de Lamartine - "Milly", in **Harmonies Poétiques et Religieuses, Oeuvres Poétiques**, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1986, pp. 392-399, onde se pode ler:

"Pourquoi le prononcer ce nom de la patrie?
Dans son brillant exil mon coeur en a frémi;
Il résonne de loin dans mon âme attendrie,
Comme les pas connus ou la voix d'un ami."

Este texto foi elaborado em 1827 quando Lamartine se encontrava em Itália.

(9) "Mr. A. de Lamartine", in **O Panorama**, Lisboa, vol. IV, nº 180, 10 de Outubro, 1840, p. 325.

(10) Henri Guillemin - "Enfance et jeunesse", in **Lamartine**, Paris, Éd. du Seuil, 1987, p. 9.

(11) "Mr. A. de Lamartine", **O Panorama**, Lisboa, vol. IV, nº 180, 10 de Out., p. 326.

(12) Veja-se Henri Guillemin - op. cit. (A primeira edição deste estudo data de 1940, e saiu nas Éditions Boivin).

(13) Veja-se o que afirma sobre este assunto um contemporâneo de Lamartine: "Lamartine ne pouvait garder son individualité qu'à la condition de demeurer entier et seul. Il n'était pas plus l'homme d'une coterie parlementaire qu'il n'avait été le poète d'un cénacle.", in Louis Ulbach- "Lamartine et son temps", in **La France Parlementaire, Oeuvres oratoires et écrits politiques**, Paris, A. Lacroix, Verborkhen et C^{ie}. Éd., 1864, p. XLII.

(14) Cf. Henri Guillemin - op. cit., p. 74, onde se lê: "Le parti qu'il voudrait créer, il lui a donné le nom de "parti social", et ne craint pas de se désigner lui-même comme un "socialiste". Cf. Também Paul Bénichou - "Lamartine", in Les mages romantiques, Paris, Gallimard, 1988, pp. 47-48.

(15) Veja-se capítulo relativo às traduções.

(16) Cf. Gustave Planche- "La Chute d'un Ange de M.A. de Lamartine", in Revue des Deux Mondes, t. XV, 11^e série, 1^{er} Juillet, 1838, pp. 117-126.

(17) "Mr. A. de Lamartine", in O Panorama, Lisboa, vol. IV, n^o 180, 10 de Outubro, 1840, p. 325.

(18) Id., p. 326.

(19) Bulhão Pato - "A. de Lamartine", in O Panorama, Lisboa, vol. V, 3^a série, n^o 27, 5 de Julho, 1856, p. 209.

(20) Relativamente ao ano de publicação deste artigo (1856).

(21) Lembremo-nos da necessidade crescente de revistas ilustradas, sentida na época e de que **O Panorama** é um exemplo.

(22) Ainda de acordo com o prefácio desta obra.

(23) Sainte-Beuve - "Les Confidences par M. de Lamartine", in Causeries du Lundi, vol. I, Paris, Garnier Frères, 1925, p. 34.

(24) Id., p. 33.

(25) Bulhão Pato - art. cit., p. 209. O sublinhado é nosso.

(26) Id., vol. V, 3^a série, n^o 29, 19 Julho, 1856, p. 229.

(27) Cf. "Je ressemblais à une statue de l'Adolescence enlevée un moment de l'abri des autels pour être offerte en modèle aux jeunes hommes". Tout cela doit avoir été très juste, très fidèle [comenta Sainte-Beuve]; il est dommage seulement que ce soit l'original lui-même qui se fasse de la sorte son propre statuaire et son propre peintre.", "Les Confidences par M. de Lamartine", in Causeries du Lundi, vol. I, Paris, Garnier Frères, 1925, p. 33. Veja-se também o que diz Sainte-Beuve dos retratos de família feitos por Lamartine, o que não está de acordo com a posição de Bulhão Pato sobre o mesmo assunto.

(28) Bulhão Pato - art. cit., p. 229. O sublinhado é nosso.

(29) Id., p. 209.

(30) Deve ser entendido relativamente ao aparecimento, em 1849, da obra **Les Confidences**.

(31) Bulhão Pato - art. cit ., p. 209.

(32) Id., ibid.

(33) Id., p. 229. O sublinhado é nosso.

(34) Reparemos na identidade de posições expressa no texto de 1840 e no texto de 1856.

(35) Bulhão Pato - art. cit., p. 229. O sublinhado é nosso.

(36) Cf. Fidelino de Figueiredo - **História da Critica Litteraria em Portugal, Da Renascença à Actualidade**, 2ª ed., Liv. Clássica, Ed., A.M. Teixeira, col. Biblioteca de Estudos de Historia Nacional, 1916.

(37) Bulhão - art. cit., p. 229. O sublinhado é nosso.

(38) **Lamartine, Illustre poeta francez**, Lisboa, Tip. José da Costa, 1860.

(39) Id., p. 3.

(40) Id., p. 5: "Em 1828 publicou as **Harmonias Poeticas e Religiosas.**" Ora, esta obra sô foi publicada em 1830.

(41) Id., p. 7: "(...) bello poema de **Jocelyn** que apareceu em 1835." Apenas foi publicado em 1836.

(42) Id., p. 12. Afirma-se que **Le Civilisateur** foi publicado em 1851, o que sô aconteceu em 1852.

(43) **Lamartine, Illustre poeta francez**, Lisboa, Tip. José da Costa, 1860, p. 4.

(44) Id., pp. 3-4.

(45) Id., p. 4.

(46) De acordo com Marius - François Guyard, in **Oeuvres Poétiques**, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1986, p. XXXI.

(47) Cf. Gustave Planche - "Toussaint Louverture. Drame de M. Alphonse de Lamartine", in **Revue des Deux Mondes**, t. VI, 2^e quinz. d'avril, XX^e année, 1850, pp. 353-368.

(48) **Lamartine, Illustre poeta francez**, Lisboa, Tip. José da Costa, 1860, p. 5.

(49) Veja-se sobre este assunto a p.6 do nosso trabalho.

(50) **Lamartine, Illustre poeta francez**, Lisboa, Tip. José da Costa, 1860, p. 8.

(51) Id., ibid.

(52) Henri Guillemin - "La vie politique", in op. cit., pp. 80-81.

(53) **Lamartine, Illustre poeta francez**, Lisboa, Tip. José da Costa, 1860, p. 4. O sublinhado é nosso.

(54) Id., p. 11.

(55) Hans Robert Jauss - **História Literária Como Desafio à Ciência Literária**, trad. de Ferreira de Brito, Porto, Ed. José Martins, 1974, p. 47.

(56) Henri Guillemin - "L'oeuvre poétique", in op. cit., p. 22.

(57) Cf. "(...) l'ensemble du recueil publié en 1820 ne révolutionne pas les techniques et ne renouvelle guère les thèmes traditionnels.", Max Milner - **Littérature Française, Le Romantisme I, 1820-1843**, Paris, Arthaud, 1973, p. 250.

(58) Cf. Louis Loménie - **Galérie Contemporaine**, Livr. 6, s.d., p. 13.

(59) **Lamartine, Illustre poeta francez**, Lisboa, Tip. José da Costa, 1860, p. 5.

(60) Id., p. 5.

(61) Também Bulhão Pato não parece aperceber-se desses sinais em "A. de Lamartine".

(62) Outros críticos franceses há, que tomam idêntica posição como Louis Loménie: "(...) **Le Voyage en Orient** est un livre qui ne mourra pas. Religion, histoire, philosophie, politique et drame, il y a de tout cela dans ce livre.", in op. cit., pp. 18-19. Este escrito deverá situar-se logo após a publicação de **Recueils Poétiques** (1839) pois na p. 26 diz-se que foram publicados recentemente (cf. "récemment parus").

(63) **Lamartine, Illustre poeta francez**, Lisboa, Tip. José da Costa, 1860, p. 6.

(64) Cf. "Ni enseignement, ni poème c'est-à-dire ni vérité, ni beauté; qu'est-ce donc?", Gustave Planche - "Voyage en Orient de M.A. Lamartine", in Revue des Deux Mondes, t. V, 4^e série, 1^{er} mai, 1835, p. 320.

(65) **Lamartine, Illustre poeta francez**, Lisboa, Tip. José da Costa, 1860, p. 7.

(66) Id., ibid.

(67) Id., ibid.

(68) Id., ibid.

(69) Cf. Crítica de Sainte-Beuve a esta obra e publicada na **Revue des Deux Mondes**, t. XVIII, 4^e série, 1^{er} abril, 1839, pp. 72-73 e intitulada "Recueils Poétiques par M. de Lamartine."

(70) No entanto, na p. 9, do mesmo texto, aparece a grafia correcta.

(71) **Lamartine, Illustre poeta francez**, Lisboa, Tip. José da Costa, 1860, p. 8.

(72) Id., p. 7.

(73) Id., p. 8.

(74) Id., ibid.

(75) Id., p. 10.

(76) Id., p. 9.

(77) Id., p. 10.

(78) Id., pp. 10-11.

(79) Esta situação de miséria suscitará o interesse da imprensa portuguesa da época, interesse acrescido quando é proposta a subscrição patriótica. A partir deste momento, as notícias suceder-se-ão. Cf. **O Commercio do Porto**, 5^o ano, n^o 76, 7 de Abril; n^o 253, 21 de Julho; n^o 174, 5 de Agosto; n^o 209, 15 de Set.; n^o 253, 8 de Nov.; n^o 263, 19 de Nov.; n^o 266, 23 de Nov. e n^o 281, 11 de Dez. de 1958. Cf. **Recreio Juvenil**, Coimbra, n^o 2, 8 de Julho, 1858, ou **O Bracarense**, n^o 280, 13 de Abril; n^o 346, 30 de Nov. 1858.

Ambos os jornais transcrevem em português a carta de Lamartine dirigida à loja maçónica de Mâcon, agradecendo a contribuição das lojas maçónicas francesas. Este interesse continua vivo em 1862; **A Crença** no seu n^o 7, p. 3 noticia a nova iniciativa dos amigos do poeta, um "empréstimo litterário" a fazer sobre as suas obras completas. Revela-se aqui o apreço votado ao escritor pelas provas que deu do poder de "palavra inteligente sobre o animo das massas" - é curioso que é sobretudo o homem político que é lembrado e respeitado.

O Commercio do Porto relata ainda a maldição lançada, por Lamartine no **Cours Familier de Littérature**, ao seu país, no n^o 297, 12^o ano, de 27 de Dez. de 1860, p. 3. Mas já em 1867 o interesse compassivo ou reverenciador é substituído neste periódico pela censura irónica, quando se noticia o projecto apresentado ao corpo legislativo francês, respeitante a uma pensão nacional a atribuir ao poeta e de que o correspondente em Paris dá conta, no n^o 65, XIV, 20 de Março de 1867, p. 4. Já anteriormente, neste mesmo periódico se faz referência a este projecto, mas manifestando-se apreço.

Veja-se nº 38, 14º ano, 15 de Fev., 1867, p. 2. Poderíamos ainda referir duas notícias dadas em 1859, neste jornal, nos nºs 279 e 291 de 29 de Nov. e 14 de Dez., VI ano, sobre as dívidas de Lamartine.

(80) Citado por Ferreira de Brito em "A Escola do Porto e Victor Hugo (O Grupo de **A Grinalda**)", in **Victor Hugo e Portugal, Actas do Colóquio**, Porto, Humbertipo, 1987, pp. 91-120.

(81) Henrique Augusto - "A Monsieur Alphonse de Lamartine", in **A Grinalda**, t. II, 1857, pp. 98-101.

(82) Id., p. 100.

(83) Id., p. 98.

(84) Com efeito, o outro grande modelo para os poetas de **A Grinalda**, é Victor Hugo, como aliás refere Ferreira de Brito, na comunicação por nós já citada, quando salienta que nesta revista o espaço poético é quase equitativamente marcado pela influência simultânea dos dois poetas, registando-se um processo de transição ao deixar Lamartine como modelo dum romantismo que não se compreendeu, em busca de um romantismo social e humanitário, representado por Victor Hugo.

(85) Henrique Augusto - "A Monsieur Alphonse de Lamartine", in **A Grinalda**, t. II, 1857, p. 98.

(86) Id., p. 101.

(87) Id., ibid.

(88) Id., p. 100.

(89) Id., pp. 99-100.

(90) Id., p. 99.

(91) **Lamartine, Illustre poeta francez**, Lisboa, Tip. José da Costa, 1860, p. 11.

(92) Veja-se, por exemplo, o texto de Sainte-Beuve por ocasião da publicação de **Jocelyn** (1836), no qual, apesar do elogio dominar, também se apontam defeitos como a sua falta de burilamento, "Jocelyn par M. de Lamartine", in **Revue des Deux Mondes**, t. V, 4ª série, 1º mai, 1836, pp. 603-629.

(93) **Lamartine, Illustre poeta francez**, Lisboa, Tip. José da Costa, 1860, p. 13.

(94) Cf. Opiniões de Gustave Planche que afirma: "**L'Histoire des Girondins**, amusante je le veux bien, n'enseignera jamais à personne la marche de la révolution française. Pourquoi? C'est que dans ce livre l'imagination règne en souveraine et que la science proprement dite n'y

tient qu'une très petite place.", ou acerca da **Histoire de la Révolution de 1848**: "M. de Lamartine recueille avidement et raconte avec une prolixité complaisante tout ce qui peut fournir un chapitre de roman.", "Du poète historien", in **Revue des Deux Mondes**, t. VII, Août, 1854, pp. 807 a 831.

Cf. opinião de Eugène Fourcade em "L'Histoire et le Héros de la Révolution de Février", in **Revue des Deux Mondes**, t. III, 1^{er} Juillet, 1849, pp. 308 a 335. Veja-se em particular, pp. 315, 316 e 334. Cf. A opinião de Sainte-Beuve sobre outra obra pretensamente histórica **Histoire de la Restauration**, "Histoire de La Restauration par M. de Lamartine", in **Causeries du Lundi**, vol IV, Paris, Garnier Frères, 1925, pp. 389 a 408.

Curiosamente no entanto, já em 1856, II ano, n^o 285, 12 de Dezembro, **O Commercio do Porto**, na sua pág. 2, ao estabelecer o confronto entre o político e o historiador Adolphe Thiers e Alphonse de Lamartine, reconhece que "M. de Lamartine é, como historiador o que é como poeta, um inspirado e sublime improvisador."

(95) "As Meditações Poeticas de Lamartine", in **O Phosphoro**, Coimbra n^{os} 1 e 2, 1860, pp. 5 a 6 e 11 a 12, respectivamente.

(96) Antero de Quental - **Prosas**, vol. I, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1923, pp. 65-73.

(97) Cf. o que afirma Sainte-Beuve em **Causeries du Lundi**, t. IX, Paris, Garnier Frères, 1925: "Non ceux qui n'en ont pas été témoins ne sauraient s'imaginer l'impression, vrai, légitime, ineffaçable, que les contemporains ont reçu des premières Méditations (...)" - a propósito de um certo desdém manifestado por Paul Verlaine.

(98) "As Meditações Poeticas de Lamartine", in **O Phosphoro**, Coimbra, n^o 1, 1860, p. 5.

(99) Id., p. 6.

(100) Id., ibid.

(101) Cf. Gustave Planche - "Poètes et romanciers modernes de France. M. de Lamartine", in **Revue des Deux Mondes**, t. X, XXI année, juin, 1851, pp. 928-957. Planche explica o sucesso desta obra também pelo facto de ela ter ido ao encontro do sentimento que animava a geração da época.

(102) Cf. Opinião de Louis Loménie em "M. de Lamartine", in op. cit., p. 11: "(...) c'était votre pensée à vous, à nous, à tous. C'était la pensée du siècle jusque là cachée dans les profondeurs de l'âme qui venait enfin de trouver une langue, une forme (...)"

(103) "As Meditações Poeticas de Lamartine", in **O Phosphoro**, Coimbra, n^o 1, 1860, p. 6.

(104) Id., ibid.

(105) Id., p. 5.

(106) Id., p. 11, onde se lê: "Lamartine fez também uma completa revolução na poesia, revolução que já Chateaubriand tinha realizado na litteratura, e Bossuet tentado no século desesete."

(107) Id., p. 12.

(108) Id., ibid.

(109) Id., ibid.

(110) Id., ibid.

(111) Id., ibid.

(112) Id., ibid.

(113) Dever-se-ia ler felicidade. Trata-se certamente de um erro de impressão ou então fruto da distracção do autor.

(114) "As Meditações Poeticas de Lamartine", in O Phosphoro, Coimbra, nº 2, 1860, p. 12.

(115) Id., ibid.

(116) Em 1860 Lamartine funciona ainda para Antero como uma autoridade de primeira grandeza. Este facto manifesta-se, por exemplo, no artigo "Esboçetos biographicos" publicado em O Academico, Coimbra, nº 1, Março, 1860, pp. 25-26, texto cuja epígrafe é da autoria de Alphonse de Lamartine. Mas, correlativamente, ele é também trazido à colação no corpo do texto, ao ser citado para validar o estudo biográfico, e ainda quando se afirma a capacidade superior de Lamartine para produzir um tal trabalho, capacidade que o autor diz não possuir.

(117) "As Meditações Poeticas de Lamartine", in O Phosphoro, Coimbra, nº 2, 1860, p. 12.

(118) Id., ibid.. O sublinhado é nosso.

(119) A crítica francesa também regista este facto pondo em relevo, sobretudo, a sua enorme recorrência em obras posteriores. Veja-se artigo de Sainte-Beuve sobre "Jocelyn, par M. de Lamartine", in Revue des Deux Mondes, t. V, 4^e série, 1^{er} mai, 1836, pp. 609-611.

(120) "As Meditações Poeticas de Lamartine", in O Phosphoro, Coimbra, nº 2, 1860, p. 13.

(121) Id., p. 11.

(122) Id., p. 13.

(123) Alphonse de Lamartine - "Destinées de la poésie, in *Revue des Deux Mondes*, t. I, 3^e série, mars, 1834, pp. 682-693.

(124) "As Meditações Poéticas de Lamartine", in *O Phosphoro*, Coimbra, nº 2, 1860, p. 11.

(125) António Pedro Lopes de Mendonça - *Ensaio de Critica e Litteratura*, Lisboa, Tip. da Revolução de Setembro, 1849.

(126) Sobre este texto cf. Álvaro Manuel Machado em *Les Romantismes au Portugal, Modèles Étrangers et Orientations Nationales*, Paris, Fond. Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1986.

(127) António Pedro Lopes de Mendonça - *Memórias de Litteratura Contemporanea*, Lisboa, Tip. do Panorama, 1855.

(128) J.M. de Andrade Ferreira - *Litteratura, Musica e Bellas-Artes*, Lisboa, Tip. de Sousa Neves, 1871-1872.

(129) "Origem da civilização moderna e renascimento das letras", in *Cosmorama litterario*, nº 20, 16 de Maio, 1840, pp. 155-156.

(130) Id., p. 155.

(131) Luiz Augusto Palmeirim - "Ensaio Critico", in *O Panorama*, nº 2,3,4,5,7 de Jan. e Fev., 1856.

(132) Id., nº 2, 12 de Jan., 1856, p. 14.

(133) Não podemos deixar de aproximar as afirmações teóricas aqui produzidas com as de Francisco Freire de Carvalho na obra *Lições de Poetica Nacional*, 2^a ed., Lisboa, Tip. Rollandiana, 1851.

(134) Luiz Augusto Palmeirim - art. cit., p. 23.

(135) Id., nº 7, 16 de Fev., 1856., p. 53.

(136) Id., nº 4, 26 de Jan., 1856, p. 30. O epíteto "historiador pictoresco" deixa entrever ou pelo menos poderá suscitar a dúvida sobre o cunho verdadeiro e rigorosamente histórico destes seus escritos. O sublinhado é nosso.

(137) Uma das constantes do discurso crítico sobre Alphonse de Lamartine, consiste ou no paralelismo existente entre Hugo e Lamartine, ou no confronto revelador de diferenças. Veja-se o que é afirmado em *O Clamor Público*, nº 11, 11 de Out. 1856, p. 2: "Victor Hugo e Lamartine rivaes, mas ambos coroados, recuando em regiões destinadas, não escrevem poeticas, mas legislam regras para os poetas. Um lamenta outro fulmina. Um desce do ceu para a terra, e chora sobre as miserias de cá. Outro maldiz as iniquidades terrenas, e sobe em raptos de colera pedindo justiça aos ceos. São duas escolhas: são as duas religiões da arte; os dois dogmas triumphantes fora

dos quaes não há apostolado." Acentua-se por este processo o carácter modelar, o carácter de exemplum, situações que ambos partilham, mas acentua-se também os aspectos em que divergem.

(138) Luiz Augusto Palmeirim - art. cit., p. 51.

(139) Id., p. 53.

(140) O reconhecimento de que Lamartine faz parte do número de escritores consagrados leva Herculano a fazer afirmações do seguinte teor.: A Garrett "cumpria tomar na literatura pátria, o lugar que Scott, Byron e Crabbe, Goethe, e Schiller e Bürger, Lamartine e Soumet, tinham nas literaturas inglesa, alemã e francesa", in "Obras de J.B. D'Almeida Garrett", **Opusculos V**, Lisboa, Edit. Presença, 1986, p. 197. Este texto saiu n' O Panorama em 1839. Cf. "Carta a D. Pedro II, Imperador do Brasil, sobre a **A Confederação de Tamoyos**, por Gonçalves de Magalhães", datada de 1856, in op. cit., p. 214.

(141) "Imprensa Periodica Franceza", in O Panorama, nº 18, 2 de Maio, 1857.

(142) V.M. - "Frederico Mistral", in O Instituto, vol. IX, nº3, Maio, 1860, p.46.

(143) Germano Vieira de Meireles - "A poesia Moderna e o poema do Sr. Mendes Leal. Napoleão no Kremlin", in O Instituto, vol. XIII, nº 1, 11, 12, 1866.

(144) Indirectamente é-nos revelado o interesse e o acolhimento que esta publicação suscitou entre nós.

(145) V. M. - "Frederico Mistral", in O Instituto, vol. IX, nº 3, 1 de Maio, 1860, p. 46.

(146) Cf. "O grande escriptor, cujo talento lucha hoje com a infelicidade doméstica, fascinado pelos cantos de Mistral, queimou-lhe incenso de não mentida admiração. Gloria a elle que se vinga da ingratição da França", in id., p. 46.

(147) Um caso semelhante, embora menos acentuado, encontramos-lo em **A Assembleia Litteraria**, vol. I, nº5, 1849, p.33, entre Lamartine e Reboul.

(148) Veja-se sobre este assunto Ferreira de Brito - **Germano Meireles, Da Geração Coimbrã à Geração de 70**, Porto, Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, col. Texto e Contexto, 5, 1983.

(149) Cf. A este propósito o que o mesmo autor diz claramente já em 1864, no periódico penafidense **O Seculo XIX**: "As allegações da poesia de Lamartine descambavam em banalidade e pieguices choramingas (...)." Ainda em 1865, no mesmo jornal Germano Meireles insiste nesta tônica: "Estamos nisto desde 33, egoistas em verso e prosa (...). O que era segredo individual de

certas organizações poderosas e excepcionais como Byron e Goethe e Chateaubriand e Lamartine converteu-se em escola, e toda a gente sofria e gemia e cantavam com eles", in O Seculo XIX, 23 de Agosto, 1865. Cf. id., 26 de Agosto, 1865.

(150) Germano Vieira de Meireles - art. cit., nº 10, 1866, p. 230.

(151) Cf. Id., ibid.: "(...) França e Alemanha, as almas mater do lirismo moderno (...)."

(152) Id., ibid.

(153) Id., p. 231.

(154) Como vimos, Antero de Quental insistia já em 1860 neste facto.

(155) Germano Vieira de Meireles - art. cit., nº 10, 1866, p. 231.

(156) Id., ibid.

(157) Id., p. 232.

(158) Id., p. 230.

(159) Cf. Guerra Junqueiro - "Victor Hugo", in A Provincia, nº9, 3 de Junho, 1885, p. 1: "(...) Musset é o violino, Lamartine o órgão, mas Hugo é a orchestra."

(160) Germano Vieira de Meireles - art. cit., nº 10, 1866, p. 232.

(161) Refere "Isolement", "Désespoir", integradas na obra **Méditations Poétiques** e "Solemnia Verba" que deverá estar por "Novissima Verba", composição de **Harmonies Poétiques et Religieuses**. A semelhança de nomes tê-lo-á levado a confundir o texto "Novissima Verba" com o título de um opúsculo de Alexandre Herculano, publicado em 1850: **Solemnia Verba**.

(162) Em todo o texto aliás, as únicas obras destacadas são estas e ainda **Raphaël**, o que é feito por referências directas ou por indicação dos nomes das personagens pertencentes a essas obras; assim fala-se de Elvira que está ligada a **Méditations Poétiques** ou Julia, personagem de **Raphaël**.

(163) Germano Vieira de Meireles - art. cit., nº 10, 1866, p. 233.

(164) Id., nº 11, 1866, p. 257.

(165) Id., nº 10, 1866, p. 234.

(166) Id., nº 11, 1866, p. 260. O sublinhado é nosso.

(167) Também no que diz respeito a Victor Hugo, Meireles dá continuidade às convicções já veiculadas em **O Seculo XIX**. Cf. nº de 30 de

Agosto, 1865.

(168) Cf. Sobre este assunto Maria Manuela Gouveia Delille - **A Recepção Literária de H. Heine no Romantismo Português (de 1844-1871)**, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, col. Temas Portugueses, 1984.

(169) Germano Vieira de Meireles - art. cit., nº 11, 1866, p. 259.

(170) Id., p. 260.

(171) Terminologia adoptada por Álvaro Manuel Machado, in op. cit., p. 17.

(172) Em 1854 em **O Panorama**, vol. XI, 3º da 3ª série, nº 8, de 25 Fev., L. A. Rebello da Silva, no seu artigo sobre Mendes Leal, iguala este escritor português a Victor Hugo, mas também o iguala a Lamartine.

(173) Germano Vieira de Meireles - art. cit., nº 10, 1866, p. 232.

(174) Jacinto do Prado Coelho - **Dicionário de Literatura. Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Galega. Estilística Literária**, 3ª ed., Porto, Figueirinhas, 1987, vol. II, p. 632.

Já Antero em 1880, num artigo saído n' **O Operário**, Porto, 2º ano, nº 1, 30 de Maio e intitulado "Lopes de Mendonça", afirmou: "O seu ideal político e social eleva o crítico muito acima do ponto de vista convencional e puramente litterario, faz-lhe comprehender o valor e alcance social da poesia e da arte, e a sua real e effectiva importancia historica. N'este sentido, pôde dizer-se que Lopes de Mendonça foi não só o precursor, mas o mestre da moderna crítica litteraria em Portugal." p. 304 (Este texto aparece posteriormente publicado nas **Prosas**, vol. II, Coimbra, Imprensa da Universidade, pp. 299-305). Veja-se ainda Fidelino de Figueiredo. - op. cit., p. 124.

(175) Diz ainda Lopes de Mendonça, no texto relativo a **O Trovador** que se encontra em **Memorias de Litteratura Contemporanea**, Lisboa, Tip. d' **O Panorama**, 1855, pp. 43-44.: "Não liamos juntos Chateaubriand, e Byron, Lamartine e Victor Hugo, não nos banhavamos, com fervor supersticioso, n'essas origens da poesia moderna?".

(176) António Pedro Lopes de Mendonça - **Ensaio de Critica e Litteratura**, p. 53.

(177) Id., p. 54.

(178) Id., p. 93. Veja-se o que se afirma, e que vai no mesmo sentido, a propósito de Luiz Corrêa Caldeira, em **Memorias de Litteratura Contemporanea**, p. 262.

(179) António Pedro Lopes de Mendonça - **Memorias de Litteratura Contemporanea**, p. 108. Ernesto Biester em **Uma Viagem pela Litteratura Contemporanea**, Lisboa, Tip. do Panorama, 1856, cap. III, p. 20, afirma que

Jocelyn não seria vencida por **Eurico, o Presbítero**, se competisse com ela.

(180) Vitorino Nemésio - "Lamartine", in Relações Francesas do Romantismo Português, Coimbra, Coimbra Editora, 1936, p.71.

(181) Id., p. 66.

(182) Id., p. 71.

(183) Muito embora ela seja partilhada com outros autores.

(184) Antônio Pedro Lopes de Mendonça - **Ensaio de Critica e Litteratura**, p. 105.

(185) Cf. **Victor Hugo e Portugal**, Actas do Colóquio, op. cit., na generalidade e, em particular, as "Conclusões", pp. 369-371.

(186) O texto encontra-se datado de Março a Junho de 1848.

(187) Antônio Pedro Lopes de Mendonça - **Ensaio de Critica e Litteratura**, p. 261.

(188) Id., p. 276.

(189) Id., p. 285.

(190) Id., p. 296.

(191) Id., p. 299.

(192) Cf. Id., pp. 86-89.

(193) Antônio Pedro Lopes de Mendonça - **Memorias de Litteratura Contemporanea**, p. IX.

(194) Ele será também padrão de referência em termos de acção política; assim, nesta mesma obra estabelece-se um confronto, a este nível, entre João de Lemos e Chateaubriand, Lamartine e Victor Hugo. Cf. p. 214 da obra citada, no capítulo intitulado "João de Lemos Seixas Castello Branco."

(195) Antônio Pedro Lopes de Mendonça - **Memorias de Litteratura Contemporanea**, p. 5.

(196) Id., p. 4.

(197) Cf. Sobre este assunto Álvaro Manuel Machado - op. cit., p. 289: "Il s'agit en fait d'un modèle à suivre, à la fois comme écrivain et comme figure de son époque."

No que diz respeito ao primeiro aspecto, L. de Mendonça afirma, num comentário ao texto de 1849, que Lamartine foi objecto de "objecto de veneração litteraria" para a geração nova, a de 1839. Cf. Antônio Pedro

Lopes de Mendonça - **Memórias de Litteratura Contemporanea**, p. 236.

(198) Antônio Pedro Lopes de Mendonça - Id., p. 6.

(199) Id., p. 25.

(200) Id., Ibid., p. 25. O sublinhado é nosso.

(201) Como diz Álvaro Manuel Machado na obra já citada, p. 290: "(...) Lamartine est pour Lopes de Mendonça un modèle théorique à double sens: si d'un côté il est un génie de son temps, d'autre part, il représente un temps malheureusement révolu (...)."

(202) J.M. de Andrade Ferreura - "Antonio Feliciano de Castilho", in op. cit., p. 21. Este texto é datado de Setembro, 1860.

(203) Id., p. 23.

(204) J.M. de Andrade Ferreira - "Luiz Augusto Rebello da Silva", in op. cit., p. 61. Cabe a Andrade Ferreira o monopólio da crítica ao industrialismo literário de Lamartine, de que o **Cours** é exemplo (Cf. "O Curso Superior de Letras, p. 36).

(205) Alberto Ferreira e M^a José Marinho - "Introdução Pedagógica à Questão Coimbrã", in Antologia de textos da "Questão Coimbrã", Lisboa, Moraes Editores, 1980, p. 46.

(206) O próprio Antero o faz. Cf. **Bom senso e bom gosto**, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1865, p. 14, **A Dignidade das Letras e as Litteraturas Officiaes**, Lisboa, Tip. Universal, 1865, pp. 7, 31, 33 e 42.

(207) Teófilo Braga - **As Theocracias Litterarias. Relance sobre o estado actual da Litteratura Portuguesa**, Lisboa, Tip. Universal, 1865, p. 11.

(208) M. Pinheiro Chagas - **A proposito da carta que o senhor Anthero do Quental dirigiu ao senhor Ant. Fel. de Castilho**, Lisboa, Imp. de J.G. de Sousa Neves, 1865, p. 8.

(209) Antônio Feliciano de Castilho - **Carta do sr. Antônio Feliciano de Castilho**, Lisboa, Liv. Antônio Maria Pereira, 1866, pp. 13, 14.

(210) Júlio de Castilho - **O Senhor Antônio Feliciano de Castilho e o Senhor Anthero do Quental**, Lisboa, Imp. J. G. de Sousa Neves, 1865, pp. 10, 13, 22.

(211) Id., p. 22.

(212) Id., p. 15.

(213) Camilo Castelo Branco - **Vaidades irritadas e irritantes**, Porto, Viuva Moré, 1866, p. 33.

(214) Cf. Pierre Hourcade - "O Folhetim d'A Revolução de Setembro na época da "Questão Coimbrã" (1863-1867)". In Temas de Literatura Portuguesa, Lisboa, Moraes Ed., 1978, p. 42.

(215) Antero de Quental - **A dignidade das Letras e as Litteraturas Officiaes**, Lisboa, Tip. Universal, 1865, p. 38.

(216) Ramalho Ortigão - **Litteratura d'Hoje**, Porto, Tip. do Jornal do Porto, 1866, p. 44.

(217) Não podemos deixar de assinalar um texto da responsabilidade de Ermita do Chiado, no qual ao falar de Alexandre Herculano se afirma que "muita gente recebe injustamente como reminiscencia de Jocelyn", **Eurico, o Presbítero**, in **Garrett, Castilho, Herculano e a Escola Coimbrã ou Dissertação acerca da Genealogia da Moderna Escola, Contendo um Esboço Rápido e Pittoresco da Litteratura Contemporanea**, Lisboa, Imp. J.G. de Sousa Neves.

Cf. Sobre este assunto Pierre Hourcade - op. cit., p. 26.

CAPÍTULO II
NA MORTE DE LAMARTINE

"A Lamartine - saudade eterna e admiração" (1).

José Palmela

1. A morte de Alphonse de Lamartine, em 28 de Fevereiro de 1869, é ocasião para a multiplicação, embora moderada, de notícias sobre o poeta e o homem político. Como se distingue porém o noticiar deste acontecimento daquele que em 1885 Victor Hugo provoca! A razão de tal diferença residirá por certo no estatuto singular de cada um, à data em que falecem. Em 1869, Lamartine já não é um modelo para os poetas portugueses das novas gerações, uma presença actuante, mas alguém que merece simplesmente uma lembrança elogiosa. Ora, em 1885, com a morte de Victor Hugo, assiste-se ao registo por escrito do culto que em Portugal lhe foi prestado, particularmente após 1860, com relevo para Guerra Junqueiro.

É na situação de simples memória de uma personalidade que no seu tempo se destacou em domínios vários, que Lamartine surge na imprensa portuguesa, nos dias imediatamente posteriores à sua morte, não tendo, em

alguns casos, honras de primeira página. O diário lisboeta **A Revolução de Setembro** é o periódico que mais cedo noticia a ocorrência (2). Assim, em 4 de Março de 1869 (3) é uma notícia breve a que encontramos na segunda página e que nos informa sobre o falecimento dum "grande poeta francez", "o rival de Victor Hugo", que pela poesia que nos deixou, pode ser designado por "mavioso cysne" (4), aspectos sobre os quais outros autores insistirão. Neste texto, as obras relevadas são apenas **Harmonies Poétiques et Religieuses** e **Jocelyn**, e a imagem da poesia lamartiniana que se possui, é a duma poesia sentimental, melancólica (é uma "harpa de tristuras" (5)), religiosa que provoca no leitor a comoção. Toda a produção em prosa é esquecida, assim como também se omite o papel político de Lamartine. Contudo, a fase final da sua vida, caracterizada por um abatimento moral e físico, é referida no texto. Em 5 de Março, porém, é já uma notícia extensa que relembra várias etapas da vida de Lamartine, "o primeiro dos poetas, depois de V. Hugo", a que este periódico apresenta ao leitor (6). Salienta-se, neste artigo, a condição de poeta como o selo que marcou, indelévelmente, todas as suas actividades. A 14 de Março (7), encontramos o registo duma homenagem prestada em Madrid, facto que corresponderá não só a uma necessidade de dar a conhecer tudo o que diz respeito ao escritor, mas também responder a uma função jornalística: informar acerca do que ocorre em Portugal e no Estrangeiro.

Um aspecto específico que rodeia o aparecimento da notícia da morte de Lamartine nos jornais portugueses é a partilha do espaço gráfico com outro acontecimento coincidente, a morte de Troplong, presidente do senado francês, muito embora o destaque vá para o poeta. É o que acontece na **Correspondência de Portugal** (8), em **O Primeiro de Janeiro**, **O Commercio do Porto** ou no **Jornal do Porto**. Estes periódicos alongam-se nos seus artigos, procedendo ou a uma síntese da vida do escritor francês ou dando conta de

eventos despoletados pelo desaparecimento de Lamartine. Todavia, a extensão dos textos não vai além da ocupação de duas colunas sem que muitas vezes haja uma escolha de caracteres gráficos que chamem a atenção para tal notícia e sendo os artigos remetidos para páginas interiores do jornal (9) (veja-se o Quadro I, anexo).

O jornal portuense **O Primeiro de Janeiro** anuncia, em 1^a página a 5 de Março, sob a rubrica "Revista Estrangeira" (10), numa pequena notícia, o falecimento dos dois vultos da vida francesa. Relativamente a Alphonse de Lamartine, as composições e obras postas em relevo são "Elvire", **Jocelyn** e todas as **Méditations**. A 10 de Março (11) sai uma biografia do poeta mas transcrita duma correspondência de Marselha. Não nos sendo dado a conhecer o motivo da inserção de tal texto, o facto é que a escolha recai sobre um artigo que veicula, claramente, uma imagem negativa do autor de **Méditations**, na medida em que a sua actividade poética e a sua acção política são vistas sob o ângulo da volubilidade de carácter que Lamartine terá possuído e que terá causado uma "existencia agitada e trabalhosa" (12). Essa inconstância é indicada como sendo a responsável pela "fé alterada" (13) aquando da viagem à Terra Santa e que se manifesta em **Voyage en Orient**, **Jocelyn** e **La Chute d'un Ange**, colocadas no Index de Roma, fazendo-se acompanhar a censura de uma admiração velada (14). É curioso ainda verificar que o texto que se dá ao público fala do "amante poético de Elvira" (15) como possuindo uma sensibilidade, sobretudo superficial, o que faz com que a harmonia presente na sua poesia sobressaia, em detrimento de "uma alma dorida e melancolica" (16), resultando daí uma inverosimilhança, facilmente perceptível. O mesmo factor, assim como a sua "vivacidade de poeta" (17), contribuem para as viragens que efectuará na sua evolução política e para os desaires da própria França. Reparemos na imagem denegrida de Lamartine quando se qualifica o papel por ele desempenhado na Revolução de 1848 com sendo o

Q U A D R O I

DIA	4		5		6		7		9		10		11		14		28		
	Pág.	Col.	Pág.	Col.	Pág.	Col.	Pág.	Col.	Pág.	Col.	Pág.	Col.	Pág.	Col.	Pág.	Col.	Pág.	Col.	
A Revolução de Setembro	2	2	1	1,2												2	2		
O Primeiro de Janeiro			1	4							1	3,4,5*							
O Commercio do Porto			2	4,5					2	4	1	1							
O Jornal do Porto					1	3,4	1,2	2				2	5					3	2
O Campeão das Provincias (Bissemánario)					4	1						3	4,5						

* Estendendo-se a notícia por três colunas, essa extensão é aparente já que, efectivamente, a ocupação corresponde a duas colunas.

fruto do seu constante "desinteresse" (18)! Chega-se mesmo ao ponto de afirmar que os seus "desvios de imaginação" (19) provocaram o choro e puseram em causa a saúde de Mme de Lamartine.

Finalmente, não podemos deixar de assinalar uma ocorrência bastante próxima da registada no texto de autor desconhecido, datado de 1860: "Escreveu então as suas primeiras **Meditações poeticas**, cujo êxito foi igual ao que obteve pelo **Genio do Christianismo** e collocou-o à frente dos poetas francezes como Chateaubriand se collocou à frente dos prosadores" (20). Mais uma vez, imputa-se, inadvertidamente ou não, a autoria da obra de Chateaubriand a Lamartine; neste caso, tal facto poder-se-ia explicar por um erro de tradução, mas tal hipótese só poderia ser verificada se tivéssemos acesso ao texto original.

O Commercio do Porto estende os seus artigos ao longo de três dias, 5, 9 e 10 de Março. Ora, o primeiro artigo publicado na página dois (21) possui um carácter eminentemente biográfico. O que torna singular este texto, de entre todos aqueles que surgem na imprensa diária, logo após a morte de Alphonse de Lamartine, é a presença de múltiplas similitudes com o texto de 1860, **Lamartine, Illustre poeta francez**. Na verdade, e como podemos verificar pelos quadros que se seguem, essas similitudes estão patenteadas numa organização de escrita que se caracteriza, relativamente ao texto de 1860, por uma ordenação semelhante dos acontecimentos relatados e em construções frásticas bastante próximas.

Se analisarmos com atenção o Quadro II constatamos desde logo uma tendência para a exaustividade, para o pormenor e até o pendor narrativo que distancia o texto aparecido cronologicamente em primeiro lugar do artigo de 1869 que se singulariza pela síntese, com um cunho acentuadamente informativo. Esta diferença poderá residir no carácter próprio e no espaço particular em que cada um destes escritos se apresenta ao leitor; com

QUADRO II: Relato dos Acontecimentos

Texto de 1860

Texto de 1869

	Morte de Lamartine
Nascimento em Mâcon a 21 Out. 1790.	Nascimento em Mâcon a 21 de Out. 1790.
Detalhes sobre a genealogia de Lamartine e sobre a infância e educação recebida, com apoio na obra Confidenc<u>es</u> .	
Educação em Paris e Lyon.	Educação em Paris e Lyon.
Viagens a Itália e episódio amoroso com Graziella.	Duas viagens a Itália.
Regresso, em 1814 a França.	Regresso em 1814, a França.
Entra ao serviço do rei.	Entra ao serviço do rei.
Quatro anos de viagens.	Quatro anos de viagens.
Publicação de Méditations (1820), registando sucesso.	Estreia poética de Méditations (dificuldade na edição e grande entusiasmo no seu acolhimento).
Publicação do Génie du Christianisme (45000 exempl.).	
Entrada na diplomacia.	Este sucesso abre-lhe a carreira diplomática.
Adido à legação de Florença.	Adido à legação de Nápoles.
Casamento.	Casamento.
Secretário em Londres.	Secretário em Nápoles e em Londres.
Encarregado de negócios na Toscana.	Encarregado de negócios na Toscana.
Fortuna considerável (pelo casamento e pelas obras); esplendor e existência aristocrática, mas sem esquecer a poesia.	Fortuna (pelo casamento e pelas obras); existência esplendorosa, mas sem esquecer a poesia.
1823: Nouvelles Méditations Poétiques (menor sucesso; relevo para algumas composições).	1823: Nouvelles Méditations Poétiques .
Destaca La Mort de Socrate e Le Dernier Chant de Child Harold .	La Mort de Socrate . Le Dernier Chant de Child Harold (de que se apresenta um excerto).
	Referência ao duelo com o Coronel Pepe, provocado por esta composição.
1825: Le Chant du Sacre . Cavaleiro da Legião de Honra.	1825: Le Chant du Sacre . Nomeado Cavaleiro da Legião de Honra.

1828: **Harmonies Poétiques et Religieuses.**

Regresso a França.

Eleito Membro da Academia Francesa.

1830: Revolução

É nomeado Ministro plenipotenciário da Grécia.

1830: Revolução. Tinha sido nomeado ministro plenipotenciário da Grécia. A monarquia de Julho quer confirmá-lo neste posto mas Lamartine recusa.

1832: - Embarque em Marselha para uma viagem ao Oriente com a esposa e filha. Realce para o fausto que rodeou a preparação e o decorrer da viagem.

- Morte de sua filha Julia, em Beirute.

- O fruto da viagem resulta em **Viagem ao Oriente** (1835) obra que trata de temas vários.

Candidato a deputado por duas vezes; é derrotado o que o leva a empreender a viagem ao Oriente (gasta grandes somas). O fruto desta situação é **Viagem no Oriente** (4 vols. in 8^o), que apresenta temas vários (1835).

Durante a sua ausência é eleito deputado por Dunquerque.

Independência partidária aquando da sua entrada na Câmara.

Durante a sua ausência é eleito deputado por Dunquerque.

1834: Discursos sobre assuntos estranhos à política (caridade, amor, etc.).

1834: Discursos sobre assuntos estranhos à política (tolerância, etc.).

1835: **Jocelyn** (detalhes sobre as suas características e qualidades).

Grande impacto no meio literário.

1835: Eleito sempre pela sua cidade natal, Mâcon.

1835: **Jocelyn.**

1838: **La Chute d'un Ange** (mau acolhimento).

1839: **Recueils Poétiques** (último ensaio da poesia íntima; refere-se à afirmação contida no prefácio de que a poesia é vassala da política).

Referência a questões que marcaram os seus discursos na câmara (questão do Oriente, pena de morte, leis de assistência social).

1837-1839: Questão do Oriente, adversário infeliz de Thiers e de Guizot.

Conservador progressista, caracteriza-se pela independência relativamente ao ministério e à oposição.

1837: forma o partido social.

Eloquência no debate sobre a fortificação de Paris.

1844: recusa a pasta oferecida por Luís Filipe.

1844: Recusa a pasta oferecida por Luís Filipe.

Associa-se à oposição.

Contra a política de Guizot, Lamartine provoca a "revolta do desprezo".

1846: **Histoire des Girondins** (sentimentos republicanos; indulgência para com os motores da revolução de 1793).

Histoire des Girondins (sentimentos republicanos).

1848: - Queda da monarquia. Popularidade de Lamartine à testa da revolução (estima do povo, admiração como poeta e como político).

1848: - Queda da monarquia; Lamartine colhe o fruto dos seus trabalhos.

- Lamartine: papel moderador e pacificador.

- Reunião da câmara em presença da Duquesa de Orleans e de seu filho, ele pede a instituição do governo provisório.

- Recusa da bandeira vermelha; esforços para impedir a proclamação da república.

- Papel de mediador, grande popularidade.

- Manifesto às potências estrangeiras que desprezam o tratado de 1815.

- Lamartine é a esperança da burguesia.

- Lamartine é a esperança da burguesia.

- Papel pacificador.

Eleito por 12 departamentos na constituinte.

Eleito deputado por grande número de círculos.

Opção pelo departamento do Sena (cabeça de lista).

Na reunião da assembleia de Maio: verdadeiro triunfo de Lamartine, renovado 4 dias consecutivos.

4 de Maio: aparição de Lamartine foi triunfo renovado 4 dias consecutivos.

União com Ledru-Rollin leva-o a ser o 4^o dos cinco eleitos para a comissão executiva.

Derrubado do poder pelo movimento de Junho.

Lamartine alerta para o perigo que será Luís Napoleão.

Golpe de estado de 2 de Dez.; fim da vida pública.

Golpe de estado de 2 de Dez. restitui-o à vida privada, e à literatura francesa que enriquecerá até 1860.

Dedica-se à vida privada e literária.

Ruína e dívidas levam-no a trabalhos forçados literários.

Multiplicação de obras que redundam na imortalidade do seu autor.

Poesia lírica de Lamartine é um gênero novo.

Enumeração de obras posteriores a **Histoire des Girondins**.

Refere que as suas obras foram traduzidas em países vários.

efeito, o texto de 1860 constitui-se como um folheto e o segundo artigo está vocacionado para um espaço jornalístico e, neste caso, circunstancial (assinalar a morte do poeta francês).

No entanto, a feição sintética do último texto é visível nos múltiplos eventos desprezados não o impede de fornecer dados omitidos por aquele. Toma-se como exemplo o duelo com o coronel Pepe, aqui relatado. É de igual modo interessante verificar que à parte algumas excepções, não se repõe a verdade, relativa a imprecisões por nós já salientadas e que se encontram em **Lamartine, Illustre poeta francez**: a indicação de que teria sido secretário da embaixada em Londres ou a nomeação para ministro plenipotenciário da Grécia, embora a relação de causa-efeito que terá condicionado este processo não seja coincidente. Todavia, no que diz respeito ao local de nascimento ele é agora correctamente indicado (informa-se que ocorreu em Mâcon); também em **O Commercio do Porto**, um dado biográfico ligado à carreira diplomática de Lamartine não é deturpado: o facto de inicialmente ter estado como adido à legação de Nápoles. Por fim, outra excepção verificada é a indicação de que foi em 1834 e não em 1844 (22) que Alphonse de Lamartine começou a discursar e a fazer-se notado como orador. Uma imprecisão se regista no artigo de 1869, quando se afirma que o poeta foi, sucessivamente, secretário em Nápoles e Londres; querer-se-ia dizer Florença e não Londres (23).

Outro aspecto que ressalta do confronto patente no Quadro II reside na omissão no texto de 1869, de dados relativos às diferentes obras de Alphonse de Lamartine, sejam elas de cariz ensaístico, literário ou outro, em favor de acontecimentos da vida política do escritor, atingindo-se uma maior profundidade na análise dos factos ocorridos por ocasião ou na sequência da Revolução de Fevereiro. É significativo que o responsável pelo artigo assinale a consciência que Lamartine possuía de que Luíz Napoleão era

um perigo potencial, valorizando deste modo a sua valia política. Ora, o texto de 1860 apresentava-se largamente lacunar em relação ao fim da vida política do poeta, encontrando-se conseqüentemente, a sua actividade como escritor posta em relevo.

Por último, outro elemento que nos faz crer na existência de uma relação de parentesco entre os dois textos (ambos anónimos) é o facto do texto mais recente se deter abruptamente em 1860, data da publicação do primeiro: "O golpe de Estado de 2 de Dezembro restituiu-o à vida privada e à litteratura franceza, a qual continuou a enriquecer até 1860" (24). Evidentemente que esta frase conclusiva poder-se-á explicar por um desconhecimento de obras publicadas posteriormente, como **Fior d'Aliza** ou **Antoniella**, ou por uma opinião que não valoriza essas mesmas obras, considerando-a de somenos importância.

Passando agora ao Quadro III, constatamos que ele dá conta dos pontos de contacto em termos de escrita e fornece pistas válidas que apontam para a origem e constituição do texto. Do confronto dos segmentos frásticos coligidos, podemos-nos aperceber de enormes semelhanças em termos de estruturação da frase, escolha de vocábulos, situando-se as variações na supressão, acrescento ou mudança da ordem das palavras (ex. "artística e litteraria" vs. "litteraria e artistica"). Outros factores há que podem apontar para um texto de base, comum aos dois escritos em causa: a presença de ligeiras variações, possivelmente provocadas por diferentes traduções desse texto. É o que se passa, por exemplo, com a referência à obra publicada em 1835, pois no texto de 1860 a obra intitula-se **Viagem no Oriente** enquanto no artigo de **O Commercio do Porto** encontramos **Viagem ao Oriente** (repare-se na escolha diversa da preposição contraída); ou ainda com a ocorrência de palavras sinónimas no mesmo segmento frástico: "sobretudo a burguezia via n'elle" (texto de 1860) vs. "a burguezia especialmente

QUADRO III: Similitudes Discursivas

Texto de 1860

Texto de 1869

"Illustre poeta francez"

"Depois de quattro anos de prazeres e de viagens, M. de Lamartine publicou um volume de poesias intitulas, **Meditações Poeticas**, no anno de 1820."

"(...) foi como addido à legação de Florença, ahi casou M. de Lamartine com uma jovem e rica ingleza que ahi tinha recebido uma brilhante educação artistica e litteraria. Depois foi successivamente secretario em Napoles, e em Londres, em seguida encarregado de negocios na Toscana.

Com uma fortuna consideravel, proveniente do seu casamento e do produto das suas obras, M. de Lamartine gosava de todos os esplendores da existencia aristocratica conforme seus gostos; mas entre tantos e tão variados prazeres, M. de Lamartine nunca esqueceu a poesia."

"Em 1825 escreveu **O Canto da Sagração** sendo n'esta ocasião feito cavalleiro da Legião de Honra."

"Esta viagem deu-lhe assumpto à **Viagem no Oriente, recordações, impressões, pensamentos e paisagens**, impresso em 1835, obra esplendida, contendo ahi de tudo, religião, historia, philosophia, politica, poesia e sobretudo basquejos novos e cheios de grandeza."

Durante a sua ausencia, M. de Lamartine foi eleito deputado por Dunkerque; mas não tomou lugar na camara em nenhum dos partidos em que ella estava dividida, e quando elle appareceu na tribuna, desde os primeiros dias do anno de 1844, não fallava senão em cousas superiores ou estranhas à política, tal como de justiça, moral e caridade.

"Illustre ornamento das lettras francezas".

"Depois de 4 annos gastos em prazeres e viagens fez a sua estreia poetica publicando um volume com o título de "**Meditações Poeticas**" (...)."

"Adido à legação de Napoles, Lamartine casa n'esta cidade com uma jovem inglesa que tinha recebido uma brilhante educação litteraria e artistica, e que tinha uma verdadeira admiração pelo poeta. Foi depois successivamente secretario de embaixada em Napoles e em Londres, e mais tarde, encarregado de negócios na Toscana. A considerável fortuna proveniente do seu casamento e do produto das suas obras permittia-lhe gosar todos os esplendores da vida aristocratica, de que tanto gostava, mas não lhe fazia esquecer a poesia."

"Em 1825, depois da publicação do "**Canto da Sagração**" foi nomeado cavalleiro da Legião de Honra."

"De todas as suas fadigas e despezas tirou ao menos o fructo de um bello livro: "**Viagem ao Oriente, recordações, impressões, pensamentos e paisagens**" (1835, 4 vol. in 8); obra que trata por assim dizer de tudo, religião, historia, philosophia, politica, poesia.

Durante a sua ausencia foi eleito deputado, e quando em 1834 tomou assento na camara não soube fallar senão de justiça, de moral, de tolerancia, de caridade."

O poeta, o philosopho e o christão que se traíam nos seus ensaios oratorios, revelam-se por inteiro no anno seguinte, no grande e bello poema de Jocelyn, que apparece em 1835, sob a forma d'um jornal achado (...)."

"A popularidade de M. de Lamartine foi immensa; sobretudo a burguesia via n'elle a sua única muralha contra a anarchia e a tyrannia dos partidos e dos systemas; com a sua palavra accalmava os furores das multidões."

"(...) e teve durante alguns mezes immensa popularidade; a burguesia especialmente considerava-o como a sua unica e ultima trincheira contra a anarchia ou a tyrannia dos partidos e dos systemas, e as suas palavras que pacificavam as multidões em Paris, accalmavam as inquietações da França inteira."

"Na reunião da Assembleia de maio, a sua apparição foi um verdadeiro triumpho que se renovou quatro dias seguidos."

"Na abertura da assembleia nacional, em 4 de Maio, a sua apparição foi um verdadeiro triumpho que se renovou durante os quatro dias seguintes."

"O golpe de estado de 2 de Dezembro o fez largar a vida publica e dedicar-se de todo á vida privada e litteraria."

"O golpe de estado de 2 de Dezembro restituiu-o á vida privada e á litteratura francesa, a qual continua a enriquecer até 1860."

considerava-o" (texto de 1869); "com a sua palavra acalmava (1869) vs. "as suas palavras que pacificavam" (1869). Este confronto permite-nos então constatar que a existência de variantes não pressupõe uma alteração de sentido no texto de **O Comercio do Porto**.

Assim, várias hipóteses poderão ser colocadas relativamente às relações de parentesco entre estes dois textos. Poder-se-á tratar de uma mesma autoria e, neste caso, o texto de 1869 constituir-se-ia como uma reescrita do texto primeiro adaptado a um novo espaço gráfico, revelando, simultaneamente, uma alteração de perspectiva no que diz respeito ao papel de Lamartine no século XIX. Em 1869 Lamartine já não funciona como modelo literário o que permitiria compreender a valorização que é feita da sua vida política.

Outra hipótese a colocar será a da autoria diversa dos dois textos, tomando o autor do artigo do jornal portuense como texto base, o escrito de 1860, suprimindo ou acrescentando elementos de acordo com directrizes pessoais. No entanto, a hipótese que nos parece mais provável, de acordo com as semelhanças e diferenças por nós relevadas, será a da responsabilidade diversa pela elaboração dos dois textos, mas tendo como apoio uma fonte comum, possivelmente de origem francesa (cf. as variantes que poderão ter repousado num processo de tradução). A verificar-se tal suposição as diferenças resultariam de um recorte pessoal feito a partir de um texto primeiro, privilegiando-se determinados factos em detrimento de outros. É contudo significativo que em qualquer um dos três casos o fenómeno que se regista é sempre o de ser eco de algo, fenómeno que como já vimos, relativamente ao primeiro ponto, parece ser uma constante da recepção de Lamartine em Portugal que também ela reside desde logo num eco.

A origem dos artigos saídos no diário portuense a 9 e 10 de Março não é minimamente problemática, pois a sua proveniência é indicada no corpo do

texto. "Funeraes de Lamartine" (25) que aparece sob a rubrica "Noticias" é um artigo retirado do **Journal des Débats** do dia 4 de Março e faz a narrativa detalhada do funeral do poeta, dando a conhecer as suas disposições testamentárias relativamente ao pagamento a expensas do Estado das suas exéquias, situação que recusava, e ao desejo de ser enterrado em Saint-Point.

"Correspondencia Estrangeira" (rubrica de primeira página) apresenta o texto do correspondente particular deste diário, Benedict Henry Revoil (26) que consiste num comentário suscitado por este evento. O Lamartine que daí ressalta é aquele que pertenceu a uma "grande geração d'homens de Estado, de artistas, de oradores e de poetas", "uma das nossas mais esplendidas glorias", um "espírito que foi uma das luzes do nosso seculo" e também o "autor de "Meditações" (27). **Méditations Poétiques** é na verdade a obra emblemática que singulariza o poeta. Todavia, o que sobressai neste artigo é o tom saudosista que ele manifesta: "Lá se vão os deuses!" (28). E mais adiante o desencanto acentua-se quando diz a propósito de Lamartine: "(...) se há lamentações a formular, lamentemos os contemporaneos, cuja raça se amesquinha de dia para dia e já não produz senão ridiculos 'spleenaticos'" (29).

Apesar do carácter elogioso do texto, o seu autor não deixa de referir a decrepitude dos últimos tempos (30) de vida do poeta e os erros por ele cometidos, relacionados com as dificuldades financeiras suportadas.

De todos os diários por nós seleccionados, o **Jornal do Porto** é aquele que durante um maior número de dias ocupa as suas páginas com notícias referentes a Alphonse de Lamartine (6, 7, 10, 11 e 28 de Março). Para isso, recorre a jornais franceses (**France** e **Universal** são os únicos a serem identificados), para elaborar as suas notícias. Assim, na "Revista Estrangeira" (31), as mortes de Troplong e Lamartine ocupam uma parte do

espaço reservado a esta rubrica de primeira página. Curioso e significativo do apreço votado a Alphonse de Lamartine é o único comentário que o texto citado do jornal **France** suscita, valorizando-se ao mesmo tempo Antônio Feliciano de Castilho: "Assim discorre **France**; mas, por mais que elle refine o estylo, não presta a Lamartine uma homenagem tão eloquente como a que foi prestada por um dos nossos maiores escriptores contemporaneos ao ennottecer d'outro engenho [Padre Manuel Bernardes]" (32). A morte de Lamartine é ocasião para aproximar este escritor francês do Padre Manuel Bernardes pelo envelhecimento mental que ambos sofreram no fim da vida; aproveita-se ainda este ensejo para citar o texto de Castilho. Finaliza-se a informação sobre esta ocorrência com uma eloquente conclusão: "Depois d'essa pagina verdadeiramente portugueza, não nos resta agora vontade para prosseguir na leitura da **France**" (33). Paralelamente a um aproveitamento de elementos franceses que não se desprezam, leva-se a cabo uma valorização das coisas portuguesas. Impossibilidade de demarcação e desejo de independência é afinal o conflito sempre latente na relação de Portugal com o Estrangeiro.

O dia 7 de Março (34) apenas regista o que aconteceu na sessão da câmara francesa aquando do falecimento de Troplong e Lamartine, altura em que Eugène Pelletan se levantou para dizer que não se podia deixar de prestar homenagem àquele que tinha sido presidente do governo provisório da República. Refere ainda algumas anedotas que circularam nos corredores da câmara. Porém, na segunda página, outro artigo sobre Alphonse de Lamartine aparece, pela necessidade que se experimenta de contribuir de alguma maneira numa manifestação de pesar, do mesmo modo que o fazem periódicos franceses. E é de novo esta a fonte para realizar uma tarefa que se crê merecida: "Aproximemo-nos também nós, respeitosos, das preciosas reliquias do homem venerando e indaguemos como foi o seu passamento. E sejam-nos guias os que de mais perto viram extinguir-se tão amavel e esplendida luz" (35). Neste

artigo, o elogio e o respeito que nele perpassam resultam grandemente dos epítetos conferidos a Lamartine: "insigne escriptor francez", "homem venerando", "escritor eminente", "illustre poeta", "homem de genio", "homem de bem" (36), epítetos que não são reveladores de um destaque privilegiado mas simplesmente o reflexo da admiração sentida.

É importante, no entanto, notar a indicação de que a acção política de Lamartine muitas vezes criou ressentimentos que agora se esquecem, na medida em que este aspecto é uma pedra de toque, na crítica contemporânea e posterior a Lamartine. A dificuldade em perdoar-lhe, justa ou injustamente, o modo como conduziu a Revolução de 1848 (e ele não foi o único interveniente) e, conseqüentemente, os acontecimentos daí advindos, originou múltiplas censuras por parte dos seus contemporâneos.

Ainda no **Jornal do Porto** se registam nos dias 10, 11 e 28 (37) notícias relativas à morte de Lamartine, respectivamente a proposta em França, de uma subscrição destinada a erigir um monumento ao poeta, o relato das exéquias de Lamartine com base no **Universal** e a transcrição da carta enviada por Victor Hugo a Valentine de Cessiat, referida neste número como sendo a esposa de Lamartine, o que não corresponde à verdade dos factos. De novo se constata que em Portugal se assimila tudo o que vem de França e muitas vezes sem se questionar ou reflectir sobre os dados recebidos. Com efeito, se confrontarmos esta notícia com o artigo do dia 7 de Março do mesmo jornal, nesta última apenas se afirma que Valentine era sobrinha e filha adoptiva do escritor. É, no entanto, verdade, que na época se colocava a questão dum possível casamento que se teria realizado em segredo, entre Lamartine e a sua sobrinha.

Todavia, cremos que esta última notícia no periódico portuense é importante pelo seu duplo funcionamento; não só se chama a atenção para Lamartine como também se revela o papel activo de Hugo em Portugal, pois é

pelo facto de se tratar duma carta sua que ela é aqui transcrita.

Do mesmo modo que os jornais portugueses dão conta do falecimento de Lamartine bebendo em artigos publicados nos periódicos franceses, também os jornais de província (abrangendo tal designação os que se situam fora dos três grandes centros culturais e urbanos, Lisboa, Coimbra e Porto), seguem uma via semelhante recorrendo às publicações jornalísticas de maior expansão em Portugal. É o caso de **O Campeão das Províncias**, bissemanário aveirense que se no dia 6 de Março se limita a uma notícia meramente informativa e rápida sobre a morte de Lamartine e a uma transcrição de um telegrama chegado de Paris sobre a manifestação de pesar do corpo legislativo francês, relativa a Lamartine e Troplong (38), já no dia 10 (39) publica um artigo mais extenso, uma notícia biográfica, que se apresenta como sendo uma transcrição de **O Commercio do Porto**. Ora, é precisamente este texto que nos coloca vários problemas na medida em não se trata efectivamente de uma transcrição, pelo menos não duma transcrição do artigo saído a 5 de março, no diário portuense. Na verdade, e tomando como premissa que é este o texto base pelas semelhanças existentes, verifica-se que não estamos perante uma mera citação, mas face a um texto elaborado sobre o primeiro, pela paráfrase, supressão e acrescentamento que aqui têm lugar. Porém, a complexidade que este artigo traz consigo reside ainda na ocorrência de construções frásticas e relato de eventos que não se encontram na notícia de **O Commercio do Porto** mas que se aproximam ou estão presentes no texto anónimo de 1860, tais como "O emir-francez, como lhe chamavam os arabes, viajava como um principe soberano" (40); a referência à entrada para a Academia Francesa, ocupando o lugar do conde Daru ou a morte da filha do poeta, Julia.

Para além dos elementos aduzidos, relatam-se factos que não constam, quer do texto de 1860, quer do texto de **O Commercio**. São eles as relações

travadas com um dos primeiros bardos da Ásia, o encontro e a profecia de Lady Stanhope, a oferta renovada duma pasta ministerial por Luís Filipe ou a ingratidão que a França revelou para com ele, o que o autor considera uma "vergonha" (41) para com o fundador da República, mostrando o apreço e a inexistência de censura relativamente à sua acção política. Também a parte final do texto nada tem de semelhante com os dois escritos, por nós estudados: "É effectivamente no poeta que vem confundir-se o historiador, o orador, o publicista e o revolucionario. D'ahi proveio sempre a sua fraqueza e a sua força" (42) - é ainda a admiração que prevalece sobre os erros ocorridos ao longo da vida de Lamartine.

Verifica-se, porém, que tal como acontecia no artigo de 1869 do diário portuense, sobressai o homem político em detrimento do escritor visto que se acrescentam detalhes sobre a sua vida pública e apenas se referem as obras **Méditations Poétiques**, a composição **Le Dernier Chant de Child Hardold** e **Chant du Sacre** que diferentemente vem designado por "cântico" e não por "canto", escolha dos autores ou autor dos textos anteriores (43). **Voyage en Orient, Jocelyn** e **Histoire des Girondins**, obras salientadas no texto de 5 de Março, não são agora indicadas, constatando-se que é sobretudo em termos literários que existem supressões. Também não há qualquer referência a obras posteriores a 1860.

Face às diferenças encontradas somos levados a aventar a hipótese da existência de um texto, provavelmente de origem francesa (o que explicaria a opção por determinados vocábulos) e que terá conhecido uma larga difusão, facto que justificaria as aproximações e afastamentos por nós assinalados nos três textos. Tal hipótese só poderia ser comprovada através duma pesquisa em periódicos recebidos em Portugal ou de qualquer outra publicação, oriunda de França, o que não se enquadra no âmbito do nosso trabalho.

Evidentemente, a existência de variações no texto de **O Campeão das Províncias** poder-se-á simplesmente dever a um conhecimento outro do seu autor sobre Alphonse de Lamartine.

Uma publicação como a **A Voz Feminina** (44), num dos seus números de Abril, não deixa de prestar uma homenagem, embora mais tardiamente, a um "grande genio" (45) que constitui uma perda para a humanidade e que causa uma "tristeza indefinível" (46). O texto, da autoria de Marianna Angelica de Andrade estrutura-se sobre duas linhas de força: a universalidade, pois os poetas como Lamartine "são de todos os que os sabem admirar e tem por patria o universo inteiro" (47) e a imortalidade, através das obras que se legam à posteridade.

Contudo, a única obra assinalada é **Méditations Poétiques** pelo uso do epíteto "autor das Meditações" (48). É curioso verificar a deificação comum à autora deste artigo e ao correspondente em Paris de **O Commercio do Porto**: "Ha poucos mezes que deixou de existir Rossini, o deus da musica, agora desapareceu Lamartine, o deus da poesia!..." (49). Ora, contrariamente ao que acontecerá com Hugo no momento da sua morte, a deificação de Lamartine é praticamente inexistente, enquanto fenómeno generalizado. Não será então por acaso que ela ocorra num periódico com uma audiência feminina, que constitui, precisamente, grande parte do público leitor da obra lamartiniana.

Este texto de **A Voz Feminina** apresentava uma característica peculiar pelas referências que faz a textos estrangeiros e portugueses, escritos aquando da morte do poeta: o texto de Alexandre Dumas, de que transcreve algumas passagens, e um texto em prosa de Eduardo Vidal e outro em verso de Cândido de Figueiredo, autores que considera "dois dos nossos mais inspirados poetas" (50).

O texto a que Marianna de Andrade alude, da responsabilidade de

Cândido de Figueiredo, sai na revista **A Folha** (51) imediatamente após a morte do escritor e é-lhe dedicado. "A Lamartine" é uma composição com epígrafe do próprio escritor francês, epígrafe que corresponde aos dois últimos versos do poema "Ferrare", publicado pela primeira vez na **Édition des Souscripteurs** (52), integrada nas **Méditations Poétiques** como a 30^a. Posteriormente, foi também publicada como um inédito no **Cours Familier de Littérature** (53). São estas as publicações a partir das quais Cândido de Figueiredo terá tomado conhecimento desta composição.

A questão que se nos coloca, é o porquê da escolha de "Ferrare", composição que não foi das que maior sucesso obtiveram. As razões que terão levado a tal opção poderão ser várias. Por um lado, ela surge logo após a queda política de Lamartine, em publicações criadas como resposta às crescentes dificuldades financeiras sentidas pelo poeta, numa fase de declínio quer em termos de produção poética, quer em termos de um decréscimo acentuado de popularidade. É a época em que aquele que proclamou a República se encontra rodeado pela ingratidão e pela censura, aquele que fora um génio e um grande poeta do seu século.

Ora, em "Ferrare" Lamartine fala de Tasso, grande poeta italiano do Renascimento, como pretexto para falar da condição de génio, condição votada ao martírio. É essa experiência que aproxima os dois poetas, pois ambos passam por fases em que foram colocados à margem, em que recebem a ingratidão e a incompreensão, características inerentes à sua situação excepcional no mundo enquanto marcos de orientação para os homens.

Por outro lado, é curioso verificar que a convocação de Tasso, génio sofredor, se regista frequentemente na poesia de Alphonse de Lamartine, logo desde **Méditations Poétiques**. É o caso da composição "La Gloire", dedicada a Filinto Elísio ou de "Le Golfe de Baya" (54). Tasso, para Lamartine, constitui-se (tal como Homero) num exemplo paradigmático do "génio mártir."

Cândido de Figueiredo, ao escolher este excerto, confere a Lamartine a condição de gênio, ao lado de Tasso e, simultaneamente, engrandece e reabilita a vida de Lamartine após o seu abandono da política, outorgando-lhe o papel de guia da humanidade no século XIX. Assim, Lamartine surge no seu poema, não apenas como poeta, mas, como aquele que soube aliar a "lyra" e o "camartello" (55).

Não é por acaso que surge repetidamente em início de estrofe, o verso "Luctaste, como heroe! Como poeta, / padeceste e cantaste!" (56). Aquele que deu um enorme contributo à poesia mas que lutou pelo amor, pelo progresso, pela construção de um novo mundo, através da sua acção política, alia em si a condição de poeta, de escritor à condição de herói:

"A nova geração de peregrinos
que promettidas terras demandaras,
ouviu-te quando um throno ao chão tombara
quando acordaste a voz dos girondinos!" (57).

É pelo seu papel insubstituível e pertinente que Cândido de Figueiredo o lembra, o homenageia, na certeza de que morto o homem, fica a obra, na memória da eternidade.

1.1. Para além de artigos jornalísticos outros de textos de maior fôlego se situam cronologicamente em 1869 como o **Livro de Crítica. Arte e Litteratura Portuguesa d'Hoje. 1866-1869** (58) de Luciano Cordeiro ou textos como os de José Palmela, **A. de Lamartine, Esboço biographico** (59), **Victor Hugo seu regresso a Paris depois de dezoito annos de exilio ou uma pagina da sua vida** (60) ou, finalmente, o texto de Eduardo Vidal, **Lamartine** (61).

A obra de Luciano Cordeiro não se debruça sobre Lamartine, como aliás

o seu título indica, mas tece reflexões sobre a literatura portuguesa da época e suas características. É, pois, nesse âmbito que surgem referências a Alphonse de Lamartine porque modelo de muitos poetas portugueses, visto que a sua poesia se constitui e pelos vistos se constituiu como prática de escrita a imitar.

Adoptando uma perspectiva crítica de cariz tainiano, defende o carácter ultrapassado de uma poesia sentimentalista, melancólica, reflexo dum individualismo subjectivo que começa a ser contrariado pelo sentimento colectivo, resultado de transformações histórico-sociais. Assim, a morte de Lamartine coincide com a morte dessa tendência estética:

"Lamartine morreu, e Lamartine era um grande e verdadeiro poeta. Foi o último echo de Novalis, transformada a melancolia profunda, na sensiblerie tantas vezes affectada até ao ridículo.

De redor d'elle coxeavam muitos imitadores de todas as nações.

Quem lhe succede?

Le roi est mort. Morreu com elle a realeza do sentimentalismo romantico, exclusivista e individual?

Uma cousa não morre: é a arte" (62).

A crítica que aqui perpassa não visa tanto a poesia lamartiniana quanto os seus seguidores, epígonos que apenas produzem uma caricatura dessa poesia (cf. "coxeavam"), e, de forma mais alargada, o romantismo (63).

Bulhão Pato e Eduardo Vidal (64), poetas de quem fala mais adiante, manifestam a presença duma lira amorosa, melancólica e lamuriente que já foi moda. Eles são o testemunho de que "A phase ethica, nostalgica, scismadora e plangitiva do romantismo, domina ainda entre nós, sob a forma d'um lyrismo convencional e affectado (65)".

Para Luciano Cordeiro a triste situação de uma parte da literatura portuguesa é que ela não reside apenas na falta de actualidade, no

acompanhar dos novos tempos, mas ainda numa imitação de segunda categoria, já muito estafada: "Lamartine, o poeta das brisas asues e dos platonicos amores, e Musset, a byroniana creança, são rhapsodiados em trovinhas e idyllios d'amores piegas e choramingas e de tristuras e desespêros de pose e blague (66)".

"Na biographia de Lamartine deixamos assomar aos olhos o pranto com o pranto do escriptor" (67) confessa **A Voz do Mondego**, quando anuncia **A. de Lamartine, Esboço biographico**, da autoria de José Palmela, associando-se, simultaneamente, à última homenagem que Palmela presta ao homem e poeta que foi Lamartine.

Palmela presta esta homenagem por admiração para com aquele que se constituiu como o único possível rival de Victor Hugo. E não nos podemos esquecer que José Palmela é um hugólatra assumido, o "hugólatra-mor", no dizer de João Medina (68). "Ao apresentar a publico este humilde trabalho sobre um dos maiores poetas do mundo, o unico rival de Victor Hugo, se rival pode consentir este Hercules da civilisação moderna, não temos a pretensão de dar um estudo completo (...)" (69), afirma desde logo Palmela no aviso e explicação ao leitor, revelando deste modo o seu culto pelo autor da **Légende des Siècles**, antes de iniciar o seu estudo biográfico.

Aliás, num texto de 1871, também da sua autoria, **Victor Hugo seu regresso a Paris, depois de dezoito annos de exilio ou uma pagina da sua vida**, Palmela considera pertinente traçar um confronto entre os dois poetas franceses, "sob o ponto de vista litterario", "embora sem aspirações a critica" (70). E Palmela, antes mesmo de relevar o aspecto literário, aproxima desde logo Hugo e Lamartine pelas suas convicções políticas, pela luta a favor do progresso e da liberdade (71).

Porém, e como não podia deixar de acontecer, deste paralelo é Hugo quem sai engrandecido, pois, se Lamartine é "lago" Hugo é "mar", se

Lamartine "anda" Victor Hugo "corre"; se o estilo lamartiniano possui o "pallor da lua", com Hugo temos o dardejar dos "raios de um sol em pleno estio" (72). E adoptando a denominação que Sainte-Beuve usa, associa Lamartine a um cisne e Hugo a uma águia (73). Se um afirma que a vida é amor, o outro brada que a vida é progresso; e é a força de Hugo, os seus objectivos de acção mais concreta que levam Palmela a admirá-lo sem quaisquer reservas. Ele só pode então afirmar que "Lamartine é uma harmonia celeste baixada à terra para fazer entrever aos mortaes a natureza dos anjos; Victor Hugo é um genio, nos tempos modernos; o futuro, porém, chama-o-ha um-semi-deus" (74).

Não é apenas este motivo que justifica o trabalho de Palmela. Com efeito, as convicções demo-liberais e republicanas do autor contribuem para a necessidade que sente em demonstrar todo o seu apreço e "gratidão" (75) pelo defensor da liberdade, da instauração de uma sociedade mais equitativa em que o amor impera, pelo proclamador da República em França, em 1848, não engrossando, deste modo, as hostes daqueles que manifestam indiferença ou censura (76).

A relação singular com Deus, fuga a um cristianismo estritamente ortodoxo que Palmela encontra em Alphonse de Lamartine, coaduna-se com o seu profundo anticlericalismo. Não é, pois, motivo de admiração a presença de um capítulo de carácter eminentemente encomiástico, o primeiro dos dez em que o texto se encontra dividido, remetendo para os outros nove o papel de traçar a biografia deste homem nascido em 1790. Neste primeiro capítulo, José Palmela reconhece o carácter excepcional de Alphonse de Lamartine enquanto uma "destas naturezas privilegiadas que Deus de seculo em seculo, envia ao mundo para gloria d'um povo e assombro da humanidade." (77) e caracteriza-o como sendo possuidor dum "cerebro ardente" e "coração melancolico" (78), o que, evidentemente, se concilia e explica quer a singularidade da sua

escrita, quer o modo que norteia a sua acção política, pois Lamartine situa-se nas "altas e mysteriosas regiões da poesia e do ideal" (79), pregando pela construção duma sociedade universal onde todos sejam irmãos: um novo Éden (80).

O possuidor dum projecto deste tipo só pode ser guiado pelo amor:

"(...) é pela amorosa contemplação de Deos que, ao nascer, elle sente-se poeta, - é pelo amor da humanidade que elle se julga orador, - é pelo amor da patria que elle se faz politico; - é pelo amor do povo que elle se eleva á tribuna; - é pelo amor da verdade que elle toma a toga severa do historiador, - é pelo amor da gloria e admiração dos grandes homens que elle se torna biographo, - é pelo amor dos anjos que, em Grasiella, elle se torna o mais tocante romancista do mundo" (81).

Esta longa citação permite-nos entrever a admiração total de Palmela e verificar que, por exemplo, no que diz respeito à acção política de Lamartine, ela não é perspectivada dum modo pejorativo pela sua condição de poeta, opinião bastante generalizada em França, antes e depois da sua morte (82). Por outro lado, e pela primeira vez se realça o estatuto de romancista de Lamartine. O que se destaca não é a obra poética e, em particular, **Méditations**, mas uma obra em prosa bem específica, **Graziella**, entrevando-se simultaneamente o sucesso que terá registado. Vemos assim que a obra multifacetada de Alphonse de Lamartine é conhecida e provavelmente consumida, em Portugal.

Um outro aspecto salientado neste capítulo é o curto espaço de tempo que Lamartine leva a percorrer as diversas etapas da sua vida, debruçando-se sobre múltiplas actividades, o que comprova de novo, o seu carácter genial.

Os capítulos restantes, seguindo uma linearidade cronológica,

debruçam-se sobre a biografia de Lamartine. Ora, também Palmela parece não fugir às imprecisões já registadas em textos anteriores. Novamente encontramos a indicação de que "este divino genio" (83) nasceu em Milly, que foi nomeado ministro plenipotenciário da Grécia quando a revolução de 1830 se deu e que **Jocelyn** foi publicada em 1835. Tal como outros autores, Palmela toma como fontes documentais, as próprias obras do poeta de características autobiográficas e, mais uma vez, não se regista qualquer distanciamento crítico relativamente a **Confidences** (84), **Graziella** (85) ou **Voyage en Orient**, obras citadas como testemunhos fidedignos num trabalho de natureza biográfica. A propósito da sua estadia num colégio em Belley, refere Palmela: "Alli sim, alli, diz Lamartine, "os mestres amavam os seus discipulos como os sanctos amam seus deveres, como os obreiros amam as suas obras, como os soberbos amam o seu orgulho" (86). Também quando narra o episódio entre Lucy e Lamartine, é apresentado um excerto do poema "A Lucy L.", como documento comprovativo (87). Porém, nos casos em que o texto onde Palmela recolhe as informações biográficas, não é citado, o autor fica bastante próximo da origem. Assim, quando no capítulo IV fala da estadia de Alphonse em Itália e do encontro com Graziella, tendo então lugar um episódio amoroso, Palmela afirma:

"E' digno de admirar-se como este genio, a idade em que a mocidade em geral, procura com avidéz engolphar-se no lago dos prazeres e das sensações torpes, com que religiosa pontualidade elle vae, com os seus historiadores e poetas debaixo de braço, sentar-se sobre as ruinas solitarias do Forum e do Coliseo, ou errar pelas sete collinas, fazendo um estudo vivo e serio da cidade eterna. Foi este o seu melhor curso de historia, diz Lamartine" (88).

Ora, no capítulo I de **Graziella**, obra que Palmela considera "novo Paulo e

Virginia" (89) encontramos:

"J'emportais sous mon bras les historiens, les poètes, les descripteurs de Rome. J'allais m'asseoir ou errer sur les ruines désertes du Forum, du Colisée, de la campagne romaine. Je regardais, je lisais, je pensais tour à tour. Je faisais de Rome une étude sérieuse, mais une étude en action. Ce fut mon meilleur cours d'histoire" (90).

Para além de indicar as leituras que imprimiram marcas em Lamartine, com destaque especial para a leitura de Ossian, José Palmela não deixa também de traçar paralelos entre o poeta e outros escritores reconhecidos, Bernardin de Saint-Pierre, Tasso, Chateaubriand, Goethe, Mme de Staël, quer no que diz respeito a semelhanças biográficas (91), quer relativamente às características da sua produção literária (92).

José Palmela imputa à restauração dos Bourbons a responsabilidade pelo aparecimento da poesia lamartiniana, na medida em que indiciava uma época de maior estabilidade, mais animadora, pois "Foi debaixo d'este benefico influxo, foi ao sopro d'estas auspiciosas auras que, em 1820, appareceu Lamartine - com o seu globo d'ouro na mão, como o seu novo mundo de poesia, descoberto nos mares tropicais da sua divina alma" (93). Recusando as escritas poéticas de um Delille e de Condillac, Lamartine surge como um inovador, não dando conta na sua poesia de "sensações grosseiras", de "sensualismo" (94); as **Méditations Poétiques** aparecem outrossim como o "primor d'um novo genero de poesia lyrica, toda virgem, casta, imaculada, toda saturada da mais viva fé em Deus, toda enthusiasmada dos mais suaves perfumes, que o calix da natureza exhala no jardim da criação" (95). Referindo o grande sucesso desta obra, também Palmela não dá a conhecer, em termos numéricos, nem sequer de forma aproximada a fortuna das **Méditations**

em Portugal. As referências dadas apresentam unicamente um caráter genérico.

Igualmente **Le Dernier Chant de Child-Harold** e **Chant du Sacre** merecem uma referência, sem que, contudo, se faça qualquer juízo crítico. O mesmo já não se passa com **Harmonies Poétiques et Religieuses** que considera "uma nova maravilha" (96). O autor não vê em **Harmonies** senão "um câoro de hymnos angelicos elevados ao throno de Deus", "um colloquio amoroso entre o poeta e Deus, entre o homem e a natureza", "alguma coisa de mais intimo, de mais ethereo, de mais ideal de que até ahi havia escripto Lamartine" (97), não havendo lugar nos seus juízos críticos para reflexões que apontem para passagens como esta que encontramos em "Novissima verba":

"Mon âme avec effroi regarde derrière elle!
Et voit son peu de jours, passés, et déjà froids
Comme la feuille sèche autour du tronc des bois;
Je regarde en avant, et je ne vois que doute
Et ténèbres, couvrant le terme de la route!" (98).

Também **Voyage en Orient**, **Jocelyn**, **La Chute d'un Ange** e **Histoire des Girondins** são merecedoras de algumas reflexões. Assim, a obra publicada em 1835 é considerada um "quadro vivo e scintillante de sublimes reflexões que Platão, o próprio Platão, não teria pejo, se as visse, de perfilhar como suas" (99). Que distância enorme vai entre este juízo e o que é dado a conhecer na **Revue des Deux Mondes**, da autoria de Gustave Planche em que se censura a falta de elaboração e superficialidade das reflexões lamartinianas (100). Mesmo após a morte do escritor, **Voyage en Orient** não é das obras mais elogiadas ou mais referidas pela crítica. Philippe Jacques Roux, por exemplo, ao referir-se a esta obra afirma que ela possui uma "prose éclatante, mais negligée" (101).

É curioso verificar que também Palmela lança um paralelo entre **Jocelyn e Eurico, o presbítero** de Alexandre Herculano. Já em 1856 António Pedro Lopes de Mendonça o fazia. Na verdade, diz Palmela, este arrojo omnipotente do gênio "faz lembrar o sublime Eurico" (102). Para o autor, **Jocelyn** é um drama, "um modelo de epopeia", censurando os críticos pela sua falta de discernimento relativamente a esta peculiaridade que ele atribui à obra. Todavia, o tom acentuadamente encomiástico não o impede de confessar, a propósito de **La Chute d'un Ange**, que esta obra anuncia o declínio poético de Alphonse de Lamartine, como também o não impede de considerar **Recueils Poétiques** como os "últimos perfumes de seus lyrios de poeta, últimos raios d'um sol poético" (103).

Contudo, estas considerações, pouco dignificantes para o escritor, acabam por ser anuladas pelo carácter grandioso da acção que vai agora desempenhar e na qual Palmela insiste, no fim do capítulo VIII: "Aqui desaparece o poeta num lago de rubins para ressurgir além mais imponente e majestoso num oceano de diamantes" (104). E se Lamartine deixou a poesia, ele transferiu todo o seu gênio para o uso da palavra ao serviço da humanidade, na medida em que conhece uma difusão mundial. A eloquência poderosa de Alphonse de Lamartine é assim um dos aspectos mais salientados por Palmela, pois ela permite-lhe defender a abolição da pena de morte, da escravatura, permite-lhe lutar contra a pobreza, enfim, pugnar por uma sociedade em que a liberdade, a democracia e o amor imperem e, por isso, seja mais equitativa.

Este modo de acção política de Lamartine é desde o início do texto anunciado, directa ou indirectamente por José Palmela, quando põe em relevo os valores cristãos e humanos (o amor ao próximo, a justiça) recebidos pelo poeta na sua infância e juventude e quando afirma, a propósito das viagens empreendidas anteriormente a 1820: "Sim, este bello genio, que tanto aprazia

em aspirar todos os perfumes da terra, em arrojarse às mais ethereas contemplações do ceo, já aqui manifesta o seu pendor cosmopolitico, a sua grande doze de independencia, de bom senso, e liberdade, que mais tarde revelará como politico e pensador" (105).

É neste quadro que surge a referência a *Histoire des Girondins* que, contrariamente ao que costuma verificar-se, não é apresentada nem como obra histórica, aliás apenas se designa por *Os Girondinos*, ou história romanceada, mas como instrumento que permitirá a eclosão da Revolução de Fevereiro: "(...) Lamartine publica, em 1847, *Os Girondinos*, que inflammando com as bellezas de seu estylo os espiritos já predispostos pela febre republicana, que então grassava em França, precipitou mais rapidamente no abysmo de 1848, o throno do egoista Luiz Filippe" (106).

O que interessa a Palmela é a função política que esta obra adquire o que está de acordo com as suas próprias convicções republicanas, motivo que permite compreender a existência desta enorme admiração e respeito, votados a Lamartine e que também transparecem no seu escrito, *A Quêda de Napoleão III* (107). Por isso, ele não pode transigir, nem deixar de censurar aqueles que revelam, após a eleição para Presidente da República, Luíz Napoleão, uma "monstruosa ingratição para o fundador da república; aquele que foi capaz de pôr de lado a sua propria condição aristocrática, optando pela verdadeira nobreza" (108).

José Palmela não só fala da acção política de Lamartine, aspecto muitas vezes posto à margem pelos críticos franceses que optaram por falar do poeta, nos escritos que saíram após a morte deste (109), como também não o censura antes o elogia e o engrandece, fora de qualquer objectivo de reabilitação, porque ele se tornou "symbolo de paz, de ordem e de liberdade" (110).

Este trabalho de Palmela, de entre todos os outros textos que se

situam após o falecimento do escritor francês, singulariza-se pela escrita muito pessoal do seu autor, toda ela eivada de reflexões e comentários aos diversos elementos biográficos que regista, pois, à excepção desta particularidade, são múltiplas as semelhanças com o texto de 1860, **Lamartine, Illustre poeta francez**, muito embora Palmela dê conta de factos aí inexistentes. Para além desta característica outra existe e significativa; a presença dum apontamento sobre o modo como foi sentida no Brasil a morte de Lamartine. Na verdade, ao referir os últimos momentos da vida de Lamartine e a suas exéquias, José Palmela afirma que o maior elogio ao poeta "está no coração da mocidade de todos os pontos do globo, principalmente no Brazil, onde é idolatrado não só pelos homens, mas pela maioria das senhoras" (111). E em nota de rodapé insiste novamente neste facto ao dizer que "No Brazil a sympathia por Lamartine é inexprimivel; a sua adoração é elevada á apotheose" (112); exemplifica as suas afirmações indicando poetas brasileiros que manifestam na sua poesia este culto ou revelam a sua influência" (113). Referíamos nós o carácter significativo deste apontamento porque ele manifesta indirectamente, a inexistência em Portugal duma realidade semelhante.

Juntamente com o texto **A. de Lamartine, Esboço biographico**, encontra-se ainda transcrita a carta de Victor Hugo a Valentine de Cessiat a que já aludimos pela sua publicação no **Jornal do Porto**; encontramos também um texto da responsabilidade de Alexandre Dumas e, por fim, o texto mencionado por Marianna Andrade, de Eduardo Vidal, o "poeta da decadencia do elegiaco romantico" (114), como lhe chamou Luciano Cordeiro.

Em **Lamartine**, Vidal enaltece Alphonse de Lamartine enquanto poeta, mas, contrariamente ao que seria de esperar, as referências à sua produção artística são praticamente inexistentes. Com efeito, para além de **Jocelyn**, **Méditations Poétiques** e de indicações sobre o conteúdo das suas obras em que

Lamartine canta "a mystica elegia dos extases" (115), onde corre um sentimento de brandura e uma "suave aspiração" da alma (116), encontramos um conjunto de reflexões que dão conta do que particulariza o estatuto do poeta e que Lamartine encarna. Assim, ser poeta, para Eduardo Vidal, é antes de mais possuir o espírito de um lutador para poder arrastar com a ignorância, a incompreensão, a crítica, a ingratidão. É também ser mártir e assumir essa mesma condição. É ser enviado de Deus, ser apóstolo. Não se é poeta se não se pretende uma acção concreta em prol da humanidade.

Todas estas características possuiu-as Lamartine, por isso Vidal o compara a Prometeu, a Tirteu e a Cristo. É, pois, pela coragem que Lamartine revela ao longo da sua vida que ele é admirado e homenageado. É então a vida pública de Lamartine que acaba por ser salientada. A mesma tônica domina o poema de Cândido de Figueiredo.

Do mesmo modo, Eduardo Vidal não faz referência detalhadamente a factos históricos, embora insista na existência de uma actividade profícua. Na verdade, a única acção concreta é o desfraldar da "bandeira da republica" (117), insistindo que "A actividade do seu espirito teve constantemente um fim elevado" (118).

A condição de gênio experimentada por Lamartine é semelhante à de um semi-deus, diz Vidal, pela imortalidade que esse gênio registará após a sua vida (119), e por isso ele fará recuar "Os monstros que rugiram (...) em vida" (120) do poeta. Curiosamente, chama-se a atenção, na parte final do texto, para a obra do poeta, ao afirmar-se que esta imortalidade não será apenas a da alma de que Lamartine fala em "Le Chrétien mourant", composição de **Méditations** de que se transcreve a segunda estrofe, mas também a das obras que lembrarão sempre o seu autor, pois os "hymnos da piedade e do amor, da dedicação e da crença, esses brilharão como sões no seu engaste precioso" (121), mais do que ser "quasi rei de França" (122).

Vidal não escapa à tendência de associar Lamartine e Hugo, pela identidade de experiências e de convicções: "hoje Lamartine, vulto sympathico, civilizador, mavioso, poeta que forma com Victor Hugo o esplendido grupo da intelligencia e do entusiasmo, postos ao serviço da humanidade, desapareceu" (123). É a convicção de que o poeta deverá ser uma entidade actuante, dinâmica e insubstituível no seu tempo, condições preenchidas por Lamartine, que permite a elaboração dum texto grandemente encomiástico, em que se sugere o dever que a França tem de erigir uma estátua ao poeta, modo também de o imortalizar (124).

Verificamos deste modo que o retrato que é feito de Lamartine quer na imprensa diária, quer em folhetos ou artigos de outro tipo de periódicos, assenta em três vectores: o poeta, o político e o homem que por ser um génio conquista não só o reconhecimento, o sucesso, mas também o desprezo, a ingratidão dos outros homens. Não cabe nestes textos a censura e a crítica que se registaram, por exemplo, na imprensa parisiense, de acordo com o que A.J. Tudesq afirma (125).

NOTAS

(1) José Palmela - **A. de Lamartine, Esboço biographico**, Coimbra, Tip. do Paiz, 1870.

(2) Nos jornais por nós consultados.

(3) **A Revolução de Setembro**, Lisboa, 30^o ano, n^o 8021, 4 de Março, 1869, p.2.

(4) Id., ibid. Não podemos deixar de nos lembrar da distinção estabelecida por Sainte-Beuve entre Lamartine e Hugo, em "Poètes et Romanciers Modernes de la France. IV Lamartine", in **Revue des Deux Mondes**, Paris, t. IV, 1832, p. 24: Lamartine é o cisne e Hugo a águia.

(5) **A Revolução de Setembro**, art. cit., p.2.

(6) Id., n^o 8022, 5 de Março, 1869, p. 1. Este artigo, tal como outros que referimos no corpo do texto, apresenta algumas semelhanças com o texto anónimo **Lamartine, Illustre poeta francez.**

(7) Id., n^o 8030, 14 de Março de 1865, p. 2.

(8) **Correspondência de Portugal**, 3^a ed., Lisboa, 8^o ano, n^o 869, 5 de Março, 1869, p. 2.

(9) As notícias referentes à morte de Hugo não só ocupam a primeira página como ainda múltiplas colunas.

(10) **O Primeiro de Janeiro**, Porto, 1^o ano, n^o 46, 5 de Março, 1869, p.1.

(11) Id., n^o 51, 10 de Março, 1869, p. 1.

(12) Id., 1^o ano, n^o 46, 5 de Março, 1869, p.1.

(13) Isto é apenas aplicável a **Jocelyn** já que relativamente a **La Chute d'un Ange** se afirma que nesta obra Lamartine "acabou de extraviar-se na pintura de amores titanicos e em um verdadeiro delyrio de imaginação", in id., ibid.

(14) **O Primeiro de Janeiro**, Porto, 1^o ano, n^o 46, 5 de Março, 1869, p. 1.

(15) Id., ibid.

(16) Id., ibid.

(17) Id., ibid.

(18) Id., ibid.

(19) Id., ibid.

(20) Id., ibid.

(21) **O Commercio do Porto**, Porto, 16^o ano, n^o 52, 5 de Março, 1869, p.2.

(22) Talvez seja de admitir que, no escrito de 1860 possa ter havido um erro de impressão.

(23) Este erro poderá dever-se a uma simples distracção ou a uma gralha de impressão.

(24) **O Commercio do Porto**, Porto, 16^o ano, n^o 52, 5 de Março, 1869, p. 2.

(25) Id., n^o55, 9 de Março, 1869, p.2.

(26) Id., n^o 56, 10 de Março, 1869, p. 1.

(27) Id., ibid.

(28) Id., ibid.

(29) Id., ibid.

(30) O mesmo jornal, 15^o ano, n^o 179, 7 de Agosto, 1868, p. 2, noticiava já a perda de faculdades mentais do poeta que "não faz mais do que vegetar na Terra."

(31) **Jornal do Porto**, Porto, 11^o ano, n^o 52, 6 de Março, 1869, p.1. Em **Figuras do Passado**, Lisboa, Tip. Ed. José Bastos, 1915, Pedro Eurico indica Francisco de Paula Mendes como sendo o responsável por esta rubrica.

(32) **Jornal do Porto**, Porto, 11^o ano, n^o 52, 6 de Marco, 1869, p.1.

(33) Id., ibid.

(34) Id., n^o 53, 7 de Março, 1869, pp.1-2.

(35) Id., p. 2.

(36) Id., ibid.

(37) Id., n^os 55, 56 e 69 de 1869.

(38) **O Campeão das Províncias**, Aveiro, 18^o ano, n^o 1734, 6 de Março, 1869, p.4.

(39) Id., n^o 1735, 10 de Março, 1869, p. 3.

(40) Cf. **Lamartine, Illustre poeta francez**, Lisboa, Tip. José da Costa, 1860, p. 3, em que se diz a dado passo: "O poeta, o Emir francez, como lhe chamavam os arabes, viajava como um soberano (...)."

(41) **O Campeão das Provincias**, nº 1735, 10 de Março, 1869, p. 3.

(42) Id., ibid.

(43) Estaremos, novamente, perante um caso de tradução diversa?

(44) **A Voz Feminina**, Lisboa, nº 66, 18 Abril, 1869, p. 2. Outras publicações também dirigidas a um público feminino, como **O Jornal das Damas**, nada referem.

(45) Id., ibid.

(46) Id., ibid.

(47) Id., ibid.

(48) Id., ibid.

(49) Id., ibid.

(50) Cf. **O Commercio do Porto**, Porto, 16º ano, nº 56, 10 de Março, 1869, p.1, em que se afirma: "(...) morreram Rossini e Béranger, lá se vão os deuses!", englobando também Lamartine.

(51) Cândido de Figueiredo - "A Lamartine", in A Folha, Coimbra, 1ª série, nº 13, 1869, p. 99.

(52) A **Édition des Souscripteurs** inicia-se em 1849 e termina em 1850.

(53) A publicação do **Cours Familier de Littérature** tem início em 1856.

(54) Veja-se ainda "Épître Familière à M.V.H. (...)", "Épître à Monsieur Alphonse Dumas" ou "Sur l'ingratitude des peuples."

(55) Cf. Cândido de Figueiredo - "A Lamartine", in A Folha.

(56) Id., ibid.

(57) Id., ibid.

(58) Luciano Cordeiro - **Livro de Critica. Arte e Litteratura Portuguesa d'Hoje, 1866-1869**, Porto, Tip. Lusitânia, Ed., 1869.

(59) José Palmela - **A. de Lamartine, Esboço biographico**, Coimbra, Tip. do Paiz, 1870.

(60) José Palmela - **Victor Hugo seu regresso a Paris, depois de dezoito annos de exilio ou uma pagina da sua vida.** Coimbra, Imp. da Universidade, 1871.

(61) Eduardo Vidal - **Lamartine, in A. de Lamartine, Esboço biographico, op. cit.**

(62) Luciano Cordeiro - op. cit., p. 253.

(63) O carácter caricatural, artificial e affectado da prática poética que radica nesta tendência estética, manifesta-se no retrato que Cordeiro traça da realidade portuguesa, pp. 268-271 da mesma obra.

(64) "Vidal é um poeta da decadencia de elegiaco romantico" - afirma Luciano Cordeiro, in op. cit. p. 294.

(65) Luciano Cordeiro - op. cit., p. 292.

(66) Id., ibid.

(67) **A Voz do Mondego**, Coimbra, nº 1, 15 de Maio, 1870, p. 4.

(68) Cf. Textos deste autor sobre Hugo: **Napoleão, Pio IX e Victor Hugo ou o porvir da realza, do papado e da democracia universal** e o texto a que fazemos referência no corpo do texto.

Cf. também comunicação de João Medina, "Aspectos da Hugolatria Portuguesa: a projecção política de Victor Hugo em Portugal) in Victor e Portugal, Actas do Colóquio, op., cit., pp. 51-76.

(69) José Palmela - "A Quem ler", in op. cit., p. 5.

(70) José Palmela - "Ao leitor", in Victor Hugo seu regresso a Paris depois de dezoito annos de exilio ou uma pagina da sua vida, op. cit., p.5.

(71) Id., cap. II, p. 12.

(72) Id., p. 15.

(73) Cf. Sainte-Beuve - "Poètes et romanciers modernes de la France, IV Lamartine", in Revue des Deux Mondes, t. IV, 1832, pp. 25 a 26.

(74) José Palmela - **Victor Hugo, seu regresso a Paris depois de dezoito annos de exilio ou uma pagina da sua vida, op. cit.**, cap. IV, pp. 16-17.

(75) José Palmela - **A. de Lamartine, Esboço biographico, op. cit.**, p. 6: "(...) sobra-nos o sentimento, sobra-nos a admiração, sobra-nos, enfim, mais que tudo, a gratidão."

(76) Id., p. 6. Cf. também José Palmela - **A Queda de Napoleão III**, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1870, pp. 13-14.

(77) José Palmela - A. de Lamartine, *Esboço biographico*, op. cit., Cap. I, p. 7.

(78) Id., ibid.

(79) Id., Cap. I, p. 1.

(80) Cf. Id., p. 7.

(81) Id., p. 8.

(82) Cf. Louis Ulbach - "Lamartine et son temps", in *La France Parlementaire, Oeuvres Oratoires et Écrits Politiques*, Paris, A. Lacroix, Verbonckekoven, 1864, pp. IX-X onde se lê: "Amis et ennemis se rencontrent dans l'epithète. La poésie est um mot commode qui justifie l'indulgence et qui autorise la sévérité."

(83) José Palmela - A. de Lamartine, *Esboço biographico*, op. cit., Cap. II, p. 9.

(84) Cf. G. "Folhetim. Revista de Lisboa" in *A Revolução de Setembro*, Lisboa, 11^o ano, n^o 2579, 26 Outubro 1850, pp. 1-2. Assinale-se que vinte anos antes do escrito de Palmela a dado passo do "Folhetim, Revista de Lisboa" se manifesta a consciência de que **Confidences** não pode ser tomado como caução, como autoridade, por encerrar em si inverosimilhanças e artificialismo. No entanto, o seu autor diz-se admirador de Lamartine.

(85) Embora inicialmente fosse um episódio de **Confidences**, posteriormente foi editado como obra independente.

(86) José Palmela - A. de Lamartine, *Esboço biographico*, op. cit., Cap. II, p. 11.

(87) Id., Cap. III, p. 14.

(88) Id., cap. IV, pp. 16-17.

(89) Id., p. 18.

(90) Alphonse de Lamartine - *Graziella*, Paris Gallimard, col. Folio, 1985.

(91) Cf. José Palmela - A. de Lamartine, *Esboço biographico*, op. cit., cap. IV, pp. 15-16.

(92) Cf. Paralelo traçado entre *Paul et Virginie* de Bernardin de Saint-Pierre e *Graziella* de Lamartine.

(93) José Palmela - A. de Lamartine, *Esboço biographico*, op. cit., cap. V, p. 21., 27 Abril 1988

(94) Id., p. 20.

(95) Id., p. 21.

(96) Id., cap. VI, p.22.

(97) Id., ibid.

(98) Alphonse de Lamartine - **Harmonies Poétiques et Religieuses**, in **Oeuvres Poétiques**, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1986, p.481.

(99) José Palmela - **A. de Lamartine, Esboço biographico**, op. cit., cap. VIII, pp. 26.

(100) Gustave Planche - "Voyage en Orient de M. A. de Lamartine, in **Revue des Deux Mondes**, t.II, 4^e série, 1^{er} mai, 1835, p. 322.

(101) Philippe Jacques Roux - "Vues générales sur la poésie et oeuvres de Lamartine", in **Études Littéraires**, Bordeaux,1869.

(102) José Palmela - **A. de Lamartine, Esboço biographico**, op. cit., cap. VIII, pp. 26.

(103) Id., p. 27.

(104) Id., cap. VIII, p.27.

(105) Id., cap. V, p. 19.

(106) Id., cap. IX, p. 28.

(107) Cf. José Palmela - **A Quêda de Napoleão III**, p.12.

(108) Cf. José Palmela - **A. de Lamartine, Esboço biographico**, op. cit., cap. IX, p. 29.

(109) É o que leva a cabo Armand PontMartin em **Nouveaux Samedis**, 7^{ème} série, Paris, Michel Lévy Frères Éditeurs, 1870 ou Philippe Jacques Roux, na obra já citada. No entanto, Edmond Scherer, em **Études sur la littérature contemporaine**, 4^e série, Paris, Michel Lévy Frères Éditeurs, 1873, foge a esta tendência pretendendo reabilitar Lamartine e defendendo-o.

(110) José Palmela - **A. de Lamartine, Esboço biographico**, op. cit., cap. IX, p. 30.

(111) Id., cap. X, p. 33.

(112) Id., ibid.

(113) Cf. Sobre este assunto George Raeder's - "Lamartine et le Brésil", in **Sainte-Beuve, Lamartine, Colloques**, Paris, Lib. Armand Colin, 1970, pp. 142-151.

(114) Luciano Cordeiro - op. cit., p. 294

(115) Eduardo Vidal - op. cit., p. 38.

(116) Id., p. 39.

(117) Id., ibid.

(118) Id., ibid.

(119) Id., pp. 36-37.

(120) Id., p. 37.

(121) Id., p. 40.

(122) Id., ibid.

(123) Id., pp. 39-40.

(124) Sobre este assunto **O Commercio do Porto**, 14^o ano, n^o 244, 20 de Out., 1869 noticia a estátua concebida por A. Salomon. Ora, posteriormente à morte do poeta, a questão da estátua suscitará o interesse da imprensa portuguesa. Essas notícias dão-nos simultaneamente conta da alteração sofrida no gosto estético, já em 1874. Assim, ao informar sobre a exposição da estátua de Lamartine na Escola de Belas Artes de Paris, comenta-se com **A Actualidade**, Porto, 1^o ano, n^o 1, 1 de Fev., 1874: "Desperta-nos gratas recordações o nome do autor dos Girondinos, abstraindo da influencia nefasta por elle involuntariamente exercida sobre bom numero de vates contemporaneos." E censura-se o facto de se tratar da estátua de Lamartine e não de uma nova edição da sua obra, o que mostra um menor interesse editorial baseado, provavelmente, numa diminuição do público leitor deste poeta.

Cf. também **O Commercio do Porto**, 23^o ano, n^o 21 e 26 de Jan. de 1876, **O Seculo**, 6^o ano, n^o 1688, 13 de Julho, 1886 e **A Illustração**, vol. III, 3^o ano, n^o 14, 20 de Julho, 1888.

(125) Cf. A.J. Tudesq - "La presse parisienne de 1869 et la mort de Lamartine", in **Le Livre du Centenaire**, Paris, Flammarion, 1971, pp. 191-202.

Capítulo III

NO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO

1. De 1870 até à data do centenário do seu nascimento, 1890, Alphonse de Lamartine ocupa cada vez menor espaço na imprensa portuguesa. Com efeito, para além das notícias sobre a estátua de Lamartine, anteriormente citadas, de referências, de carácter anedótico e alguns "fait-divers" como os que encontramos em **O Seculo** (em que se fala do sentido de humor de Lamartine) (1), em **A Actualidade** (a delicadeza que revela na sua relação com Charles Alexandre) (2) ou em **O Commercio do Porto** (3), poucos são os textos que sobre ele se debruçam.

Assim, no **Almanach das Senhoras para 1872**, à parte inúmeras epígrafes em poemas de vários autores, ele é ainda convocado num texto sobre o suicídio, da autoria de Alberto Pimentel (4). Para apoiar as relações que vai elaborando, recorre a autoridades diversas como Camilo Castelo Branco ou Lamartine. Alberto Pimentel fala de Safo, exemplo de suicídio que Alphonse de Lamartine trabalha na composição com o mesmo nome integrada em **Mouvelles Méditations Poétiques** (5). Também em Lamartine, o autor encontra outro exemplo com as personagens Raphaël e Julie, quando a personagem feminina da

obra **Raphaël** exclama: "Oh! Mourons! ..." (6). Reparemos no modo como ele introduz o exemplo no texto: "Quem ha ahi que se não entorneça a lagrimas, ao ler uma das mais maviosas paginas do **Raphael** de Lamartine?" (7). Ora, esta obra deverá ter sido uma das que maior difusão conheceu em Portugal e não é por acaso que ela aparece referida num texto duma publicação com uma audiência bem delimitada: um público feminino que, como adiante veremos, é múltiplas vezes indicado como aquele que preferencialmente lê o escritor. Sinal de que ainda existe um público leitor, é a transcrição que se faz neste mesmo **Almanach** para 1875 do discurso de Émile Ollivier sobre Lamartine (8).

Na revista **A Illustração**, a presença do poeta nas suas páginas limita-se ao aparecimento de dois pensamentos seus inseridos na rubrica "Notas e Impressões", frequência que compartilha com Chateaubriand e Hugo, registando Vigny apenas uma ocorrência. Verifica-se que o maior número de presenças vai para autores do século XVIII tais como Voltaire e Diderot ou então para escritores ligados ao realismo na arte: Stendhal, Balzac ou Flaubert (9).

Encontramos ainda nesta publicação um comentário-notícia a uma gravura, inserta nesse número, a 20 de Julho de 1886 da estátua a Lamartine, escultura criada por Vasselot e inaugurada em Paris no square Victor Hugo que se passará a chamar Lamartine. A pertinência da gravura e da notícia é explicada pela existência dum público português e brasileiro, admirador do "autor das **Meditações**, de **Jocelyn**, de **Raphael** e da **Graziella**" (10), pondo-se em relevo as obras que unanimemente são consideradas as melhores do escritor francês.

A reflexão que esta inauguração suscita é curiosa, pois manifesta, por um lado, a enorme admiração votada a Victor Hugo, já que como aí se afirma "A glória de Victor Hugo é grande e não é uma praça de mais ou de

menos que hoje influe à sua gloriosa posteridade" (11), e, por outro lado, a necessidade experimentada de que Lamartine seja, por fim, merecidamente engrandecido; "Lamartine, poeta tão grande como Hugo, tem apenas uma posterioridade acanhada; por estes revezes de sorte e por estas ingratidões ou ignorancias do publico que difficilmente se podem explicar" (12). Nota-se pela primeira vez uma abordagem equitativa entre Hugo e Alphonse de Lamartine, relativamente à dimensão criativa que cada um como poeta possui, a única diferença - e injusta -, reside na imagem menor de Lamartine que se transmite às gerações vindouras (13).

Esta viragem, que redundava num mesmo nivelamento dos dois poetas, encontramos-a já no artigo assinado sob o pseudónimo de Nautilus e publicada em **A Illustração Portuguesa**, no dia imediatamente anterior (14). Assim, para Nautilus, a França, à data de 1821, tem "dois grandes poetas, com a diferença de que Hugo, cuja existência foi sempre liberal e sem o mais pequeno desvio até ao fim, cresceu no tumulto em vez de reduzir-se a nada" (15). Insistindo-se nesta diferença de destinos, revela-se (o que raramente acontece) um facto importantíssimo; Hugo tem ainda um público leitor alargado, enquanto Lamartine é já um poeta do passado, com um público leitor cada vez mais restrito: "(...) ao passo que as obras de Victor Hugo se multiplicam espantosamente todos os dias não havendo quem não possua uma d'ellas, pelo menos, as de Lamartine não existem já no commercio das livrarias, passaram de moda, raros são os que as procuram e as lêem" (16). Aliás, esta perda de leitores remonta já ao momento em que sofreu a sua queda política, a partir de 1849, momento e situação registados pelo autor deste texto (17). Nautilus não deixa escapar a oportunidade de expressar o voto de que a inauguração da estátua seja um meio que leve o "publico francez" (18) (curiosamente, restringe-se a camada leitora aos compatriotas de Lamartine) a ler de novo "o grande poeta e o estylista maravilhoso" (19).

Sublinhe-se a ironia do articulista que, iniciando o texto com o primeiro verso de uma das composições mais célebres de **Méditations**, "Le Lac", confessa desde logo a sua descrença no regresso da popularidade do poeta, pois o público será "toujours poussé vers de nouveaux rivages" (20). Irónico é também o facto de, involuntariamente, Lamartine enunciar aqui, de um modo profético, o que caracterizará o seu destino: a impossibilidade de fixar ou trazer de volta, momentos supremos, ideais, mas fugazes da vida humana (21).

O modo novo como é agora perspectivado o valor respectivo de Hugo e Lamartine está ainda visível nos epítetos utilizados. Na verdade, as designações atribuídas a Lamartine encontram-se mais marcadas e engrandecedoras; ele é "poeta gigante", "assombroso artista" ou "o luminoso gênio" (22). Ora, geralmente o que se registava era uma designação tão simples quanto a de "grande poeta".

Mas falar desta inauguração é também ensejo para relembrar dados biográficos e, em particular, aquele que é considerado o responsável por este destino funesto, tornando-se a tónica dominante deste artigo: a actuação política de Alphonse de Lamartine perante a Revolução de Fevereiro. Assim, o que se destaca na sua vida política que atingiria o auge com a proclamação da República, é a coragem de assumir a sua independência parlamentar e, face a uma enorme multidão, recusar a bandeira vermelha em favor da bandeira tricolor. Com compaixão recorda-se a ideia, infeliz, de eleger por sufrágio universal, o presidente da República: "Desgraçadamente para Lamartine e, sobretudo, para a França, o famoso poeta ao tratar-se da eleição do presidente de República, teve uma ideia que, embora grande e generosa, produziu as mais graves consequências" (23).

Destaca-se ainda neste artigo o sucesso que Lamartine conquistou junto das mulheres, a abolição da pena de morte, a miséria experimentada no

fim da sua vida, a publicação das **Méditations Poétiques**, "livro imorredoiro" (24) que marcou o aparecimento de "uma poesia nova, humana, viva, emocionadora, vibrante" (25), as inúmeras viagens que efectuou, a sua entrada na vida diplomática e a viagem ao Oriente, durante a qual ocorreu a morte de sua filha. Não há qualquer preocupação, por parte de Nautilus, em respeitar uma linearidade cronológica, na indicação do acontecimentos e, para além disso, verifica-se a existência de imprecisões quanto ao ano de nascimento que se afirma ter ocorrido em 1791 e quanto à data da morte do poeta: 1 de Março.

A Ilustração Portuguesa abre também as suas páginas, no ano seguinte, a um texto da responsabilidade de Guiomar Torrezão, artigo que se apresenta como uma imitação de "A esposa de Lamartine", de Paul Ginisty, e no qual se afirma ser a sra. de Lamartine a "antithese da mulher romantica" (26).

A menor ocorrência na imprensa portuguesa e o decréscimo sensível de popularidade do poeta Alphonse de Lamartine, estará de acordo com o sentimento expresso por Antero e Quental em "Tendencias Novas da Poesia Contemporanea" (27), sentimento de que o poeta pertence já ao passado, assim como o que a sua poesia representa: o individualismo, o subjectivismo, a presença de melancolia, a sentimentalidade, o mesmo acontecendo relativamente ao romantismo de poetas como Hugo, Byron, Goethe, no qual o escritor se insere.

Segundo Antero outra atitude vem agora substituir a atitude romântica; a que se caracteriza pela razão, por uma acção social e positiva. Atentemos na crítica aos que ainda se ligam aos "melancolicos e apaixonados de 1820" (28) e que manifestam a imitação estudada que não corresponde a uma necessidade espontânea (29).

Também em "A poesia na actualidade (a propósito da "Lira intima" do

Sr. Joaquim de Araújo)" e que data de 1881 - exactamente dez anos depois - insiste-se novamente no romantismo enquanto ciclo poético já morto e Lamartine aparece como um dos seus grandes representantes ao lado de Hugo, Heine, Herculano ou João de Deus, entre muitos outros.

Esta evolução no gosto estético que se verifica em Portugal, após a década de 60, donde resulta um posicionamento diverso face a Lamartine, ressalta de um modo inequívoco do confronto de dois textos distantes no tempo cerca de quinze anos. Assim, surge publicado na revista criada por Joaquim de Araújo, **A Harpa**, em 1874, uma composição, escrita em francês, da autoria de António Malheiro e que sugestivamente se apresenta com o título "A Lamartine" (30). O poema dedicado a Alphonse de Lamartine poderá ter sido elaborado logo após a morte do poeta, porquanto é este o evento que lhe serve de base: "Lamartine a vecu.", afirma desde logo o poeta. Neste soneto em que se presta uma última homenagem ao "tribun inspiré" e "poete", são pois a "Liberté" e a "muse" as entidades aqui apostrofadas, já que privaram de perto com o homem que conseguiu conquistar a imortalidade, até porque vítimas de uma perda irreparável (tratava-se de um "géant") nas suas hostes. De novo encontramos os vectores sempre retomados no discurso crítico português, a vida política de Lamartine na qual ele se destaca pela defesa da liberdade que encontra o seu expoente máximo em 1848, demarcando-se ainda pelo seu dom de eloquência; e o poeta que pela sua poesia infunde e oferece uma mensagem de esperança:

"En mourant, o chanteur, tu laisses à la France
Un heritage aimé. Tu lui laisses tes chants,
Qui sont pour le malheur une éternelle espr'ance!" (31).

Contudo, o poeta de Barcelos apenas se refere à França como a herdeira de

tão precioso espólio; nada é dito acerca do público português (outra constante do discurso sobre Lamartine), a não ser a possibilidade aberta pelos últimos versos que poderão apontar para a sua inclusão no grupo daqueles que conservarão a memória de Lamartine:

"Et ton nom imortel, si rempli de puissance
Dans tous les nobles coeurs, sera toujours vivant" (32).

Já a **Comedia Portuguesa**, em 1888, apresenta um texto singular (33) em que, ironicamente, se critica a leitura de poetas como Soares de Passos e daquele que foi o seu grande modelo, Alphonse de Lamartine; mas o que se critica sobretudo é o gosto do público feminino, gosto esse que repousa num sentimentalismo contemplativo que não encontra o seu contraponto na realidade quotidiana. Com efeito, o retrato do amante que a partir da poesia lamartiniana se pode traçar através de **Graziella**, obra aqui convocada, corporiza-se sob o nome de Lamartine; mas quando surge, de facto, o amante, ele é apenas um mero sucedâneo, um amante "de trazer por casa":

"(...) Lamartine não aparece em geral e quando aparece, não traz no braço o largo manto dos bardos românticos mas a manga luzidia d'alpaca, dos escriptores de arcada!" (34).

Reparemos que embora Lamartine funcione como representante do amante-poeta românticos, o que se verifica, novamente, é a identificação do protagonista da obra **Graziella** com o seu próprio autor. **Graziella** é visto como um escrito autobiográfico, não se inscrevendo uma distância entre a realidade e a ficção.

Este gosto estético e também a atitude perante a vida que se estimam

já ultrapassadas pela falta de adequação à realidade circundante, não podem senão redundar nesta exclamação: "Pobre imaginação! Triste destino: quinhentos e quarenta com emolumentos!" (35). Porém, é ainda sobre os poetas portugueses que recai a ironia do autor, na medida em que a originalidade e a actividade não abundam nesses pseudo-poetas de segunda, os "escriptores d'arcada" (36).

1.1. Esta tendência, cada vez mais acentuada, para o desaparecimento de Alphonse de Lamartine das páginas da imprensa portuguesa, que repousa numa atitude de indiferença ou numa recusa aberta ao passado literário que ele representa, constituindo-se a sua poesia como repositório de experiências, personalizadas, únicas, sem qualquer possibilidade ou objectivo de acção social, não sendo, deste modo, um veículo duma consciência da necessidade de actuação concreta e eficaz de molde a alterar o curso das coisas, justifica a marginalização a que o poeta é votado. Doravante, Lamartine mais não é do que um marco da história da literatura que não pode já funcionar como modelo porque não é gerador de transformações.

Não constitui, então, motivo de espanto a omissão de referências ao centenário do nascimento de Alphonse de Lamartine em muitos jornais diários e em revistas como **O Instituto**, espaço onde Lamartine no período que medeia entre 1853 e 1861 obteve lugar de destaque (37). De facto, **O Primeiro de Janeiro**, **A Revolução de Setembro** ou periódicos que entraram em publicação após a morte do poeta, como **A Actualidade** ou **O Jornal de Notícias**, não apresentam qualquer registo da comemoração dessa efeméride.

Dos jornais que noticiaram o centenário, **A Província**, jornal portuense é o primeiro periódico a fazê-lo. Assim, a 14 de Junho informa-se

de que terão lugar em Mâcon as cerimônias oficiais entre 19 e 21 de Outubro, relativas ao centenário do nascimento do "illustre poeta francez" (38). Todos os outros periódicos apresentam no mês de Outubro esta informação e todos, à excepção de **O Seculo**, se debruçam sobre as comemorações realizadas na cidade natal do poeta. Os artigos publicados caracterizam-se pelo seu cunho predominantemente informativo, fazendo-se a narrativa do que aconteceu em Mâcon de 19 a 21 de Outubro.

O Commercio do Porto, na sua primeira notícia, refere o início das cerimônias e transcreve o artigo dum cronista francês, em que se descreve a casa onde o poeta morreu e como ela é conservada sem quaisquer alterações (39); o número saído a 25 de Outubro limita-se a narrar como toda a comemoração em "honra do author de Jocelyn" (40) se desenrolou em Mâcon, não se esquecendo o autor do artigo de referir um pormenor de grande significado, pois manifesta a viragem que se opera em França, após a morte de Lamartine, no que diz respeito ao seu papel político: ele passa a ser agora encarado positivamente; a distância histórica permite olhar com maior objectividade o desenrolar do processo histórico francês, em 1848 (41). De acordo com a notícia de **O Commercio do Porto**, viam-se bandeiras com a legenda: "Ao primeiro presidente da republica" (42). No entanto, da parte do jornalista português, encarregado de elaborar o artigo, não surge qualquer juízo crítico.

O carácter meramente informativo que particulariza a difusão da notícia do centenário lamartiniano é também comum aos textos encontrados no jornal lisboeta **Novidades**. Porém, este periódico não se limita a dar conta da comemoração desta efeméride em Mâcon, como ainda noticia acontecimentos com ela correlacionados. Assim, resume-se o discurso proferido por M. Bourgeois, no qual o papel de Lamartine, na república é reabilitado; refere-se o telegrama recebido de Moscovo e enviado pela Sociedade Russa dos

Amigos das Letras dessa cidade em que se manifesta reconhecimento e apreço para com Lamartine (43). Ainda no dia 24 se encontra uma notícia breve que se debruça sobre o evento ocorrido no dia 19, em Mâcon (44).

"A Academia de Mâcon (...) organizou (...) uma comemoração muito sympathica para a França e para todo o mundo culto" comenta, aprovadamente, o **Diario de Noticias** a 17 de Outubro (45), informando o público que Portugal terá alguém presente nesta efeméride, o sr. Possidônio da Silva, presidente da associação dos arqueólogos portugueses e membro do Instituto de França, pois recebeu, para tal efeito, um convite. Regista-se então um ligeira variação relativamente à presença de um juízo crítico sobre este acontecimento em solo francês que, no entanto, não será mantida na edição de 20 de Outubro (46), levando-se a cabo uma tarefa idêntica à dos outros periódicos já mencionados.

O eco do centenário noutra jornal lisboeta, **O Seculo**, limita-se a uma rápida informação sobre os votos de apreço e admiração que a Sociedade Russa dos Amigos das Letras de Moscovo exprime (47).

Verificamos, por consequência, que em 1890 Alphonse de Lamartine apenas suscita interesse enquanto causa dum evento particular, a comemoração do centenário do seu nascimento, mas mesmo esse interesse é relativo na medida em que não ocupa um espaço nobre nas páginas dos periódicos, para não falar do pequeno espaço que lhe é atribuído (veja-se a este propósito o Quadro IV). Assim, o tratamento dado a esta notícia revela uma simples preocupação informativa e já não se manifesta a necessidade de proceder a um estudo crítico sobre o escritor francês. A confirmar a pouca importância de Lamartine na realidade portuguesa de 1890, regista-se a inexistência de qualquer notícia sobre a ocorrência, em Portugal, de celebrações desta efeméride.

É de algum modo um rasto do centenário o artigo publicado na revista

QUADRO IV

Dia	JUNHO				OUTUBRO									
	14	17	19	23	24	25	28							
	Pág.	Col.	Pág.	Col.	Pág.	Col.	Pág.	Col.	Pág.	Col.	Pág.	Col.	Pág.	Col.
. A Provincia	2	2												
. O Primeiro de Janeiro														
. O Jornal de Noticias														
. A Actualidade														
. O Commercio do Porto					1	7			2	2	2	4		
. A Revolução de Setembro														
. Diario de Noticias			2	1									1	9
. Novidades							3	1e2	2	5				
. O Seculo											1	6		

O Occidente em Março de 1891 (48), assinado por Francisco de Almeida, e que parece ir preencher essa lacuna deixada pela imprensa portuguesa, embora não haja qualquer evocação do centenário.

Francisco de Almeida procura abarcar neste texto a actividade caleidoscópica deste homem do século XIX que conheceu a fama em 1820 e cuja eloquência poética e oratória detinha em alto grau. Aliás, é este o elemento unificador de todo o artigo pois congregará a multiplicidade de domínios pelos quais Lamartine se estendeu: "A sua grande voz não ressoou sómente no coração da França. Essa voz pura e melodiosa em seus cantos, atroadora e sublime nas borrascas políticas e na defesa da humanidade, da liberdade, da justiça e da patria, derramou-se pelos ambitos da terra durante meio seculo, em ondas vibrantes de grandiosa eloquencia" (49). E pela primeira vez, abandona-se a tendência evidenciada para a generalização, particularizando-se, neste escrito, a recepção de Lamartine em Portugal, pois "nós também applicavamos o ouvido àquelles accents inspirados (...), não nos cansavamos de admirar até nas negligencias e nos rapidos improvisos da sua veia fecunda a variedade maravilhosa e a vasta plenitude do seu talento" (50). Reparemos, no entanto, que a recepção em causa não é passiva, mas atenta e crítica, porquanto se tem consciência das negligências existentes.

Passando em revista a veia poética de Lamartine o autor procura salientar o seu cunho peculiar e a sua importância no séc. XIX. Para Francisco de Almeida, Alphonse de Lamartine é o amante, por excelência, da natureza, na medida em que a sua produção poética se abre à natureza, se lhe oferece como espaço que a deseja.

Evitando uma enumeração que poderia tornar-se fastidiosa, o autor do artigo "Lamartine", alude através de perífrases a composições e a elementos vários de fácil identificação. Assim, quando menciona as "ondulações

harmoniosas d'aquelle lago romantico (...) e que embalou em suas ondas suspirantes a fragil barca da sua (51) felicidade" (52), rapidamente logo nos vem à memória "Le Lac" e, em particular, **Raphaël**. Idêntico processo é adoptado para falar de **Histoire de la Restauration**, comentando Francisco de Almeida que Lamartine se esqueceu de fazer referência a si próprio, enquanto responsável pela condução dos espíritos, juntamente com Chateaubriand e Mme de Staël que referencia. Nas palavras de F. de Almeida, Lamartine, ao elaborar esta obra, fê-lo narrando "com mestria esse periodo brilhante da história e da litteratura do seu paiz" (53).

Embora se façam alusões a **Voyage en Orient**, "a sua odysseia" (54) - o que equipara Lamartine a Homero - ou a **Confidences**, é em **Méditations Poétiques** e **Histoire des Girondins** que se concentra grande parte da atenção do articulista.

Méditations é na verdade a primeira obra do poeta que larga aceitação colheu e que nunca foi suplantada por nenhuma outra obra de Lamartine; nem mesmo **Harmonies Poétiques et Religieuses** logrou registar um tão grande sucesso. Essa aceitação e sucesso, na opinião de Francisco de Almeida, compreende-se à luz da novidade veiculada por essa obra e o facto de ela se ter constituído como bálsamo duma geração inquieta, desiludida e sem linhas de orientação: "Aquelles versos saturados de luz e de rocio refrescavam a alma" (55). Outra explicação aduzida, para fazer compreender um acolhimento tão positivo é a de que "O bardo [bebeu] em todas as fontes da inspiração: Deus, a natureza, a arte e o amor; o que porém nos seus quadros dominava, era principalmente o colorido, a frescura e a luz" (56). Como podemos constatar, há uma manutenção de posições face à poesia lamartiniana, posições que registámos há já cerca de trinta anos.

O confronto com outros escritores, universalmente reconhecidos, para ilustrar mais claramente semelhanças e diferenças e chegar assim a um

retrato ou panorâmica mais exacta da produção poética do autor em causa, continua, também, a ser um processo válido a adoptar. Francisco de Almeida compara, por exemplo, Lamartine, a Pompignan, Parry mas também a Corneille a Petrarca e, finalmente, a Hugo: "Conhecia os elevados cumes onde troava o genio vulcanico de Byron, e aonde tempo depois devia remontar-se o genio de Hugo para percorrer os espaços como o propheta Elias no seu carro de fogo (...)" (57). Contudo, este não é o espaço preferido pelo poeta das **Méditations** pois o seu vôo (...) não é o voo da águia, senão o da pomba (...)" (58).

O responsável pelo artigo apoia-se não só na produção poética, mas também nos escritos prefaciais e ensaísticos para corroborar e completar as suas afirmações; por esse motivo cita Lamartine no seu prefácio a **Méditations Poétiques**, espaço onde o poeta dá a conhecer a sua concepção de poesia.

A importância concedida a **Histoire des Girondins** radica provavelmente no facto desta obra ter, também ela, registado uma larga difusão, ter sido considerada um dos factores que contribuíram para a eclosão da Revolução de 1848 e ser praticamente coincidente com o papel de relevo que Lamartine assume aquando deste processo histórico. Ela está então ligada, já não à eloquência poética, mas à eloquência oratória em que o "idealista sonhador" (59) se destacou pela defesa de reformas sociais, pela abolição da pena de morte, revelando assim, uma preocupação humanitária. Porém, e Francisco de Almeida não deixa de o referir, a validade das suas intervenções é posta em causa pelos seus colegas que se sorriem "da sua candida fé" (60). Não nos podemos também esquecer que **Histoire des Girondins** está aberta a uma sociedade mais livre, fraterna e republicana.

Francisco de Almeida olha lucidamente uma obra que ele sabe não ser a história de uma determinada sincronia, na vida do povo francês mas,

"simplesmente a dramatica epopêa da revolução franceza" (61). Esse mesmo olhar atento fá-lo perceber a falta de rigor, a ficção que se inscreve na, e sobre a História, facto que no entanto, merece indulgência pela bondade ingênita do seu autor. "N'essa obra monumental e excessiva que seduz contra os preceitos da arte, e em que o historizador parece haver escripto os seus juízos sobre a tripode ardente da pythoniza, tudo, até o crime, se encontra embellecido. Se fizéssemos uma critica, condemnariamos essa falta de energia moral" (62).

Para Francisco de Almeida o que existe de verdadeiramente pertinente na obra **Histoire des Girondins** é que "No fundo do tremendo quadro ergue-se velado entre nuvens o templo egregio da liberdade, e no santuário d'esse templo, como um labaro de redempção, a bandeira da Republica (...)" (63).

De novo a objectividade ou a franqueza campeiam neste texto quando o autor refere as censuras, as críticas feitas ao governo provisório de Lamartine, no período ulterior a Fevereiro de 1848; não se omitem elementos que poderão denegrir a imagem do poeta. Porém, Francisco de Almeida recusa o papel de juiz dizendo que essa é a função da História: "Nós não nos sentimos em disposição de o criminar. Se accaso cometteu alguma falta, a França não poderia exonerar a sua responsabilidade. Só os povos envilecidos accusam dos seus erros aos que estão no poder" (64). Não querendo ser juiz, o autor acaba por tomar partido a favor de Lamartine censurando a França pela sua injustiça e ingratição, facto que nos parece ser uma constante da crítica portuguesa.

O autor de "Lamartine" não se fica pela época aúrea da vida do escritor e do político, ele debruça-se sobre a sua queda política e sobre a tentativa que Lamartine leva a cabo para sobreviver, a dedicação a um trabalho de escrita sempre recommçado. Também o produto desse trabalho não é desprezado, antes é visto como sendo possuidor de valor artístico.

O que Francisco de Almeida se propôs afinal fazer não foi senão traçar uma panorâmica da vida de Alphonse de Lamartine a partir duma perspectiva peculiar: o dom da palavra deste homem francês. Por este motivo, neste artigo são as obras lamartinianas a fonte e o testemunho que permitiram esta tarefa, a qual contribuiu para o enaltecimento daquele que nasceu em 1790, não deixando Francisco de Almeida de apelar para a indulgência de todos para com alguém que ainda foi mais desfavorecido pela sorte do que o nosso Camões (65). A Francisco de Almeida não lhe repugnaria fazer sua a afirmação de Emmanuel des Essarts, de 1888: "Le poète de 1820, le citoyen de 1848, sont à titre égal éternellement légendaires" (66).

Da análise dos textos coligidos, múltiplas observações se impõem, relativas ao posicionamento adoptado face à actividade crítica (e não falamos da escolha de uma metodologia, pois grande parte dos textos situa-se numa época em que tem lugar um processo de busca de identidade e de autonomia para esta tarefa no mundo das letras) e relativas também à fortuna de Alphonse de Lamartine em Portugal.

O contacto com estes escritos de proveniência e autores tão diversos, mostra-nos que estamos já longe duma crítica dogmática, de carácter normativo e com um objectivo eminentemente pedagógico do tipo da que é definida por Francisco Freire de Carvalho, em 1840 (67):

"Crítica em linguagem de Litteratura é a arte, que ensina a discernir o verdadeiro merecimento dos Autores; apontando os principios, que servem para fazer sentir mais vivamente as suas bellezas; prevenindo-nos ao mesmo tempo contra o respeito cego, que nos faz confundir as bellezas com os defeitos, e a vituperar estes com exacto conhecimento e não a arbitrio da multidão. (...) ella é a applicação às Bellas-Letras, como às Bellas-Artes.

(...) funda-se na observação das bellezas, que parecem haverem reunido maior numero de votos das pessoas entendidas" (68).

Na verdade, a concepção de crítica que ressalta, não aponta já para uma preocupação didáctica e pedagógica, mas para um objectivo de compreensão da(s) obra(s) dum autor. Para atingir esse fim recorre-se a um estudo biográfico muitas vezes com base na obra do próprio autor a tratar, resultando daí mais um estudo do emissor do que da sua produção literária e do seu receptor último, o público leitor.

Assim, poucos são os textos que reflectem sobre uma obra específica (cf. "As Meditações Poéticas de Lamartine") ou sobre um vector singularizante de toda a produção de escrita de um autor. Contudo, este não é o único meio que se utiliza; os factos epocais podem ser também de grande ajuda para o crítico, enquanto causas intervenientes e por isso responsáveis pelo resultado final, na elaboração do texto literário .

São estas então, as linhas-força que particularizam e que, de um modo geral, aproximam todos os textos por nós estudados; une-os ainda o recurso sistemático, próprio da crítica da época, à comparação do autor escolhido com outros escritores próximos na cadeia temporal, a fim de melhor salientar e aferir dos pontos de contacto e das diferenças. Deste modo, são poucas as oscilações que se verificam relativamente ao exercício da crítica, repousando a variação numa maior ou menor dominância de uma abordagem biográfica ou epocal.

Outro factor que ressalta do exame destes textos é que, na sua maioria, todos apresentam um pendor acentuadamente informativo (o que à partida não constituiria impedimento para um trabalho de natureza crítica)

e, concomitantemente, uma ocorrência fraca de juízos críticos sobre o autor e a sua obra (69), manifestando-se, deste modo, a dificuldade em fundar uma crítica portuguesa independente e poderosa.

Para além da falta de um juízo crítico sistemático, constata-se que, por outro lado, a ausência da necessidade de rigor e dum trabalho de pesquisa, de documentação pessoal que redunde ou na apresentação ao leitor de dados errados e em "segunda mão", ou na inexistência de lucidez, muitas vezes acrescida duma perspectiva "acrítica" que não torna perceptível o polimorfismo do disfarce e que por isso aceita, sem reservas, textos de carácter ficcional e autobiográfico. Poderíamos assim afirmar que esta manifestação da crítica em Portugal se apresenta ainda num estágio primitivo, incoativo, no que diz respeito à pretensão de cientificidade desta actividade.

De qualquer modo, a existência duma situação deste tipo na crítica portuguesa lamartiniana, não invalida o valor significativo que ela possui na medida em que o facto de encontrarmos uma prática de escrita sobre o nosso autor possibilita a apreensão do que foi a recepção de Lamartine em Portugal e a comprovação de que ela ocorreu. Alphonse de Lamartine é apenas um caso entre muitos outros, em que se revela a atracção pelo Estrangeiro e, em particular, pelo que vem de França, situação que paradoxalmente, como pudemos verificar, é acompanhada duma valorização do que é português.

Do estudo dos textos referidos constata-se que a recepção de Alphonse de Lamartine no nosso país é tardia, o que se pode imputar a uma conjuntura sócio-política e literária precisa: a agitação causada pelos conflitos verificados em Portugal, entre absolutistas e liberais, provocando o exílio da camada intelectual portuguesa e a centralização de esforços de regeneração e de renovação, na procura duma estabilidade social e política; e, por outro lado, a presença de um rasto neoclássico e de um pendor

nacionalista que marca a nossa primeira geração romântica (70). Na verdade, Lamartine alcança o sucesso em 1820 e só próximo da década de 40, é que passa a ser largamente difundido em Portugal.

Constata-se então que a grande fortuna de Lamartine tem lugar com a geração ultra-romântica, momento em que se constitui como modelo romântico a imitar em termos de escrita pœtica. Poetas ligados a **O Trovador**, **Novo Trovador**, **O Bardo** e **A Grinalda** tomá-lo-ão como um dos seus grandes mestres, pela adopção de vectores temáticos (a natureza consoladora, a morte, a solidão, a confidência de amores frustrados, etc.) e de um tom melancólico, elegíaco, contemplativo e religioso que caracterizam grande parte da sua poesia. Esta tendência de seguidismo, acabará por resultar na multiplicação de práticas poéticas caricaturalmente lamartinianas, posteriormente recusadas pela Geração Coimbrã. A recusa que então se manifesta (embora já anteriormente latente), reside não apenas no carácter estafado desta poesia, mas também no facto de ela não veicular qualquer necessidade de acção social concreta, tendência polarizada por Victor Hugo que nesse momento se encontra numa posição de supremacia em termos de mensagem vivificante.

A existência dum poeta seu contemporâneo que alia em si uma escrita multifacetada, vigorosa, que se deixa penetrar por um romantismo social e humanitário, homem que luta pelo progresso, pela liberdade, que sofre o exílio político sem, no entanto, esmorecer poeticamente, que não conhece uma queda de popularidade, mas antes parece sempre manter-se actual, faz de Lamartine poeta pouco profícuo (a sua última recolha com êxito generalizado data de 1830, com **Harmonies**), político que conhece o fracasso e que a partir desse instante deixa de ter um papel interveniente na evolução do seu país, faz de Lamartine - dizíamos - alguém que apenas se admira pelo que foi e não pelo que é. Assim, esta admiração resulta infecunda em termos de seguidores (facto que os epítetos utilizados deixam transparecer) para a também chamada

"geração nova" que encontra em Hugo o modelo por excelência, aquele que atinge uma dimensão mítica, fruindo uma condição de ídolo, situação a que Lamartine nunca acederá.

Não constitui então motivo de admiração o desaparecimento progressivo do poeta de **Méditations Poétiques** na imprensa portuguesa, nem que ele deixe de interessar os críticos, enquanto motor de criação na literatura da época. Por conseguinte, à data da sua morte, Lamartine percorre já a largos passos o caminho que o levará a ser considerado um momento preciso da História Literária (71), meta que terá atingido por alturas do centenário do seu nascimento, registando-se o esquecimento a que é votado, a fria deferência manifestada. Nos textos críticos portugueses ele passa então a ser uma mera referência cultural. Sinal desse percurso, rumo à ocupação do seu lugar nos manuais e antologias literárias é o facto de não termos encontrado notícia da realização duma subscrição portuguesa de ajuda à resolução da situação financeira precária do poeta, a não ocorrência de qualquer manifestação aquando da sua morte ou do centenário do seu nascimento e, finalmente, a inexistência de um Clube Lamartine, contrariamente ao que se verificou com Hugo.

Característico do discurso crítico sobre Lamartine é o seu cunho englobante que abarca quer o escritor quer o homem político. Com efeito, a admiração votada a Alphonse de Lamartine, de que resulta a interpenetração nesses escritos das duas vertentes singularizadoras da vida deste escritor, compreende-se à luz dos dotes literários, por um lado, e por outro à luz dos objectivos privilegiados na época, a luta pelo progresso, a defesa da liberdade, a abolição da pena de morte, a procura duma sociedade mais equitativa num âmbito de um regime democrático, objectivos intimamente ligados a uma vivência política permanentemente em conflito que assenta num antagonismo entre conservadores e liberais. Daí que o que importa aos

críticos portugueses relativamente ao papel de Lamartine na Revolução de 1848, não é tanto o seu desfecho quanto a disponibilidade, a coragem, o poder de conciliação, o espírito de luta revelado por Alphonse de Lamartine. E também por isso a França será objecto de censura pelo desprezo a que votou o poeta. Não é pois de desprezar o testemunho extremamente válido de Pedro Eurico, pseudónimo do advogado Pinto Osório, que em **Figuras do Passado** afirma:

"Estava recente a lembrança da revolução de 1848, em França, cuja influencia alastrou pela Europa, e recentes também as recordações da revolução popular em Portugal.

A nobre figura política e litteraria de Affonso de Lamartine ainda encantava annos depois, os estudantes do meu tempo.

A sua prosa attrahia tanto como os seus versos! Não liamos só as Meditações e as Confidencias, cariciosas leituras para corações de dezaseis e dezasete annos! Devoravamos a **Historia da Revolução de 1848** (72), narração de acontecimentos, que eram dos nossos dias, e em que figuravam personagens, que estavam vivas. Essa nos convidava e conduzia á leitura da Historia dos Girondinos; e para logo as nossas almas ficavam alumiadas e temperadas no fogo da Revolução" (73).

Porém, e voltando ao domínio literário, é sem dúvida **Méditations Poétiques** a obra que funciona como entidade responsável pelo apreço que se experimenta pelo poeta (74). Na verdade, torna-se uma constante do discurso sobre Lamartine, a insistência no carácter renovador desta obra apontando-se como contributo fundamental a cristianização da poesia que **Harmonies Poétiques et Religieuses** continuará a veicular. Para além de **Méditations**, também **Jocelyn** é merecedora de um lugar de destaque dentro da produção

poética lamartiniana. Já no que diz respeito à obra em prosa a escolha recaiu sobre **Raphaël e Graziella**.

Histoire des Girondins ocupa, no campo político, o mesmo lugar que a obra de 1820 ocupa no domínio poético, na medida em que antecedeu de perto a Revolução de Fevereiro e ainda pelo facto de ser considerada como factor que condicionou esse mesmo processo histórico.

Curiosamente, não se encontram referências às últimas obras do poeta, como **Fior d'Aliza** ou **Antoniella** embora tenham sido traduzidas. De facto, elas situam-se na etapa de declínio de popularidade. Contrariamente à crítica francesa a tendência que se verifica em Portugal vai no sentido duma grande indulgência quanto à falta de burilamento, de estudo, na elaboração de obras ou ainda relativamente à presença de incorrecções. Esta atitude de indulgência também se regista na perspectivação que se faz da actuação política de Alphonse de Lamartine.

Para além disso, assinala-se a leitura parcial e lacunar que se faz da obra lamartiniana, ao acentuar-se o pendor melancólico, religioso e omitindo-se a revolta ou o carácter mais empenhado que, embora de um modo menos recorrente, se encontra presente na sua produção poética. Esta visão advirá sem dúvida duma maior difusão de determinadas composições e obras, correspondendo assim a uma leitura incompleta de Alphonse de Lamartine; este facto reflectir-se-á nas traduções que se efectuam, do autor.

É de relevar a falta de uma crítica pessoal, fruto duma reflexão sobre o corpus em análise e que, por esse motivo, muitas vezes é sentida como eco da crítica francesa ou como o eco que os textos críticos portugueses provocam entre si. Como afirma Vitorino Nemésio, "As frequentes citações de autores franceses não deixam apurar bem o rendimento das leituras nem a profundidade das impressões. Formam um abecedário superficial e rotineiro, um grande lugar comum" (75).

NOTAS

(1) "O espírito de Lamartine", in **O Seculo**, Lisboa, 6^o ano, n^o 1692, 17 de Julho, 1886.

(2) **A Actualidade**, Porto, 12^o ano, n^o 96, 24 de Abril, 1885.

(3) **O Commercio do Porto**, Porto, 19^o ano, n^o 77, 5 de Abril, 1872, p.2. **O Commercio do Porto**, Porto, 23^o ano, n^o 32, 9 de Fev., 1876, p. 1. Cf. ainda **Museu Illustrado**, Porto, 2^o ano, 8^o fascículo, Out. 1870. Aqui, Magalhães Lima fala da abundância e miséria de Lamartine, Alphonse Karr e Offenbach, destino idêntico que partilharam.

(4) Alberto Pimentel - "O Suicídio. Carta ao Sr. Thomaz Ribeiro, a propósito de Delfina do Mal", in **Almanach das Senhoras para 1872**, Lisboa, 2^o ano, 1872, pp. 180-187.

(5) Alphonse de Lamartine - **Nouvelles Méditations Poétiques**, in **Oeuvres Poétiques**, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1986, pp. 113-118.

(6) Alphonse de Lamartine - **Raphaël, Pages de la Vingtième Année. Graziella**, Paris, Nelson Éditeurs, s.d., p. 101.

(7) Alberto Pimentel - op. cit., p. 185.

(8) **Almanach das Senhoras para 1875**, Lisboa, 5^o ano, 1874, pp. 141-142.

(9) Veja-se a **A Illustração**, Paris, vol. I, 1^o ano, n^{os} 1, 2, 6, 7, 11 e 13 de 1884 e vol. II, 2^o ano, n^{os} 1, 15, 16, 21 e 24, 1885.

(10) **A Illustração**, Paris, vol. III, n^o 14, 20 de Julho, 1886, p. 211.

(11) Id., ibid.

(12) Id., ibid.

(13) **A Illustração Portuguesa**, Lisboa, t. III, 3^o ano, n^o 1, 19 de Julho, 1886, p. 4.

(14) Id., ibid. O sublinhado é nosso.

(15) Também Jules Lemaître experimentará a necessidade de chamar a atenção para o lugar menor que Lamartine imerecidamente ocupa quando comparado a Hugo. Cf. "Et Lamartine", in **Les Contemporains, Études et Portraits Littéraires**, 16^{ème} éd., Paris, Société Française de Imprimerie et de Librairie, 1902, p. 150.

(16) **A Illustração Portuguesa**, art. cit.

(17) A queda de popularidade de Lamartine e a diminuição de leitores da sua obra é registada aproximadamente na mesma época, pela crítica francesa. Cf. Anatole Claveau, **Contre le flot**, 2^{ème} éd., Paris, Paul Ollendorff Éditeurs, 1886, pp. 30 e 35 e Emmanuel Des Essarts - **Portraits de Maîtres**, Paris, Perrin et C^{ie}, Lib. Éd., 1888, p. 33, onde se lê: "Inconnu Lamartine l'est à coup sûr pour les nouvelles générations: on ne le lit plus, on ne l'apprecie guère."

(18) **A Illustração Portuguesa**, art. cit.

(19) Id., ibid.

(20) Id., ibid.

(21) Cf. Alphonse de Lamartine - "Le Lac", in **Méditations Poétiques, Oeuvres Poétiques**, Paris, Gallimard. Bibliothèque de la Pléiade, 1986, p. 38:

"Ainsi toujours poussés vers de nouveaux rivages,
Dans la nuit éternelle emportés sans retour,
Ne pourrons nous jamais sur l'océan des âges
Jeter l'ancre un seul jour?"

(22) **A Illustração Portuguesa**, art. cit.

(23) Id., ibid.

(24) Id., ibid.

(25) Id., ibid.

(26) **A Illustração Portuguesa**, Lisboa, t.IV, 4^o ano, n^o 10, 19 de Set., 1887, p. 3.

(27) Antero de Quental - "Tendências Novas da Poesia Contemporânea", in **Prosas**, vol. II, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926, pp.192-200. Este texto foi publicado inicialmente em **A Revolução de Setembro** no ano de 1871.

(28) Id., p. 194.

(29) Veja-se também Augusto Seromenho, em "A Literatura Portuguesa", referido por Antônio Salgado Junior, em **História das Conferências do Casino (1871)**, Lisboa, Tip. da Coop. Militar, 1930, pp. 42-43, onde se lê: "No meu tempo, era moda a paixão inconsolável, pálida, martirizadora, gemida nos cemitérios entre os mochos e os ciprestes, com um cortejo de ingratidões e punhais. Era a depravação de Lamartine, de que se gerou um género piegas, intolerável, que enjoou o espírito público."

120. (30) Antônio Malheiro - "A Lamartine", in **A Harpa**, Porto, 1874, p.

(31) Id., ibid.

(32) Id., ibid.

(33) **Comédia Portuguesa**, 6 de Out., 1888, p. 4.

(34) Id., ibid.

(35) Id., ibid.

(36) Id., ibid.

(37) Posteriormente, em 1880, Lamartine regressa às páginas da revista, numa homenagem que se presta a um dos seus colaboradores, recentemente falecido, Francisco de Castro Freire, que foi um dos grandes tradutores de Lamartine. Com efeito, publica-se o texto de G.Y.J., extraído do **Correio Nacional**, tradução deste colaborador no vol. 27, nºs 9 e 10. Este mesmo artigo tinha já sido publicado na revista **Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica**, nº 3 e nº 4 de 14 e 21 de Março, 1840.

(38) **A Provincia**, Porto, 6º ano, nº 154, 14 de Junho de 1890, p. 2.

(39) **O Commercio do Porto**, Porto, 37º ano, nº 261, 19 de Out., 1890, p. 1.

(40) Id., nº 266, 25 de Out., 1890, p. 2.

(41) Cf. Afirmações de Edouard Grenier - **Souvenirs Littéraires**, Paris, Alphonse Lemarrie, Éd., MDCCCXIX, p. 35: "La postérité remet tout à sa vrai place, et son centenaire l'a bien prouvé: il a été un triomphe".

(42) **O Commercio do Porto**, art. cit.

(43) **Novidades**, Lisboa, 6º ano, nº 2003, 23 de Out., 1890, p. 3.

(44) Id., nº 2004, 24 de Out., 1890, p. 2.

(45) **Diario de Noticias**, Lisboa, 26º ano, nº 8903, 17 de Out., 1890, p. 2.

(46) Id., nº 8914, 28 de Out., 1890, p. 1.

(47) **O Seculo**, Lisboa, 10º ano, nº 3132, 25 de Out., 1890, p. 1.

(48) Francisco de Almeida - "Lamartine", in **O Occidente**, Lisboa, vol. XIV, 14º ano, nº 441, 21 de Março, 1891, pp. 70-71.

(49) Id., p. 70.

(50) Id., ibid.

(51) Ainda em 1891, se verifica o mesmo tipo de posicionamento, face a obras com vestígios de autobiografia, e que consiste em tomar a ficção como registo fiel da realidade dos factos.

(52) Francisco de Almeida - in **O Occidente**, art. cit., p. 70.

(53) Cf. Id., ibid., 5º parágrafo.

(54) Id., ibid.

(55) Id., ibid.

(56) Id., ibid.

(57) Id., ibid.

(58) Id., ibid. Cf. Posição de Sainte-Beuve e de José Palmela.

(59) Francisco de Almeida - "Lamartine" in **O Occidente**, art. cit.

(60) Id., ibid.

(61) Id., ibid.

(62) Id., ibid.

(63) Id., p. 71.

(64) Id., ibid.

(65) Id., ibid.

(66) Emmanuel Des Essarts - **Portraits de Maîtres**, op. cit., p. 70.

(67) Esta obra que citamos em seguida, conheceu várias edições, datando a primeira de 1840.

(68) Francisco Freire de Carvalho - **Lições de Poética Nacional**, 2ª ed. Lisboa, Tip. Rollandiana, 1851, pp. 4 e 5.

(69) Ao fazermos esta observação não estamos evidentemente a tomar em linha de conta os artigos meramente circunstanciais, aparecidos por ocasião da morte e do centenário do poeta.

(70) Cf. Pierre Hourcade "1. As Influências Francesas sobre a Literatura Portuguesa do Seculo XIX", in **Temas de Literatura Portuguesa**, Moares Editores, 1978, p. 23, onde se pode ler: "(...) no fundo a poesia

romântica portuguesa nunca chegou a cortar completamente o cordão umbilical que a ligava à Arcádia, e por esta ao lirismo quinhentista. Esta fidelidade limitou o seu desenvolvimento e ao mesmo tempo tornou-a mais impermeável às sugestões do estrangeiro, sobretudo de um país em que as novas tendências pretendiam erigir-se em revolta contra todos os classicismos." É nesta linha que situa a recusa garrettiana (posição que posteriormente se modificará) face a Alphonse de Lamartine. Sobre este assunto veja-se José-Augusto França - **O Romantismo em Portugal**, vol. I, Lisboa, Livros Horizonte, 1966 e Ofélia Paiva Monteiro - **A Formação de Almeida Garrett, Experiência e Criação**. t. II, Centro de Estudos Românicos, 1971.

(71) Cf. Situação análoga verificada na Roménia. Veja-se sobre este assunto **Le Livre du Centenaire**, obra já citada, pp. 159-177.

(72) Recorde-se que esta obra, foi publicada pela primeira vez em 1849 e traduzida no mesmo ano em Portugal.

(73) Pedro Eurico - "José Luciano de Castro", in **Figuras do Passado**, op. cit., p. 137.

(74) Veja-se o que neste sentido afirma Henri Guillemin, na obra já citada, p.20: "(...) il sera jusqu'au bout, pour les français de son temps et pour beaucoup d'âmes encore, dans la postérité, l'homme de ce livre presque uniquement."

(75) Vitorino Nemésio - **Relações Francesas do Romantismo Português**, Coimbra editora, 1936, p. 3.

II PARTE

**SUBSÍDIOS SOBRE A DIFUSÃO
DA OBRA LAMARTINIANA**

"Tradução é mais que transplantação" (1).

Antero de Quental

A tradução, enquanto fenómeno de metacomunicação literária, é também ela essencial para a avaliação do eco que Lamartine regista, no século XIX, entre nós. É essencial porque, ao proceder a uma recodificação, possibilita, não só um acesso facilitado à obra estrangeira, na medida em que o código linguístico francês poderá não fazer parte da competência linguística do leitor português, (embora se insista que o "século XIX fala francês!"), mas apresenta-se ainda como um veículo de transmissão cultural, colocando então em presença e em confronto dois sistemas de língua, duas culturas e, por extensão também duas literaturas.

Neste processo de comunicação secundária, o principal interveniente é, à partida, o tradutor enquanto "refazedor" de um texto e por isso mesmo igualmente produtor de texto, facto que, desde logo, coloca a questão da fidelidade ao texto original. A acuidade desta questão é tanto maior quanto o texto primeiro é um texto literário. Na verdade, se a transposição de um código para outro levanta sempre problemas na procura de estruturas correspondentes ou depara com a impossibilidade de dar conta de realidades culturais que não existem no universo da outra cultura e, conseqüentemente não se encontram conceptualizadas pelo seu código linguístico, em termos de textos literários os obstáculos são ainda maiores pelo facto de ser também necessário veicular a marca da escrita dos seus autores. Assim, e situando-se num domínio pouco exacto no que diz respeito a classificações, encontramos textos que se apresentam como "traduções", mas também surgem alguns com a indicação de "imitação",

designações que apontam para a existência duma recodificação ou duma transcodificação. Não intentamos, porém, proceder a uma análise contrastiva para verificar tais ocorrências, mas sempre que se oferecer tal oportunidade registaremos algumas pistas exemplificativas deste processo.

Todavia, não é apenas a função de produtor segundo dum texto que faz do tradutor peça fundamental do fenómeno de tradução. Com efeito, ele é ainda, um intermediário privilegiado nessa tarefa de mediação entre outra cultura e o leitor, e nessa tarefa de mediação ele não "transacciona" qualquer produto, qualquer segmento cultural, mas a escolha por ele feita num universo mais vasto.

São pois de grande ajuda todo um conjunto de textos que frequentemente se constituem como um espaço crítico onde se deixam entrever as motivações deste tipo de empreendimento que se assume enquanto resposta a solicitações exteriores. Referimo-nos aos textos prefaciais.

E se o tradutor é essencial enquanto entidade que desencadeia um novo processo de comunicação, também o receptor o é enquanto destinatário último desse mesmo processo e por isso indispensável, pois condiciona-o igualmente. Não é então de somenos importância reflectir sobre as razões da opção efectuada por um tradutor. Ela corresponderá a critérios pessoais, sem dúvida, porquanto a situação diverge da realidade actual em que se traduz quase só por encomenda, mas esses critérios pessoais ligam-se intimamente a um código moral, estético, sócio-cultural vigente na sua época. A escolha duma obra determinada não repousa unicamente no gosto individual, mas ainda num gosto e numa moda epocais, numa tentativa de ir ao encontro do público leitor. Serão pois estes os factores que nortearão o estudo que efectuaremos das traduções portuguesas da obra de Alphonse de Lamartine, na procura da resposta a questões prementes como quem lê e o que se lê, no século XIX em Portugal.

NOTAS

(1) Antero de Quental - "Sobre traducções (Depois de ler as Recreações poéticas do Sr. Francisco Castro Freire)", in **O Phosphoro**, Coimbra, nº 11, 1861, p. 85.

CAPÍTULO I

PREFÁCIOS, DEDICATÓRIAS E NOTAS

Algumas são as obras vertidas em português, embora não seja a maioria, que se fazem acompanhar dum texto prévio mesmo que ele não pretenda ser veículo de uma actividade crítica. Desse conjunto de escritos, genericamente falando, ressaltam várias coordenadas comuns e significativas: a informação biográfica sobre o escritor, indicações caracterizadoras do receptor da obra lamartiniana e reflexões ou meros desabaços relativos às dificuldades surgidas num processo de tradução.

Assim, o primeiro desses textos e que surge precedido de um retrato de Alphonse de Lamartine, funciona como apoio à tradução de "Élégie", composição de **Nouvelles Méditations Poétiques**, publicada na revista **A Ilustração, Jornal Universal** (1), tradução que não se afasta grandemente do texto original.

A notícia biográfica que precede esta meditação acentua dois pólos sempre presentes nos textos dedicados a Lamartine, o escritor e o político, característica que particulariza, como já verificámos, o modo como Lamartine é recebido em Portugal, enquanto exemplo válido: "Tem feito tão brilhante

figura na camara, tratando de politica e de melhoramentos materiaes, como fizera fóra d'ella cantando a Deus e a sua Elvira" (2).

O autor da notícia que apenas assina S.L., apoia-se no crítico francês Jules Janin para salientar o carácter inovador da produção poética lamartiniana, ao dar à França a ode. Ora, estranhamente, não é a cristianização da poesia ou a perspectivação da actividade poética enquanto repositório de sentimentos individuais e verdadeiros, vectores tantas vezes invocados como sendo portadores de renovação, que são agora postos em relevo, mas somente este tipo de composição poética que apenas abrange uma parte da poesia de Alphonse de Lamartine.

Neste texto, as obras relevadas são **Méditations Poétiques, La Mort de Socrate, Le Chant du Sacre, Le Dernier Chant du Pélerinage d'Harold** (que novamente surge indicado "O ultimo canto de Childe - Harold"), as segundas **Méditations, Harmonies Poétiques et Religieuses, Voyage en Orient** (indicando-se erradamente a data de 1833 para a sua publicação), **Jocelyn e La Chute d'un Ange**; mas deste grupo destaca-se **Méditations** pelo sucesso que obteve e **Jocelyn**; "a mais interessante e pathetica historia do amor sacrificado ao dever" (3). Embora **La Chute d'un Ange** não tenha sido uma obra bem acolhida, nenhum comentário surge que dê conta de tal facto.

De novo se verificam imprecisões com a indicação do ano de 1821 para a realização do casamento do poeta, nas referências à sua carreira diplomática, erros de ordem cronológica, mas também de ordem circunstancial tais como "estava nomeado Ministro - plenipotenciario para Athenas, quando rebentou a revolução de Julho" (4), estava em 1834 em Jerusalém, tendo Lamartine regressado em 1833 ou, finalmente, quando se afirma que "O illustre poeta subiu á tribuna como chefe d'um pequeno partido denominado social"(5).

Porém é o início do artigo que é bem revelador do interesse que

Lamartine suscita entre nós nesta época e revelador também da existência de um público leitor que apreciava a sua obra: "Publicando a elegante tradução, que abaixo se lê, de uma das bellas meditações do illustre poeta cujo nome é conhecido e bemquisto em toda a parte, julgamos obsequiar também os nossos leitores dando-lhes o seu retrato, que acompanharemos de uma succinta noticia biographica" (6). Isto significa que Lamartine interessa então, não apenas como poeta, mas enquanto síntese dessa condição na qualidade de homem empenhado socialmente.

Embora não se trate dum texto prefacial o anúncio que se faz n'**A Revolução de Setembro**, ou em 1847, da tradução de **Voyage en Orient** (7) acaba por funcionar de um modo semelhante ao preparar o leitor para a obra que irá ler, explicando-se o porquê de tal empreendimento. Assim, a sua justificação encontra-se desde logo na garantia dada pelo nome do autor (8): "É obra de Lamartine e um tal nome é sufficiente garantia do seu merecimento" (9). Além disso, o que o autor oferece ao leitor é uma resposta à sua atracção por um exotismo religioso. O responsável pela notícia, que não indica quem é o tradutor, invoca ainda o vazio existente de publicações deste género como mais um motivo para que a tradução tenha lugar. De acordo com o texto, a obra apresentar-se-á em cadernetas que constituirão dois volumes, tratando-se provavelmente duma tradução integral. Também a "Explicação" ao leitor do tradutor anónimo de **Geneviève**, versão de 1851 (tendo-se o cuidado de indicar no rosto do livro que se trata duma "Traducção do Porto"), refere o nome do autor como estando na base da decisão em traduzir esta obra pois "O nome do autor (...) fulge no meio d'uma aureola brilhante no mundo litterario" (10). Para além da popularidade e admiração que Lamartine granjeia, as características da própria obra apoiam essa decisão pois aí se encontra "a poesia do sentimento", a "physiologia moral do coração" e a "riqueza dos pensamentos" (11). Do mesmo modo que muitos outros o farão, o

tradutor de **Geneviève** propõe-se ser fiel ao texto original. É esta a grande preocupação que rodeia o fenómeno de tradução na época, desencadeando múltiplas referências e mesmo artigos que se debruçam sobre o que deve ou não deve ser uma tradução que é, a mais das vezes, vista como um enriquecimento cultural (12).

Esta "Explicação" é fundamental na medida em que nos dá a conhecer a confluência numa mesma obra, num mesmo tempo, do interesse de vários tradutores, interesse revelador da receptividade face a este tipo de escrita romanesca: "Quando já tinha o meu trabalho em meio, e parte já impresso, appareceram annunciadas duas traduções deste mesmo Romance (...)" (13). Embora nada mais se diga acerca delas, o cuidado em indicar que se trata de uma tradução do Porto torna-se uma pista que aponta para Lisboa como sendo, certamente, o espaço onde elas terão lugar. Na verdade, encontramos já em Agosto de 1850 o anúncio na **Revista Universal Lisbonense** duma tradução desta obra (14), assim como registamos a existência de outra versão do mesmo escrito editada em Lisboa em 1851 (15).

Reparemos que em qualquer dos casos o trabalho de versão segue de perto a publicação de **Geneviève** em Abril de 1850, no periódico lamartiniano **Le Conseiller du Peuple**. Este facto revela, não apenas um consumo imediato do produto literário estrangeiro e uma capacidade de leitura para todas as traduções, em particular de romance, mas também o interesse por tudo o que sai da pena de Lamartine, como **Le Conseiller du Peuple**, periódico vocacionado para a educação popular, âmbito no qual a obra se inscreve (16), pois, como se afirma no texto introdutório,

"Le chef-d'oeuvre d'un écrivain, c'est de se rendre accessible, intelligible et utile aux masses, comme le chef-d'oeuvre de la lumière, c'est d'éclairer de très haut les profondeurs des ténèbres, et d'avoir des rayons pour chaque brin d'herbe comme il y a des splendeurs pour les sommets des montagnes" (17);

esta obra, **Geneviève**, constitui-se ainda como a primeira pela qual se opta para dar início à "empresa de publicar traduções de obras escolhidas" (18). A tarefa que o tradutor da **Revista Universal Lisbonense** vai empreender e a escolha que faz da obra, repousa num objectivo de moralização de costumes, condição que **Geneviève** preenche, porque possuidora de "um pensamento civilizador" (19).

Todavia, este empreendimento apresenta-se como pertinente, ao compensar e substituir a actividade crítica da imprensa, nas suas funções que, segundo o texto, assentam numa defesa dos bons costumes e na preservação da língua portuguesa, funções essenciais que não desempenha. Não só se censura a debilidade da crítica portuguesa como a tradução descuidada, defeito em que se procurará não incorrer.

Não se desperdiça o ensejo de referir, sumariamente, vectores que particularizam a vida de Alphonse de Lamartine, ou seja, "A gloria litteraria, e a gloria politica" (20). Neste momento não se regista ainda a perda de popularidade que Lamartine conhecerá ulteriormente e perspectiva-se euforicamente a sua saída da vida política: "A revolução que o trouxera para o primeiro logar da scena politica, o viu desaparecer do theatro dos seus grandes acontecimentos. No entanto, Lamartine trocára as insignias do poderio politico pela sua gloriosa penna de poeta" (21). Curiosamente e pela primeira vez se traçam duas etapas distintas na evolução literária de Alphonse de Lamartine; de facto, se antes da Revolução de 1848 e pelas características da sua poesia ele se arvorou em "pintor da natureza", agora ele torna-se "pintor da vida" com a sua produção de foro romanesco; e não é por acaso que apenas faça referência a **Raphaël** e **Les Confidences**, obras

surgidas após a Revolução de Fevereiro (22).

Também **Graziella**, **Antoniella**, **Raphaël** e **Régina** foram vertidas em português e de algum modo prefaciadas; contudo a sua tradução dista de alguns anos (mais de uma década) da publicação das obras originais (23).

Em 1864, sai na Bibliotheca dos Dois Mundos uma "tradução livre" (24) de **Graziella** assinada por Bulhão Pato. Na carta que a antecede e dirigida a Pedro Corrêa, Bulhão Pato refere as dificuldades com que se depara neste tipo de trabalho, que lida com "o dizer peculiar das linguas" e que por esse motivo impede muitas vezes de encontrar o equivalente adequado para a tradução. É aliás esta a razão invocada, para além do pouco tempo para a sua elaboração, para explicar que a sua "tradução |seja| quasi sempre livre e n'alguns pontos paraphrastica" (25), afirmação cujo conteúdo é facilmente verificável pela tradução do poema inserto nesta obra, "Le Premier Regret." Com efeito, do confronto do texto vertido com o texto original ressalta, desde logo, a inserção dum verso inexistente na primeira estrofe, "Um pobre monumento", verso que introduz uma nota de engrandecimento embora atenuada é certo pela adjectivação adoptada, mas nota que não figura no original. Os exemplos podem multiplicar-se sem dificuldade: "herbes" (2^a estrofe) é agora substituído por "selvaticas plantas"; no texto de Bulhão Pato a mãe sorri (7^a estrofe) o que não acontece no texto primeiro; "sur un jour éclatant" torna-se "sobre o chão de horizonte deslumbrante!", o cisne que, no texto em francês, se apresentava "plongeant son cou qui enveloppe la ride", em Bulhão Pato "Mergulha ufano o collo alabastrino"; ou "Un oiseau de tendresse et de mélancolie / s'y pose pour chanter sur le rameau qui plie!", que no texto português perde em dramaticidade pois é somente "Um saudoso passarinho |que| desprende a voz infantil" (26). Desde logo indiciador do carácter livre desta versão é o truncamento que o texto sofre, ao suprimir-se o "Chapitre premier" que de algum modo funciona como preparação do episódio que a seguir

se narra.

Mas esta carta de Bulhão Pato interessa-nos sobretudo pela tendência estética do seu autor, aqui manifestada. Se recusa o exagero duma geração ultra-romântica artificialmente melancólica, funérea (cf. "Não sou forte em elegias, nem costume pulsar a lyra à sombra esguia dos funeraes cyprestes, como fazem alguns vates nossos conhecidos, com enfado dos vivos e talvez, quem sabe! com grave perigo de perturbarem o proprio somno dos mortos!" (27)), não se pressente também o desejo de renovação, a procura de novos modelos, mais próximos duma realidade vivencial empenhada que caracterizará a geração nova. De facto, a quem se recorre para demonstrar, por exemplo, as capacidades enormes do nosso idioma para verter qualquer língua? A Castilho e à sua tradução dos **Fastos** de Ovídio; Castilho que é para Bulhão Pato o "primeiro poeta que hoje temos, |o| homem que passa (...) difundindo torrentes de luz na nossa litteratura, d'aquelle cuja imaginação reverdece de dia para dia (...)" (28). É então o homem que mais próximo está de parâmetros clássicos aquele que aparece elogiado e homenageado porque contribuinte para o ornamento do "alaude romantico" (29), do mesmo modo que o foi um Garrett, um Hugo e um Lamartine, escritores que partilham uma capacidade sempre renovada de criação, mesmo com o passar dos anos (30) mas que, para além disso, quase só partilham uma cadeia temporal contemporânea.

Para além da referência a **Méditations Poétiques, Harmonies, Confidences** e **Jocelyn**, contribuindo para a constatação de um consenso na escolha das obras a destacar, o interesse deste texto reside ainda na delimitação do público ao qual a obra traduzida se dirige, um público feminino e, em particular, o público feminino de província. "Estou certo que mais de uns olhos de leitora amavel, e hão de ser de leitora provinciana - na capital o sentimento femenil gasta-se muito com os saes ingleses, as Walsas, os dramas de grande espectáculo, etc (...) - mais de uns olhos digo,

se não de orvalhar de lagrimas ao lerem este episodio da vida do cantor immortal" (31) - afirma o autor; e, mais adiante diz ser "uma lagrima de mulher bonita" (32) o melhor reconhecimento que pode ter para a sua tarefa, confirmando um gosto estético que se caracteriza pela valorização do sentimentalismo amoroso romanesco.

Já a tradução de 1888, a segunda edição corrigida, da responsabilidade de Bulhão Pato, saída na Bibliotheca Universal Antiga e Moderna (33) e anunciado n' **O Reporter** a 25 de Julho do mesmo ano (34), apresenta uma notícia biográfica de Alphonse de Lamartine, não se indicando o nome do seu autor e apresenta também "Lamartine", texto designado como "Estudo critico" de Paul Albert e vertido por Fernandes Costa. É pois uma tradução que se procura constituir como uma resposta mais cabal, mais rica para um leitor mais exigente, leitor que não pretenderá fazer uma leitura como mera ocupação dos tempos livres.

Assim, a biografia que é apresentada não se limita a marcos fundamentais da vida de Lamartine, mas apresenta detalhes, fornecendo até uma bibliografia sobre o poeta e uma listagem das suas obras póstumas. Este texto encerra ainda uma lista das "principais publicações de Lamartine, a partir da Revolução de 1848" (35), referindo-se mesmo o formato em que as obras foram publicadas. Curiosamente **Raphaël** não consta dessa relação, uma obra largamente difundida, não se compreendendo por isso a razão porque não faz parte das "principais." Também **Fior d'Aliza** não é referida, provavelmente porque será considerada uma obra menor e não se fala por exemplo da presença de Camões no **Cours Familier de Littérature** (36), contrariamente ao que se passa no que diz respeito a Bossuet, Cícero ou Homero. Não interessaria a um autor português relevar esse facto, embora essas referências ao poeta de **Os Lusíadas** sejam esporádicas? Porém, o carácter mais exaustivo e mais cuidado que esta notícia biográfica possui,

não exclui imprecisões. Na verdade, e segundo o texto, Lamartine teria morrido a 21 de Março e não a 21 de Fevereiro, data do seu falecimento.

Os juízos críticos contidos neste texto surgem, curiosamente, ou numa linha de continuidade ou numa linha de afastamento em relação aos textos por nós já estudados. Com efeito, não se contraria a inovação veiculada por **Méditations Poétiques** em termos de uma nova abordagem da poesia lírica do seu tempo, quer pela "emoção íntima" que agora ela transporta quer pela "sinceridade da inspiração religiosa". O relevo dado a algumas composições das várias recolhas lamartinianas é, também ele, similar.

Contudo, as diferenças começam a manifestar-se quando, por exemplo, em vez de equiparar a inovação poética de **Méditations** com a inovação da prosa de **Le Génie du Christianisme** se indica ter ela sido de maior importância nas **Méditations Poétiques**: "Acolhido por uma admiração quasi universal, esse livro tornava-se, para a França e para a Europa, como que o irmão do **Genio do Christianismo**, o qual tinha realizado na prosa uma revolução menos necessária e menos irreprezível" (37). E porque não particularizar dizendo "para Portugal"? E as diferenças manifestam-se ainda quando se dá conta da existência de alguns defeitos nas obras do poeta, facto normalmente evitado com excepção para **La Chute d'un Ange**. Assim, a propósito de **Harmonies Poétiques et Religieuses** afirma-se que são menos correctas de forma sem duvida que as **Meditações**" (38), regista-se que **La Chute d'un Ange** foi "acolhido com uma frieza que as negligencias da fôrma e os exaggeros systematicos do pensamento justificavam" (39), em **Histoire des Girondins** reconhece-se uma "insufficiencia dos estudos preparatorios e da leviandade das asserções", o que não impede que esta obra seja "incontestavelmente o melhor dos grandes improvisos historicos a que o autor devia consagrar-se; |tendo| um duplo exito, litterario e politico, attestado por numerosas edições (40)". Reparemos na designação adoptada para indicar

as obras de cunho histórico, "improvisos", apontando deste modo para a falta de rigor e para a ausência de um trabalho aprofundado.

Porém, a viragem que se efectua no conteúdo desta notícia biográfica, quando comparada com as que até aqui encontrámos (lembramo-nos de **Lamartine, Illustre poeta francez**, de 1860), a viragem - dizíamos - acentua-se quando se caracteriza a obra lamartiniana, surgida após o golpe de 2 de Dezembro. Essas obras são "produções ephemeras" (41), são "produções apressadas, às quaes se pôde censurar fraquezas de doutrina, inexactidões de facto, negligencias de estylo, distinguiram-se até ao fim pelo movimento proprio do improviso", mas também "pela elevação do sentimento e por aquella amplidão harmoniosa da phrase, de que o poeta das **Meditações** conservou sempre o segredo" (42). Encontramos por fim um texto em que se fala da produção de Lamartine duma forma aberta, sem que se poupem reparos ou elogios.

De todas as obras aqui referidas o destaque vai para **Méditations, Jocelyn** e **Histoire des Girondins**. Se com **Méditations** era sobretudo a inovação que importava destacar, em **Jocelyn** sintetiza-se o seu conteúdo, comentando-se que se a obra não se constitui como modelo, ela é "o primeiro grande esboço da unica epopêa que convenha ao nosso tempo" (43). Mas **Histoire des Girondins**, grande marco da vida política de Lamartine, vale pela divulgação da "ideia revolucionaria" (44) entre a burguesia.

O realce não vai unicamente para a actividade literária de Alphonse de Lamartine, mas ele é partilhado ainda pela actuação política de que longamente se fala neste texto. Assim, o que é salientado nessa sua actividade pública é o seu modo peculiar de estar na política, como poeta e como "philosopho christão" (45). Se a primeira característica influencia a sua eloquência vasta e a falta de sentido prático, a segunda permite compreender as suas preocupações de ordem humanitária. Também a coragem é valorizada na independência, relativamente ao governo e aos deputados da

oposição, e aquando da Revolução de 1848: "A revolução de fevereiro, collocando por um instante nas mãos de Lamartine os destinos do paiz, forneceu-lhe occasião para manifestar uma corajosa eloquencia, e mais de uma vez a sua palavra foi a unica e fragil barreira entre o governo provisorio e uma completa perturbação social" (46). A admiração comedida que atravessa todo o texto, explica, por um lado uma tomada de posição favorável a Lamartine e de crítica face à França pois ela após 1848 vota-lhe uma "indifferença ingrata" (47), mas por outro lado, não impede a censura ao modo como Alphonse de Lamartine resolve os seus problemas financeiros, intervindo pessoalmente em subscrições e quejandos a seu favor, não salvaguardando a sua dignidade.

Por fim, não podemos deixar de constatar a existência de segmentos frásticos similares relativamente a textos anteriores (48), tais como, "Este exito poetico abriu ao auctor a carreira diplomática" (49) ou **Voyage en Orient** "continha de tudo, e sobre todas as cousas, pontos de vista novos e cheios de grandeza" (50), elementos que reunidos à inexistência no texto de uma particularização relativa a Portugal e à omissão de **Raphaël**, (obra que conquista larga fortuna no nosso país) aliados ainda ao esquecimento da presença em Lamartine de Camões, nossa grande glória, apontariam de novo para a elaboração deste texto sobre um texto francês de base.

O escrito de cariz tainiano traduzido de Paul Albert e que é integrado nesta edição, interessa-nos particularmente pelas indicações que fornece quanto à recepção, após a morte do poeta, de **Méditations** e **Harmonies**, obras publicadas até 1833: "O que impressiona ao primeiro relance, é a persistencia d'esta parte da obra (...). Já se não reimprime Casimiro Delavigue nem Béranger. Para Lamartine cincoenta e quatro annos não exauriram o seu exito" (51). Ele funciona ainda como presença actuante nas almas. Ora, se em França a obra ainda se reimprime, é porque o escritor tem

ainda um público leitor que apresenta características muito específicas; com efeito, ele é constituído por um grupo etário jovem (cf. "A leitura de Lamartine é uma necessidade, para as almas novas sobretudo" (52)), mas não é apenas a juventude que o lê, também as mulheres lêem Lamartine (53). O porquê dum público tão circunscrito reside nos vectores intrínsecos da sua poesia, pois ele é "o echo delicioso dos sentimentos eternos" (54), do amor, da tristeza, da dor, ele é "o harmonioso e penetrante interprete das vagas melancolicas, dos languores, do vasio da alma, da expectativa vaga e terna" (55). Será que estes índices aqui manifestados não se poderão aplicar à realidade portuguesa? Curiosa é também a existência num texto francês duma imprecisão que coloca o seu nascimento em 1791.

Antoniella, última obra de Alphonse de Lamartine e que data de 1867, aparece vertida em português nesse mesmo ano (56), facto que causa, à partida, uma certa perplexidade na medida em que é considerada uma obra menor, pois não terá conquistado nenhum sucesso: "L'ouvrage n'eut aucun succès. Il serait même plus exact de dire, qu'il reçut à peine existence" (57), afirma referindo-se certamente à recepção francesa da obra. A tradução desta obra poderá corresponder então, não apenas a um interesse determinado, mas integrar-se num âmbito mais vasto de assimilação de todo e qualquer texto de cunho romanesco provindo de França. O tradutor, Luís Quirino Chaves não nos dá grande ajuda sobre o verdadeiro motivo que o terá levado a empreender esta tarefa. Com efeito, a dedicatória a José Joaquim Tasso (58) que precede o texto traduzido, apenas revela o interesse que desperta o romance de cunho sentimentalista, que apela à sensibilidade compassiva do leitor, e manifesta a admiração que Lamartine ainda grangeia. Diz Quirino Chaves, "Ninguem melhor do que tu seria capaz de comprehender esta commovente narrativa de A. de Lamartine, pela qual o insigne poeta semeou, a mãos largas, toda a esplendidez do seu bello estylo (...)" (59).

A tradução de **Antoniella** por Quirino Chaves, não escapando o tradutor a uma preocupação de correcção relativa ao desempenho dessa tarefa, é a única desta obra de que temos notícia. Contudo, o mesmo já não se passa com **Raphaël** que conhecerá quatro traduções ao longo do século XIX (60), uma delas reeditada. É, no entanto, a versão de L.A. Barboza Sotto-Maior publicada sob a rubrica "Folhetim", n' **O Campeão das Provincias**, durante cerca de dois anos (61), aquela que aqui destacaremos pela "carta-prefácio" que a antecede, dirigida a Miguel Godinho (62).

Barboza Sotto-Maior tendo consciência de que a "tradução |é| impossivelmente fiel" procura apesar dessa irredutibilidade, ter em conta "o pensamento do auctor do quadro para a reproduzir no fundo total da cópia", preocupando-se ainda em "não atropellar o genio d'uma lingua quando, por conhecedor da outra, lh'os |quiser| accommodar" (63), buscando nesta carta reabilitar e revalorizar o papel do tradutor, tantas vezes secundarizado e censurado, situação que leva, em 1846, a **Revista Universal Lisbonense** a publicar um artigo sobre "Traduções Poeticas" (64) em que se afirma que "para dar uma boa traducção de um poema é necessário ser quasi tam grande poeta como aquelle que o compõe" (65).

O propósito de fidelidade possível ao original leva-o a recorrer a Bulhão Pato que também na sua tradução de **Graziella** aludiu à dificuldade em dar conta do estilo lamartiniano; refere-se certamente Sotto-Maior à tradução de 1864. É curioso, no entanto, reflectir sobre a distância que vai do conceito de fidelidade aqui expresso ao conceito actual de fidelidade. De facto, ser fiel para o tradutor do séc. XIX não implica a não alteração da ordem dos vários membros que compõem um texto; do mesmo modo que Bulhão Pato se permite omitir o "Chapitre Premier" de **Graziella**, Barboza Sotto-Maior alerta: "No principio do volume escreve mr. de Lamartine em meia duzia de paginas a historia de Raphael. Não a traduzi no lugar competente por um

unico motivo que foi - o ir tirar a novidade ao poema em si. Dala-hei no fim" (66). Esta decisão altera radicalmente o texto original e trai a intenção do seu autor que através dessa parte inicial procuraria atestar a veracidade da obra, jogando num processo de verosimilhança e provocando um efeito de real, que acaba deste modo por sair anulado. Contudo, tal facto não é perspectivado como uma incorrecção ou uma traição face ao texto donde se parte, não existindo sequer a consciência de que já não se é mero copista, mas um recriador.

Outra observação a registar, reside na classificacção deste texto lamartiniano traduzido: não se trata dum romance ou novela, mas de um "poema", denominação que justifica a maior dificuldade de tarefa de tradução e que simultaneamente engrandece o próprio texto; tendo a poesia um estatuto mais nobre do que o de simples romance (aliás a designação de "literatura amena" dada a esta forma literária é reveladora, na medida em que aponta para a convicção, corrente na época, de que o romance enquanto objecto de leitura não necessita de um leitor tão preparado quanto o leitor de poesia), o texto de Lamartine, sendo em prosa, guinda-se à categoria de poema.

Régina, episódio de **Nouvelles Confidences** não escapa ao surto tradutor, desta feita da responsabilidade de Manuel Pinheiro Chagas que deste modo dá corpo ao voto de Júlio César Machado, expresso já em 1865. Com efeito, no folhetim d'**A Revolução de Setembro** (67) surge um artigo dirigido a António Feliciano de Castilho (artigo que manifesta a bipolarização que se desenha no universo literário português) em que a novela se constitui como tema central, e na sequência do qual Júlio César Machado manifesta o desejo de um dia tentar traduzir **Régina**, sendo a leitura desta obra o ponto de partida para as considerações aqui tecidas. Segundo o crítico, "A **Regina** de Lamartine é o romance das almas juvenis e nobres; não são os castellos de nevoa edificados nas nuvens, são as supremas aspirações do amor, o hymno das

suas idealidades, das suas superstições e dos seus sacrificios; ergue-nos do pó em que vivemos para nos dar animo contra as tormentas que o revolvem (...)" (68). Ora, para César Machado, esta forma literária ainda não está morta, muito embora o industrialismo literário e as "discripções da vida material", as "observações do realismo" (69), que ele recusa, invadam o mercado português e substituam "Os rasgos poeticos, as paixões ideaes, os sacrificios heroicos da abnegação e do amor (...)" (70). Por isso ele recorda com saudade obras como **Graziella**, **Geneviève**, os contos de Mérimée ou **Diane et Louise** de Soulié por constituírem um tipo de novela "sem aspirações socialistas, sem diatribes contra a lei, sem defesa do adulterio ou da pena de morte, romances que não pediam mais do que serem lidos, e fazerem brotar uma lagrima, uma esperança, um sorriso, uma recordação (...)" (71).

Creemos que esta acumulação de citações manifesta claramente o gosto estético de Júlio César Machado, gosto estético que, afinal, não é apenas o seu mas o de todo um grupo de homens do seu tempo apegados a uma forma de arte que vale por si só, que não responde a preocupações de ordem social ou política e que, por esse motivo, dará origem a uma contestação radical por parte da geração vinda particularmente de Coimbra. Assim, reparemos no grupo escolhido por César Machado, grupo que ele elogia e que representa essa literatura que se não deve perder: em primeiro lugar Castilho, cuja lira "é tão inspiradora, tão entusiastica ainda, como na época em que vibrou as primeiras notas do hymno eterno que a sua alma tem entoado á poesia" (72), Bulhão Pato, Palmeirim, António de Serpa, Augusto Lima e Pereira da Cunha. E qual é o público consumidor dessa mesma literatura, indicado pelo articulista? Um público feminino: "Tivesse entre nós a mulher maior influencia na familia, e o mercado litterario reconheceria que eram as damas que salvavam a novella" (73).

Mas este texto interessa-nos não apenas pela definição das

características da novela mais procurada na época, pela indicação afinal dum gosto estético específico, mas ainda, pelas informações que nos dá acerca da circulação do livro em Portugal. Para além da referência ao gabinete de leitura de José Bordalo (e sabemos bem qual a importância que estas organizações tiveram ao longo do séc. XIX, pois grande parte das obras disponíveis eram romances, fazendo então com que o género romanesco vingasse (74)), Júlio César Machado testemunha sobre o sistema de empréstimo que caracteriza a difusão duma obra, testemunho que só parcialmente será caricatural:

"a familia portuguesa lê emprestado: ha lá um ratão de celibatario, homem serodio e instruido, que anda em dia com as publicações recentes, e as parentes, as visinhas, e as familias do seu conhecimento, dizem-lhe simplesmente: - "Quando o senhor fulano acabar de ler, ha de fazer o favor de nos emprestar essa obra!". O celibatario empresta a obra ás parentes, as parentes emprestam-a ás pessoas de conhecimento, estas emprestam-a ás visinhas e no fim de um mez tem corrido o livro cento e dezeseite leitores, dos quaes nem um so o comprou" (75).

Régina é então traduzida em 1872 por Pinheiro Chagas (76) provando que este tipo de obra ainda tem procura no universo português. Essa tradução é composta pelo texto vertido e por um prólogo da responsabilidade do tradutor. Tendo sido **Les Confidences** dadas ao prelo para resolver problemas financeiros, mais concretamente para impedir a venda da propriedade de Milly, é este o facto biográfico que Pinheiro Chagas explora no seu prólogo (77). Ele não traça toda a vida do poeta mas relembra apenas os períodos de opulência e de dificuldades de ordem financeira. Embora comece por afirmar que "Affonso de Lamartine foi o homem mais ingenuamente gastador do mundo inteiro" (78), logo em seguida desculpa-o, invocando o prazer que ele experimentava em ajudar os mais desvalidos como causa maior desta situação.

Se a narrativa dos momentos de fausto e de miséria da vida de Lamartine permite ao leitor um conhecimento mais alargado do escritor francês, certamente irá fazer também com que a leitura seja feita na perspectiva de que se trata duma obra de carácter autobiográfico. Na verdade Pinheiro Chagas refere mesmo a dado passo, "As **Confidências**, as memórias íntimas do seu coração" (79) e confessa igualmente que acredita "piamente na verdade do mínimo incidente d'essas histórias" (80), contribuindo assim decisivamente para que esse direccionamento da leitura ocorra.

Mas o objectivo de Manuel Pinheiro Chagas neste prólogo é também o de dar a conhecer as razões da tradução de **Régina**, "formosissimo episodio" (81) que patenteia um estilo fluente, elegante e singelo. Desde logo a qualidade de **Confidences** cauciona a escolha da obra a verter em português, pois trata-se de "um livro bom" que encerra "alteza e bondade de pensamentos, perfume de amor suave e santo", ocupando por isso "sempre o primeiro lugar n'uma bibliotheca de familia" (82), (até porque canta as "alegrias do lar" (83)), afirmação que aponta para um público leitor jovem e um público leitor feminino, o que mais adiante é confirmado através da seguinte interrogação: "Quem diria à pobre Procitana (...) que o livro dos seus amores havia de ser o breviário de todos os namorados, o confidente dos sonhos virginaes das donzellas, das audaciosas esperanças dos rapazes?" (84). Fala-se da protagonista de **Graziella** mas **Graziella** faz também parte de **Confidences** e, segundo o tradutor, **Régina** "forma o pendant de **Graziella**" (85) que se encontra já esmeradamente traduzida por Bulhão Pato. É, pois, chegado o momento de verter em português **Régina**, episódio que se considera ser "Igualmente sentido, igualmente bem contado, |tendo| a par do interesse do caso (não |ousa| dizer enredo), raras magnificencias de estilo" (86). Efectivamente o tradutor não possui a coragem para classificar estes dois episódios como pertencendo ao género romanesco. Se não chega a denominá-los

desse modo, tudo o que afirma indicia que eles funcionam como qualquer romance; não ousa dizer enredo mas sente-se tentado a fazê-lo, por isso afirma que a "copia do natural" de Regina e Graziella "dá tanta honra a Lamartine, como se fosse criações de romancistas" (87) e testemunha que a história comovente, narrada nestes episódios, leva os leitores a chamá-los romances (88).

Os textos prefaciais não conseguem também eles fugir à tendência generalizada para o confronto entre Lamartine e Hugo. Assim, apesar do texto de Manuel Pinheiro Chagas ser consagrado a Lamartine, de algum modo a sombra de Victor Hugo, "o poeta pensador" (89), ameaça esconder o brilho do autor de **Régina**: "Como pintor da vida íntima, como cantor das alegrias, do lar, ainda ninguém igualou Lamartine. Sei eu de um que o excede talvez" - talvez que se tornará certeza - "mas que chamado para outros assumptos pelos seu vastíssimo genio, e cantor principalmente d'essa grande família humanidade, apenas tem algumas vezes feito vibrar essa corda, desferindo-a, é certo, como ninguém. Esse, já todos o adivinharam é Victor Hugo" (90).

Evitando uma hierarquização definitiva, Chagas resolve este delicado problema optando por uma solução de complementaridade. Explicando as características diversas das suas produções literárias pelas circunstâncias biográficas que as condicionaram, o tradutor fala de **Confidences** e de **Les Enfants** como obras que se completam e que "devem ser inseparáveis n'uma bibliotheca de família" (91).

A produção lamartiniana em prosa não é, contudo, objecto exclusivo do interesse dos tradutores. De facto, a produção em verso é também, como veremos, bastante traduzida. Porém, apenas **Jocelyn** é vertida na íntegra e se comparada com **Geneviève**, **Raphaël** ou **Antoniella**, é-o mais tardiamente, já que **Jocelyn** foi publicada pela primeira vez em 1836. Maria José da Silva Canuto resolve lançar-se em 1849 a este empreendimento, motivada pelo encontro na

obra numa identidade de estados de alma face à morte de entes queridos. Conta para isso com o beneplácito de Antônio Feliciano de Castilho, "nosso insigne poeta, e primeiro lyrico" (92), no dizer da autora. Já nessa data (1849) deverá ter sido publicada uma parte do texto traduzido, pois encontramos o seu anúncio em *O Jardim das Damas*, embora não se indique o nome do tradutor informa-se que "vae ser vertida em prosa portuguesa" (93). É efectivamente esta uma peculiaridade do texto vertido por Maria José Canuto. Também Antônio Feliciano de Castilho, num texto a que aludiremos, refere que se verificou uma reformulação da primeira para a segunda edição (94).

Esta tarefa iniciada em 1849 e posteriormente interrompida foi contudo reatada, publicando-se em 1864 a obra na íntegra (95). Ela apresenta-se ao público antecédida de três textos, dois deles de Maria José Canuto e o terceiro assinado por Castilho, sob a forma da usual carta ao editor. No rosto da obra indica-se ao leitor de que se trata de uma imitação; no entanto, os três textos referidos apenas falam de tradução. Vemos de novo que ainda não se atingiu a fase em que os conteúdos correspondentes a cada um dos vocábulos se fixam numa forma rigorosa, daí que haja uma oscilação entre um e outro para a designação do processo de versão dum texto.

E se Barboza Sotto-Maior dizia ser **Raphaël**, obra em prosa, um poema, Maria José Canuto designa **Jocelyn**, obra escrita em verso, como um "romance" (96). Não só a denomina deste modo como a versão se faz em prosa, embora num primeiro momento Castilho aconselhasse a tradutora a não o fazer. Segundo Antônio Feliciano de Castilho a autora optou por esta solução pela falta de tempo a dedicar a tão trabalhosa e minuciosa tarefa, mas ainda para ir ao encontro do público leitor: "a prosa |é| muito mais facilmente compreendida, muito mais deveras gostada pela maioria de leitores, |sobretudo| dos leitores de romances (...)" (97). Não é por acaso que a primeira referência

ao público abranja apenas um público feminino (98); na verdade, é sobretudo esta franja da sociedade que lê preferencialmente e, em maior número romances.

Antônio Feliciano de Castilho tem ainda o cuidado de insistir na pertinência desta tradução para o público português, pois se internacionalmente a obra está mais do que reconhecida enquanto obra de grande qualidade (e como já vimos a crítica portuguesa veicula a mesma opinião), no que diz respeito à literatura, à filosofia, à moral e à sociabilidade de que a obra se constitui portadora, se o escrito lamartiniano conseguiu conquistar por unanimidade o reconhecimento de todos os quadrantes de opinião (e Castilho não deixa de referir Roma como a exceção, pois **Jocelyn** foi posta no Index), se esta obra já garantiu a sua imortalidade e foi bem acolhida mal foi publicada apesar das críticas, está na verdade chegada a hora de ser homenageada em Portugal, à semelhança do que se fez noutros países: "Foi a litteratura portugueza uma das ultimas em ambicionar também para si o **Jocelyn**" (99).

Apesar de elogiar **Jocelyn** enquanto "bello estudo moral da alma e do coração" (100), Castilho não pode deixar de registrar, até porque nesse domínio ele é uma autoridade, que **Jocelyn** é "menos esmerado na metrificacão que as **Meditações**, porem muito superior à **Queda de um Anjo**" (101). E esta versão é igualmente ensejo para criticar as fracas traduções que abundam em Portugal, atentando contra a língua portuguesa, contrariamente ao trabalho de Maria José Canuto, pois segundo o tradutor de Ovídio, "Saiu a tradução ou conversão" - precisa pertinentemente Castilho - "do **Jocelyn** incomparavelmente superior a quasi toda a totalidade da romanceria e novellaria com que muitos annos a esta parte se nos anda por ahi a desfazer francez em portuguez e o portuguez em algaravia repugnante, indigna, destemperada" (102).

Sur la politique rationnelle e Des devoirs civils du curé (103)

escritos de carácter ensaístico são também traduzidos para português. **Sur la politique rationnelle**, texto que se apresenta como resposta a um convite a Lamartine para colaborar na **Revue européenne** declinando-se o convite, constitui-se, tal como justificadamente se afirma no prólogo da tradução portuguesa (104), "o seu manifesto político" (105), na medida em que Lamartine expõe o seu projecto transformador demarcando-se da imagem aristocrática e conservadora face à qual recusa que o associem:

"La pairie ou le pouvoir aristocratique héréditaire; triple impossibilité de cette époque; impossibilité à trouver, car le temps et le travail des siècles en ont miné, dispersé, moulu, nivelé les éléments; impossible à faire accepter aux moeurs, car l'esprit humain, comme le globe matériel, tend par une loi évidente de sa nature, au nivellement, c'est-à-dire à l'égal répartition des droits et des devoirs politiques; impossible à justifier devant la raison, car c'est une exclusion dans une forme de liberté, un privilège gratuit dans un siècle d'égalité, une constitution du pouvoir social dans quelques familles au profit de quelques uns, au détriment de tous, et au mépris de la nature et du droit divin de l'humanité qui en donnent a tous le droit et la capacité successive (...)" (106).

Venâncio da Costa Alves Ribeiro (107), tradutor desta obra, para além de sintetizar nesse prólogo o conteúdo do escrito lamartiniano, refere sumariamente o contexto histórico que o precede no tempo: o período da restauração com Charles X e a revolução de Julho. Contudo, o que importa relevar é o carácter didáctico e por isso proveitoso que a leitura do texto fornece, na opinião de Venâncio Ribeiro. Proveitosa porque não só permite uma aplicação de princípios nela veiculados como oferece conhecimentos sobre política externa e sobre a História, pois neste texto "se acham as incontestáveis bases d'uma politica fundada na razão logica dos factos,

adquirida pela prática, avaliada e estudada pela ciência da história" (108).

O facto de se tomar **Sur la politique rationnelle** como um texto que pode frutificar e tendo de algum modo um carácter exemplar, não impede o tradutor de chamar a atenção para a circunstância de que, se relativamente à política externa há coincidência entre a teoria e a prática de Lamartine e que se regista em 1848, o mesmo já não se passa quanto à forma de governo adoptado neste momento histórico. Lúcida e algo ironicamente, comenta-se que "A época racional e a idade de maturação cujos princípios o auctor desenvolve, parece não terem chegado à França, quando Lamartine fez parte do seu governo" (109). Se esta tradução repousa uma confluência de perspectivas que se partilham, repousa ainda na convicção de que, tal como defende Alphonse de Lamartine, o cidadão não pode estar indiferente relativamente à sua pátria, possuindo então uma missão social a desempenhar.

Do mesmo modo que Venâncio Ribeiro valoriza **Sur la politique rationnelle** pelo seu carácter didáctico também o tradutor anónimo de **Les devoirs civils du curé** considera que "São - 'Os deveres civis do Parocho' - precisíssimo directorio e guia para os pastores d'almas que em breve espaço e só com uma vista d'olhos pôdem abraçar o que lhes incumbe de fazer e evitar, nas funções que lhes impõe para com o mundo o seu santo ministério" (110). Esta tradução de 1866 vale não apenas pela prova que fornece do interesse que qualquer escrito de Lamartine suscita, mas ainda pelo facto de revelar que existem leitores em Portugal dos últimos periódicos de Lamartine; já verificamos que **Le Conseiller du Peuple** era lido na época, o mesmo acontece com **Les Foyers du Peuple** onde sai de novo este texto agora vertido (111). Porém este texto é já conhecido em 1841, ano em que n'0 **Panorama** se publica uma tradução (112) sem que, como nota o responsável pela tradução de Barcelos, se indique que o texto pertence a Alphonse de

Lamartine. Diz o tradutor do texto de 1866, na sua nota final (curiosamente como podemos constatar esta obra consta de uma nota introdutória e de uma nota final, também ela importante pelos dados aí contidos): "Se aquella |a tradução de 1841| sobrepuja de muito a nossa em elegancia; de muito releva esta àquela em sinceridade, pois que se dá ella com o nome e sob o nome do immortal auctor do original" (113). Neste último texto, de entre todos aqueles que encontrámos com uma função de alguma forma explicativa, para além das referências à obra em causa outra obra é aqui lembrada e elogiada através do epíteto dado ao seu autor, as **Méditations Poétiques** do "inspirado vate" (114).

NOTAS

(1) Alphonse de Lamartine - "Elegia", in **A Ilustração, Jornal Universal**, trad. de J.O., Lisboa, vol. I, nº 3 de Junho, 1845, pp. 38-39.

(2) **A Ilustração, Jornal Universal**, Lisboa, vol. I, nº3, Junho, 1845, p.39. Lembremo-nos que este texto é anterior à queda política de Lamartine.

(3) Id., ibid.

(4) Id., ibid.

(5) Id., ibid.

(6) Id., p. 38. O sublinhado é nosso.

(7) **A Revolução de Setembro**, Lisboa, 8º ano, nº 1747, 31 de Dez., 1847, p.4.

(8) É também o caso do anúncio da tradução de **Jocelyn** em **O Jardim das Damas**, Lisboa, nº 12, 1849 onde se lê: "O nome do cantor é o elogio da obra."

(9) **A Revolução de Setembro**, Lisboa, 8º ano, nº 1747, 31 de Dez., 1847, p. 4.

(10) "Explicação", in Alphonse de Lamartine - **Genoveva**, Porto, Tip. Sebastião José Pereira, 1851.

(11) Id., ibid.

(12) Vejam-se como exemplos **Cosmorama Litterario**, Lisboa, nº 14, Abril, 1840, p. 110., **Revista Universal Lisbonense**, Lisboa, vol. V, 1ª série, nº 4, 17 de Julho, 1845, p. 46 ou "Traduccões Poeticas" in **Revista Universal Lisbonense**, Lisboa, vol. VI, 3ª série, nº 30, 17 de Dez., 1846, p. 352.

(13) "Explicação", in Alphonse de Lamartine - **Genoveva**, op. cit.

(14) **Revista Universal Lisbonense**, Lisboa, vol. II, 9º ano, 2ª série, nº44, 8 de Agosto, 1850, p. 56.

(15) Alphonse de Lamartine - **Genoveva**, Lisboa, Tip. Lisbonense de Aguiar Vianna, 1851.

(16) Cf. Alphonse de Lamartine - "Préface", in **Geneviève, Histoire d'une servante**, Paris, Nelson et Calmann Lévy Éd., s.d.

(17) **Le Conseiller du Peuple**, 1^{ère} année, 1849, p. 2.

(18) **Revista Universal Lisbonense**, Lisboa, vol. II, 9^o ano, 2^a série, n^o44, 8 de Agosto, 1850, p. 56.

(19) Id., ibid.

(20) Id., ibid.

(21) Id., ibid.

(22) Esta versão do tradutor da **Revista Universal Lisbonense** é anunciada repetidas vezes, por este periódico, mas também por **A Revolução de Setembro**. Cf. **Revista Universal Lisbonense**, Lisboa, vol. II, 9^o ano, 2^a série, n^{os} 46 e 48 de 22 Agosto e 5 de Set., 1850, pp. 560 e 580, respectivamente, aparecendo neste último número a tradução de "Vers à mon chardonneret", poema integrado em **Geneviève** e ainda a edição de 10 de Out., vol. III, 10^o ano, p. 60. Cf. também **A Revolução de Setembro**, Lisboa, 11^o ano, n^{os} 2513 e 2530, 9 e 30 de Agosto, 1850, p. 4. Este mesmo jornal anuncia outra tradução da mesma obra a sair no n^o 1 da Bibliotheca Económica, no seu n^o 2688, 8 de Jan., 1851, p. 4.

(23) Todas as obras foram publicadas, em 1849 começando a ser traduzidas em 1864, depois em 1868 e a última em 1872.

(24) Alphonse de Lamartine - **Graziela**, trad. de Bulhão Pato, Lisboa, Emp. Ed. de Portugal e Brasil, Bibliotheca dos Dois Mundos, 1864.

(25) Bulhão Pato - [Carta a Pedro Corrêa], in op. cit., p.2.

(26) Servimo-nos para estabelecer este confronto da edição de **Graziella**, saída nas edições Gallimard, col. Folio, 1985, pp. 187-193.

(27) Bulhão Pato - [Carta a Pedro Corrêa], in op. cit., p.1.

(28) Id., pp. 1-2

(29) Id., p. 2.

(30) Refere ainda José Estevão, célebre jornalista e tribuno. Cf. Bulhão Pato - **Sob os ciprestes, Vida íntima de homens ilustres**, Lisboa, Perspectiva e Realidade, 1986, p. 128, obra em que é comparado a Lamartine, também ele orador.

(31) Bulhão Pato - [Carta a Pedro Corrêa], in op. cit., p.3.

(32) Id., ibid.

(33) Alphonse de Lamartine - **Graziela**, trad. de Bulhão Pato, Lisboa, "A Editora", Bibliotheca Universal, Antiga e Moderna, 4^a série, n^o 13, 1888.

(34) **O Reporter**, Lisboa, 1^o ano, n^o 205, 25 de Julho, p. 1888, p.1.

- (35) "Noticia biographica", in Alphonse de Lamartine - Graziella, trad. de Bulhão Pato, op. cit., p. 5.
- (36) Cf. Alphonse de Lamartine - Cours Familier de Littérature, Paris, t. II, 7^{eme} Entretien, p. 23.
- (37) Id., p. 3.
- (38) Id., p. 4.
- (39) Id., ibid.
- (40) Id., ibid.
- (41) Id., p. 5.
- (42) Id., ibid.
- (43) Id., p. 4.
- (44) Id., ibid.
- (45) Id., ibid.
- (46) Id., ibid.
- (47) Id., ibid.
- (48) Cf. Lamartine, Illustre poeta francez, op. cit. ou o artigo saído em 1869 n'0 Comercio do Porto, Porto, 16^o ano, n^o 52, 5 de Março, 1869.
- (49) "Noticia biographica", in op. cit., p. 3.
- (50) Id., p. 4.
- (51) Paul Albert - "Lamartine", in Alphonse de Lamartine - Graziella, trad. de Bulhão Pato, op. cit., p. 113.
- (52) Id., ibid.
- (53) Cf. id., p. 118: "(...) o que attrahiu e ligou a Lamartine a mocidade e as mulheres."
- (54) Paul Albert - art. cit., p. 114.
- (55) Id., p. 118.
- (56) Alphonse de Lamartine - Antoniella, trad. de Luís Quirino Chaves, Lisboa, Tip. Portuguesa, 1867.

(57) Henri Guillemin - "Préface", in **Antoniella**, Porrentuy, Aux Portes de France, 1945, p. 5.

(58) Luís Quirino Chaves escreveu para alguns jornais e é responsável por traduções, especialmente no domínio teatral. Porém, relativamente a José Joaquim Tasso nada conseguimos apurar.

(59) Alphonse de Lamartine - **Antoniella**, trad. de Luís Quirino Chaves, op. cit.

(60) A tradução saída n'0 **Nacional** é duramente criticada em **Os Gafanhotos**, revista mensal do Porto n^o 4, Junho, 1868, pp. 127-128: "Na tradução do livro de Lamartine ha mais do que o requinte da asneira sem offensa de terceiro; ha a profanação dum nome respeitavel, por um lorpa, que tem a prosapia d'esconder o seu." Esta tradução não foi publicada com regularidade e estendeu-se ao longo de 1868, tendo início no n^o 87 de 17 de Abril.

A tradução de 1845 é provavelmente da autoria de Luis Innocencio de Pontes Ataíde e Azevedo.

(61) Efectivamente, de 2 de Setembro de 1868 a 6 de Novembro de 1869, publica-se a tradução de **Raphaël**, sem uma continuidade regular.

(62) Alphonse de Lamartine - **Raphaël**, trad. de L. A. Barboza Sotto-Maior, in **O Campeão das Provincias**, Aveiro, 17^o ano, n^o 1632, 2 de Set., 1868, p. 1.

(63) Id., ibid.

(64) "Traduções Poeticas", in **Revista Universal Lisbonense**, Lisboa, vol. VI, 3^a série, n^o 30, 17 de Dez., 1846, pp. 352-355.

(65) Id., p. 353.

(66) L. A. Barboza Sotto-Maior - |A Miguel Godinho|, in **O Campeão das Provincias**, Aveiro, 17^o ano, n^o 1632, 2 de Set., 1868, p. 1.

(67) Julio Cesar Machado - "Da Novella", in **A Revolução de Setembro**, 26^o ano, n^o 6911, 6 de Junho, 1865, pp. 1-2.

(68) Id., p. 2.

(69) Id., p. 1.

(70) Id., p. 2.

(71) Id., ibid.

(72) Id., p. 1.

(73) Id., p. 2.

(74) Veja-se sobre este assunto o artigo de Jorge Peixoto "Para a sociologia do fenómeno literário. Gabinetes de Leitura em Portugal nos começos do séc. XIX", in **O Comércio do Porto**, supl. "Cultura e Arte", Porto, 16^o ano, n^o 241, 24 de Out., 1967, p. 14; aqui se afirma que Lamartine era um dos autores em voga. Vejam-se ainda os artigos de Rosa Esteves sobre este assunto.

(75) Julio Cesar Machado - art. cit., in **A Revolução de Setembro**, p. 2.

(76) Alphonse de Lamartine - **Regina**, trad. de Manuel Pinheiro Chagas, Lisboa, António Severiano de Mello, Ed. 1872. Em 1882 esta mesma tradução publica-se em S. Paulo, na Teixeira e Irmão.

(77) Embora **Régina** pertença a **Nouvelles Confidences** tal como acontece com **Méditations Poétiques** e **Nouvelles Méditations Poétiques**, **Les Confidences** e **Nouvelles Confidences** não são quase nunca distinguidas, mas tomadas como um todo.

(78) Manuel Pinheiro Chagas - "Prologo de Traductor", in Alphonse de Lamartine - **Regina**, op. cit., p. V.

(79) Id., p. IX.

(80) Id., p. XII

(81) Id., p. VIII

(82) Id., p. X.

(83) Id., ibid.

(84) Id., p. XIII

(85) Id., p. XIV.

(86) Id., p. XIV

(87) Id., p. XII.

(88) Id., ibid.

(89) Id., ibid.

(90) Id., p. X.

(91) Id., ibid.

(92) Maria José da Silva Canuto - |A Mariano Gira|, in Alphonse de Lamartine, **Jocelyn**, trad. de M. José da S. Canuto, Beja, Tip. de Sousa Porto e Vaz, 1864.

- (93) **O Jardim das Damas**, Lisboa, nº 12, 1849, p. 190.
- (94) **O Commercio do Porto**, Porto, 13º ano, nº 60, 16 Março, 1866, p. 3, anuncia esta tradução.
- (95) Alphonse de Lamartine - **Jocelyn**, trad. de Maria José da Silva Canuto, Beja, Tip. de Sousa e Vaz, 1864.
- (96) Maria José da Silva Canuto - "A quem ler", in Alphonse de Lamartine - **Jocelyn**, op. cit., p. III.
- (97) Antônio Feliciano Castilho - "Carta aos Editores", in Alphonse de Lamartine - **Jocelyn**, op. cit., p. XI.
- (98) Id., p. VII.
- (99) Id., ibid.
- (100) Id., p. VI.
- (101) Id., ibid.
- (102) Id., p. X.
- (103) Publicados respectivamente em 1831 e 1832.
- (104) Alphonse de Lamartine - **A Política Racional**, trad. de Venâncio da Costa Alves Ribeiro, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1859.
- (105) Venâncio da Costa Alves Ribeiro - "Prologo", in Alphonse de Lamartine - **A Política Racional**, op. cit., p. V.
- (106) Alphonse de Lamartine - **Sur la politique rationnelle**, Genève, Lib. Slaktine, 1977, (Fac-similé de l'Éd. de Paris, 1831), p. 61-62.
- (107) Segundo o rosto do livro o tradutor é bacharel em Direito e advogado.
- (108) Venâncio da Costa Alves Ribeiro - "Prologo", in Alphonse de Lamartine - **A Política Racional**, op. cit., p. V.
- (109) Id., p. IX.
- (110) Alphonse de Lamartine - **Os deveres civis do Parocho**, Barcelos, Tip. do Jornal do Povo, 1866.
- (111) Segundo afirmações do tradutor em nota introdutória.
- (112) "Deveres civis do parocho"; in **O Panorama**, nº 223, 7 de Agosto, 1841, pp. 254-256.

(113) Alphonse de Lamatine - Os deveres civis do Parocho, op. cit.,
p. 30.

(114) Id., ibid.

CAPÍTULO II

TRADUÇÕES

A recensão efectuada das traduções da obra lamartiniana e de que damos conta nos quadros anexos (1), sugere-nos múltiplas observações no que diz respeito à fortuna deste autor em Portugal. Assim, e desde logo, apercebemo-nos da abundância e variedade das obras traduzidas correspondendo à abundância e diversidade da produção de Alphonse de Lamartine. Mas apercebemo-nos também do aparecimento tardio de obras vertidas em português, fenómeno que se aproxima temporalmente do fenómeno crítico por nós já estudado.

Efectivamente, as primeiras traduções conhecidas são da autoria da Marquesa de Alorna e surgem publicadas em 1844 nas suas **Obras Poeticas** (2). Não é por acaso que Manuel Bernardes Branco, responsável por **Portugal e os Estrangeiros** (3), escolhe e refere a composição "La Gloire", reveladora das relações de Filinto Elísio com Lamartine (ele foi seu professor de português), apresentando o escritor como "Um dos poetas francezes mais notaveis de nossos tempos" (4), seguida da sua tradução, da autoria da Marquesa de Alorna. Ora na Alemanha ou na Romênia, por exemplo, as primeiras traduções datam de 1822 (5) e 1826 (6), respectivamente, poucos anos após a

publicação da primeira obra de Lamartine, **Méditations Poétiques**.

Desde logo, também, com as traduções de composições da obra de 1820 por Alcipe, como "La Gloire", "L'Homme" e "Dieu", confrontamo-nos com o problema da pertinência em distinguir imitações e traduções. Como já referimos, estas denominações não correspondem na maior parte dos casos a realidades diversas e por esse motivo não apresentamos quadros distintos para dar conta de umas e de outras, procurando sempre que necessário, referir as peculiaridades das obras vertidas em português. É pois com alguma perplexidade que nos interrogamos sobre as razões que terão levado a indicar os dois primeiros poemas mencionados como "traduções" e o terceiro que se encontra, do mesmo modo que os outros dois, muito próximo do original, se apresenta como "Imitação livre". Esta oscilação encontramos-la reflectida no discurso crítico actual que opta por uma ou por outra designação, indiferentemente.

Parece esboçar-se de facto, em 1840, o início do que virá a ser o surto de traduções da obra de Alphonse de Lamartine. Neste mesmo ano são traduzidos "Chant d'Amour", "Une larme ou consolation", **Des devoirs civils du curé**, opúsculo que conhecerá quatro traduções, sendo todos eles publicados em **Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica**, revista de Coimbra, por autores diversos.

Se observarmos o Quadro I que abrange a tradução da obra poética de Alphonse de Lamartine, damo-nos conta da variedade de espaços que acolhem o poeta e da variedade de tradutores, mas também da presença de algumas constantes. Desde o jornal diário como **A Revolução de Setembro**, passando por revistas ligadas ao domínio literário como a **Revista Universal Lisbonense**, até uma publicação que se dirige especialmente a um público feminino, **O Jardim das Damas**, todos abrem as suas páginas à obra de Lamartine, em particular a **Méditations Poétiques**. Com efeito, se contabilizarmos as

QUADRO I: OBRA POÉTICA

TRADUÇÃO				
ORIGINAL/ /ANO DE PUBLIC.	ANO DE PUBLIC.	COMPOSIÇÃO/ /OBRA	ESPAÇO DE PUBLICAÇÃO	TRADUTOR
Méditations Poétiques (1820)				
	1844	. Ode a um poeta desterrado (XIV Med.)	Obras Poeticas t. III	Marquesa de Alorna
		. O Homem (II Med.)	Idem	Idem
		. Deos (XXVIII Med.)	Idem	Idem
	1846	. O Valle	Revista Univ. Lisbonense	Luís Ribeiro
		. O Outono	Idem	Idem
	1848	. A Elvira	O Jardim das Damas	D. João D'Azevedo
	1853	. A Soledade	O Instituto	F.
		. A Elvira	Idem	Idem
		. A Noite	Idem	Idem
		. A Immortalidade	Idem	Idem
		. O Valle	Idem	Idem
		. A Oração	Idem	Idem
		. O Christão Moribundo	Idem	Idem
	1856	. A Gloria	Idem	Idem
	1859	. O Lago	Idem	Idem
	1860	. O Outomno	Idem	Idem
	1866	. A Gloria	Novas Poesias	José R. Coelho
	<u>1871</u> 1872	. O Homem	Operario (Braga)	Manuel R. de S.Abreu
	1873	. O Lago		Lourenço

(Cont.)

TRADUÇÃO

ORIGINAL/ /ANO DE PUBLIC.	ANO DE PUBLIC.	COMPOSIÇÃO/ /OBRA	ESPAÇO DE PUBLICAÇÃO	TRADUTOR
	1883	. A Oração	Novo Alman. de Lembranças para 1884	Medeiros Maria José da Silva Canuto
La Mort de Socrate (1823)				
Nouvelles Méd. Poétiques (1823)				
	1840	. Canto d'Amor	Chronica Lit. da Nova Acad. Dramatica	F. de C. Freire
	1844	. O Ramo d'Amendoeira	O Ramalhete	J.O.C.C.A.
	1845	. Elegia	A Illustração Jornal Univ.	J.O.
	1848	. O Raminho d'Amendoeira	O Jardim das Damas	D. João d'Azevedo
	1853	. Bonaparte	O Instituto	F.
	1854	. O Ramo d'Amendoeira	Idem	Idem
		. Elegia	Idem	Idem
		. O Poeta Moribundo	Idem	Idem
		. Uma Noite em Roma	Idem	Idem
		. O Crucifixo	Idem	Idem
	1857	. Os Preludios . Bonaparte	Idem O Clamor Publico	Idem Idem
	1860	. As Estrellas	O Instituto	Idem

(cont.)

TRADUÇÃO

ORIGINAL/ /ANO DE PUBLIC.	ANO DE PUBLIC.	COMPOSIÇÃO/ /OBRA	ESPAÇO DE PUBLICAÇÃO	TRADUTOR
	1862	. O Poeta Moribundo	A Grinalda	E.A. Salgado
	1868	. O Ramo d'Amendoeira	A Folha	Anônimo
	1873	. O Ramo da Amendoeira	Novo Alman. de Lembranças para 1874	P.G.
	1882	. O Poeta Moribundo	Tipografia do Independente Regoense	Ernesto Pires
Les Dernier Chant du Pèlerinage d'Harold (1825)				
Chant du Sacre (1825)				
	1846	. A Vigilia das Armas	A Revolução de Setembro	M.J.S.C.
Harmonies Poët. et Réligieuses (1830)				
	1840	. Uma Lágrima ou Consolação	Chronica Lit. da Nova Acad. Dramatica	A.P. Forjaz
	1841	. Pensamentos sobre os Mortos	Idem	F.
	1844 1848	. Invocação . A Tristeza	O Trovador Idem	Idem Idem
	1848	. O Regresso	O Jardim das Damas	D. João D'Azevedo

(cont.)

TRADUÇÃO

ORIGINAL/ /ANO DE PUBLIC.	ANO DE PUBLIC.	COMPOSIÇÃO/ /OBRA	ESPAÇO DE PUBLICAÇÃO	TRADUTOR
	1849	. Uma lagryma	Idem	J.M.Casal Ribeiro
	1855	. O Hymno do menino ao despertar	O Instituto	F.
	1862	. Uma lagrima	A Grinalda	E.A. Salgado
	1874	. A Primeira Saudade	Artes e Letras	G.M.
L'Hirondelle (1831)	1872	. A Andorinha	Novo Alman. de Lembranças para 1873	M ^a Rita Chiappe Cadet
Les Révolutions (1832)	1875	. As Revoluções	Tip. Lisbonense	Cordeiro Leão
Jocelyn (1836)	1864	Jocelyn	Tip. Sousa Porto e Vaz (Beja)	M ^a José da Silva Canuto
	1872	. Canto de Lauro	Novo Alman. de Lembranças para 1873	Idem
La Chute d'un Ange (1838)	1860	. O Líbano primitivo	A Grinalda	E.A. Salgado
		. Daïdha	Idem	Idem

(Cont.)

TRADUÇÃO

ORIGINAL/ /ANO DE PUBLIC.	ANO DE PUBLIC.	COMPOSIÇÃO/ /OBRA	ESPAÇO DE PUBLICAÇÃO	TRADUTOR
------------------------------	-------------------	----------------------	-------------------------	----------

. Os Maronitas Idem Idem

**Recueils
Poétiques
(1839)**

Ferrare
(1849-50)
**Edition des
Souscripteurs**

1884 . O Carcere **O Penafidense** Anônimo

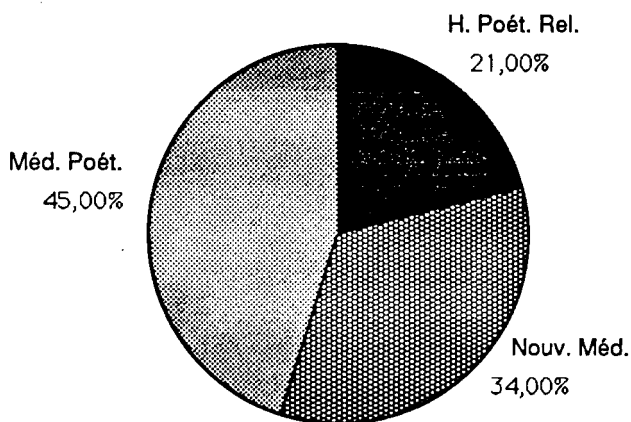
. Carta anonyma **Campos de
Flores, t. II** João de
Deus

composições traduzidas e as confrontarmos com o número de textos existentes nas quatro recolhas do poeta, verificamos que são as duas primeiras obras publicadas que registam um maior número de traduções, como podemos constatar pelo quadro que segue.

	ORIG.	TRAD.
Méd. Poétiques	30	12
Nouv. Méd. Poét.	26	9
Harm. Poét. et Relig.	45	7
Recueillements Poét.	27	0

A mesma situação verifica-se também nas várias traduções que uma mesma composição conhece, podendo-se simultaneamente ajuizar sobre as que maior sucesso obtiveram: "A Elvire", "Le Vallon", "L'Automne", "La Gloire", "Le Lac", "La Prière", "L'Homme" (7), "Le Poète mourant", "Bonaparte", "La branche d'amendier" e "Une larme ou consolation".

O diagrama seguinte patenteia bem o predomínio da primeira e da segunda recolhas. A distinção estabelecida é, no entanto, ilusória pois muitas vezes as duas primeiras obras de Alphonse de Lamartine são tomadas como formando um todo, não se discriminando aquando da tradução se se trata de uma composição de **Méditations Poétiques** ou de **Nouvelles Méditations**.



Porém, existe um espaço que se apresenta como privilegiando e privilegiado relativamente à obra de Lamartine, e um tradutor que se oculta sob a abreviatura de F., constituindo-se ambos os maiores responsáveis pelas traduções da obra poética do nosso autor: **O Instituto** e Francisco de Castro Freire. De facto, no período em que surgem nesta revista as traduções de Lamartine, o espaço para outros autores é diminuto. Aparece uma tradução de Gray, "O cemitério d'aldeia", também da responsabilidade de F., uma imitação de Millevoye, "O cahir da folha" ou "O Parocho d'Aldea" de Delille.

Francisco de Castro Freire a quem Lopes de Mendonça chama nas suas **Memorias de Litteratura Contemporanea** "poeta traductor" (8) e que Antero de Quental designa "como echo portuguez da voz maviosa de Lamartine" (9), é sem dúvida o grande tradutor do poeta nascido em Mâcon, pois, como afirma **O Instituto** em homenagem ao seu sócio e presidente em 1884, "Na **Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica**, que era o seu jornal oficial, collaborou com muitos e interessantes artigos em prosa e verso, e depois na primeira **Revista Academica**, no **Prisma**, no **Trovador** e noutros. (...) E o **Instituto** sobre todos deve-lhe os seus melhores artigos e traduções esmeradas de Lamartine, e tinha ultimamente recebido a tradução do **Job** do mesmo poeta para lustre das suas páginas" (10).

Os poemas e traduções deste autor são em 1861 reunidos numa recolha intitulada **Recreações Poeticas** (11). Nesta recolha a presença de Alphonse de Lamartine não se situa apenas em termos de tradução mas também através da disseminação da sua produção por epígrafes que encontramos logo no início da obra, e posteriormente, em poemas de Castro Freire. Esta obra encerra textos de outros autores e que este matemático traduziu embora sejam em menor número: "O Parocho d'aldeia", de Delille, "O Cemiterio d'aldeia", de Gray, "A campã e a roza", de Hugo, "O Alcyão no cabo" de Paulina Flaugergues e "Uma voz do céu" de Zorrilla.

Por todos estes elementos aduzidos não partilhamos a opinião de Álvaro Manuel Machado de que o autor de "Soledade" seja provavelmente Amândio Feio (12), pois o próprio confronto do texto publicado n'0 Instituto com o texto de **Recreações Poéticas** apenas revela diferenças de pontuação (algumas vírgulas suprimidas) e diferente grafia, não se registando qualquer alteração de sentido ou escolha diversa de vocábulos.

De todos os textos vertidos por Francisco de Castro Freire "A Tristeza" é o único que se apresenta como uma imitação. De facto, afasta-se desde logo de "La Tristesse" de Lamartine pela transformação das quintilhas originais em quadras e pela supressão de algumas delas e criação de outras.

Reparemos finalmente na escolha dos poemas a traduzir; com excepção de "L'Homme" e "Bonaparte", Castro Freire opta por composições de cunho intimista, sentimental e religioso, gosto estético aqui revelado que é aliás comum a grande parte dos tradutores da obra poética de Alphonse de Lamartine. Este facto permite-nos compreender a inexistência de uma tradução de **Le Dernier Chant du Pèlerinage d'Harold**, escrito que escapa a um lirismo individual.

Outras observações se impõem relativamente a algumas versões de que tivemos notícia. Assim, dentro da produção lamartiniana em verso e à semelhança do que acontecerá com a tradução de Maria José Canuto de **Jocelyn**, Adrião Pereira Forjaz verte em prosa uma harmonia de Lamartine "Uma lágrima ou consolação" que surge publicada na **Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica** (13), sendo estes os únicos textos em que tal facto ocorre. Quanto a "Le Lac", texto que conquista enorme sucesso, segundo carta transcrita por Teófilo Braga (14) a propósito da polémica despoletada por Lourenço de Almeida e Medeiros, seu autor, e que reclama a paternidade de algumas composições de Soares de Passos, Lourenço Medeiros seria o responsável por uma dessas traduções e que dataria de 1873, tradução que não encontramos.

Recueillements Poétiques de acordo com os dados por nós coligidos não parece ter encontrado eco em Portugal. Também em França esta última recolha não conheceu o sucesso.

"O **Jocelyn** de Lamartine, um dos mais resistentes poemas do velho e glorioso lyrismo francez, contra as difficuldades do qual nenhum homem de lettras ousou bater-se, attrahiu Maria José Canuto, que logrou vence-las", é deste modo que ainda em 1891 esta tradução é anunciada no **Almanach das Senhoras** (15) manifestando de um modo inequívoco a admiração que granjeou em Portugal. **Jocelyn** é bem o exemplo de que poucas traduções não significam pequena aceitação de uma obra. Esta tradução de uma obra que narra os amores contrariados pela força do dever, iria ao encontro do leitor(a) de romances até porque se apresentava em prosa. Maria José Canuto é ainda autora dum excerto traduzido a partir desta obra, agora em verso, e que o **Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para 1873** encerra, "Canto de Lauro" (16). A mesma publicação acolhe também a versão da canção "L'Hirondelle" (17). Já **La Chute d'un Ange** apenas conhece uma tradução parcelar pela mão de Eduardo Augusto Salgado e publicada na revista portuense **A Grinalda** (18).

Não é contudo a obra poética o único campo onde se seleccionam os textos a traduzir, o mesmo acontece com a obra em prosa. É disso exemplo **Voyage en Orient**, narrativa de viagens de carácter diarístico, obra que suscita grande interesse entre nós porquanto satisfaz a curiosidade sentida pelo Oriente, a sede de exotismo com cariz religioso e que se revelava pela ambição de viajar pela Terra Santa e particularmente por Jerusalém, local do Calvário de Cristo (19). É de resto, a passagem que fala desta cidade a primeira a ser traduzida e aproveitada como descrição fiel, até porque se constitui como o testemunho mais recente dessa viagem: "Já que não podêmos peregrinos visitar Jerusalem; vejâmos como a descreve o modernissimo viajante, o Sr. Affonso de Lamartine, distincto nome na moderna litteratura"

(20), elucida o responsável pelo texto publicado em vésperas da celebração da Páscoa de 1841, acrescentando mais adiante: "Escolhemos esta passagem das - Recordações - de Lamartine, por ser tão moderno e conspícuo viajante" (21). Mas a importância que este livro adquire está ainda visível no aproveitamento que dele se faz para apoiar artigos sobre viagens à Terra Santa. Em **Literatura Ilustrada, Jornal para todas as classes** (22), a obra de Lamartine bem como **Itinéraire de Paris à Jérusalem** de Chateaubriand e a obra que dá conta da mesma viagem de Fr. João de Jesus Cristo (1817) são aproveitadas enquanto relatos de testemunhas oculares e próximas no tempo. O autor constrói o seu texto intercalando no seu discurso palavras dos três autores, confrontando os diferentes testemunhos, algumas vezes não coincidentes.

A obra romanesca de Alphonse de Lamartine alcança larga difusão (veja-se Quadro II) sobretudo no que respeita a **Raphaël** e **Geneviève**, traduzidas imediatamente após a sua publicação em França, sendo a distância temporal que medeia entre elas irrelevante e reveladora do consumo que por esta época se faz, em Portugal, de romances e novelas. Lembremos de novo o aparecimento quase simultâneo de várias traduções de **Geneviève** (23). Não é por acaso que a partir de meados da década de 40 começam a surgir artigos que reflectem sobre a influência e o poder do romance, romance que ora é visto como um factor de progresso e um meio de instrução, ora é acusado de atentar contra a moral e os bons costumes. A comprová-lo tomemos como exemplo Carlos R. Coutinho autor dum pequeno artigo d'**A Illustração, Jornal Universal**, "Leitura de romances" (24), no qual se opina:

"É incontestável que os romances tem ganho muitissimo pois que pouca gente ha hoje que não leia alguma cousa neste género.

QUADRO II: OBRA ROMANESCA

TRADUÇÃO

ORIGINAL/ /ANO DE PUBLIC.	ANO DE PUBLIC.	OBRA	ESPAÇO DE PUBLICAÇÃO	TRADUTOR
Voyage en Orient (1835)	1841	. Jerusalém	O Panorama	Anônimo
	<u>1847</u> 1848	Viagem ao Oriente		
	1864	. Um adeus ao Occidente	Album Litterario	Pedro M. Correa de Lacerda
Les Confidences (1849)				
. Graziella	1864	Graziella	Biblioth. dos Dois Mundos (Lisboa)	R.A. de Bulhão Pato
	1882	Graziela	Tip. G.Grillo, Bibliot. das Familias, (Lisboa)	Anônimo
	1888	Graziella	Ed. David Corazzi, Bibiloth. Univ. Ant. e Moderna. Tip. das Horas Romanticas (Lisboa)	Bulhão Pato
Raphaël (1849)	1849	Rafael, paginas do vigesimo ano	Luís Correia da Cunha (Lisboa)	L.I.P.A.A.
	1857	Rafael, paginas do vigesimo ano	Idem	Idem

(Cont.)

TRADUÇÃO

ORIGINAL/ /ANO DE PUBLIC.	ANO DE PUBLIC.	OBRA	ESPAÇO DE PUBLICAÇÃO	TRADUTOR
	1868	Raphael, paginas dos vinte annos	O Nacional	Anónimo
	1889	Raphael	Liv. António M ^a Pereira (Lisboa)	M ^a Amália Vaz de Carvalho
	1890	Raphael, Paginas dos vinte annos	Comp.Nac.Ed. Biblioth.Univ. Ant. e Moderna. (Lisboa)	Eugénia Smith
Geneviève (1850)	1850	Genoveva		Trad. da Rev.Univ. Lisboa
		. Versos ao meu pintasilgo	Rev. Universal Lisbonense	Anónimo
	1851	Genoveva	Tip.Lisbonense de Aguiar Vianna	Anónimo
		Genoveva	Tipografia de Sebastião José Pereira (Porto)	Anónimo
Le Tailleur de Pierres de Saint-Point (1851)	1852	O Pedreiro de Saint-Point	Tip. José L. de Sousa, Biblioth. das Damas (Porto)	Anónimo

(Cont.)

TRADUÇÃO

ORIGINAL/ /ANO DE PUBLIC.	ANO DE PUBLIC.	OBRA	ESPAÇO DE PUBLICAÇÃO	TRADUTOR
Nouvelles Confidences (1851)	1897	O Canteiro de Saint-Point	Liv. António M ^a Pereira (Lisboa)	Anibal Azevedo (Diabinho Vermelho)
. Régina	1872	Regina	Ant. Severiano de Mello Ed. Lisboa	Pinheiro Chagas
Nouveau Voyage en Orient (1851)	1894	Regina	O Moncorvense	Idem
Fior d'Aliza (1863)	1882	Fior d'Aliza	Liv. Portuense de Clavel e C ^{ia} Ed.	Alfredo Campos
Antoniella (1867)	1867	Antoniella	Tip. Portuguesa, Jardim do Povo, Biblioth. Econ. (Lisboa)	Luis Quirino Chaves

Conhecemos que a leitura de romances não só é agradável, como dahi se pôde tirar alguma instrução. Mas também sabem que nem todo o romance está nesse caso; são hoje os francezes que mais escrevem neste ramo de litteratura, são elles tambem que nos tem mostrado mais ao vivo as duas faces por onde se podem encarar estas obras, dando-nos romances d'Arlinecourt, Dumas, etc., ao tempo que nos arremeçam Paul de Kock, Pigault Lebrun, etc." (25).

E considera-se que as obras destes últimos autores se constituem como leitura nociva para a mocidade inexperiente.

Mas é sobretudo em dois artigos publicados na **Revista Universal Lisbonense** (26) e n'0 **Instituto** (27) que o gênero romanesco é defendido vigorosamente enquanto instrumento válido e eficaz de educação, contribuindo-se deste modo para a reabilitação e promoção do romance, forma literária tantas vezes condenada. Ainda em 1861, Germano Meireles em "O Romance e a sua influencia na Familia", escrevia n'0 **Phosphoro**: "Estranha ousadia a d'esgrimir pela causa do romance!

Ousadia estranha, como em o ambiente do seculo resôe ainda o temeroso anathema da sua condemnação!" (28). E mostrando a viragem verificada no século XIX, afirma "ousamos pleitear a causa do romance e da sua influencia, bonissima, na familia" (29).

"Sacerdote de ideias sublimes e importantes - apóstolo de um pensamento civilizador, que assignalou uma epocha nova e brilhante nas brilhantes paginas da historia da civilização" (30) o romance "para o nosso seculo |está| como os poemas para os seculos heroicos" (31), na medida em que "está sendo a grande eschola do mundo (...) um campo vasto onde se estão debatendo as questões de mais vulto para a moral e para a sociedade" (32), afirmam Carlos Massa e Simões Ferreira no séc. XIX. E ambos chegam mesmo a elevar o romance ao estatuto de "Deus tutelar da nossa gente" (33) perante o

qual os povos se ajoelham e a quem veneram (34) e o romance de "mero passatempo que é para o coração, tornou-se n'um compendio de grandes principios, e de eternas verdades" (35) como a palavra de Deus! O romance é ainda encarado como a forma mais adequada de transmissão do saber, pois não exige uma preparação intelectual específica e desenvolvida e não pede também uma disponibilidade de tempo demasiado grande, dirigindo-se por isso a todo e qualquer homem de toda e qualquer classe que experimente o gosto de saber.

De novo são os autores franceses que se apresentam como os grandes responsáveis pelo desenvolvimento deste ramo da literatura tal como o tinham sido relativamente ao folhetim (36). Atentemos na lista elaborada por Carlos Massa, na qual Walter Scott, Fenimore Cooper ou Israeli se constituem como excepção: "Eugene Sue, Alexandre Dumas, Frederic Soulié, Walter Scott, Victor Hugo, Chateaubriand, Alfred de Vigny, Marryat, Fenimore Cooper, George Sand, Balzac, Israeli, Paul Féval e outros muitos romancistas de grande aura, foram os que assim conseguiram hastear no seio do mundo illustrado o novo estandarte da litteratura romantica" (37). É nítido o predomínio dos escritores franceses, revelando-se concomitantemente a incapacidade em distinguir qualitativamente os diferentes autores (38). Esta mesma realidade é confirmada pela sua presença nos gabinetes de leitura de que nos fala Rosa Esteves, registando-se uma grande abundância de romances e um nítido império francês, na literatura consumida na época (39)!

Nestes artigos as referências a Alphonse de Lamartine não abundam, pois só dará início à sua obra romanesca a partir de 1849; ele continua ainda a ser o poeta. "O poeta-rei" (40) apenas serve como termo de comparação quando se fala da validade do romance: "Doce e poetica como a harpa de Lamartine - ousada e arrogante como a lyra de Victor Hugo, a religião abraçou-se com o romance (...) (41).

Não conhecendo Lamartine fenómenos editoriais como Frédéric Soulié ou

Alexandre Dumas, até pela exiguidade de obras romanescas face a estes escritores, conhece, no entanto, uma larga aceitação já que esta parte da sua obra é traduzida quer em edições económicas quer em edições de luxo e ilustradas, como acontece com **Raphaël**, tradução de Amália Vaz de Carvalho, "célebre romance" anunciado no **Almanach das Senhoras para 1890** (42). O papel actuante que esta obra desempenha em Portugal patenteia-se no **Círculo Camoniano** quando se fala da geração que "teve o seu código de amores no lago de Lamartine, os seus typos consagrados de amadores em Werther e Obermann, no Raphael lamartiniano e no filho do século de Musset" (43). Num artigo do periódico literário **O Crepusculo**, sobre o **Novo Trovador** é também a esta obra que se recorre quando se indica o seu conteúdo: "É um livro que todo transpira crença e entusiasmo, reflexos brilhantes dos seus autores juvenis; é um outro Raphael de Lamartine, porque são as paginas dos vinte annos de muito mancebos" (44). Porém, **Raphaël** enquanto modelo a seguir, enquanto guia, pertence apenas ao passado, pois após 1860, sensivelmente, ele é um romance entre outros, como tal é ainda procurado pelo público leitor, registando-se em 1890 uma nova tradução de Eugénia Smith (45).

É curioso constatar que a responsabilidade de duas traduções desta obra cabe a mãos femininas, Amália Vaz de Carvalho e Eugénia Smith, ocorrendo o mesmo facto com **Jocelyn** (46). Ora é igualmente uma franja feminina o público preferencial da obra lamartiniana, facto que é novamente confirmado em **Aurora Litteraria** quando o articulista se dirige especificamente à leitora dizendo que ela "não é capaz (...) de taxar de insípido o **Rafael** de Lamartine, atacando-se assim, como eu tenho visto, a mais sagrada, a mais sublime, a mais grandiosa inspiração de uma alma, que é em si uma epopêa, de uma alma que se esqueceu que vivia n'um mundo de torpidades, para se mostrar assim aberta, expansiva, contemplando as estrellas, revendo-se no céu, adorando um anjo, de uma alma enfim, que

recebeu das mãos de Deus o baptismo do poeta!" (47). **Raphaël** conhece uma reedição em Portugal, em 1857 (48).

No que diz respeito à obra **Les Confidences** não encontrámos nenhuma tradução integral; mas os episódios **Graziella** e **Regina**, vertidos para português, acabam por funcionar como obras autónomas. **Graziella**, considerado por muitos como o best-seller de Lamartine regista somente três traduções e a primeira surge quinze anos após a sua publicação em França. Será isso sinal de um acolhimento menos favorável desta obra em Portugal? Não o cremos. Na verdade, **Graziella**, nos artigos críticos por nós tratados, é um dos textos mais conceituados; para além disso nada sabemos da circulação que a obra obteve, escrita na sua língua de origem e anterior à tradução (49). Todos os dados que o Quadro II encerra são pois insuficientes visto que só dão conta parcialmente da fortuna da obra lamartiniana, entre nós. Para uma visão mais aproximada e rigorosa do problema seria necessário conhecer quais as tiragens na edição de cada obra ou quais os títulos disponíveis nos gabinetes de leitura. Relativamente à tradução de **Régina** por Manuel Pinheiro Chagas, ela é ainda difundida pelo periódico **O Moncorvense** saindo em folhetim (50). E **Graziella** é também traduzida parcelarmente apresentando **O Seculo** um excerto da parte inicial da obra sob o título "A catastrophe de Ischia" (51). Este episódio de **Les Confidences** conhece uma adaptação ao teatro, "drama n'um acto", pela mão de José Maria de Andrade Ferreira, tradutor de outras obras do poeta (52). Porém é a tradução de **Le Tailleur de Pierres de Saint-Point**, publicada na colecção da Bibliotheca das Damas (53) o texto que manifesta mais claramente quem são os leitores de Alphonse de Lamartine: as mulheres e os jovens. Desde o título da colecção já de si revelador do público que se pretende atingir, esta edição faz-se acompanhar duma estampa que nos mostra um mulher numa atitude de leitura, rodada por jovens rapazes e raparigas.

Mas se a obra romanesca é toda ela vertida em português, nada encontramos no que respeita à obra dramática embora saibamos que por exemplo **Toussaint Louverture** era conhecida em Portugal (54).

Por fim a análise do Quadro III permite-nos comprovar o interesse alargado que se estende a toda a produção lamartiniana, formando um conjunto heteróclito que congrega textos como o discurso pronunciado em 1838 na sessão da Sociedade de Moral Cristã (55) mas também obras de grande fôlego como **Histoire de la Révolution de 1848** (56) podendo-se deste modo chegar à conclusão de que grande parte da obra de Alphonse de Lamartine é traduzida em Portugal.

De entre os opúsculos deste escritor francês é **Des devoirs civils du curé** (1832) o texto mais traduzido. Mas outros textos há que revelam a difusão no nosso país e a leitura que se fazia de periódicos lamartinianos, **Le Conseiller du Peuple** (57), **Le Civilisateur** ou o **Cours Familier de Littérature**, pois alguns dos artigos aí contidos são vertidos para a nossa língua: "O ateísmo no povo" (58) artigo publicado em Setembro de 1849 no primeiro periódico citado ou a "Biografia de Guttemberg" traduzida em 1863 (59).

Das obras de maior fôlego é sem dúvida **Histoire des Girondins** (60) e **Histoire de la Révolution de 1848** as que conquistam maior audiência, até porque a última é um escrito narrado por um dos principais intervenientes nesse período da história de França, acontecimento que alimentou a esperança de muitos portugueses que ansiavam também por uma transformação. No **Almanach Encyclopedico** para 1897, **Histoire des Girondins** é a única obra referida quando se informa que "Lamartine (Alphonse) |foi| - poeta, historiador, romancista e estadista francez. Foi o grande poeta idealista" - e reparemos na reiteração deste epíteto - "do seu tempo. Poeta idealista nos seus romances, que exaltam o platonismo na paixão; poeta idealista na sua famosa

QUADRO III: OUTRA

TRADUÇÃO				
ORIGINAL/ /ANO DE PUBLIC.	ANO DE PUBLIC.	OBRA	ESPAÇO DE PUBLICAÇÃO	TRADUTOR
Sur la Politi- que Rationnelle (1831)	1859	A Politica Racional	Imp. da Univer. (Coimbra)	Venâncio da Costa Alves Ribeiro
Discours de recéption à l'Académie Française (1832)	1854	Discurso de Mr. de Lamartine recitado na academia france za (...)	O Instituto	Amândio Feio
Les devoirs cívils du curé (1832)	1840	Deveres civis do Parocho	Chronica Lit. da Nova Acad. Dramatica	J.F. de S.
	1841	Deveres civis do Parocho	O Panorama	Anónimo
	1866	Deveres civis do Parocho	Tip. do Jornal do Povo (Barcelos)	Anónimo
	1870	O Parocho	A Civilisação	Idem
 Discours pro- noncé à la Société Morale et Chrétienne (1838)				

(Cont.)

TRADUÇÃO

ORIGINAL/ /ANO DE PUBLIC.	ANO DE PUBLIC.	OBRA	ESPAÇO DE PUBLICAÇÃO	TRADUTOR
	1854	Discurso na sessão da Sociedade Moral e Cristã	O Commercio	Anónimo
Histoire des Girondins (1847)	<u>1850</u> 1851	Historia dos Girondinos	Tip. Luís Correia da Cunha (Lisboa)	Anónimo
	1854	Historia dos Girondinos	Tip. Universal (Lisboa)	Anónimo
	<u>1889</u> 1890	Historia dos Girondinos	Imp. Adolfo Modesto e Cia (Lisboa)	Anónimo
Histoire de la Révolution de 1848 (1849)	<u>1849</u> 1850	Historia da Revolução de França em 1848	Tip. do Nacional (Porto)	Anónimo
	1854	Historia da Francesa de 1848	Tip. J.J de Sales (Lisboa)	J.M. d'Andrade Ferreira
Le Conseiller du Peuple (1849-1851)	1854	O atheismo no povo	Almanach Demo cratico para 1855	Anónimo
	1873	. O Patriotismo	Novo Alman. de Lembranças pa- ra 1874	Boaventura da Costa Barbosa

(Cont.)

TRADUÇÃO

ORIGINAL/ /ANO DE PUBLIC.	ANO DE PUBLIC.	OBRA	ESPAÇO DE PUBLICAÇÃO	TRADUTOR
Le passé, le présent et le futur de la république (1850)	1850	O passado, o pre- sente e o futuro da republica	Tip. J.S. Pereira (Porto)	Anónimo
Histoire de la Restauration (1851)				
Histoire des Constituants (1852-53)				
Le Civilisateur (1852-54)	1863	. Biografia de João Guttenberg	Lisboa	J.A. Dias
Histoire de la Turquie (1854-55)				
Histoire de la Russie (1855)				
Cours Familier de Litterature (1856-69)	1857	Estudos Litter- rarios	O Clamor Público	Anónimo
	1884	. Job	O Instituto	Francisco de Castro Freire

Histoire des Girondins, que é a apologia do liberalismo humanitário; e poeta idealista na sua propria vida politica, porque nunca viu os homens e os factos, e apenas os ideaes generosos. Mas foi uma alma bella, que embellezou o seu tempo" (61). Da lista publicada em **Jornal das Damas** (62) dos "Romances escolhidos dos melhores auctores" que se encontram à venda na Livraria de Joaquim José Bordalo é de novo **Histoire des Girondins** (63) a única obra de Alphonse de Lamartine que aqui surge mencionada, possuindo como atractivo o facto de ser ornada de estampas e surge numa lista em que obras de Eugène Sue, Frédéric Soulié, Alexandre Dumas, Xavier de Montépin, Louis Énault e Paul de Kock imperam, entre os autores estrangeiros.

A fortuna de **Histoire de la Révolution de 1848** está patente nos anúncios que se fazem das obras do poeta quer na língua de origem quer em português. Assim, quando na **Revista Universal Lisbonense** (64) se informa sobre a publicação das obras completas de Lamartine, e trata-se da **Édition des Souscripteurs**, o factor salientado diz respeito à ilustração dos diferentes escritos nela contidos e as obras destacadas são **Raphaël**, **Les Confidences** e **Histoire de la Révolution de 1848**. Dois dias mais tarde, **A Revolução de Setembro** anuncia a tradução desta obra de J.M. de Andrade Ferreira (65). E no mesmo periódico, em 1851, ela é anunciada chamando-se a atenção para o facto de "ser a narração exacta dos acontecimentos, que formam um grande episodio da historia da França" (66), opinião que não corresponde ao parecer, até aí generalizado.

Finalmente, o **Cours Familier de Littérature** teve larga aceitação em Portugal e revela ter sido lido atentamente, não só pelos excertos traduzidos que encontrámos, mas também por referências diversas que o atestam. É esse o caso de Luciano Cordeiro em artigo sobre a poesia de João de Deus (67) ao mencionar os conceitos sobre versificação, ritmo, etc., veiculados por Alphonse de Lamartine no **Cours**.

O fenómeno tradutor da obra lamartiniana no século XIX português prende-se intimamente a coordenadas gerais externas que o condicionam profundamente. Em primeiro lugar ele é de algum modo o reflexo do acolhimento e difusão que a produção de Alphonse de Lamartine regista em França. De facto as obras escolhidas pelos tradutores portugueses, com excepção de **Harmonies Poétiques et Religieuses**, são aquelas que, em França, mais sucesso obtêm (veja-se o caso de **Méditations** ou de **Histoire des Girondins**). Mas o sentido seguido por esse fenómeno resulta também do peso considerável de um gosto epocal específico que permite compreender melhor a evolução sofrida pela tradução de Lamartine, pois simultaneamente tradutor e destinatário da obra estão mergulhados num hic et nunc bem marcados, condicionando as suas opções e exigências. Os Gráficos I e II reflectem de um modo inequívoco esta realidade. Na verdade, ressaltando o facto da obra em prosa só ter sido produzida após 1849, verifica-se, para além duma difusão tardia do autor através da tradução tornando, conseqüentemente, coincidentes a obra poética e a obra em prosa, constata-se ainda a ocorrência de discrepâncias não só em termos de desfazamento entre o ano de publicação em França e o ano da tradução portuguesa, mas também uma ordem diversa no aparecimento das obras relativamente à ordem primeira.

Assim, a leitura dos gráficos revela-nos a existência de um pico, partilhado quer pela obra em verso, quer pela obra em prosa e que se situa num segmento temporal preciso, 1850-1855. A análise contrastiva dos gráficos poder-nos-ia levar a pensar que o índice de popularidade registado neste período privilegiaria a poesia, pelo maior número de traduções existentes. Tal facto é ilusório porquanto o que está em causa são universos diferentes; se no primeiro apenas se trata de composições, muitas vezes pouco extensas, no segundo, as obras vertidas são de maior fôlego (e tomamos em linha de conta apenas traduções integrais). Para além do pico já assinalado,

GRÁFICO I - RECOLHAS POÉTICAS

Nº de traduções

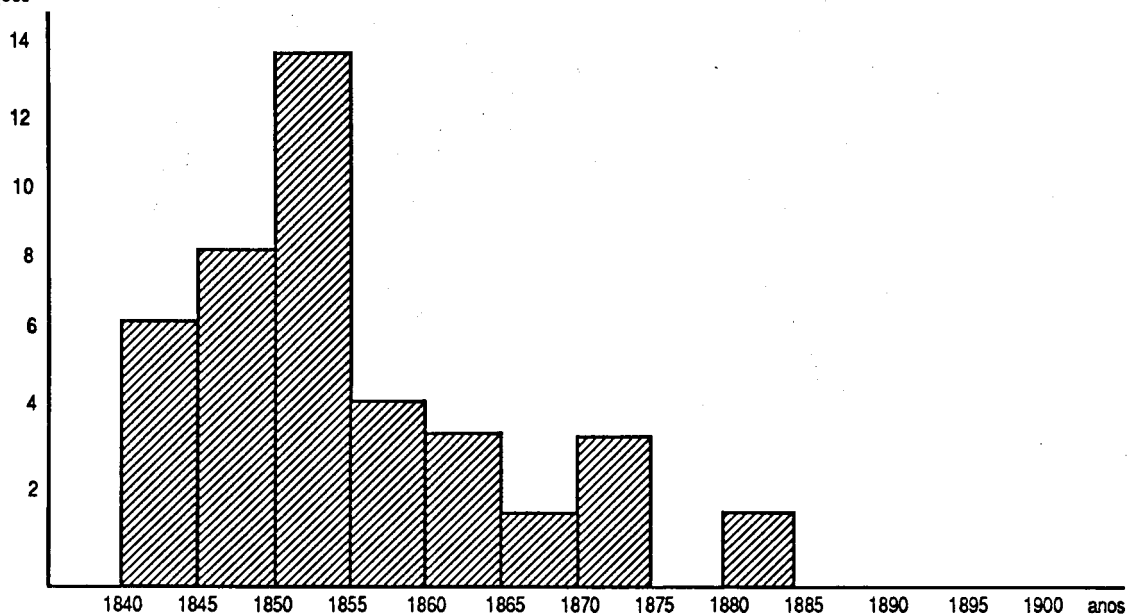


GRÁFICO II - OBRA EM PROSA

Nº de traduções



Obs.: Para uma correcta interpretação dos elementos fornecidos pelos gráficos, os intervalos deverão ser lidos como [a ; b].

observa-se uma regularidade na tarefa de tradução, que conhece um hiato entre 1875 e 1880 (68), revelador da indiferença e esquecimento progressivos face ao poeta francês. Contudo, a regularidade é sobretudo apanágio da obra em prosa; pois se a morte de Lamartine e a aproximação do centenário do seu nascimento manifestou um recrudescimento de traduções, observa-se que é na obra em verso que o salto é mais pronunciado, contrariamente à situação verificada por volta de 1890 momento em que o número de traduções da poesia é menos significativo. Podemos constatar deste modo uma maior resistência e durabilidade da obra em prosa, quando comparada com a produção poética.

As observações registadas podem ser explicadas quer por uma rarefacção das obras disponíveis e que se poderão encontrar esgotadas, quer ainda por um gosto estético que progressivamente se vai transformando, desgostado cada vez mais de uma poesia que fez época e que se encara como a expressão dum sentimentalismo exacerbado e também uma tendência crescente do poder do romance, manifestada por uma enorme oferta e tendo como contraponto a grande procura de uma forma escrita que aponta para uma leitura fácil e pouco exigente. Essa forma literária liga-se para além do mais, a uma tendência realista na arte que o romance, pela sua juventude e inexistência de um código definido, está apto a receber. A perenidade da obra romanesca lamartiniana revela-se nas traduções posteriores a 1900, a que fizemos alusão, não conhecendo o resto da produção do escritor a mesma fortuna.

A obra de cunho histórico traduzida novamente após 1890, facto que a priori causará uma certa estranheza pela pouca credibilidade enquanto narração de factos acontecidos numa sincronia específica, justifica-se não tanto, por um gosto pela história, vertente que caracteriza, uma forma mentis romântica e que é válida para um público leitor de 1850 que alia a essa apetência, a curiosidade, a procura do saber que aliás caracteriza todo o século XIX, mas é principalmente uma escrita histórica romanceada que as

obras de Lamartine oferecem que constituirá o atractivo para o leitor de romances. Não é então motivo de espanto que os sucessos editoriais mais notáveis envolvam **Raphaël**, **Graziella** e **Histoire des Girondins** (até porque esta última obra veicula ideais republicanos que germinam em Portugal).

Podemos deste modo verificar que Alphonse de Lamartine-poeta é lido até 1860-1865, sensivelmente, registando-se a partir deste período um interesse menor pela sua poesia, passada a fase dum romantismo sentimental e religioso, sobrepondo-se doravante o Lamartine-prosador cujas traduções também registarão uma queda em 1890. Como testemunhará António Cândido em 1902, "Lamartine, o facil e harmoniosíssimo poeta, que ninguém lê, o potente orador, que ninguém celebra, o eloquente historiador, que ninguém cita, alma de eleição, alma primorosa, que inundou o mundo com as ondas azues da sua inspiração effusiva e crente (...)" (69) já mergulhou no passado.

Mas o Lamartine-prosador conquistou preferencialmente um público feminino, também apreciador da sua poesia (70), facto que é confirmado numa tradução de **Geneviève** de 1905 (71), em que se atesta que ainda nesta época são as leitoras os destinatários por excelência do escritor francês. Lamartine no século XIX não se encontraria no rol dos romances censurados, enquanto responsáveis por uma literatura nociva para a juventude, mas no grupo daqueles que desempenhariam uma função instrutiva. Lembremo-nos de "Leitura para raparigas" de Amália Vaz de Carvalho (72) texto que embora não contenha nenhuma referência ao nosso autor e exalte Shakespeare, defenda que os livros próprios para os jovens da época, são aqueles que apresentam homens e mulheres verdadeiros e não nos podemos esquecer que a autora traduz **Raphaël**, certamente porque o incluiria no conjunto dessas obras.

A opção que o tradutor da produção lamartiniana faz, é também ela norteadada em larga medida pelo conhecimento prévio de que será este o seu consumidor com o qual aliás se partilham preferências estéticas, sendo este

facto válido principalmente para a poesia e para o romance. Reparemos num Manuel Pinheiro Chagas ou num Bulhão Pato para apenas falarmos de duas personalidades que se afirmam posteriormente à geração ultra-romântica mas que embora não se identifiquem com ela comungam de alguns traços e que traduzem Lamartine num momento em que se pretende avançar para uma nova etapa que se quer demarcada da anterior. E os centros de irradiação cultural são naturalmente os centros tradutores, Coimbra, sobretudo para a poesia, Porto e Lisboa. A província continua a sorver o que daí lhe chega, havendo, todavia, tentativas isoladas que demonstram claramente um interesse cultural vivo e em movimento.

Ao estudarmos o surto tradutor que atinge a obra lamartiniana não podemos contudo esquecer que ele é de algum modo consequência da chegada a Portugal em larga escala, na década de 40, de livros franceses e que se insere por esse motivo num fenómeno de recepção mais alargado, só adquirindo a sua verdadeira dimensão quando confrontado com a fortuna de outros autores estrangeiros em Portugal. Por outro lado, a impossibilidade de dar conta de toda e qualquer tradução, e os exemplos buscados nos jornais de província permitem uma consciência mais clara dessa realidade, tornando sempre provisório todo e qualquer resultado a que se chegue. Porém, cremos que essa ausência de exaustividade não põe em causa o carácter representativo dos resultados, possibilitando um conhecimento mais aproximado e mais profundo da fortuna alcançada por Alphonse de Lamartine no século passado e fornecendo uma resposta correcta à questões que nos propusemos responder sobre quem lia e o que lia o século XIX português através do estudo sobre este escritor francês, afinal, apenas um dos múltiplos intermediários entre a França e Portugal, o único de que nos ocupámos.

NOTAS

(1) Com o objectivo de simplificar a leitura dos quadros ordenámo-los, dividindo a produção lamartiniana em "Obra poética", "Obra romanesca" e "Outra", englobando esta última divisão obras de cunho histórico, ensaístico e textos diversos.

(2) Marquesa de Alorna - **Obras Poeticas**, t. III, Lisboa, Imprensa Nacional 1844, pp. 221-225, 231-265 e 265-283.

(3) Manuel Bernardes Branco - **Portugal e os Estrangeiros**, Lisboa, Liv. António Maria Pereira, 1879, pp. 428-431. Aqui se indica erradamente, 1792, como sendo a data do nascimento.

(4) Id., p. 428.

(5) Cf. M.W.Th. Flwert - "Les rapports de Lamartine avec la littérature allemande", in **Premières journées européennes d'études lamartiniennes. Actes du Congrès I (Mâcon, sept., 1961)**, Macôn, 1962, pp. 43-55.

(6) Cf. Paul Cornea - "Étapes de l'accueil de Lamartine en Roumanie: mirage de l'oeuvre et mythe de la personnalité", pp. 160-168 e Angel Ion - "Lamartine et la Roumanie", in **Le Livre du Centenaire**, op. cit., pp. 169-177.

(7) A tradução saída no **Operário** é referida por Mendes dos Remédios, em **História da Literatura Portuguesa, Desde as Origens até à Actualidade**, 4ª ed., Coimbra, F. França Amado- Editor, 1914, p. 548.

(8) António Pedro Lopes de Mendonça - **Memorias de Litteratura Contemporanea**, op. cit., p. 262.

(9) Antero de Quental "Sobre traducções (Depois de ler as Recreações Poéticas do Sr. F. Castro Freire)", in **O Phosphoro**, Coimbra, nº 11, 1861, p. 85. Neste artigo Antero de Quental reflecte sobre a impossibilidade de traduzir Lamartine, tomando como exemplo a tradução de "Le Vallon" por Francisco de Castro Freire.

(10) **O Instituto**, Coimbra, vol. XXI, 2ª série, 9 de Março, 1884, p. 404.

(11) Francisco de Castro Freire - **Recreações Poeticas**, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1861.

(12) Álvaro Manuel Machado - **Les Romantismes au Portugal, Modèles Étrangers et Orientations Nationales**, op. cit., p. 267.

(13) Alphonse de Lamartine - "Uma lagrima ou consolação", in Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica, Coimbra, trad. de A. P. Forjaz, nº 11, 9 de Maio, 1840, pp. 171-172.

(14) Teófilo Braga - História da Literatura Portuguesa, O Ultra-Romantismo, vol. VI, Mem Martins, Publ. Europa-América, col. Livros de Bolso, 1986, p. 145.

(15) Almanach das Senhoras para 1891, Lisboa, 21º ano, Red. de Almanach das Senhoras, pp. 142-143.

(16) Alphonse de Lamartine - "Canto de Lauro", in Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para 1873, Lisboa, Lallemand Frères Typ., 1872, p. 378.

(17) Alphonse de Lamartine - "A andorinha", in Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para 1873, Lisboa, Lallemand Frères Typ., 1872, p. 381.

(18) Cf. A Grinalda, Porto, vol. III, Tip. Sebastião José Pereira, 3º ano, nº 7 e nº 10, 1860, pp. 102-106 e 150-153. Cf. ainda vol. IV, 4º ano, nº 6, nº 8 e nº 10, 1862, pp. 88-90, 121-123 e 153-159.

(19) A Relíquia, obra de Eça de Queirós publicada em 1887, manifesta esta mesma realidade.

(20) O Panorama, Lisboa, vol. V, nº 206, 10 de Abril, 1841, p. 117.

(21) Id., p. 119.

(22) S. Pimentel - "Viagens à terra Sancta", in Literatura Ilustrada, Jornal para todas as classes, Coimbra, 1º ano, nºs 3 e 8, 1860.

(23) A tradução do poema contido nesta obra e publicada na Revista Universal Lisbonense, Lisboa, 9º ano, vol. II, 2ª série, nº 48, 5 de Set., 1850, é da autoria de Alexandre Herculano fazendo parte de Poesias, 4ª ed., Lisboa, Viuva Bertrand e Cª Sucessores Carvalho e Cª, 1878, pp. 331-333, com o título "A Costureira e o pintassilgo morto."

(24) Carlos R. Coutinho - "Leitura de Romances", in A Ilustração, Jornal Universal, Lisboa, vol. II, nº 6, Set., 1846, p. 90.

(25) Id., p. 92.

(26) J. Carlos Massa - "Do romance moderno", in Revista Universal Lisbonense, Lisboa, vol. VI, 4ª série, nº 37, 16 de Set., 1847, pp. 440-442.

(27) J. Simões Ferreira - "Os Romances e a educação", in O Instituto, Coimbra, vol. VII, nº 8, 15 de Julho, 1859, pp. 131-134.

(28) Germano Meireles - "O Romance e a sua influencia na Familia", in **O Phosphoro**, Coimbra, nº 6, 1861, p. 50. Este artigo não chega a ser concluído.

(29) Id., ibid.

(30) J. Carlos Massa - art. cit., p. 440.

(31) J. Simões Ferreira - art. cit., p. 132.

(32) Id., p. 133.

(33) Id., ibid.

(34) J. Carlos Massa - art. cit., p. 441.

(35) Id., ibid.

(36) Cf. **Revista Universal Lisbonense**, Lisboa, vol. V, 1ª série, nº 10 de Agosto, 1845, p. 119.

(37) J. Carlos Massa - art. cit., p. 440.

(38) O mesmo ocorre quando n' **O Instituto**, Coimbra, vol. IX, nº 1, 1 de Abril, 1860, p. 16, se anuncia a publicação da Bibliotheca para Todos, Leituras Instructivas" que dará á luz as produções dos melhores escriptores francezes e hespanhoes como Alexandre Dumas, pae e filho, Lamartine, Eugénio Sue, Paulo Feval, Alfredo Musset, D. Wecslau Ayguales de Izco, Carolina Coronado, etc. (...)."

(39) Rosa Esteves - "Gabinetes de Leitura em Portugal no século XIX (1815-1853)", in **Revista da Universidade de Aveiro / Letras**, nº 1, 1984, pp. 219-220 e 231, particularmente.

(40) Germano Meireles - art. cit., p. 50

(41) J. Carlos Massa - art. cit., p. 440.

(42) **Almanach das Senhoras para 1890**, Lisboa, 20º ano, Red. de Almanach das Senhoras, p. 153. Cf. Também **Almanach Encyclopedico para 1896**, Lisboa, 1º ano, Liv. António Maria Pereira, 1895, p. 27 onde esta tradução é anunciada como edição artística, juntamente com **Romance d'um rapaz pobre**, traduzido Camilo Castelo Branco, com prólogo sobre Feuillet, de Mª Amália Vaz de Carvalho.

(43) **Circulo Camoniano**, Porto, nº 8, Jan., 1890, p. 231.

(44) **O Crepusculo**, Coimbra, vol. I, nº 1, 1846.

(45) Alphonse de Lamartine - **Raphael, Páginas dos vinte annos**, trad. de Eugénia Smith, Lisboa, Comp. Nac. Ed., Bibliotheca Universal Antiga e Moderna, 17^a série, n^o 67, 1890. Esta obra será ainda traduzida no nosso século em 1908, 1916 e 1946.

(46) De acordo com os dados coligidos por Maria do Nascimento Oliveira Carneiro, em "As Traduções Portuguesas de Victor Hugo no séc. XIX (Romance e Teatro)", in Victor e Portugal, Actas do Colóquio, op. cit., pp. 249-261, este facto não se verifica relativamente a Hugo que conquista um público mais alargado.

(47) **Aurora Litteraria**, Lisboa, n^o 13, Fev., 1863, pp. 100-101.

(48) Alphonse de Lamartine - **Rafael, Páginas do vigesimo ano**, trad. da L.I.P.A.A., Lisboa, Luís Correia da Cunha, 1857.

(49) Também **Graziella** é traduzida após 1900.

(50) Cf. Alphonse de Lamartine - **Regina**, trad. de Manuel Pinheiro Chagas, in O Moncorvense, Moncorvo, 4^o ano, 1894.

(51) Alphonse de Lamartine - "A catastrophe d'Ishia" in O Seculo, 3^o ano, n^o 788, 5 de Agosto, de 1883.

(52) José Maria d'Andrade Ferreira - **Graziella**, Lisboa, Tip. do Panorama, 1861.

(53) Alphonse de Lamartine - **O Pedreiro de Saint-Point**, Porto, Tip. José Lourenço de Sousa, Bibliotheca das Damas, 1852.

(54) Luiz-Augusto Palmeirim - "Ensaio Críticos" in O Panorama, Lisboa, n^o4, 26 de Jan., 1856, p. 30.

(55) **O Commercio**, n^o 78, n^o 79 e n^o 80, Dez., 1854.

(56) A tradução desta obra de 1845-50, segundo Inocêncio F. da Silva e Mendes dos Remédios é de J. M. de Andrade Ferreira, porém o seu nome não vem indicado na obra.

(57) Este periódico será parcialmente traduzido por João Corrêa d'Oliveira em 1912, Porto, Magalhães e Moniz, Lda. Ed.

(58) **Almanach Democratico para 1855**, Lisboa, Tip. do Progresso, 1854, pp.53-60

(59) Referido por Mendes Remédios na obra já citada.

(60) A tradução de 1854 que não apresenta o nome do tradutor é contudo atribuída por Mendes dos Remédios a F. Araújo. Tanto neste caso como no caso anterior por nós assinalado não conseguimos comprovar estas indicações.

(61) **Almanach Encycopedico para 1897**, 2^o ano, Liv. Antônio Maria Pereira, 1896, p. 201.

(62) **Jornal das Damas**, 3^o ano, n^o 29, Maio, 1869, p. 12.

(63) A edição traduzida de 1889-90 é uma edição ilustrada para Portugal e Brasil.

(64) **Revista Universal Lisbonense**, Lisboa, vol. II, 2^a série, 9^o ano, n^o 14, 10 de Jan., 1850, p. 165. A mesma revista no ano seguinte no n^o 7 de 25 de Set. anuncia o novo livro de M. de Lamartine, **Histoire de la Restauration**, citando-se um jornal francês que referia o grande sucesso obtido por ela. Não encontramos uma versão portuguesa dessa obra.

(65) **A Revolução de Setembro**, Lisboa, 11^o ano, n^o 234, de Jan. 1850, p. 4.

(66) **A Revolução de Setembro**, Lisboa, 12^o ano, n^o 2748, 22 de Maio, 1851, p. 4

(67) **A Revolução de Setembro**, Lisboa, 30^o ano, n^o 8023, 6 de Março, 1865. João de Deus traduz também Lamartine, contudo não conseguimos identificar o texto original correspondente. "Carta anonyma" faz parte da obra **Campos de Flores**, 4^a ed., Lisboa, t. II, Liv. Aillaud e Bertrand, p. 253. Esta mesma obra contém também traduções de Hugo, por exemplo.

(68) A ausência de exaustividade do nosso trabalho poderá infirmar esta constatação.

(69) Antônio Cândido - "Victor Hugo", in **Brasil-Portugal**, 16 de Março, 1902.

(70) Cf. J.C. Harcourt - art. cit., in **A Revolução de Setembro**, Lisboa, 13^o ano, n^o 3143, 20 de Set., 1852, p. 2, onde se pode ler: "Tendo por vista o sentimento e o coração, Lamartine tornara-se o poeta das mulheres (...)."

(71) Cf. Alphonse de Lamartine - **Vida heroica d'uma donzella**, trad. de Silva Cantante, Porto, Publ. de Ferreira dos Santos, Biblioteca dos Grandes Romances III, 1905, salienta-se: "Sem uma passagem perigosa (...) é um dos [livros] melhores que existem para senhoras, sem ser enfadonho (...)". E mais adiante, afirma-se que Lamartine e Hugo são os maiores romancistas do século passado.

(72) Amália Vaz de Carvalho - "Leitura para raparigas", in **Figuras de hoje e de hontem**, Lisboa, Parceria Antônio M^a Pereira, Liv. Ed., 1902, pp. 265-273.

CONCLUSÃO

Ao empreendermos a realização do projecto de conhecer e problematizar a extensão e as características da recepção de Lamartine em Portugal, limitando o nosso estudo ao papel fundamental do leitor-mediador num processo de acolhimento, difusão e vulgarização de um autor e da sua obra, acção grandemente responsável pela orientação imprimida ao processo de leitura levado a cabo pelo destinatário último do texto literário, debruçamo-nos, num primeiro momento, sobre o modo como o leitor-crítico português recebeu Alphonse de Lamartine e, num segundo momento, detivemo-nos sobre o tratamento e o (re)corte efectuado na obra lamartiniana pelo leitor-tradutor. A pesquisa e a análise dos vários elementos encontrados, permitiram-nos constatar uma confluência de similitudes nos resultados obtidos quer no discurso crítico, quer no fenómeno de tradução, relativamente a este escritor francês do século passado. Assim, em ambos os domínios assistimos a uma valorização das mesmas obras e dos mesmos vectores que singularizam a imagem que circulará no século XIX em Portugal e apercebemo-nos da difusão tardia por eles manifestada, já que Lamartine apenas surge no espaço crítico e no espaço de tradução, cerca de duas décadas após alcançar o sucesso e a fama, no seu país. De facto, por razões de índole vária, só por volta de 1840 o público consumidor se mostra grandemente receptivo e favorável, fortuna que Lamartine conhecerá

aproximadamente até 1860 altura em que sofre uma queda de popularidade, já latente, embora essa queda não se verifique de uma forma brusca mas gradual, sobretudo no que diz respeito à obra em prosa, que, como vimos, resistirá à voragem do tempo de um modo mais duradouro. Esta situação que rodeia a recepção de Lamartine, compreende-se à luz duma alteração do gosto estético, duma modificação do horizonte de expectativas do leitor, cujas referências culturais, experiências e circunstâncias históricas vão limitando, cada vez mais, a probabilidade de intersecção da carga estética e ideológica, veiculada pela obra, com as características que particularizam um leitor de uma dada época, pois ele julga e reage segundo todo um conjunto de condições que o envolvem.

As alterações por nós registadas, relativas à recepção de Lamartine, não atingem nunca a imagem de Lamartine, poeta de **Méditations**, autor de **Histoire des Girondins**, homem de conciliação e de coragem que proclamou a República em 1848, pois é a uniformidade de opinião que predomina, verificando-se a mudança em termos dum esquecimento progressivo e duma progressiva diminuição da importância inicialmente atribuída ao seu papel actuante e fecundo, e ao facto do escritor francês deixar de ser um padrão a partir do qual se definem linhas condutoras. Com efeito, pouco a pouco Alphonse de Lamartine deixa de ser entidade geradora de novas produções literárias ou fomentador duma visão e atitude liberais, mas torna-se apenas uma entidade a assinalar, enquanto referência cultural para a posteridade. É necessário salientar que ele continuará, porém, sempre a auferir de um estatuto modelar, muito embora esse carácter modelar não seja mais interveniente, em termos de presente. Além disso atentemos no facto de se tratar de um processo de esquecimento ou duma consciência de que o escritor francês já não se constitui mais como modelo válido. Na verdade, não se verifica uma ruptura polémica relativamente a Alphonse de Lamartine,

contrariamente à atitude hostil e de desprezo para com os seus epígonos.

Optando por esta via de investigação e no seu decurso, tomámos, todavia, consciência do muito que se poderia fazer neste domínio, de molde a tornar mais rigoroso o conhecimento sobre a repercussão do escritor na literatura e na cultura portuguesas. Efectivamente, a análise contrastiva das obras traduzidas com os textos originais é um estudo necessário, na medida em que poderá manifestar a existência ou não de um processo de criação que a obra lamartiniana poderá ter provocado. Saber como um autor traduziu um texto determinado permitiria conhecer melhor a virtual presença a acção criadora desse autor, em Portugal. Mas o trabalho empreendido fez-nos também tomar consciência do carácter imprescindível do estudo de outras formas de mediação: o papel essencial desempenhado pelos gabinetes de leitura ao longo do século XIX ou a difusão da obra de um autor através de segmentos disseminados por artigos, poemas e outras formas literárias de maior envergadura. Referimo-nos à profusão de epígrafes que é indiscutivelmente significativa na medida em que a selecção desses segmentos não só revelariam uma preferência estética individual ou epocal, como poderiam fornecer dados importantes sobre as obras lidas e mais procuradas, para não falarmos dum eventual fenómeno de intertextualidade que o estudo desses textos poderia manifestar. Todos estes factores constituem-se como pistas valiosas a tomar em linha de conta, para uma investigação futura, em ordem a minorar cada vez mais um saber lacunar cujas brechas não pudemos colmatar pela natureza académica restritiva deste estudo.

A investigação levada a cabo, através de uma maior sistematização dos dados coligidos, patenteia a quase ausência em Portugal de uma actividade específica de crítica e de tradução, capaz de uma atitude reflexiva, consciente e autónoma, manifestando uma enorme passividade nas relações estabelecidas com a Cultura e a Civilização francesas, tidas como as mais

originais da Europa de então, o que redundava num conhecimento parcial e superficial da obra de um autor. De facto, esse conhecimento revela-se como eco das opções e orientações emitidas pela matriz francesa, mostrando-se frequentemente pouco profundo e como o resultado de um juízo pessoal apressado ou sem fundamento, quando não, inexistente.

Estudar Lamartine em Portugal foi também dar conta, embora de um modo voluntariamente redutor, dum processo especular em que a França vê a sua imagem reflectida com maior ou menor refacção, em Portugal, espelho e espaço particularmente privilegiados. Deste modo, este estudo sobre Lamartine contribuirá para uma percepção mais vasta das imagens de modelos culturais franceses que Portugal possui no século XIX, assumindo-se este trabalho como mais um contributo necessário para uma visão mais exacta das relações de Portugal com o Estrangeiro, através de um dos múltiplos intermediários, Alphonse de Lamartine, o responsável pelo enriquecimento da galeria feminina das Beatrizas e Lauras, símbolos duma atitude estética e de uma opção existencial, da sensibilidade romântica lusíada, ao doar a sua Elvira ao universo cultural português.

NOTA: Seleccionámos alguns dos muitos textos encontrados, por nos terem parecido bastante reveladores da fortuna de Alphonse de Lamartine em Portugal e pelo facto de alguns deles serem de acesso difícil. Porém, sabíamos à partida que essa escolha seria, irremediavelmente, redutora.

A MONSIEUR ALPHONSE DE LAMARTINE.

Rios, montes, vergeis, aves, flôres mimosas,
Auras, estrellas, ceus e fontes sonoras,
Vós que ouvistes os sons, cantando-vos tambem,
D'essa lyra d'amor que cantou *Jocelin*,
Dai-lhe quanto vos deu; dai-lhe a mesma harmonia,
Que em tempo mais feliz comvosco despendia:
As horas lhe tornaes suaves ao passar,
Como os suaves sons que vos fez escutar.
E tu mais, que ninguem, triste amarga pobreza,
Juntando a tua voz á voz da natureza,
Suavisa-as tambem; porque ninguem melhor
Comprenderá da insonia essa profunda dôr.
Tu lhe darás o pranto o mais sincero e amigo,
Que mil vezes tambem, repartira contigo.
Se a mesma *Aguia*, que já por varias vezes quiz
Com as garras ceifar a antiga flôr de liz,
Calca tambem agora essas viçosas flôres,
C'os perfumes das quaes já mitigára as dôres;
Se ella sempre inconstante, hoje n'um vôo dos seus,
Eleva o que amanhã deixa cahir dos ceus,
Não sejaes vós assim; fazei que a sua lyra
Se inspire inda dos sons que o mundo todo ouvira.
E tu, mimoso sexo, affavel e gentil,
Propenso sempre a amor como os jardins no abril;

Tu, cujas graças já seus cantos hão mostrado,
Como o sol que nos mostra os matizes d'um prado
Tu, a quem de esperança enchia o coração,
Como a flôr que reanima a fresca viração,
Tu inspirá-o tambem: dá-lhe a ingenua poesia
Que o seio virginal d'amor nos sonhos cria.
E eu por mim, maldizendo este tempo infeliz,
Em que vivo, em que penso, e em que as paixões
Dos paes aos filhos vão, lavrando como a chama
Que voltejando aquece e quanto aquece inflama
Choro o seculo atroz de ingratas gerações,
Como choro o que viu definhar-se Camões.

Quem não sente da infancia uma impressão sa
Como o aroma que deixa ao desfolhar-se a rosa
Quem não tem na memoria uma idéa sequer
Dos folguedos, do rir, do innocente prazer?
Quem não ama o logar, ainda o mais obscuro,
Onde ensaiou primeiro o passo mal seguro?
Ninguem, que o buçal negro até, na escravidã
Chorando fica sempre os bosques do sertão.
Mas quanto de poeta um peito não conserva
D'essa idade infantil? Tudo o que n'ella obser
Se imprime, se retém e lhe dá no porvir
D'acerbo espinho, então, *delicioso pungir*.

Era assim que o cantor d'essa França inconst
Na mente repassava o tempo já distante.
Tinha o que ha de mais caro a recordar-lh'o
Tudo quanto na infancia aos olhos nos sorri:
O ceu, o tecto, o solo, arvores que nasceram
E, quasi como irmãos, juntamente cresceram
Sobre o mesmo torrão.

E tudo isto perdeu...

Ser privado de tudo o que amava e era seu!
Do tecto de seus paes, já protector antigo,
Ser expulso, e distante ir procurar abrigo!
De seus filhos e mãe a estranhos entregar,
Inda quente da cinza, o domestico lar!
Das arvores até vender a sombra agora
Que a todos dera a paz e, a inspiração outr'ora!
Ir do mundo atravez para eterna mansão
N'outra terra buscar desconhecido chão!

.....
Lavaram-te da mancha, ó pobre patria minha,
Que os Lusos corações cobrir de negro vinha.
Ó terra em que nasci, repito inda outra vez,
Lavaram-te da mancha, ó reino portuguez;
Que se hoje fosse o tempo em que elle então vivia,
Tão pobre qual morreu Camões não morreria...

E' vergonha p'ra França, é triste, indecoroso...
Não lhe estender a mão, deixar que o nome honroso
De Lamartine vá despertar compaixões
Em territorio estranho, em remotas nações!...

Inda ha pouco orador, n'essa luta accendida
A pró da liberdade, em risco pondo a vida,
Era um pae, era um chefe, era a estrella polar,
Guia d'um povo inteiro. Hoje um homem vulgar,
Triste, abatido, pobre, afflicto, angustiado;
Da herança de seus paes cruelmente privado!
D'antes bens e esplendor, agora mesquinhez;
Hontem nobre solar, hoje'albergue talvez;
E amanhã?... amanhã... quem sabe? a sepultura
Onde nem se lerá seu nome por ventura!!

E essa pesada mão, de ferro sempre armada,
Que estende sobre o povo a tyrannia ousada,
Como d'aço massiço abobada fatal,
Sob a qual respirar se póde apenas mal,
Essa mão que sustenta a espada junto ao sceptro,
Que subito surgiu das sombras como espectro,
Não se abriu generosa essa mesquinha mão
Para a dextra apertar d'outro rei seu irmão!
E' que o throno talvez dos genios soberanos
Se eleva muito além do solio dos tyrannos;
E' que o despota exerce o poder oppressor,
Ao passo que a poesia obriga pelo amor;
E' que sómente o povo ao rei da terra eleva,
Em quanto o da harmonia é Deus que aos ceus o leva;
Nada podia vir alli juntal-os pois:
Era grande a distancia a separar os dois.
E tu, cuja corôa apenas só de loiro,
E' mais bella e real que a sua toda d'ouro,
Tu, que és já no teu solio ao d'elle sup'rior,
Agora sêl-o-has tambem á tua dôr.
Ergue, excelso monarcha, a magestosa frente;
Descobre d'essa altura o alongado horisonte.
Vê que d'esse limite ainda muito além
O teu nome imperar nos povos todos vem.
Despreza ingratidões; vê toda a natureza
Homenagem prestar á tua realleza:
Vê tudo quanto a vista ahi póde alcançar,
Quer da terra a extensão, quer o ceu, quer o mar:
E os olhos te dirão qual fica sobranceiro,
Se elle da França rei, se tu do mundo inteiro.

H. AUGUSTO.



In A Grinalda, 1857

A LAMARTINE

Nos pleurs et notre sang sont l'huile de la lampe
Que Dieu nous fait porter devant le genre humain!

A. DE LAMARTINE.

Estalaram-te as cordas do alaude .
ao vibrar o lamento derradeno;
descança agora á sombra do loureiro,
e á sombra dos cyprestes, no ataudel

Descança pois! Se a vida transitoria
te abriu na fronte as rugas do trabalho,
viçam-te os loiros ao cair do orvalho,
que manda aos evos os festões da gloria!

Luctaste, como heroe! Como poeta,
padeceste e cantaste! Se algum dia
a columna de fogo esmorecia...
accendias a flammula inquietal...

A nova geração de peregrinos
que promettidas terras demandara,
ouvju-te quando um throno ao chão tombara,
quando acordaste a voz dos girondinos!

Num braço a lyra, noutro o camartello,
sobre as ruinas d'uma ideia antiga
levantavas o amor, a luz amiga,
a ideia nova que resume o bello!

Luctaste, como heroe! como poeta,
padeceste e cantaste! Oíço teus cantos,
saído o heroe, e orvalho com meus prantos
as cinzas d'um captor e d'um athleta!

Candido de Figueirido.

In A Folha, 1869

A QUEM LER

Ao apresentar a publico este humilde trabalho sobre um dos maiores poetas do mundo, o unico rival de Victor Hugo, se rival pode consentir este Hercules da civilisação moderna, não temos a pretensão de dar um estudo completo, que o não comportam as nossas forças, nem tão pouco lançar essas linhas homericas que eternisam e elevam ao azul da apothicose os grandes vultos.

Não.

Para taes homens, para homens como Lamartine, não ha palavras que possam sobredoír-lhe a divindade dos feitos, nem cinzeis que se ergam a esculpturar-lhe o olympico das formas.

Para dignamente apontar o radioso d'estas fronteiras que topetam pelo azul dos ceos, não ha pedestaes na terra: os maiores collossos — nem sequer têm a solidez do barro.

Não.

Em presença de taes genios, toda a palavra é zero.
Todo o juizo, banalidade ou mentira.

Toda a ovação, fumo que se esvae ao longe...

Se, porém, a razão se nos afigura impotente, para formular um juizo seguro e imparcial; se a arte nos não concede nem estatuas, nem cordas, nem purpuras immortaes para lançar a um hombro d'estes; sobra-nos o sentimento, sobra-nos a admiração, sobra-nos, em fim, mais que tudo, a — gratidão.

Não sejamos ingratos.

Sim, não sejamos ingratos, não imitemos os indifferentes, nem façamos edro com essa raça que se agrupa em bandos para apedrejar a todos que trazem na fronte a realza do genio e a cruz do martyrio.

Lamartine era um pae, era nosso pae, porque repartia com todos nós o pão sagrado de seu genio.

Era um sacerdote, porque nos ungia a todos com o oleo perfumado de suas virtudes.

Era um anjo, porque sua lingua nunca teve fel, mas só nectar, como as flores, para dal-o aos homens.

Curvemos, pois, nossos joelhos diante de seu tumulo, lancemos-lhe a nossa humilde corda de perpetuas, e digamos com o nosso coração:

A Lamartine, — saudade eterna e admiração.

Eis a que se reduz o nosso trabalho.

Coimbra, 2 de Maio de 1870.



A LAMARTINE

Lamartine a vecu. De tes pleurs, Liberté,
Viens mouiller le tombeau de ton ami fidèle !
Pleure, pleure toujours cette noble étincelle,
Qui jaillissait des yeux du tribun inspiré !

Et toi, muse, à présent, en veuve desolée,
Pleure du poète cher cette flamme immortelle,
Dans l'espace envolée, comme chaste hirondelle,
Demandant, dans son vol la patrie délaissée !

En mourant, o chanteur, tu laisses à la France
Un héritage aimé. Tu lui laisses tes chants,
Qui sont pour le malheur une éternelle espérance !

Dans ta tombe, o géant, dors en paix maintenant,
Et ton nom immortel, si rempli de puissance
Dans tous les nobles cœurs, sera toujours vivant.

Barcellos.

Antonio Malheiro.

In A Harpa, 1874



Toda languidez ! Adora Lamartine, diz ella e Soares de Passos. Oh ! o Noivado do Sepulchro ! A Graziella. Nunca leu mais nada !
Passa horas, á tarde, sobre os rochedos a contemplar o mar ! ..
A Procida... o Paurilippo.
Vesuvio ! Lamartine não apparece em geral e quando apparece, não traz no braço o largo manto dos bardos românticos, mas a manga luzidia d'alpaca, dos escriptores da arcada !
Pobre imaginação ! Triste destino : quinhentos e quarenta, com os emolumentos !

In Comedia Portuguesa, 1888

BIBLIOGRAFIA

I - PRODUÇÃO LAMARTINIANA
(Edições utilizadas)*

- LAMARTINE, Alphonse de - **Antoniella**, Porrentruy, Aux Portes de France, 1945.
- **Le Civilisateur**, III vols., Paris, 1852-1854.
 - **Les Confidences**, Paris, Michel-Lévy Frères, Libraires-Éditeurs.
 - **Le Conseiller du Peuple**, Paris, 1849-1851.
 - **Cours Familier de Littérature**, XXVIII vols., Paris, Tip. de Firmin-Didot Frères, Fils et C^{ie}, 1856-1869.
 - **Les Foyers du Peuple**, II vols., Paris, 1851.
 - **Geneviève, Histoire d'une Servante**, Paris, Nelson, Éditeur, Calmann Lévy, Ed., s.d.
 - **Graziella**, Paris, Gallimard, Col. Folio, 1985.
 - **Histoire des Girondins**, VI vols., Paris, Hachette et C^{ie}, 1891.
 - **Histoire de la Révolution de 1848**, II vols., Bruxelles, Melines C. et C^{ie}, Libraires-Éditeurs, 1849.
 - **Nouvelles Confidences**, Paris, Michel Lévy Frères, Libraires-Éditeurs, 1856.
 - **Oeuvres Poétiques**, Édition présentée, établie et annotée, par Marius-François Guyard, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1986.
 - **Raphaël. Graziella**, Paris, Nelson, Éditeurs, s.d.
 - **Sur la Politique Rationnelle** (Fac-similé de l'Édition de Paris, 1831), Genève-Paris, Librairie Slatkine - Librairie Champion, 1977.
 - **Voyage en Orient**, II vols., Édition d'Aujourd'hui, 1978.

* Por não se tratar de um estudo da obra do escritor, mas da sua repercussão em Portugal, circunscrevemos a nossa resenha bibliográfica às obras de maior expressão.

II - FONTES

A. Jornais e Revistas

1. Consultados e Citados

Academico (O), Coimbra, 1860.

Actualidade (A), Porto, 1874-1890.

Almanach Democratico para 1855, Lisboa, Tip. do Progresso, 1854.

Almanach Encyclopedico para 1896, Lisboa, Antonio Maria Pereira, 1895.

Id., para 1897.

Almanach das Senhoras para 1871, Portugal e Brazil, Lisboa, Tip. Sousa e Filho, 1870.

Id., para 1872.

Id., para 1874.

Id., para 1875.

Id., para 1878.

Id., para 1890.

Id., para 1891.

Artes e Letras, Lisboa, 1874.

Assembleia (A) Litteraria, 1849.

Aurora Litteraria, Quinzenario Recreativo, Lisboa, 1860-1864.

Bardo (O), Jornal de Poesias Ineditas, Porto, Ed. Francisco Gomes da Fonseca, 1857 (Nova edição).

Bracarense (O), Braga, 1858.

Brasil-Portugal, Lisboa, 1902.

Campeão (O) das Provincias, Aveiro, 1868-1869.

Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1840-1841.

Circulo Camoniano, Porto, 1890.

Civilização (A), Coimbra, 1869-1870.

Clamor (O) Publico, Diario Politico, Litterario e Commercial, Porto, 1856.

Comedia Portugueza, 1888.

Commercio (O), 1854.

Commercio (O) do Porto, Porto, 1857-1890.

Correspondencia de Portugal, Lisboa, 1869.
Cosmorama Litterario, Jornal da Sociedade Escholastico-Philomatica, Lisboa, 1840.
Crença (A), 1862.
Crepusculo (O), Coimbra, 1846.
Diario de Noticias, Lisboa, 1890.
Folha (A), Microcosmo Litterario, Coimbra, 1868-1873.
Gafanhotos (Os), Porto, 1868.
Grinalda (A), Periodico de Poesias Ineditas, Porto, 1865-1869.
Harpa (A), Porto, 1874.
Illustração (A), Paris, 1884, 1891.
Illustração, Jornal Universal, Lisboa, 1845-1846.
Illustração (A) Portuguesa, Revista Litteraria e Artistica, Lisboa, 1884-1890.
Instituto (O), Jornal Scientifico e Litterario, Coimbra, 1852-1900.
Jardim (O) das Damas, Lisboa, 1846-1849.
Jornal das Damas, Lisboa, 1867-1869.
Jornal do Porto, Porto, 1869.
Literatura Illustrada, Jornal para todas as Classes, Coimbra, 1860.
Moncorvense (O), Moncorvo, 1894.
Museu Illustrado, Album Litterario, Porto, 1878-1879.
Nacional (O), Porto, 1868.
Novidades, Lisboa, 1890.
Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para 1873, Lisboa, Lallement Frères, Typ., 1872.
 Id. para 1873 - para 1891.
Novo (O) Trovador, Collecção de Poesias Contemporaneas redigidas por alguns academicos, Coimbra, 1851-1856.
Occidente (O), Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro, Lisboa, 1878-1891.
Operario (O), Porto, 1880.
Panorama (O), Jornal Litterario Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Lisboa, 1837-1858.
Phosphoro (O), Publicação Quinzenal, Litteraria, Noticiosa e Critica, Coimbra, 1860-1861.
Primeiro (O) de Janeiro, Porto, 1869-1890.
Prisma (O), Periodico da Academia Dramatica de Coimbra, Coimbra, 1842-1843.

Provincia (A), Porto, 1890.
Recreio Juvenil, Coimbra, 1858.
Reporter (O), Lisboa, 1888.
Revista Universal Lisbonense, Jornal dos Interesses Physicos, Moraes e Litterarios por uma Sociedade de Estudiosos, Lisboa, 1841-1857.
Revolução (A) de Setembro, Lisboa, 1840-1892.
Seculo (O), Lisboa, 1886-1890.
Seculo (O) XIX, Penafiel, 1864-1865.
Trovador (O), Colecção de Poesias, 1844-1848.
Voz (A) Feminina, Lisboa, 1869.
Voz (A) do Mondego, Jornal Recreativo, Religioso, Litterario e Noticioso, Coimbra, 1870.

2. Consultados

Academia (A), Coimbra, 1866-1867.
Album Litterario, Jornal Litterario e Noticioso dedicado á mocidade de ambos os sexos, Coimbra, 1866.
Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras, Paris, 1820.
Contemporaneo (O), Politico e Litterario, Paris, 1820.
Contemporaneo (O), Letras, Artes e Sciencias, Lisboa, 1875-1876.
Correio da Universidade, Coimbra, 1886-1887.
Cristianismo (O), Coimbra.
Crysalida (A), Jornal de Litteratura, Coimbra, 1863.
Ensaios Litterarios, Coimbra, 1861-1862.
Gazeta de Coimbra, Coimbra, 1887.
Hymnos e Flores, Coimbra, 1863.
Instrucção (A) e o Povo, Jornal Cientifico e Literario da Sociedade Civilizadora, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1855.
Iris (O), Coimbra, 1852.
Jornal Litterario, Jornal para todos, Coimbra, 1870.
Jornal de Noticias, Porto, 1890.
Jornal da Sociedade dos Amigos das Letras, Lisboa, 1836.
Mosaico, Coimbra, Imprensa Academica, 1874-1875.
Preludios-Litterarios, Coimbra, 1858-1859.
Recreio Litterario, Jornal para todos, Coimbra, 1870.

- Repositorio Litterario**, da Sociedade das Sciencias Medicas e de Litteratura do Porto, Porto, 1834-1835.
- Repositorio Litterario**, Coimbra, 1868.
- Respigador (0) Litterario**, Porto.
- Revista Critica de Litteratura Moderna**, por uma Sociedade de Litteratos, Porto, Imprensa Popular de J.L. de Sousa, 1868-1869.
- Revista Estrangeira** ou colleção de artigos extrahidos dos melhores escriptos de periodicos francezes, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1837.
- Revista Litteraria**, Periodico de Litteratura, Philosophia, Viagens, Sciencias e Bellas-Artes, Porto, 1838-1843.
- Zephyro (0)**, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872.

B. Ensaios e Opúsculos

- BIESTER, Ernesto - **Uma Viagem pela Litteratura Contemporanea**, Lisboa, Tip. do Panorama, 1856.
- BRAGA, Teófilo - **As Theocracias Litterarias, Relance sobre o Estado Actual da Litteratura Portuguesa**, Lisboa, Tip. Universal, 1865.
- BRANCO, Manuel Bernardes - **Portugal e os Estrangeiros**, Lisboa, Liv. Ant. M. Pereira, 1879.
- CARVALHO, Amália Vaz de - **Figuras de Hoje e de Hontem**, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, Liv. Ed. , 1902.
- CASTILHO, António Feliciano de - **Carta do sr. António Feliciano de Castilho**, Lisboa, Liv. António Maria Pereira, 1866.
- CASTILHO, Júlio de - **O Senhor António Feliciano de Castilho e o Senhor Anthero do Quental**, Lisboa, Imprensa J. G. de Sousa Neves, 1865.
- CHAGAS, Manuel Pinheiro - **A proposito da carta que o senhor Anthero do Quental dirigiu ao senhor Ant. Fel. de Castilho**, Lisboa, Imprensa de J. G. de Sousa Neves, 1865.
- CHIADO, Ermita do - **Garrett, Castilho, Herculano e a Escola Coimbrã ou Dissertação acerca da Genealogia da Moderna Escola, Contendo um Esboço Rapido Pittoresco da Litteratura Contemporanea**, Lisboa, Imp. J. G. de Sousa Neves.
- CORDEIRO, Luciano - **Livro de Critica.Arte e Litteratura Portuguesa de Hoje.1866-1869**, Porto, Tip. Lusitânia Ed., 1869.

- EURICO, Pedro - **Figuras do Passado**, Lisboa, Tip. Ed. José Bastos, 1915.
- FERREIRA, J. M. de Andrade - **Litteratura, Musica e Bellas-Artes**, II vols., Tip. de Sousa Neves, 1871-1872.
- GARRETT, Augusto - **Napoleão, Pio IX e Victor Hugo ou o Porvir da Realeza, do Papado e da Democracia Universal**, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1870.
- HERCULANO, Alexandre - **Opúsculos V**, Lisboa, Editorial Presença, 1986.
- Lamartine, Illustre poeta francez**, Lisboa, Tip. José da Costa, 1860.
- MENDONÇA, Antônio Pedro Lopes de - **Ensaio de Critica e Litteratura**, Lisboa, Revolução de Setembro, 1849.
- **Memorias de Litteratura Contemporanea**, Lisboa, Tip. do Panorama, 1855.
- PALMELA, José - **A. de Lamartine, Esboço Biographico**, Coimbra, Tip. do Paiz, 1870.
- **A Quêda de Napoleão III**, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1870.
- **Victor Hugo seu regresso a Paris depois de dezoito annos de exilio ou uma pagina da sua vida**, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1871.
- PATO, Bulhão - **Sob os Ciprestes, Vida Íntima de Homens Ilustres**, Lisboa, Perspectivas e Realidades, 1986.
- QUENTAL, Antero de - **Bom Senso e Bom Gosto**, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1865.
- **A Dignidade das Letras e as Litteraturas Officiaes**, Lisboa, Tip. Universal, 1865.
- **Prosas**, vol. II, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1926.
- SILVA, Luís Augusto Rebello da - **Apreciações Literárias, in Obras Completas**, III vols., Lisboa, Empresa da Hist. de Port., Sociedade Editora, Liv. Moderna, Tip., 1909-1910.
- **Bosquejos Literários, in Obras Completas**, IV vols., Lisboa, Empresa da Hist. de Port., Sociedade Editora, Liv. Moderna, Tip., 1908-1909.

C. Traduções

- LAMARTINE, Alphonse de - "Um adeus ao Occidente", in **Album Litterario**, trad. de Pedro Correa de Lacerda, vol. II, nº 5, 18 de Abril, 1864, pp. 35-36.
- "A Andorinha", in **Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro** para o anno de 1873, trad. de M^a Rita Chiappe Cadet, Lisboa, Lallement Frères Tip., 1872, p. 381.
 - **Antoniella**, trad. de Luis Quirino Chaves, Lisboa, Tip. Portuguesa, Jardim do Povo, Bibliotheca Economica, 1867.
 - "O atheismo no povo", in **Almanach Democratico** para 1855, Lisboa, Tip. do progresso, 1854, pp.53-60.
 - "Biografia de João Guttemberg", trad. de J. A. Dias, Lisboa, 1863.
 - "Bonaparte", in **O Instituto**, trad. de F.*, Coimbra, vol. I, 1853, pp. 370-372.
 - "Bonaparte", in **O Clamor Publico**, trad. de F., Porto, 1857.
 - "Canto d'Amor", in **Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica**, trad. de F. C. Freire, Coimbra, nºs 4 e 5, 21 e 28 de Março, 1840, pp. 52-56 e 66-69, respectivamente.
 - **O Canteiro de Saint-Point**, trad. de Anibal Azevedo, Lisboa, Liv. Ant. Maria Pereira, 1897.
 - "Canto de Lauro", in **Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro** para o anno de 1873, trad. de M^a José da Silva Canuto, Lisboa, Lallement Frères, Tip., 1872, p. 378.
 - "O carcere", in **O Penafidelense**, Penafiel, nº 698, 5 de Set., 1844, p.3.
 - "Carta anonyma", in **DEUS**, João de - **Campos de Flores**, 4^a ed., t. II, Paris-Lisboa, Liv. Aillaud e Bertrand, s.d., p.253.
 - "O Christão Moribundo", in **O Instituto**, trad. de F., Coimbra, vol. I, 1853, p.324.
 - "A Costureira e o Pintasilgo Morto", in **HERCULANO**, Alexandre - **Poesias**, 4^a ed., Lisboa, Viuva Bertrand e C^{ia} Sucessores Carvalho e C^{ia}, 1878, pp.331-333.
 - "O Crucifixo", in **O Instituto**, trad. de F., Coimbra, vol. II, 1854, p.209-210.
 - "Daídhá", in **A Grinalda**, trad. de E. A. Salgado, Porto, vol. III, 3^o ano, nº 10, 1860, pp. 150-153.

- "Deos", in ALORNA, Marquesa de - **Obras Poeticas**, t.III,Lisboa, Imprensa Nacional, 1844, pp.267-283.
- "Deveres civis do Parocho", in **Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica**,trad. de J. F. de S.,Coimbra, 1840, pp.62-63.
- "Deveres civis do Parocho", in **O Panorama**, Lisboa, vol.V, nº223, 7 de Agosto, 1841.
- **Deveres Civis do Parocho**, Barcelos, Tip. do Jornal do Povo, 1866.
- "Discurso de Mr. de Lamartine recitado na academia franceza...", in **O Instituto**,trad. de Amandio Feio,Coimbra, vol.II, 1854, pp.113-116 e 139-142.
- "Discurso na sessão da Sociedade Moral e Christã", in **O Commercio**, nºs 78, 79, e 80, 1, 4 e 6 de Dez., 1854.
- "Elegia", in **A Illustração, Jornal Universal**, trad. de J.O., Lisboa, vol. I, nº 3, Junho, 1845, p. 39.
- "Elegia", in **O Instituto**,trad. de F.,Coimbra, vol. II, 1854, p.32.
- "A Elvira", in **O Jardim das Damas**, trad. de D. João d'Azevedo, Lisboa, nº 24, 13 de Maio, 1848, p. 383.
- "As Estrellas", in **O Instituto**, trad. de F.,Coimbra, vol.IX, nº 2, 15 de Abril, 1860, pp. 27-28.
- [Estudos Litterarios], in **O Clamor Publico**, Porto, 1857.
- **Fior d'Aliza**, trad. de Alfredo Campos, Porto, Liv. Portuense de Clavel e C^{ia} Ed., 1882.
- **Genoveva**, Lisboa, Tip. Lisbonense de Aguiar Vianna, 1851.
- **Genoveva**, Porto, Tip. Sebastião José Pereira, 1851.-
- "A Gloria", in **O Instituto**, trad. de F., Coimbra, vol. V, 15 de Junho, 1856, pp. 66-67.
- "A Gloria", in COELHO, José Ramos - **Novas Poesias**, Porto, em casa de Cruz Coutinho - Editor, 1866, pp. 61-63.
- **Graziella**, trad. de Bulhão Pato, Lisbo, Empresa Ed. de Portugal e Brasil, Bibliotheca dos Dois Mundos, 1864.
- **Graziela**, Lisboa, Tip. G. Grillo, Bibliotheca das Familias, 1882.
- **Graziella**, trad. de Bulhão Pato, Lisboa, Ed. David Corazzi, Bibliotheca Universal, Antiga e Moderna, 4^a série, nº 13, Tip. das Horas Romanticas, 1888.
- **Historia dos Girondinos**, Lisboa, Tip. de Luis Correia da Cunha, 1850-1851.
- **Historia dos Girondinos**, Lisboa, Tip. Universal, 1854.

- **Historia dos Girondinos**, Lisboa, Imprensa Adolfo Modesto e C^{ia}, 1889-1890.
- **Historia da Revolução de França em 1848**, Porto, Tip. do Nacional, 1849-1850.
- **Historia da Revolução Francesa de 1848**, trad. de J.M.A. Ferreira, Lisboa, Tip. J.J. de Sales, 1854.
- "O Homem", in ALORNA, Marquesa de - **Obras Poeticas**, t. III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1844, pp. 229-265.
- "O Homem", in **Operario**, trad. de Manuel R. de S. Abreu, Braga, 1871-1872.
- "O Hymno do Menino ao Despertar", in **O Instituto**, trad. de F., Coimbra, vol. III, 1855, p. 229.
- "A Immortalidade", in **O Instituto**, trad. de F., Coimbra, vol. I, 1853, pp. 185-186.
- "Invocação", in **O Trovador**, trad. de F., Coimbra, 1844-1848, pp. 56-57.
- [Jerusalém], in **O Panorama**, Lisboa, vol. V., n^o 206, 10 de Abril, 1841, pp. 117 a 119.
- "Job", in **O Instituto**, trad. de Francisco de Castro Freire, Coimbra, 1884.
- **Jocelyn**, trad. de M^a José da Silva Canuto, Beja, Tip. Sousa Porto e Vaz, 1864.
- "O Lago", in **O Instituto**, trad. de F., Coimbra, n^o 6, 15 de Junho, 1859, pp. 98-99.
- "O Lago", trad. de Lourenço Medeiros, 1863.
- "Uma Lagrima ou Consolação", in **Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica**, trad. de A.P. Forjaz, Coimbra, n^o 11, 9 de Maio, 1840, pp. 171-172.
- "Uma Lagryma", in **O Jardim das Damas**, trad. de J.M. Casal Ribeiro, Lisboa, vol. V, n^o 5, 1849, p. 78.
- "Uma Lagrima", in **A Grinalda**, trad. de E.A. Salgado, Porto, vol. IV, 4^o ano, n^o 6, 1862, pp. 88-90.
- "O Libano Primitivo", in **A Grinalda**, trad. de E.A. Salgado, Porto, vol. III, 3^o ano, n^o 7, 1860, pp. 102-106.
- "Os Maronitas", in **A Grinalda**, trad. de E.A. Salgado, Porto, vol. IV, 4^o ano, n^o 8, 1862, pp. 121-123.
- "A Noite", in **O Instituto**, trad. de F., Coimbra, vol. I, 1853, p. 121.

- "Uma Noite em Roma", in **O Instituto**, trad. de F., Coimbra, vol. II, 1854, pp. 88-89.
- "Ode a um Poeta Desterrado", in ALORNA, Marquesa de - **Obras Poeticas**, t. III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1844, pp. 219-225.
- "A Oração", in **O Instituto**, trad. de F., Coimbra, vol. I, 1853, pp. 277-278.
- "A Oração", in **Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro** para o anno de 1884, trad. de M.J. da S.C., Lisboa, Lallement Frères, Tip., 1883, p. 34.
- "O Outono", in **Revista Universal Lisbonense**, trad. de Luis Ribeiro, Lisboa, vol. VI, nº 11, 6 de Agosto, 1846, p. 130.
- "O Outomno", in **O Instituto**, trad. de F., Coimbra, nº 21, 1 de Fev., 1860, p. 301.
- "O Parocho", in **A Civilisação**, nºs 9 e 10, 5 e 20 de Abril, 1870, pp. 66-67 e 74-75.
- **O Passado, o Presente e o Futuro da Republica**, Porto, Tip. Sebastião José Pereira, 1850.
- "O Patriotismo", in **Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro** para o ano de 1874, trad. de Boaventura da Costa Barbosa, Lisboa, Lallement Frères, Tip., 1873, p. 371.
- **O Pedreiro de Saint-Point**, Porto, Tip. de José Lourenço de Sousa, Bibliotheca das Damas, 1852.
- "Pensamentos sobre os Mortos", in **Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica**, trad. de F., Coimbra, 2º ano, nº 43, 1841, pp. 248-246.
- "O Poeta Moribundo", in **O Instituto**, trad. de F., Coimbra, vol. II, 1854, pp. 42-43.
- "O Poeta Moribundo", in **A Grinalda**, trad. de E.A. Salgado, Porto, vol. IV, 1862, pp. 153-159.
- **O Poeta Moribundo**, trad. de Ernesto Pires, Regoa, Tip. do Independente Regoense, 1882.
- **A Politica Racional**, trad. de Venancio da Costa Alves Ribeiro, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1859.
- "Os Preludios", in **O Instituto**, trad. de F., Coimbra, vol. VI, 15 de Nov., 1857, pp. 209-212.
- "A Primeira Saudade", in **Artes e Letras**, trad. de G.M., Lisboa, 1874, pp. 11-12.

- **Rafael, Páginas do Vigésimo Ano**, trad. de L.I.P.A.A., Lisboa, Tip. Luis Correia da Cunha, 1849.
- **Rafael, Páginas do Vigésimo Ano**, trad. de L.I.P.A.A., Lisboa, Tip. Luis Correia da Cunha, 1857.
- **Raphael, Páginas do Vintes Annos**, in **O Nacional**, Porto, 1868.
- **Raphael**, trad. de M^a Amália Vaz de Carvalho, Lisboa, Liv. Ant. Maria Pereira, 1879.
- **Raphael, Páginas dos Vinte Annos**, trad. de Eugênia Smith, Companhia Nacional Editora, Bibliotheca Universal, Antiga e Moderna, 17^a série, n^o 67, 1890.
- "O Raminho d'Amendoeira", in **O Jardim das Damas**, trad. de D. João d'Azevedo, Lisboa, vol. IV, n^o 25, 20 de Maio, 1848, p. 383.
- "O Ramo d'Amendoeira", in **O Ramalhete**, trad. de J.O.C.C.A., 1844.
- "O Ramo d'Amendoeira", in **O Instituto**, trad. de F., Coimbra, vol. II, 1854, p. 5.
- "O Ramo d'Amendoeira", in **A Folha**, Coimbra, 1^a série, 1868, p.112.
- "O Ramo da Amendoeira", in **Novo Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro** para o anno de 1874, trad. de P.G., Lisboa, Lallement Frères, Tip., 1873, p. 311.
- **Regina**, trad. de Pinheiro Chagas, Lisboa, Ant. Severiano de Mello, Ed., 1872.
- **Regina**, trad. de Pinheiro Chagas, S. Paulo, Teixeira & Irmão, 1882.
- **Regina**, in **O Moncorvense**, trad. de Pinheiro Chagas, Moncorvo, 1894.
- "O Regresso", in **O Jardim das Damas**, trad. de D. João d'Azevedo, Lisboa, vol. IV, n^o 2, 17 de Junho, 1848, p. 30.
- **As Revoluções**, trad. de Cordeiro Leão, Lisboa, Tip. Lisbonense, 1875.
- "A Soledade", in **O Instituto**, trad. de F., Coimbra, vol. I, 1853, pp. 3-5.
- "A Tristeza", in **O Trovador**, trad. de F., Coimbra, 1844-1848, pp. 69-70.
- "O Valle", in **Revista Universal Lisbonense**, trad. de Luis Ribeiro, Lisboa, vol. VI, 7^o ano, 1^a série, n^o 7, 9 de Julho, 1846, pp.80-81.
- "O Valle", in **O Instituto**, trad. de F., Coimbra, vol. I, 1853, p. 206.
- "Versos ao meu Pintasilgo", in **Revista Universal Lisbonense**, Lisboa, vol. II, 9^o ano, 2^a série, n^o 48, 5 de Set., 1850, p. 581.

Vida Heroica d'uma donzella, trad. de Silva Cantante, Porto, Publ. Ferreira dos Santos, Bibliotheca dos Grandes Romances, III, 1905.

- "A Vigília das Armas", in **A Revolução de Setembro**, trad. de M.J.S.C., Lisboa, 7^o ano, n^o 1460, 18 de Fev., 1846, p. 4.

* Todas as composições traduzidas por F., encontram-se reunidas em FREIRE, Francisco de Castro - **Recreações Poeticas**, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1861.

D. Adaptações

FERREIRA, J.M. de A. - **Graziella**, Lisboa, Tip. do Panorama, 1861.

III. OBRAS TEÓRICAS, CRÍTICAS E DE CONSULTA GERAL

- BAILLOU, Jean et Ethel Harris - **État Présent des Études Lamartiniennes**, Paris, Société, d'Édition, 1933.
- BARTHOU, Louis - **Voyage à travers mes Livres, autour de Lamartine**, Paris, Payot, 1925.
- BÉNICHOU, Paul - **Les Mages Romantiques**, Paris, Gallimard, Bibliothèque des Idées, 1988.
- **Le Sacre de L'Écrivain**, Paris, Lib. José Corti, 1985.
- BOURGET, Paul - "Lamartine", **in Études et Portraits**, vol. I, Paris, Plon-Nourrit, 1905-1906, pp. 92-109.
- "Nouvelles réflexions sur Lamartine", **in Pages de Critique et de Doctrine**, Paris, Plon, 1912, pp. 100-111.
- BRAGA, Teófilo - **História da Literatura Portuguesa, o Romantismo e o Ultra Romantismo**, vols. V e VI, Publ. Europa-América, Col. Livros de Bolso, 1986.
- **As Modernas Ideias da Litteratura Portugueza**, Porto, Lugan e Genelioux, 1892.
- BRITO, Ferreira de - **Germano Meireles, da Geração Coimbra à Geração de 70**, Porto, Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, Col. Texto e Contexto, 5, 1983.
- BRUNEL, Pierre et alii - **Qu'est-ce-que la Littérature Comparée?**, Paris, Armand Colin, Col. U, 1983.
- CANAT, René - **Une forme du mal du siècle. Du sentiment de la solitude morale chez les romantiques et les parnassiens**, Genève, Skaktine, 1967.
- CARVALHO, Francisco Freire de - **Lições Elementares de Poetica Nacional**, 2ª ed., Lisboa, Tip. Rollandiana, 1851.
- CELLIER, Léon - **L'Épopée Humanitaire et les Grands Mythes Romantiques**, Paris, SEDES, 1971.
- Centenaire de la Mort d'Alphonse de Lamartine, Troisièmes Journées Européennes d'Études Lamartiniennes, Actes du Congrès III (Mâcon, 2-5, mai, 1969)**; Mâcon, 1971.
- CIDADE, Hernâni - **Lições de Cultura e Literatura Portuguesas, Da reacção contra o formalismo oitocentista ao advento do Romantismo**, vol. II, Coimbra, Coimbra Ed., 1968.

- CLAVEAU, Anatole - **Contre le Flot**, 2^{ème} éd., Paris, Paul Ollendorff Éditeur, 1886.
- COELHO, Eduardo Prado - "Problemas e caminhos da estética da recepção", in **A Mecânica dos Fluidos, Literatura, Cinema, Teoria**, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Col. Temas Portugueses, 1984, pp. 247-258.
- COELHO, Jacinto do Prado - **Dicionário de Literatura, Literatura Brasileira, Literatura Galega, Estilística Literária**, 3^a ed., Porto, Figueirinhas Ed., 1987.
- CUVILLIER, Fleury - "Une préface de M. de Lamartine", in **Dernières Études Historiques et Littéraires**, t. II, Paris, Michel Lévy Frères, Libraires-Éditeurs, 1859, pp. 224-234.
- DELILLE, Maria Manuela Gouveia - **A Recepção Literária de H. Heine no Romantismo Português (de 1844 a 1871)**, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Col. Temas Portugueses, 1984.
- DESCHAMPS, A. - "Lamartine", in BEAUMARCHAIS, J.P. et alii - **Dictionnaire des Littératures de Langue Française**, Paris, Bordas, 1984, pp. 1191-1201.
- DESCHANEL, Émile - **Lamartine**, t. I-II, Paris, Calmann Lévy, Éditeurs, Ancienne Maison Michel Lévy Frères, 1893.
- DES ESSARTS, Emmanuel - **Portraits de Maîtres**, Paris, Perrin & C^{ie}, Libraires-Éditeurs, 1888.
- EAGLETON, Terry - **Teoria Literatura: uma introdução**, S. Paulo, Liv. Martins Fontes Editora, Lda., s.d.
- L'Enseignement et l'Expansion de la Littérature Française au Portugal, Actes du Colloque (Paris, 21-23 nov., 1983)**, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1984.
- L'Enseignement et l'Expansion de la Littérature Portugaise en France, Actes du Colloque (Paris, 21-23 nov., 1985)**, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1986.
- ESTEVES, Rosa - "Gabinetes de Leitura em Portugal no séc. XIX (1815-1853)", in **Revista da Universidade de Aveiro / Letras**, n^o 1, 1984, pp. 213-235.
- ETIEMBLE, René - **Comparaison n'est pas raison**, Paris, Gallimard, 1963.
- Europe**, 47^{ème} année, n^o 483-484, juillet-août, 1969.
- FAYOLLE, Roger - **La Critique**, Paris, Armand Colin, 1978.
- FERREIRA, Alberto - **Estudos de Cultura Portuguesa (século XIX)**, Lisboa, Moraes Editores, Col. Margens do Texto, n^o 15, 1980.
- "Notas sobre o Romantismo Sentimental", in **O Comércio do Porto**, Supl. Cultura e Arte, ano XVI, 24 de Out., 1967, p. 14 e ano XVII, 21 de Nov., 1967, p. 14.

- **Perspectiva do Romantismo Português**, 2ª ed. Lisboa, Moraes Editores, Col. Margens do Texto, nº 5, 1979.
- FERREIRA, Alberto e
Mª José Marinho - **Antologia de Textos da "Questão Coimbrã"**, Lisboa, Moraes Editores, Col. Margens do Texto, nº 10, 1980.
- **Bom Senso e Bom Gosto (A Questão Coimbrã) 1865-1866**, III vols., Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Col. Temas Portugueses, 1985-1987.
- FIGUEIRA, Mª Luisa de Matos - **A Influência de Lamartine na Poesia Oitocentista Portuguesa**, (Dissertação de Licenciatura), Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1964.
- FIGUEIREDO, Fidelino de - **A Crítica Litteraria como Sciencia**, 3ª ed., Lisboa, Liv. Clássica Editora de A.M. Teixeira, Col. Biblioteca de Estudos Hist. Nac., III, 1920.
- **Historia da Crítica Litteraria em Portugal, Da Renascença à Actualidade**, 2ª ed., Lisboa, Liv. Clássica Editora de A.M. Teixeira, Col. Biblioteca de Estudos Hist. Nac., II, 1916.
- **Historia da Litteratura Romantica (1825-1870)**, 2ª ed., Lisboa, Liv. Clássica Editora, 1923.
- FRANÇA, José-Augusto - "Que(l)s Romantisme(s)?" *in Europe*, nº 660, avril, 1984.
- **O Romantismo em Portugal**, VI vols., Lisboa, Livros Horizonte, 1974.
- FURMAN, Nelly - **La Revue des Deux Mondes et le Romantisme (1831-1848)**, Genève, Librairie Droz, 1975.
- GILLOT, Hubert - **Figures Romantiques**, Paris, Georges Courville Éditeur - Coimbra Editora, 1930.
- GRENIER, Édouard - **Souvenirs Littéraires**, Paris, Alphonse Lemerre, Éd., 1894.
- GUILLEMIN, Henri - **Lamartine**, Paris, Éd. du Seuil, 1987.
- HAMLET-METZ, Mario - **La Critique Littéraire de Lamartine**, The Hague - Paris, Mouton, 1974.
- HOURCADE, Pierre - **Temas de Literatura Portuguesa**, Lisboa, Moraes Editores, 1978.
- JAUSS, Hans Robert - **História Literária como Desafio à Ciência Literária, Literatura Medieval e Teoria dos Géneros**, trad. de Ferreira de Brito Porto, Edição de José Soares Martins, Livros Zero, 1974.
- **Pour une Esthétique de la Réception**, Paris, Gallimard, Bibliothèque des Idées, 1978.

- JÚNIOR, Antônio Salgado - **História das Conferências do Casino (1871)**, Lisboa, Tip. da Coop. Militar, 1930.
- LALO, Charles - **L'Art et la Vie, Les Grandes Évasions Esthétiques**, Paris, J. Vrin, 1947.
- Lamartine, Le Livre du Centenaire**, Paris, Flammarion, 1971.
- LAPRADE, Victor de - "VI Lamartine", in **Essais de Critiques Idéalistes**, Paris, Didier & C^{ie}, Libraires-Éditeurs, 1882, pp. 228-336.
- LARGUIER, Léo - **Alphonse de Lamartine**, Paris, Hachette, Col. Les Romantiques, 1929.
- LECOMTE, Georges - "Lamartine et l'Académie Française", in **Trois Siècles de l'Académie Française**, Paris, Firmin Didot & C^{ie}, 1935, pp. 235-252.
- LEMAÎTRE, Jules - "Lamartine", in **Les Contemporains, Études et Portraits Littéraires**, 16^{ème} éd., Paris, Société Française d'Imprimerie et de Librairie, 1902, pp. 150-158.
- LIMA, Henrique de Campos - "Algumas observações ao artigo 'A Influência de Lamartine no Romantismo Português'", in **Afinidades**, n^o 11, Abril, 1945, pp. 32-35.
- LOMÉNIE, Louis - "M. de Lamartine", in **Galérie Contemporaine**, Livr. 6, s.d., pp. 3-36.
- LUPPÉ, Marquis de - **Les Travaux et les Jours d'Alphonse de Lamartine**, Paris, Albin Michel, 1942.
- MACHADO, Álvaro Manuel - **O Francesismo na Literatura Portuguesa**, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve, vol. 80, 1984.
 - **A Geração de 70 - Uma Revolução Cultural e Literária**, 2^a ed., Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve, vol. 4, 1981.
 - **As Origens do Romantismo em Portugal**, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve, vol. 36, 1979.
 - **Les Romantismes au Portugal, Modèles Étrangers et Orientations Nationales**, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1986.
- MACHADO, Álvaro Manuel e Daniel Henri Pageaux - **Literatura Portuguesa, Literatura Comparada e Teoria da Literatura**, Lisboa, Edições 70, Col. Signos, n^o 30, 1981.
- MEREGALLI, Franco - "Sur la réception littéraire", in **Revue de Littérature Comparée**, 54^{ème}, n^o 2, avril-juin, 1980, pp. 133-149.
- MILNER, Max - **Littérature Française, Le Romantisme I, 1820-1843**, vol. XII, Paris, Arthaud, 1973.

- MONTEIRO, Ofélia Paiva - **A Formação de Almeida Garrett, Experiência e Criação**, t. I-II, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1971.
- NEMÉSIO, Vitorino - **Relações Francesas do Romantismo Português**, Coimbra, Coimbra-Editora, 1936.
- PEIXOTO, Jorge - "Para a sociologia do fenómeno literário, Gabinetes de Leitura em Portugal", in **O Comércio do Porto**, Supl. de Cultura e Arte, ano XVI, nº 24, 24 de Out., 1967, p. 14.
- PEYRE, Henri - **Qu'est-ce que le Romantisme?**, Paris, PUF, 1971.
- PICHOIS, Claude - **Littérature Française, Le Romantisme II, 1843-1869**, vol. XIII, Paris, Arthaud, 1979.
- Poétique**, Paris, nº 39, sept., Éd. du Seuil, 1979.
- PONTMARTIN, Armand de - "III.M. de Lamartine", in **Causeries du Samedi**, Paris, Michel Lévy Frères, Libraires-Éditeurs, 1859, pp. 136 a 145.
- "I. Lamartine; II. Encore Lamartine", in **Nouveaux Samedis**, 7^{ème} série, Paris, Michel Lévy Frères Éditeurs, 1870, pp.1-34.
- "IV.Lamartine", in **Nouveaux Samedis**, 8^{ème} série, Paris, Michel Lévy Frères, Éditeurs, 1873, pp. 131-144.
- "Souvenirs sur Lamartine", in **Souvenirs d'un Vieux Critique**, 5^{ème} série, Calmann Lévy Éditeurs, 1884, pp. 147-162.
- Premières Journées Européennes d'Études Lamartiniennes, Actes du Congrès II, (Mâcon, 23-25 sept., 1961)**, Mâcon, 1962.
- Les Rapports Culturels et Littéraires entre le Portugal et la France, Actes du Colloque (Paris, 11-16 oct., 1982)**, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, 1983.
- La Recherche en Littérature Générale et Comparée en France, Aspects et Problèmes**, Paris, S.F.L.G.C., 1983.
- REMÉDIOS, Mendes dos - **História da Literatura Portuguesa, desde as origens até à actualidade**, IV ed., Coimbra, F. França Amado Editor, 1914.
- Revue des Deux Mondes**, Paris, 1829-1892.
- RICHARD, Jean-Pierre - **Études sur le Romantisme**, Paris, Éd. du Seuil, 1970.
- ROBERT, Pierre - **Les Poètes du XIX^{ème} Siècle, Période Romantique**, Paris, Dupont, Éditeurs, 1899.
- ROUX, Philippe Jacques - "Vues générales sur le génie et les oeuvres de Lamartine, Discours", in **Études Littéraires**, Bordeaux, 1869, pp. 3-26.
- SAINTE-BEUVE - Causeries du Lundi**, 16 vols., Paris, Garnier Frères, 1925.
- **Nouveaux Lundis**, Paris, Calmann Lévy Éditeurs, 1892-1910.
- **Portraits Contemporains**, V vols., Paris, Calmann Lévy Éditeurs, 1868.
- **Premiers Lundis**, Paris, Calmann Lévy Éditeurs, 1891-1899.

- Sainte-Beuve, Lamartine, Colloques (8 nov., 1968)**, Paris, Librairie Armand Colin, 1970.
- SARAIVA, Antônio José e Óscar Lopes - **História da Literatura Portuguesa**, 14^a ed., Porto, Porto Editora, 1987.
- SARTRE, Jean-Paul - **Qu'est-ce que la Littérature?** Paris, Gallimard, Col. Folio/ /Essais, 1985.
- Secondes Journées Européennes d'Études Lamartiniennes, Actes du Congrès II (Mâcon, 18-20 sept., 1965)**, Mâcon, 1965.
- O Século XIX em Portugal**, Comunicações ao Colóquio organizado pelo Gabinete de Investigações Sociais (Nov., 1979), Lisboa, Editorial Presença, s.d.
- SHERER, Edmond - "VIII. Lamartine", **in Études sur la Littérature Contemporaine**, 4^{ème} série, Paris, Michel Lévy Frères, Éditeurs, 1873, pp. 87-96.
- SILVA, Inocêncio Franciso da (e continuadores) - **Diccionario Bibliographico Portuguez**, 22 vols., Lisboa, 1858-1923, 1 volume de Aditamentos de M. da Fonseca, Lisboa, 1927 e 1 vol. de Indices, de E. Soares, Coimbra, 1958.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e - **Teoria da Literatura**, 8^a ed., Coimbra, Liv. Almedina, 1988.
- STALLKNECHT, Newton e Horst Frenz - **Comparative Literature - Method and Perspective**, Southern, Illinois, University Press, 1973.
- TARDIEU, Jean - "Pré-Romantisme ou Premier Romantisme", **in Cahiers du Sud**, t. XXXII, 37^è année, n^o 302, 2^è sem., 1950.
- TORTEL, Jean - "Un langage emprisonné", **in id. ibid.**
- TRUC, Gonzague - **Lamartine, La Renaissance du Livre**, 1968.
- ULBACH, Louis - "Étude sur la vie et les oeuvres de Lamartine", **in La France Parlementaire (1834-1851), Oeuvres Oratoires et Écrits Politiques**, Paris, A. Lacroix, Verborcken et C^{ie} Éditeur, 1864, pp. I-CIV.
- VAN TIEGHEM, Paul - **Le Romantisme dans la Littérature Européenne**, Paris, Éditions Albin Michel, 1969.
- VIANA, Mário Gonçalves - "A influência de Lamartine no Romantismo português", **in Afinidades**, Lisboa, n^o 7, Out., 1944, pp. 51-72.
- Victor Hugo e Portugal, Actas do Colóquio (Porto, 7-10 de Maio)**, Porto, Humberto, 1987.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
I Parte - A CRÍTICA PORTUGUESA E LAMARTINE	8
Capítulo I - EM VIDA	13
Capítulo II - NA MORTE DE LAMARTINE	66
Capítulo III - NO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO	106
II Parte - SUBSÍDIOS SOBRE A DIFUSÃO DA OBRA LAMARTINIANA	133
Capítulo I - PREFÁCIOS, DEDICATÓRIAS E NOTAS	137
Capítulo II - TRADUÇÕES	167
CONCLUSÃO	201
APÊNDICE	206
BIBLIOGRAFIA	215

ERRATA

Pág.	Linha	Onde se lê	Leia-se
1	14	neo-clássica	neoclássica
19	22	processo da	processo de
28	18	significativos	significativos
32	1	lisonjeiramente	lisonjeiramente
39	4	contemplativo	contemplativo
40	20	esta	este
43	13	originalidade	originalidade
63	32-33	foi objecto de "objecto de veneração litteraria"	foi objecto de "veneração litteraria"
64	9	Ferreura	Ferreira
68	12	inserirão	inserção
74	6	Toma-se	Tome-se
	28	Luíz	Luís
75	17	podemos-nos	podemo-nos
83	14	Hardold	Harold
86	13	demandaras	demandara
90	20	entrevando-se	entrevendo-se
95	18	Presidente da República, Luíz Napoleão	Presidente da República de Luís Napoleão
97	5	arrastar	arrostar
102	10	de elegiaco	do elegiaco
103	9	Verbonckekoven	Verborkhen
105	19	com	em
109	19	atingirá	atingirá
110	6	indicação do	indicação dos
	17	Antero e Quental	Antero de Quental
113	5	actividade	actualidade
121	8	Almedida	Almeida
124	11	multiplicação	multiplicação
127	15	assinala-se	assinale-se
130	22	vrai	vraie
138	17	Jocelyn;	Jocelyn,
141	25	apenas faça referênci	apenas se faça referênci
144	8	anunciado	anunciada
148	17	afirma referindo-se	afirma Henri Guillemin referindo-s
150	9	classificação	classificação
151	4	muto	muito
155	11	interropida	interrompida
157	22	escrito	escrito
158	11	repousa uma	repousa numa
	24	verificamos	verificámos
160	17	Genoveva	Genoveva
163	1	Porrentuy	Porrentruy
182	2	sabem	sabemos
183	28	Frédéric	Frédéric
185	27	rodada	rodeada
188	25-26	Historia da Francesa	Historia da Revolução Francesa
194	22	defenda	defende
198	29	traduzido Camilo	traduzido por Camilo
224	37	Coibmra	Coimbra
233	7	Journées	Journées